UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARCELA BONI EVANGELISTA

Dilemas da (sobre)vida: o aborto

Versão Corrigida

São Paulo

2017

MARCELA BONI EVANGELISTA

Dilemas da (sobre)vida: o aborto

Versão Corrigida

Tese apresentada no Departamento de
História da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Doutora
em História

Área de concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom
Meihy

“de acordo”

São Paulo, 29 de agosto de 2017

São Paulo

2017

Dedico este trabalho à mulher que me inspira diariamente a olhar com respeito para todas as mulheres. Minha querida mãe, Maria Aparecida Boni Evangelista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, pela confiança em minhas escolhas, pelo apoio incondicional ao trabalho e pelo carinho com que acompanhou o desenvolvimento da pesquisa.

Aos companheiros de pesquisa e reflexões do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP), que é como berço para minha vida acadêmica, onde me sinto verdadeiramente em casa.

Aos companheiros de pesquisa e reflexões do Grupo de Estudos em Gênero e História (GRUPEG-HIST), que me receberam com carinho num momento em que aprender sobre gênero era crucial. Um agradecimento especial à Prof. Dra. Stella Maris Scatena Franco Vilardaga pela atenção e pelas oportunidades de compartilhamentos.

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos e amigas, que felizmente são muitos, e justamente por isso não caberia citá-los individualmente. Cada um sabe o quanto sua amizade, companhia e calor humano foram importantes para que chegasse até aqui.

A todos da minha família que também estiveram sempre dispostos a me ouvir e ajudar em todos os momentos, especialmente o da escrita da tese.

Às minhas colaboradoras e meus colaboradores cujos nomes não precisam estar em evidência para que expressem o que de fato significa este trabalho. Meu eterno carinho a suas histórias de vida e minha gratidão pela confiança em dividirem comigo os caminhos que percorreram.

Aos meus amores João Pedro dos Santos Boni e Bento dos Santos Boni, filhotes queridos, que sem saber foram minha inspiração constante para fazer um bom trabalho.

Ao meu amado Thiago Henrique dos Santos, companheiro que me amparou em todos os momentos, das falas sem fim às leituras em fim de noite.

Aos meus pais, Maria Aparecida Boni Evangelista e Joel Martins Evangelista, que aqui ou além da vida sempre serão minha raiz.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa de doutorado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

RESUMO

EVANGELISTA, M. B. **Dilemas da (sobre)vida: o aborto.** 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

A presente pesquisa tem como tema central o aborto. Para proceder a investigação, adotamos a história oral como base teórica e procedimental. A partir de entrevistas de história de vida realizadas com mulheres e homens que vivenciaram a experiência de abortos induzidos, pretendemos abordar aspectos como gênero, classe social e geração. Além disso, buscamos dialogar com diferentes áreas da produção de conhecimentos, tais como a Saúde, o Direito e a Religião, entendendo a relevância de tais elementos na constituição de concepções acerca das interrupções voluntárias da gravidez. O *corpus* documental analisado é elaborado a partir do conceito de transcrição e envolve procedimentos éticos e estéticos que buscam atender ao trato com a subjetividade.

Palavras-chave: Aborto; Gênero; História Oral; História Contemporânea; Transcrição.

ABSTRACT

EVANGELISTA, M. B. **Dilemmas of (over) life: abortion.** 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This research is focused on the abortion theme. In order to conduct it, we have adopted the theoretical and procedural basis of oral history. From life history interviews with women and men who experienced induced abortions, we aim to address issues such as gender, social class and generation. Besides, we also seek to dialogue with different areas of knowledge production, such as health, law and religion, understanding the importance of these aspects in the formation of voluntary interruptions of pregnancy's conception. The document corpus which has been analyzed is drawn from the concept of transcreation and involves ethical and aesthetic procedures aimed to deal with subjectivity.

Key-words: Abortion; Gender; Oral History; Contemporary History; Transcreation.

SUMÁRIO

Introdução: dados, estatística e perfil	9
Retraços sobre a presença do aborto	15
A pesquisa	35
Escolhas operacionais: história oral, ética e estética da pesquisa	41
A vida em palavras	46
Intersubjetividade: História do Projeto	50
Narrativas	59
Lugar e lugares do mundo da (pro)criação	294
Racionalizando a experiência	325
Considerações finais: Protagonismo e (des)vitimização	343
Bibliografia	348

INTRODUÇÃO: DADOS, ESTATÍSTICAS E PERFIL

A pesquisa “Dilemas da (sobre)vida: o aborto” tem como ponto de partida temática que causa debates acalorados na sociedade brasileira contemporânea, muito embora seja uma realidade presente na História em sentido amplo e não restrito a contextos específicos. Envolve aspectos objetivos que se referem à urgência de políticas públicas de saúde e disposições legais, mas também está intimamente conectada ao universo particular e íntimo das experiências dos sujeitos. Por sua complexidade, a abordagem exige recortes e escolhas que, no caso deste estudo, foi amparada nos procedimentos da história oral de vida para promover uma aproximação das experiências de aborto induzido e sua subjetividade.

Antes de abordar os elementos específicos da pesquisa, torna-se necessário apresentar uma definição geral sobre o tema norteador do estudo, o aborto, seus tipos e variações. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS),

O abortamento deve ser considerado como a interrupção voluntária ou não da gravidez até a vigésima semana ou com um conceito pesando menos que 500 gramas (nos casos em que a idade gestacional é desconhecida). (ROCHA & NETO, 2003, p. 258).

Em linhas gerais, podemos afirmar a existência de dois tipos de aborto: o espontâneo ou natural e o induzido ou provocado. Mesmo no interior de cada tipo, é possível verificar variações. No caso dos abortos espontâneos, há diferentes causas e mesmo efeitos posteriores. No que diz respeito aos abortos induzidos, podemos observar uma linha fundamental que separa os abortos inseguros dos realizados em condições adequadas.

Este pode ser permitido por lei ou, ao contrário, ilegal e, portanto, realizado sob condições inseguras – nesse caso, praticado por pessoas sem a necessária capacitação e/ou ambientes que não apresentam padrões sanitários mínimos, conforme refere o Programa de Ação da CIPD, implicando mais riscos, além daquele decorrente da própria clandestinidade do abortamento. (ROCHA & NETO, 2003, p. 262).

No presente estudo, nossa atenção se volta para os abortos induzidos ou provocados, não havendo recorte acerca das condições de sua realização, o que permite adentrar tanto o universo dos métodos inseguros quanto dos seguros, ainda que em todos os casos esteja presente o fator da clandestinidade.

Mensurar o fenômeno do aborto no Brasil é tarefa complexa, principalmente pela inexistência de dados oficiais. Ainda assim, os esforços de pesquisadores de diversas áreas oferecem informações valiosas para iniciar uma abordagem sobre o tema. O relatório “20 anos de pesquisa sobre o aborto no Brasil” faz um balanço dos trabalhos produzidos ao longo de duas décadas acerca do tema e oferece uma compilação dos resultados das pesquisas consideradas mais consistentes que, segundo os autores, foram realizadas com ênfase na questão de “saúde pública”. Neste sentido, ao focalizar o conjunto de mulheres que buscam o serviço público de saúde, apontam os limites do estudo, uma vez que nem todas as mulheres estão contempladas neste universo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009, p. 9).

As duas edições da Pesquisa Nacional do Aborto, realizadas em 2010 e 2016, acionam métodos específicos e iluminam situações que colaboram para a ampliação da discussão.

A PNA 2016 é um inquérito domiciliar baseado em uma amostra aleatória representativa da população total de mulheres alfabetizadas com idade entre 18 e 39 anos no Brasil. [...] Consiste na combinação de um questionário baseado na técnica de urna e um questionário face-a-face aplicado apenas por entrevistadoras mulheres. (DINIZ, MEDEIROS, MADEIRO, 2016, p. 654)

Em todas as pesquisas estão presentes entraves para se chegar a informações precisas. Ainda que os autores da PNA ressaltem as vantagens da técnica de urna pela garantia do anonimato, o que facilitaria que as mulheres admitissem ter realizado abortos, a necessidade de aplicar questionários suplementares face-a-face exclusivamente por entrevistadoras mulheres indica a necessidade de estratégias particulares para abordar o tema. Além disso, mesmo que o rigor estatístico sustente a coleta e análise dos dados, a descrição dos componentes do estudo restringe o universo da prática do aborto a um

grupo específico de mulheres, cuja faixa etária, acesso à alfabetização e residência em espaços urbanos, exclui contingente expressivo que não se enquadra imediatamente nas categorias elencadas.

Os resultados da amostra, contudo, permitem verificar pontos que merecem atenção e sugerem caminhos para aprofundar a questão.

Os números de mulheres que declaram ter realizado aborto na vida são eloquentes: em termos aproximados, aos 40 anos, quase uma em cada cinco mulheres brasileiras fez um aborto; no ano de 2015 ocorreram cerca de meio milhão de abortos. Considerando que grande parte dos abortos é ilegal e, portanto, feito fora das condições plenas de atenção à saúde, essas magnitudes colocam, indiscutivelmente, o aborto como um dos maiores problemas de saúde pública do Brasil. O Estado, porém, é negligente a respeito, sequer enuncia a questão em seus desenhos de política e não toma medidas claras para o enfrentamento do problema. (DINIZ, MEDEIROS, MADEIRO, 2016, p. 659)

Os problemas identificados denotam a ausência de políticas públicas que atendam efetivamente a questão do aborto. O silêncio que paira daqueles que deveriam se comprometer com a solução implica não apenas na dificuldade de acessar dados esclarecedores, mas na realidade que pode ser observada no cotidiano dos serviços de saúde, de onde emerge grande parte das fontes das pesquisas.

Dados de internação no Sistema Único de Saúde (SUS) mostram que a curetagem pós-aborto é o segundo procedimento obstétrico mais realizado nos hospitais públicos do país, superado apenas pelos partos, tendência que acompanha o que é observado no resto do mundo. As complicações do aborto inseguro representa a quinta causa de internação obstétrica no SUS. Isso mostra o elevado custo da criminalização do aborto para o sistema público de atenção à saúde no Brasil, já que tais complicações estão diretamente relacionadas às precárias condições em que o aborto é realizado no país, por ser considerado ilegal. (VILLELA & BARBOSA, 2011, p. 57)

De acordo com o relatório “20 anos de pesquisa sobre o aborto no Brasil”, o perfil das mulheres que recorrem ao aborto pode ser assim descrito:

Predominantemente mulheres entre 20 e 29 anos, em união estável, com até oito anos de estudo, trabalhadoras, católicas, com pelo menos um filho e usuárias de métodos contraceptivos, as quais abortam com misoprostol. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009, p. 14)

Este perfil, no entanto, não é o único traçado pelas pesquisas, sendo que em alguns casos são enfatizados elementos que remetem à vulnerabilidade de grande das mulheres que recorrem a abortos inseguros, tais como classe social, raça e geração.

Saliente-se que ocorre cerca de um milhão de abortos clandestinos no Brasil, sendo que mulheres de baixa renda, afrodescendentes e jovens configuram índices de mortalidade materna (4ª causa no Brasil) e de internações na rede de saúde pública devido a complicações da prática clandestina e insegura (230.000 internações/ano). (CAVALCANTE & BUGLIONE, 2008, p. 131)

A natureza das informações, coletadas através dos registros do sistema de saúde pública, não dá conta, no entanto, de mapear a magnitude do aborto no Brasil, embora seja suporte fundamental para a compreensão do fenômeno, bem como das ações e políticas públicas que buscam contemplar tal demanda.

Grande parte das mulheres que acessa estes serviços o faz em função de abortamentos incompletos. Neste sentido, merece atenção a transformação proporcionada a partir da década de 1980 quando se observa a introdução do Misoprostol, medicamento destinado ao tratamento de patologias gástricas, mas que rapidamente ficou conhecido por seu potencial abortivo.

O Misoprostol entrou no mercado brasileiro em 1986 para tratamento de úlcera gástrica, e até 1991 sua venda foi permitida nas farmácias. Esse foi um tempo suficiente para a divulgação do medicamento como um método abortivo eficaz, mais barato que as clínicas clandestinas privadas e com menores riscos à saúde da mulher. (Ministério da Saúde, 2009). (MATOS, 2010, p.35)

Ainda que em comparação com os métodos até então utilizados este representasse complicações menos evidentes, a falta de informação sobre dosagens e formas seguras de administrar o medicamento manteve inegáveis riscos à saúde das mulheres. Com isso, abortamentos em curso se tornaram a grande mostra reconhecida em estabelecimentos médicos, sendo os principais componentes das estatísticas. Ainda que o “remédio” seja atualmente o recurso mais utilizado, importa considerar os outros métodos ainda presentes.

A utilização do remédio aparece em primeiro lugar com 39%, referindo-se ao misoprostol. Em seguida, o recurso a uma clínica para a realização do aborto aparece com 29%, e ainda prevalecendo um percentual de 20% de mulheres que utilizam remédios caseiros e 14% que recorrem a parteiras ou “curiosas”, o que indica um alto grau de riscos, pois grande parte desses procedimentos resulta em abortos inseguros. (FARIA, 2013, p. 195)

Saindo do âmbito das informações veiculadas por pesquisas realizadas com base na Saúde, interessa incluir em nossa observação os estudos que evocam a opinião pública e de setores institucionalizados, especialmente os religiosos, uma vez que apresentam grande influência nos comportamentos e mesmo na elaboração de pontos de vista. Embora existam variantes expressivas no contexto religioso brasileiro e alguma flexibilidade no que tange ao aborto, o discurso religioso dominante tende a condená-lo, o interpretando como pecado e mesmo como crime, já que atentaria contra a vida. Tendo em vista posicionamentos considerados “fundamentalistas”, em 2010 foi realizado o “Seminário Internacional: Direitos Reprodutivos, Religião e Fundamentalismos na América Latina”, organizado e coordenado por Católicas pelo Direito de Decidir do Brasil e da Colômbia. Na ocasião, foram discutidos diversos temas relativos aos direitos reprodutivos, em que o aborto surge como central. Segundo Margareth Arilha, membro da Comissão de Cidadania e Reprodução:

Setores conservadores, em aliança especial com a Igreja Católica e outras religiões, seguem criando barreiras para a realização de práticas contraceptivas e abortivas com segurança

para a saúde e a posição jurídica das mulheres. Momentos eleitorais, sobretudo majoritários, têm sido momentos de fragilidade para o campo dos direitos reprodutivos em toda a América Latina. (ARILHA, 2011, p.23)

Este fator estaria diretamente ligado a muitas opiniões sobre o tema, mesmo entre pessoas que não são praticantes de nenhuma religião, o que se expressaria em momentos cruciais como os eleitorais, quando candidatos comprometidos com o campo dos direitos reprodutivos são pressionados e arriscam perder votos ao manter seus posicionamentos transformadores.

No âmbito da vida cotidiana, muitas são as opiniões que circulam entre mulheres e homens a respeito do aborto. Em 2013 a Fundação Perseu Abramo em parceria com o SESC (VENTURI & GODINHO, 2013) publicou um estudo que divulga uma década de mudanças na opinião pública acerca de diversos assuntos pertinentes às mulheres e às questões de gênero. O aborto e a saúde reprodutiva foram abordados e os resultados da pesquisa chamam atenção por envolver tanto a opinião de mulheres quanto a de homens no que diz respeito a questões como o apoio ao aborto por parte dos companheiros e a punição que deve ou não ser aplicada às mulheres.

Temos, com isso, um breve panorama do contexto brasileiro atual no que diz respeito ao aborto, que envolve opiniões, crenças, leis, movimentos sociais e dados exorbitantes que expressam uma contradição de grande monta, pois apesar de tantos impeditivos legais e subjetivos, trata-se de uma prática que atinge mulheres de diferentes idades, classes sociais, raças, crenças e ideologias políticas. Sem contar o viés que agrega questões de gênero, sobretudo ao se considerar o papel dos homens nesta experiência.

Antes de partir para as especificidades da pesquisa, faremos uma incursão histórica acerca do tema, cuja finalidade é situar as reflexões de forma mais abrangente no tempo e no espaço, assim como realizar um balanço da bibliografia que nos serviu de base ao longo dos últimos cinco anos.

RETRAÇOS SOBRE A PRESENÇA DO ABORTO

O aborto pode ser entendido, em perspectiva histórica, como fenômeno social de longa duração, uma vez que existem registros sobre esta prática nas mais distintas paragens e temporalidades. Ainda que com significados diferenciados, assume caráter de relevo comprovado por deliberações que se avolumam ao longo do tempo em âmbitos variados, tais como nos campos da Filosofia, da Religião, da Medicina e do Direito.

Vale ressaltar, contudo, a quase total unilateralidade dos registros, durante séculos produzidos por homens letrados, o que imprime dificuldades incontestes no que diz respeito à interpretação dos significados do aborto por parte das mulheres. Ou seja, falar de aborto em perspectiva histórica significa trazer à tona elementos de gênero que traduzem concepções importantes relativas à dominação masculina sobre as mulheres.

Somente em períodos mais recentes tivemos acesso a registros produzidos por mulheres sobre sua experiência, sendo indispensável considerar a pluralidade do universo feminino. Afinal, não há um consenso sobre o aborto, seja entre mulheres ou homens. Por isso, nos interessa adentrar o âmbito da subjetividade e as particularidades que envolvem as diferentes concepções sobre esta experiência.

A longa duração remete à necessidade de observar as rupturas, mas também as permanências. A maneira como o aborto é compreendido hoje, os discursos que se elaboram a seu respeito são mostras de como, no presente, estamos ancorados a raízes históricas de ideias e atitudes. Pensando no lastro de todo fazer histórico, nos imbuímos do compromisso de fornecer elementos para estudos futuros, pontuando a relevância das narrativas coletadas, bem como o rigor da análise desempenhada.

O aborto na História

De acordo com nossas investigações, verificamos a escassez de trabalhos que se debruçam exclusivamente sobre o aborto na área de História. É possível que um estudo apurado acerca de como o tema emerge de outras séries documentais, revelasse elementos significativos para sua compreensão. Importa esclarecer que este não foi nosso intuito, de modo que nos restringimos ao período e método acionados.

Compete-nos enfatizar a importância do trabalho de Giulia Galeotti (2007) no que diz respeito ao aborto enquanto fenômeno histórico, ainda que seu estudo se construa a

partir da realidade europeia. Sendo sua autora italiana, elementos concernentes àquele país provavelmente são mais sensíveis em sua observação. A tradução para o português coincide, por sua vez, com o segundo referendo sobre o aborto em Portugal, momento em que se decide pela legalização da prática em casos específicos (MATOS, 2010).

A leitura de sua obra nos é paradigmática para delinear uma trajetória do aborto de maneira abrangente. De acordo com Galeotti (2007), é possível dividir em três etapas as maneiras como o aborto foi compreendido ao longo do tempo. Inicialmente, assunto exclusivo das mulheres, que dominavam todos os momentos da gestação, desde o conhecimento da gravidez até o parto. Circunscrito ao corpo feminino, não havia ainda uma diferenciação entre mãe e feto. Tal unidade conferiu à mulher durante longos séculos o domínio sobre a gravidez. “Até meados do século XVIII, o que está no interior do útero materno é considerado apenas um apêndice do corpo da mãe.” (GALEOTTI, 2007, p.25).

Esta autonomia foi colocada em questão a partir do momento que as descobertas científicas se fizeram presentes de forma mais incisiva por volta do século XVIII. A discussão passou a envolver cada vez mais a existência de dois corpos e, paulatinamente, a mulher se tornou tão somente mais um personagem nessa história. O debate incluiu de forma decisiva a presença de elementos religiosos e o início da vida tornou-se ponto chave no que diz respeito às possibilidades e impossibilidades da interrupção da gravidez. Os conhecimentos médicos, por sua vez, tornaram-se cada vez mais presentes em intervenções de especialistas e equipamentos cuja precisão separou o corpo da mãe e do feto.

A passagem de uma gravidez como fato interno da mulher para uma gravidez vista objetivamente altera – como é evidente – o seu sentido, os sujeitos nela envolvidos e sua percepção social, influenciando de modo diferente até a decisão de abortar. [...] O conhecimento do desenvolvimento do feto contribuiu, por isso, de modo determinante para a percepção do feto como entidade autônoma. Uma entidade para além da mãe, que existe em si desde que foi concebida e não apenas quando se separa do corpo feminino. (GALEOTTI, 2007, P.81)

O século XVIII é também ponto crucial da obra de Elizabeth Badinter (1985), neste caso com aportes teóricos filosóficos. Segundo a autora, que analisa o caso francês, os

significados da maternidade são sensivelmente modificados naquele período. Até ali, as relações entre mães e filhos eram marcadas pelo distanciamento logo após o parto, principalmente no caso das mulheres da nobreza e alguns setores da burguesia que na maioria das vezes enviavam os recém-nascidos para serem cuidados por amas de leite mercenárias, o que nem sempre acontecia por perto. Somente as mulheres que podiam manter uma ama em sua própria residência tinham contatos mais frequentes com os filhos pequenos, sendo o mais comum que estes ficassem sob os cuidados das amas nas casas delas. A amamentação era considerada tarefa de pouco prestígio e mal vista pela elite de então.

Outro traço desta situação era a dificuldade enfrentada pelas amas de leite que, ao se dedicarem à amamentação de filhos de outras mulheres em troca de dinheiro, nem sempre podiam cuidar da própria prole de maneira satisfatória. Percebe-se que a maternidade e as relações entre mães e filhos eram visivelmente precárias e a ideia de amor materno bastante questionável se comparada com os modos vigentes atualmente.

Para Badinter, o momento de corte tem como marco a publicação de Rousseau *Emílio*, que registra novos parâmetros de comportamento desejáveis para as mulheres-mães. O livro, cujo teor se confunde com um manual de boas práticas para as mulheres, preconiza o valor da maternidade e a dedicação incontestada desta tarefa como simbólica e efetivamente atrelada ao seu papel.

Deste contexto é que se extrairia a origem do que a autora denomina “mito do amor materno”, algo que se intensificou nos séculos seguintes atingindo o ápice no início do século XX, até quando pouco se questionou acerca desta função essencial das mulheres. Embora a obra em questão não se debruce sobre o aborto, a centralidade da maternidade reflete a aversão a quaisquer posturas que recusem tal experiência, tida de modo geral como inata.

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada.

Convictos de que a boa mãe é uma realidade entre outras, partimos à procura de diferentes faces da maternidade, mesmo as que hoje são rejeitadas, provavelmente porque nos amedrontam. (BADINTER, 1985, p. 22 e 23)

Sobre momento posterior, Galeotti identifica uma terceira fase em relação ao tema do aborto. Este nos diz respeito com mais evidência, pois retoma a centralidade da mulher. Falamos aqui de uma atuação diferenciada, já pautada no ativismo das feministas, que remonta à década de 1960. Desta forma, os questionamentos passam a levar em consideração a opinião das mulheres acerca de seus corpos e de seu papel na sociedade.

É nesta fase que ganha forma a ideia do aborto como direito civil, o primeiro de tantos a reclamar. Prática extremamente dolorosa e perigosa para a mulher, duramente hostilizada pelos movimentos do século XIX que viam nele mais um instrumento da sexualidade masculina prevaricadora, o aborto transforma-se na reivindicação unificadora do feminismo, capaz, mais do que qualquer outra, de unir mulheres de diferentes classes, culturas e idades. (GALEOTTI, 2007, p.131)

A análise da autora se mostra pertinente para nossa proposta de investigação, pois além de contemplar o tema em perspectiva histórica, o faz imprimindo os diferentes significados e a simbologia que envolve o aborto. Exemplo disso são as crenças sobre quando se daria efetivamente o início da vida e, por conseguinte, a aceitação social do aborto. A variação sobre o momento em que a alma passaria a fazer parte do indivíduo poderia ser reconhecida como o espaço de tempo a partir do qual seria admitida a prática do aborto. Esta concepção, que sofreu muitas modificações ao longo do tempo, encontraria eco nas formulações legais mais recentes:

Se virmos bem, nas recentes legislações ocidentais há um eco antigo. As divisões modernas, mesmo na sua variedade, não recordarão talvez as formulações do passado em que era tão crucial a distinção entre feto não formado e feto formado, animado ou não animado? (GALEOTTI, 2007, p.151)

Ainda que ressalte os posicionamentos de religiosos, médicos e juristas, contempla também um olhar sobre o que se pode perceber de atitude por parte das mulheres e seu

agenciamento em torno desta questão. Neste sentido, nos ampara no que tange a uma trajetória do aborto em termos abrangentes.

Para além da abordagem histórica, também na Itália uma publicação de 1975 chamou atenção e causou polêmica. Trata-se do livro de Oriana Fallaci, “Carta a um menino que nunca nasceu”. A autora constrói uma narrativa em primeira pessoa em que a protagonista conta sua experiência de uma gravidez não planejada. A riqueza de detalhes se volta para as reflexões que faz esta mulher como se estivesse conversando com o filho ao longo de dias ou semanas, os quais são acompanhados de menções ao desenvolvimento do feto feitas com nítido aparato em noções médicas e científicas. O tema do aborto, por sua vez, surge em diferentes ocasiões, que vão montando um cenário que leva ao desfecho da história.

O primeiro momento revela a relação da narradora protagonista com a própria mãe, quando se lembra que a mãe lhe contara que havia tentado métodos abortivos até que a sensação de que a criança mexera em sua barriga a fizera interromper tal estratégia e aceitar a maternidade.

O segundo momento traz à tona a figura do pai da criança, com quem estabelecia relacionamento esporádico e, por telefone, lhe sugerira a interrupção da gestação, oferecendo suporte financeiro para tanto.

O trabalho, algo de grande valor para a personagem principal, suscitou a relação com a figura do patrão, quem desde o princípio levantou a possibilidade de apoio no caso de um aborto, tendo em vista que uma gravidez poderia prejudicar o bom andamento de suas atividades, o que era ainda mais evidente por conta da situação de ser mãe solteira. A importância do casamento enquanto condição adequada para se ter filhos surge novamente no ambiente médico, onde encontrou tratamento diferenciado a partir do momento que revelara sua situação conjugal. Desta feita, além da indiferença da qual fora vítima, aparecem sugestões acerca da real vontade ou necessidade de levar adiante uma gravidez solitária, leia-se, sem a presença oficial de um marido.

Finalmente, a figura da amiga, que mãe de dois filhos e tendo feito quatro abortos, insiste para a adequação de uma interrupção da gestação para aquela situação. Também os pais da protagonista emanam suas considerações em carta que responde ao comunicado da filha sobre a gravidez. Estes demonstram seu apoio de forma surpreendente.

Em meio a tantos discursos, o seio da narrativa se dá no diálogo entre mãe e filho. Fica explícito o dilema da maternidade e as inúmeras reflexões que a responsabilidade por “colocar” uma pessoa no mundo envolve. Anseios, recomendações, indagações, emoções e muita responsabilidade dão o tom da conversa.

O tempo passa e um aborto espontâneo interrompe o diálogo. Em meio a delírios que antecipam uma intervenção médica para a retirada dos restos fetais, a protagonista se vê diante de um julgamento, onde estão todos os personagens que apareceram ao longo da história. Ela, no banco dos réus, é condenada por quase todos, exceto pelos pais, pela amiga e pela última médica que a encoraja a assumir uma viagem de trabalho, momento em que se dá o aborto. O livro termina ao mesmo tempo em que as vidas da mãe e do filho que nunca nasceu...

O interessante é que mesmo não tendo havido um aborto induzido por parte da mulher, algo repetidamente sugerido por diversos personagens que evocam segmentos da sociedade, à mulher é transferida a culpa e a responsabilidade pelos acontecimentos, pelo aborto enfim, como se este tivesse sido inconscientemente desejado e premeditado. A obra é publicada na década de 1970, momento particularmente sensível à discussão sobre os direitos das mulheres, em que os feminismos dedicavam esforços consistentes na direção da importância da legalização do aborto. Embora seu contexto seja a Itália, a história reverberou em diversos países, o que denota o alcance desta demanda. Demanda que vai além do aborto e chama atenção para a responsabilização das mulheres no que diz respeito à saúde reprodutiva e seus desdobramentos, sejam eles quais forem.

É novamente Badinter (2011) quem chama atenção para uma mudança expressiva na década de 1980, que envolve alguns setores dos feminismos. Trata-se de uma retomada de concepções naturalistas, as quais buscam recuperar o instinto materno tão relativizado nas décadas anteriores. A revalorização da maternidade é acompanhada de discursos de especialistas e segmentos afeitos a uma aproximação da natureza, que envolve em grande parte ideias de partos naturais e amamentação em livre demanda. Para a autora, que se debruça sobre a realidade europeia, a crise econômica que marcou os anos 1980 e atingiu de forma mais incisiva as mulheres, seria o mote para que estas se voltassem para sua função “mais elementar”, de mães e nutrizes.

Diferentemente de Beauvoir, que via aí apenas um epifenômeno na vida das mulheres, fonte de sua opressão milenar, uma nova geração de feministas considera a maternidade a experiência

crucial da feminilidade a partir da qual se pode construir um mundo mais humano e mais justo. Para isso, é preciso realizar um retorno à mãe natureza, ignorada por tempo demais: insistir nas diferenças psicológicas que geram as dos comportamentos, recuperar o orgulho de nosso papel de nutriz do qual dependem o bem-estar e o destino da humanidade. (BADINTER, 2011, p, 71)

Além do elemento econômico, haveria ainda a preocupação com a queda da natalidade naqueles países e dos impactos da ampla utilização de métodos contraceptivos e da legalização do aborto.

Importa, neste aspecto, considerar o advento da pílula anticoncepcional como elemento diferenciador na compreensão sobre o aborto. Ainda que os primeiros anos de sua oferta e utilização tenham sido de incertezas acerca da eficácia e mesmo da utilização adequada do método, este é indiscutivelmente recurso que possibilitou significativo controle do número de filhos e conferiu autonomia até então desconhecida para as mulheres que aderiram ao uso.

O aborto, por seu turno, passa a ser objeto de críticas ainda mais duras na medida em que se torna comum ouvir: “Ficou grávida porque quis!”, “Com tantos métodos para se prevenir, se engravidou foi por irresponsabilidade”, “Se ficou grávida, que assuma!”. O filho passa a ser uma escolha e, desta forma, os níveis de culpa e responsabilidades se tornam cada vez mais severos para as mulheres-mães e para as que optam pelo aborto.

A partir do momento em que se escolhe por uma criança no mundo para seu prazer, fala-se menos de dom do que de dívida. Do dom da vida de antigamente, passamos a uma dívida infinita em relação àquele que nem Deus, nem a natureza nos impõem mais, e que, um dia, será capaz de nos lembrar que não pediu para nascer...” (BADINTER, 2011, p. 22)

Neste sentido, uma publicação de 2007 levantou outros tipos de dilemas também referenciados às ideias de responsabilidade e culpa que envolvem a experiência materna. Trata-se do livro de Sarah Williams “O desafio de uma escolha”. A autora, professora universitária de História, apresenta narrativa que destoa da familiar posição feminista de muitas mulheres que enveredam por estas áreas do conhecimento. A

narrativa intimista navega por ambiente marcado por convicções religiosas que colocam em questão um dos pontos controversos acerca do aborto: a noção de vida.

Em resumo, a história traça o percurso de uma gestação planejada e desejada, porém considerada inviável por especialistas da medicina. A verificação de deformidades incompatíveis com a vida pós-parto imprime ao discurso médico a indicação de um aborto. A decisão, por seu turno, envolve a finalização da gestação e uma história que perpassa crenças e sensibilidades peculiares que atingem familiares e amigos. O simbolismo da vida, ainda que não de fato, faz entrever os limites das reflexões sobre o aborto que, definitivamente, envolvem muito mais que aspectos objetivos.

Para além de uma explanação abrangente sobre o tema, nos cabe enfatizar as peculiaridades brasileiras no que diz respeito à História das mulheres, particularmente as questões relativas à maternidade e, principalmente, ao aborto.

Aborto no Brasil

Na História do Brasil, a questão do aborto surge como elemento que, embora não tenha sido investigado profundamente em sua especificidade, é recorrente em preocupações que dissertam sobre as questões relativas às mulheres e à família.

No que se refere às representações sobre o aborto em nossa História, tendo como ponto de partida o período colonial, Mary Del Priore afirma:

No projeto de construção da maternidade ideal, o aborto aparecia como uma mancha capaz de oxidar o belo retrato que se queria fazer das mães. Se o enfoque era o da multiplicação das “gentes”, se o esforço era o de tornar útil a sexualidade dentro do casamento, o aborto mostrava-se como uma forma de controle malthusiano, desaprovado tanto pela Igreja quanto pelo Estado. (PRIORE, 2009, p. 251)

Antes da colonização, a maneira como os nativos lidavam com aborto somente podem ser vislumbradas por meio de registros feitos por colonizadores, principalmente os jesuítas, ou iniciativas que se voltam para narrativas orais e mitos que permanecem no imaginário das populações indígenas.

Neste primeiro momento oferecido pelos registros, é indiscutível a relação entre os propósitos da empresa colonial e os da Igreja. Em busca de estabilidade frente à

realidade dos arranjos familiares instáveis, a valorização do matrimônio foi peça central para a conformação de um ideal de conduta voltado, sobretudo, às mulheres. A maternidade era a garantia da manutenção populacional e, para estabelecer um contraponto à falta de regras, a Igreja cumpriu o papel de estabelecer as normas relativas à procriação. Aborto e infanticídio, práticas que se confundiam, passaram a ser alvo de regulação e condenação de ordem divina.

Os dados que são capturados através do discurso da Igreja sobre o aborto não permitem ao historiador saber quem abortava. Seriam mães solteiras, as viúvas, as adúlteras? Delas não há um retrato nítido. Por que abortavam? O desespero diante do filho indesejado, o pânico diante do estigma do meio social, da morte social ou da exclusão familiar nos parecem respostas razoáveis. Mas que tipo de estigmatização poderia sofrer a mulher que abortava num período em que o matrimônio era regra teórica, e no qual viveram tantas concubinas, amásias e abandonadas, mulheres para quem a maternidade psicológica se sobrepunha à função biológica, fazendo-as criar indistintamente filhos legítimos e ilegítimos? (PRIORE, 2009, p. 255)

A dificuldade em acessar o universo subjetivo que envolve o aborto, já indicado pelos estudos relativos ao período colonial, nos impele a uma observação mais apurada deste nos tempos atuais.

A Roda dos Expostos, mecanismo de amparo àquelas que não podiam arcar com a maternidade, remete à situação complexa de mulheres que não podiam ou queriam aceitar a gravidez. É também mostra de que diante da impossibilidade de vivenciar a maternidade almejada ou requerida pela sociedade, a entrega dos filhos poderia significar menos que o abandono, um subterfúgio de cuidado e mesmo de amor aos rebentos.

Coube às Santas Casas implementar outro sistema de auxílio comum às principais cidades coloniais. Junto à parede lateral ou frontal do imóvel, pertencente ao hospital instalava-se a Roda dos Expostos. Dispositivo bastante difundido em Portugal, a Roda consistia num cilindro que unia a rua ao interior da Casa de Misericórdia. No Brasil, apenas Salvador, Recife e Rio de

Janeiro estabeleceram tais Rodas no período colonial. Após a Independência, a instituição conheceu enorme sucesso, alcançando o número de doze em meados do século XIX. (VENÂNCIO, 2007 p. 191)

A partir do século XIX, é possível entrever em fontes de diferente estirpe a atuação feminina e, de alguma forma, questões relativas às necessidades femininas são passíveis de maior entendimento. Apesar dos avanços significativos, são escassos os registros que revelam as condições em que viviam as mulheres das camadas populares, ainda distantes do letramento e das possibilidades de registros pessoais.

A atuação feminina na vida literária, educacional e artística brasileira no século XIX foi efetiva e constante. Graças às pesquisas históricas mais recentes, nomes esquecidos e vozes abafadas ou excluídas voltam à cena, conferindo legitimidade e visibilidade às atividades intelectuais e políticas de mulheres que, de fato, participaram da vida pública do Brasil no passado. (PRADO & FRANCO, 2012 p. 194)

Mesmo sendo uma prática registrada em diferentes contextos da história brasileira, a primeira menção relativa ao aborto legalmente é observada somente no Código Criminal do Império de 1830:

Tal prática só passou a ter status de crime no Brasil Império, com a promulgação do Código Criminal do Império de 1830. Contudo, sobre o referido código pairam dúvidas se o mesmo somente condenava terceiros que praticavam aborto com o consentimento da mulher ou se também condenava a mulher que praticava aborto em si mesma (auto-aborto), uma vez que o dispositivo legal era obscuro quanto aos sujeitos passivos do referido crime. (EMMERICK, 2008, p. 57)

Esta constatação não diminui o peso moral que anteriormente implicava a realização de abortos e fortalecia a necessidade do segredo e, conseqüentemente, envolvia riscos indiscutíveis à saúde das mulheres. Mudanças sutis fazem parte da Constituição de 1891. “Nesse novo diploma legal, o que estava em jogo não era mais a segurança da pessoa, como no Código do Império, mas sim a honra da mulher.” (EMMERICK, 2008, p. 59)

No final do século XIX, surge um registro como poucos. Um romance afinado com a tendência naturalista publicado em 1893 tem o sugestivo título “O Aborto”. Seu autor, Figueiredo Pimentel, reconhecido como literato dedicado a múltiplos gêneros de escrita, esboça como primeira tentativa a publicação em fascículos no periódico *Província do Rio*. O título inicial, “O artigo 200”, faz referência direta ao existente no Código Criminal do Império:

O Artigo 200 trata do crime de Infanticídio e adverte que aquele que “fornecer com conhecimento de causa drogas ou quaisquer meios para produzir o aborto, ainda que este não se verifique”, incorrerá em penas de prisão com trabalho de dois a seis anos. Diz ainda o artigo que “se este crime for cometido por médico, boticário, cirurgião, ou praticante de tais artes”, as penas serão dobradas. (PIMENTEL, 2015, p. 133, 134)

Já no prefácio que introduz o romance em questão o autor explica o motivo de publicar como romance o que antes era feito em formato de folhetim.

Ao cabo de meia dúzia de números, em vista de reclamações diárias sem conta, devolução de assinaturas, cartas anônimas, etc, a redação julgou bom mudar palavras, suprimir cenas e descrições e, mais tarde, suspender-lhe a publicação. (PIMENTEL, 2015, p. 23)

Mesmo diante das críticas e da aproximação que dele faziam a Émile Zola, expoente do naturalismo francês, Pimentel lança o livro que foi considerado indiscutível sucesso de público. Em muitos casos associado à literatura pornográfica, “O aborto” traz uma narrativa que é supostamente baseada em fatos reais. Guardadas as particularidades de análise do material literário, nos ateremos ao que este nos significa enquanto indício relevante não apenas da presença do aborto na sociedade brasileira novecentista, mas cuja riqueza de detalhes indica métodos utilizados, estigmas enraizados acerca do papel da mulher, bem como o interesse despertado em vista do consumo dos leitores.

O trecho que segue finaliza o romance e oferece importantes elementos sobre o aborto no Brasil de então:

No Largo do Marrão, Mário desesperava-se, correndo da farmácia para o chalé. A hemorragia não cessava. Maricota já

havia expelido uma grande posta sanguínea, negra, coalhada, fétida, e o sangue jorrava fluente.

O farmacêutico consultava livros, manuseava o Chernoviz, recordava lições, mas não lhe acudia o meio de fazer cessar o corrimento. Perdera a cabeça. Antevia Maricota morta, esvaindo-se em sangue e ele preso, encarcerado, condenado.

Numa das ocasiões em que se dirigia para a farmácia, viu o carro parar à porta, saltando de dentro o dr. Maia, que reconheceu logo, e mais o Cordeiro.

Escondeu-se por detrás de um tufo de arbustos, esperando que eles entrassem. Quando passaram a porta e penetraram na sala de jantar, ele saiu e atravessou o Largo. Ao mesmo tempo, escutou um grito terrível, agudo, lancinante prolongado, que lhe fez gelar o sangue e eriçarem-lhe os cabelos.

“-Estou perdido!”, exclamou. E entrou desvairado, pela loja adentro, indo se atirar por sobre o leito, a soluçar.

Cordeiro, ouvindo o grito, puxou pelo braço o médico.

“- Anda, Maia, anda depressa pelo amor de Deus!”

O dr. Maia correu para o quarto, enquanto o advogado se atirava numa cadeira, sem coragem para entrar.

À primeira inspeção, assim que penetrou no aposento em desordem, o médico compreendeu tudo. Roupas ensanguentadas, bacias e urinóis sujos de águas vermelhas, viu em desordem.

Maricota, quase nua, estorcia-se, revolvía-se na cama, mordendo os travesseiros, mordendo os lençóis.

Tomou-lhe o pulso, muito fraco, imperceptível quase. Abanou a cabeça. Voltando-se para a criada, mandou imperiosamente que lhe trouxesse uma chaleira d’água e encaminhou-se para a farmácia em busca de medicamentos.

Na sala de jantar, Cordeiro embargou-lhe a passagem.

“-Há alguma novidade?”

“- Há simplesmente que você é um criminoso e mais a besta do farmacêutico que lhe vendeu o remédio. Já abortou e está perdida. Não se salva.” E saiu.

Leopoldo Cordeiro recuou. De pronto compreendeu tudo. Viu-se bigodeado pela moça, que ele julgava virgem, explorado pelo farmacêutico, que a gozava todos os dias. Teve consciência do papel de paio que fizera até então.

Ergueu lepidamente o corpo e investiu como um touro furioso o quarto, com tensões de estrangulá-la – ela, amante do primo, sovada por todo o mundo, menos por ele.

“- Miserável!”

Quando chegou, Maricota, deitada numa poça de sangue, suspensa a camisa, arreganhadas as pernas, pálida, muito pálida, virou os olhos amortecidos e expirou.

(PIMENTEL, 2015, p.131, 132)

O romance como um todo é notável em sugestões para uma análise mais profunda. Este pequeno trecho, por ora, nos é suficiente para desentranhar elementos que descrevem a prática do aborto, situação à qual se viu a protagonista, que buscou a ajuda de um farmacêutico. Este recorreu a beberagens abortivas que desencadearam as cenas descritas. O sofrimento agudo de uma mulher que solitariamente vivenciou o aborto induzido, sem ter a quem ou o que recorrer, percorre detalhes que remetem ao corpo e sua fragilidade, colorindo de sangue o destino de tantas mulheres que buscam esta alternativa.

O enredo do romance, por sua vez, nos oferece mais que isso... A protagonista, apresentada ao longo do texto como de caráter duvidoso, tornara-se amante do primo, o farmacêutico. Havia, no momento do aborto, se tornado concubina de um advogado que lhe prometera riquezas diante da morte da mãe e falência dos negócios do pai. Tanto o primo quanto o advogado são também descritos como personagens volúveis e dedicados a interesses escusos.

A cena final coloca os três, a despeito do correr de suas histórias individuais, perante o universo das leis. O artigo 200, título primeiro para a narrativa, culpabiliza quem facilitou o aborto, o que fica claro na fala do médico chamado às pressas para prestar socorro.

A criminalização do aborto já estava presente naquele momento, ainda que as sanções fossem menos destinadas às mulheres que a terceiros que favoreciam a interrupção da gestação. Daí a advertência do médico para o advogado e o farmacêutico, que corrobora a intenção de trazer à tona os dispositivos legais previstos no Artigo 200.

Ainda que não fosse a intenção do autor, ao relatar o contexto prosaico à época - os arranjos familiares movediços e as intenções de estabelecer laços pautados por interesses econômicos - apresenta pano de fundo capaz de ilustrar situação já indicada em outros documentos, assim como a valorização do casamento oficializado como mote de bons costumes e comportamentos.

Vemo-nos diante da irregularidade dos laços afetivos, o que não pressupõe, contudo, a inexistência de sentimentos. O próprio romance revela as paixões e sensibilidades vividas pelos personagens, que sofrem, projetam planos, sonham com um futuro ideal. O naturalismo, característica fundante do texto, retoma a todo tempo a humanidade falha, os vícios e deslumbres que corroem a fidelidade à norma.

A protagonista, Maricota, é símbolo de uma mulher que destoa do comportamento considerado ideal e indicado para as moças de então. Dona de seu corpo, imprime consciência aos seus atos, explora sua sexualidade em intenção – provocada que é pela leitura de textos “pornográficos” - e ação, demonstrada pela relação que estabelece com os homens que lhe interessam. Ao burlar as regras, no entanto, se vê diante de situação que atinge as mulheres que decidem pelo aborto: riscos, estigmas, a morte.

O desfecho da história escrita e supostamente vivida no final do século XIX em nada deixa a desejar a tantas que ouvimos em pleno século XXI. O fato de ser escrita por um homem denota, entretanto, que continuamos falando do aborto pelo ponto de vista predominantemente masculino.

Somente no início do século XX conseguimos adentrar temas mais específicos sobre a vida das mulheres, tanto através de documentos institucionais analisados por pesquisadores quanto pelo registro feito pelas próprias protagonistas.

O trabalho realizado por Fabíola Rohden (2003) sobre as teses defendidas na Faculdade de Medicina permite verificar a prática do aborto em sua cotidianidade. Além disso, dá mostras de como aborto e infanticídio eram ocorrências que ainda se confundiam. Embora a pesquisa não se aproxime da narrativa das mulheres, tanto as fontes utilizadas quanto a análise empreendida dão conta de colocar em cena personagens de um

universo paralelo que, no entanto, revela a existência de uma prática recorrente voltada à interrupção de gestações: as “fazedoras de anjos”.

Seriam estas figuras, em grande parte mulheres, que divulgavam em periódicos do período seus serviços de atendimentos caseiros que, apesar de não dizerem claramente do que tratavam, deixam entrever a prática de abortos, mesmo que disfarçadas por palavras que buscavam embaçar a realidade.

A iconografia também fornece elementos que remetem à prática do aborto, como a obra de Pedro Weigartner “A Fazedora de Anjos”, de 1908. Contemporânea dos trabalhos analisados por Rohden, remete ao universo subjetivo da prática do aborto e do infanticídio, utilizando a denominação que remetia às mulheres que se dedicavam ao auxílio daquelas que buscavam alternativas às gestações indesejadas.

Temos, mais uma vez, um homem, autor da obra, a desenhar literalmente os enigmas que envolvem esta experiência feminina. A imagem da mulher desgrehada de cujos caldeirões emergem anjos simbolizando crianças nos conduz ao imaginário da época. Mulheres que detinham saberes extraoficiais e que modificavam os destinos de moças pensativas e com destinos incertos, tal como projeta o quadro em suas três fases.

A situação muda sensivelmente a partir da segunda metade do século XX. De assunto limitado a abordagens médico-legais ou judiciais, o aborto passa a ser tratado enquanto demanda que atende às necessidades das mulheres. Neste ponto, importa ressaltar a atividade dos movimentos feministas brasileiros que passam a se estruturar em torno de temas e questões de relevância para as mulheres, bem como suas particularidades devido ao contexto político marcado pela ditadura civil-militar. Mesmo diante das dificuldades de discutir temas polêmicos naquela conjuntura, o aborto esteve presente enquanto tema fundamental desde o princípio. Neste sentido, estava atento às realidades locais, assim como apresentava consonância com os debates internacionais.

Momento de corte neste sentido foi a promulgação da Constituição de 1988 que, mesmo sem respaldar novos direitos no que diz respeito ao aborto, contou com importante movimentação por parte de movimentos sociais feministas e de mulheres que se organizaram em torno de emendas populares, as quais não obtiveram êxito.

A Constituição não reservou um capítulo próprio para os direitos reprodutivos, o que demonstra o conservadorismo da sociedade brasileira em associar reprodução e sexualidade à esfera familiar, já

que tal disposição encontra-se no capítulo da família, da criança, do adolescente e do idoso... (EMMERICK, 2008, p. 86)

Algumas mudanças puderam ser sentidas recentemente, especialmente com a inclusão no rol do aborto legal de casos de anencefalia, patologia que impossibilita a vida pós-parto do feto. Desta forma, as mulheres oficialmente podem escolher levar ou não adiante a gestação quando é constatada esta incompatibilidade com a vida extrauterina. Isto, contudo, não significa que o acesso aos mecanismos de interrupção destas gestações seja simples ou eficiente, o que demonstra o longo caminho a ser trilhado no que diz respeito à oferta de serviços públicos de saúde mesmo para os casos de aborto legal.

Também no Brasil, o advento da pílula apresentou impactos, como demonstra a discussão proposta por Debora Diniz (2012) em sua reflexão sobre as três gerações da pílula anticoncepcional. O aborto aparece enquanto ocorrência e preocupação das mulheres brasileiras desde meados do século XX, quando teria espaço a primeira geração. Possivelmente, a necessidade do aborto tenha sido relativizada, embora fosse notável a ineficiência dos métodos contraceptivos em seus momentos iniciais.

As mudanças observadas a cada geração de mulheres demonstram transformações no controle da natalidade, ainda insuficientes para diminuir o número de abortos. A introdução do Misoprostol é sintoma de autonomia, mas ainda assim não configura o impedimento de situações de risco eminente.

As constantes mudanças técnicas, políticas, legais e culturais relativas aos métodos contraceptivos – tais como a pílula anticoncepcional, laqueadura tubária, condom, DIU, vasectomia e pílula do dia seguinte – não tiveram paralelo na história do aborto nos séculos XX e XXI. Diferentemente de países em que a descriminalização do aborto foi o passo seguinte à disseminação dos contraceptivos médicos, uma particularidade da história brasileira é a dissociação política desses dois domínios reprodutivos. (DINIZ, 2012, p. 315)

A realidade atual é marca de que apesar dos avanços em técnicas e conhecimentos sobre a reprodução a questão do aborto permanece um tabu em nossa sociedade. A partir da

década de 1990, principalmente após os anos 2000, houve expressivo aumento do número de trabalhos dedicados a discutir o aborto de forma mais explícita.

Em 2006 foi lançado “Em defesa da vida: aborto e direitos humanos”, publicação organizada pelo grupo *Católicas pelo Direito de Decidir*, que conta com textos de especialistas de diversas áreas. O livro é dividido em quatro eixos temáticos: vida, saúde, direito e legislação.

Essa publicação visa contribuir para a transformação dos resíduos de um pensamento – ainda patriarcal e fortemente marcado pela doutrina cristã - que impede a efetivação de conquistas na área dos direitos reprodutivos das mulheres. (CAVALCANTE & XAVIER, 2006, p. 11)

Em 2007, mesmo ano da edição portuguesa de “História do Aborto”, de Giulia Galeotti, é publicada a edição revista e atualizada de “O que é aborto”, de Danda Prado, obra didática que aborda desde definições de aborto até um panorama histórico deste fenômeno.

No ano seguinte, coletânea de textos semelhante à de 2006 organizada pelo CDD, com aporte multidisciplinar, é lançado “Direito de decidir: múltiplos olhares sobre o aborto”. Na apresentação do livro, a então Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres afirma:

Na sociedade brasileira, apesar da legislação restritiva e criminalizante, a prática clandestina do aborto ocorre em escala que coloca em risco a vida de milhares de mulheres, sobretudo, nos estratos de renda mais baixos da população, configurando-se, dessa maneira, como a quarta causa de mortalidade materna no Brasil. (MAIA, 2008, p. 7)

No mesmo ano, em 2008, vem à público o livro “Aborto e (Des)criminalização, Direitos Humanos, Democracia” de Rulian Emmerick. Apesar da abordagem jurídica, apresenta preocupação com aspectos históricos e uma perspectiva voltada para os direitos humanos.

Por trás do falso objetivo explícito do Direito Penal em tutelar e proteger a vida do feto desde o momento da concepção, jaz um objetivo “oculto” que não tem necessária implicação com os

direitos do feto, mas sim com relação ao controle social formal da sexualidade e da reprodução da mulher, a fim de perpetuá-la em seu histórico papel social em uma sociedade histórica e socialmente autoritária, machista e patriarcal como a brasileira. (EMMERICK, 2008, p. 2)

Em 2010, a criminalização do aborto é realçada com a publicação de “A criminalização do aborto em questão”, de Maurílio Castro de Matos. O autor, assistente social, aborda a questão em duas partes: “A questão do aborto no Brasil” e “O caso de Portugal”. Faz um contraponto entre as duas realidades, reforçando aspectos históricos e atuais sobre o tema, incluindo uma cronologia do debate, detalhada especialmente a partir do ano 2000.

No ano seguinte, questões relativas à saúde são abordadas no livro “Aborto, saúde e cidadania” que, apesar de aparentemente “pequeno” é uma obra digna de nota ao tratar de aspectos éticos e morais, além de elementos como definições de aborto, dados estatísticos, questões de gênero, geração, classe social e etnia.

Ao mesmo tempo, a ilegalidade do aborto é mais frequente em países em desenvolvimento e, nestes, as mulheres mais afetadas pela clandestinidade são as mais jovens, pobres e negras. Assim, os ativistas que atuam em prol da garantia dos Direitos Humanos, ou inseridos em outros movimentos sociais, também identificam na ilegalidade do aborto o reflexo das desigualdades sociais, econômicas e raciais, denunciando a ilegalidade do aborto como uma das graves violações de direitos humanos das mulheres. (VILELA & BARBOSA, 2011, p. 9)

O trabalho organizado por Silvia Maria Fávero Arend, Gláucia de Oliveira Assis e Flávia de Mattos com o título “Aborto e contracepção. Histórias que ninguém conta” é publicado em 2012 e os resultados apresentados partem de um contexto específico: dois bairros populares de Florianópolis, tendo como foco o grupo formado exclusivamente pelas classes populares. Apesar disso, apresenta semelhanças metodológicas com nossa pesquisa, tais como a realização de entrevistas, a abordagem de gênero e a valorização de aspectos subjetivos e culturais acerca da experiência do aborto.

No contexto cultural desta pesquisa, como é comum entre grupos populares urbanos no Brasil, os sujeitos fazem uma espécie de colagem, bricolam, recortam e remontam saberes e práticas. Escolhem ou se sensibilizam com certas informações e ignoram outras, que não parecem fazer sentido ou não parecem suficientemente convincentes ou vantajosas para mudarem opiniões ou alterarem hábitos culturalmente instituídos. (MATTOS, 2012, p. 100)

Em 2014, o livro “Feminismo e Política” de Luís Felipe Miguel e Flávia Biroli traz diversos elementos pertinentes ao debate sobre gênero. O capítulo “O debate sobre o aborto” nos é caro por apresentar uma reflexão que relaciona aborto, feminismo e política.

O tema é acionado em sua complexidade por Flávia de Mattos Motta que publica em 2015 “Sonoro silêncio: história e etnografia do aborto”, onde buscou visibilizar resultados de pesquisas não publicadas, além de ressaltar estudos realizados mais recentemente. Mantém o recorte regional da pesquisa da qual fez parte como organizadora em 2012, iluminando contextos pouco conhecidos da realidade brasileira, além de ressaltar suas especificidades e o que guardam de coletivo. Chama atenção o aporte interdisciplinar de que lança mão, unindo Antropologia e História e temas tangenciais como a religiosidade. Neste sentido, apresenta diversos pontos de contato com nosso estudo, especialmente na exposição dos diários de campo/etnografia, assim como o vasto diálogo com estudos alinhados tanto com a produção histórica quanto etnográfica. Além disso, evoca a preocupação com a devolução dos resultados das pesquisas para a comunidade que serviu de ponto de partida para o estudo.

Finalmente, em 2016, novamente Luís Felipe Miguel e Flávia Biroli tornam pública a coletânea “Aborto e democracia”. Estruturado em nove capítulos, introduzidos pelas/os organizadoras/es, desde as primeiras páginas tem a preocupação em atentar para a diversidade das abordagens que costuram a questão do aborto como ponto de partida, sempre tendo como pano de fundo o contexto democrático e as contradições que apresenta na conjuntura brasileira e latino-americana.

Ainda que a conquista de direitos a este respeito seja comemorada em outros países, como é o caso do Uruguai, importa relativizar o alcance das modificações legais.

Exemplos disso são casos de médicos que alegam objeção de consciência e impedem o acesso aos direitos observados pela nova legislação. O que impera, nestas situações, são menos elementos legais do que posicionamentos moralistas e preconceituosos que, de toda forma, inviabilizam os avanços pretendidos.

No Brasil, em período mais recente, chama atenção a repercussão que o tema do aborto obteve no ambiente das disputas políticas, especificamente no pleito eleitoral pela presidência da República em 2014. A campanha pela reeleição de Dilma Rousseff, para além de aspectos de ordem diversa, foi analisada por Denise Mantovani (2016) como tendo sido indiscutivelmente cadenciada pela temática do aborto. Em que pese a presença inédita de três candidatas mulheres ao cargo, ser contra ou a favor da descriminalização do aborto configurou estratégia política cujos efeitos foram sentidos no andamento da campanha e, finalmente, no resultado do pleito.

O objetivo desta seção tem em vista estabelecer uma linha condutora que facilite a observação acerca do aborto, indicando as particularidades da História brasileira. Não é nosso foco, contudo, estabelecer uma nova história do aborto ou operar sobre períodos longínquos e séries documentais construídas em momentos pretéritos. Partiremos de documentação elaborada no tempo presente e que aciona experiências vivenciadas no período que abrange a segunda metade do século XX até os dias atuais. Desta forma, enfatizamos elementos conjecturais deste espaço de tempo, uma vez que tais deliberações e situações podem de alguma forma influenciar nas narrativas coletadas ou na memória coletiva que conformam.

A PESQUISA

A pesquisa “Dilemas da (sobre)vida: o aborto em questão” é um estudo baseado nos pressupostos teóricos e metodológicos da história oral e tem como ponto de partida a constatação de que o aborto no Brasil, a despeito de ser configurado como crime pelo Código Penal, é uma prática amplamente utilizada por mulheres das mais diferentes idades, classes sociais, raças, religiosidades e orientações políticas e ideológicas.

Neste sentido, é assunto abordado especialmente com ênfase nos aspectos da saúde pública e das desigualdades sociais, elementos que implicam em graves riscos às mulheres. Para além disso, no entanto, o aborto é tratado como um tabu social, uma vez que sua prática é envolvida pelo segredo e pelo estigma, o que dificulta tanto o acesso a informações sobre o fenômeno quanto a identificação das demandas que afligem as pessoas que a ele recorrem, as quais ultrapassam aspectos objetivos e atravessam sentimentos e ressentimentos.

Partindo deste contexto e das possibilidades emanadas dos estudos de história oral de vida, delineamos uma proposta que busca a aproximação das subjetividades, ou seja, da compreensão da experiência do aborto menos por meio de dados e estatísticas do que da subjetividade que marca tal acontecimento nas vidas dos sujeitos envolvidos.

Para tanto projetamos a realização de entrevistas com mulheres e homens que tivessem vivenciado a situação de aborto induzido em suas trajetórias ou que, em função de suas atividades profissionais e militantes se manifestassem a respeito do assunto publicamente, contemplando opiniões favoráveis e contrárias à descriminalização e legalização do aborto.

Acreditamos que o trato com a subjetividade permite acionar elementos que aprofundam o tema e, sem minimizar a importância dos dados e estatísticas, revelam motivações e interpretações, assim como consequências que afetam diretamente as vidas dos envolvidos.

Além disso, pretendemos trabalhar no sentido de produzir documentos que podem colaborar com pesquisas futuras, fontes que favorecem a elucidação de aspectos não abordados geralmente em pesquisas quantitativas.

O material final elaborado para a análise possui 16 entrevistas. Abaixo apresentamos um quadro que busca sintetizar algumas informações acerca dos colaboradores da pesquisa, bem como os critérios de organização das redes.

Data	Nome¹	Idade (aprox)	Escolaridade	Gênero	Aborto(?)
06/06/2012	Yuri	55	Superior	F	Não
04/01/2013	<i>Daniela</i>	38	Superior	F	Sim
20/01/2014	Bruno	30	Superior	M	Sim
16/03/2014	<i>Fernando</i>	39	Ensino Médio	M	
05/04/2014	<i>Luara</i>	35	Superior	F	Não
14/05/2014	Fábia	42	Superior	F	Sim
21/05/2014	<i>Giana</i>	63	Ensino Fundamental	F	Sim
17/09/2014	Amelinha	72	Superior	F	Sim
25/09/2014	<i>Valéria</i>	35	Superior	F	Sim
26/09/2014	<i>Paloma</i>	35	Superior	F	Sim
02/10/2014	<i>Laila</i>	35	Superior	F	Sim
22/05/2015	<i>Janaína</i>	38	Superior	F	Sim
01/10/2015	<i>Samantha</i>	40	Superior	F	Não
04/11/2015	<i>Diego</i>	35	Superior	M	Sim
22/01/2016	<i>Alícia</i>	36	Superior	F	Sim
21/07/2016	<i>Glória</i>	35	Superior	F	Não

¹ Os nomes representados em itálico são fictícios e pretendem manter o anonimato dos colaboradores. Aqueles que não estão assim expostos se referem aos entrevistados que optaram por manter sua identidade.

Crítérios de organização das redes

Rede 1: Bruno, Luara e Fábria

A primeira rede teve como ponto zero uma amiga que, embora não tenha vivenciado a experiência de um aborto induzido, sabendo do andamento da pesquisa e as dificuldades em encontrar pessoas dispostas a falar sobre o assunto, mediu o contato com Bruno. Foi ele quem encadeou a rede, indicando Luara que, por sua vez, fez a ponte com Fábria.

Rede 2: Paloma, Laila, Janaína e Alícia

Assim como a Rede 1, esta partiu de uma amiga também sem a vivência do aborto. Seus contatos desencadearam outros e permitiram a organização de conjunto de entrevistadas que, apesar de laços comuns, apresentam experiências muito diferentes.

Rede 3: Yuri e Amelinha

Esta foi uma rede formada através de contatos estabelecidos pelas redes sociais por se tratarem de pessoas envolvidas com movimentos sociais, cujas informações estão disponíveis on line. O posicionamento militante é a marca de suas narrativas.

Rede 4: Daniela, Fernando, Giana, Valéria, Samantha e Glória

Rede multifacetada formada através de contatos pessoais e que demonstrou o apoio incontestável de amigos e amigas diante da pesquisa.

Rede 5: Diego

Contato inusitado que rendeu uma entrevista muito inspiradora para refletir sobre a experiência masculina do aborto.

Hipótese de trabalho

Sabemos que toda pesquisa parte de uma hipótese central, a qual deve delinear e direcionar as perguntas feitas às fontes. Vale lembrar que, em qualquer estudo, existe a possibilidade das hipóteses iniciais caírem por terra na medida em que as fontes são interpeladas. No caso de trabalhos de história oral esta situação é ainda mais evidente,

uma vez que as fontes, por vivas que são, estão submetidas a transformações conjunturais e mesmo pessoais.

O fato de se tratar de “documentação viva” é um alerta preparatório para a falibilidade das problemáticas ou hipóteses. Paradoxalmente, ao mesmo tempo aí reside a fertilidade dos projetos em história oral. (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 49)

Partimos da seguinte hipótese: Como explicar que, apesar de tantos obstáculos, o aborto continua sendo uma prática adotada por mulheres das mais diferentes classes sociais, etnias, geração, religião, escolaridade, orientação política?

Assumimos que o aborto é um fenômeno com raízes históricas, cuja existência e manutenção chamam atenção para o que dele se fala e se sabe no presente. Partimos do momento atual em que se registram números alarmantes de procedimentos de interrupção voluntária da gravidez, a despeito de ser considerado crime. Embasamo-nos, ainda, em constatações que denotam a grande influência de concepções religiosas e morais que, geralmente, consideram o aborto um pecado ou um atentado contra a natureza e a vida.

Desta forma, interessa adentrar o universo discursivo que envolve o tema, que se desmembra em tópicos que denotam o alcance social da questão. Dividimos os discursos sobre o aborto em dois eixos: o primeiro polariza os argumentos para a condenação moral e ética da prática, abordando as ideias de crime, pecado e desnaturalização; o segundo apresenta justificativas que convergem para a ideia de descriminalização e contempla questões como problemas de saúde pública, classe social e direito a ser conquistado.

Mas de onde vêm estes discursos? Em que se amparam?

A ideia de crime tem bases na elaboração de leis e, desta maneira, do entendimento do que seja considerado criminoso. Os códigos penais e sua flutuante observação sobre o aborto apontam para a historicidade da questão.

A ideia de que o aborto é um pecado apresenta controvérsias e variantes de acordo com as diferentes matrizes religiosas. Neste caso, as particularidades históricas do Brasil no aspecto religioso merecem atenção. Ainda assim, é comum que o discurso majoritário, baseado em concepções do Cristianismo, gire em torno da ideia de pecado, algo contrário aos desígnios divinos e naturais.

A percepção da “mãe desnaturada”, por sua vez, remete imediatamente ao senso comum que “essencializa” a maternidade enquanto experiência feminina, não admitindo atitudes que contrariem tal “natureza”. Daí a aderência do termo “desnaturada” para a mulher que recusa a maternidade.

No segundo grupo de argumentos, é comum observarmos a apresentação de informações e dados provenientes de estudos qualitativos e quantitativos que reforçam a necessidade de discussões públicas sobre a descriminalização do aborto. A estimativa da ocorrência de cerca de um milhão de abortos anuais, o elevado número de mortes maternas e a vulnerabilidade de mulheres pobres, negras e jovens constituem os elementos que conferem ao aborto sua relevância no âmbito da saúde e das clivagens de classe social, etnia e geração. Além disso, configuram motivação particularmente importante para a agenda de movimentos sociais, especialmente os feministas, que relacionam o fenômeno às discussões sobre o planejamento familiar e os direitos reprodutivos.

O que acontece no momento atual é, portanto, uma mistura de discursos e saberes relacionados ao tema que são apropriados de maneira plural, com escolhas e sobreposições de argumentos que acabam por insuflar sua presença sem esclarecê-la. Uma espécie de nuvem polifônica dispara grande número de informações, conceitos, demandas e sanções que constituem ambiente para a edificação de um tema tabu, aquele que todos sabem, mas ninguém tem coragem de falar a respeito.

Partindo do princípio de que as convicções humanas se constroem com embasamento no contexto vivido e nos postulados compartilhados socialmente, todas as formulações sobre o aborto são influenciadas por este caldo ideológico que penetra as relações sociais coletivas e íntimas. Temos, ainda, as disputas políticas e a atuação dos movimentos sociais que acabam por cadenciar opiniões e atitudes diante do aborto.

A grande diversidade de pressupostos sobre o assunto nos auxilia no entendimento deste como fenômeno socialmente relevante. Seu estudo poderia se amparar em diferentes fontes documentais, como registros médicos, policiais e judiciais, material de imprensa, conteúdos compartilhados em redes sociais, produção cinematográfica, iconografia, entre outras. Dificilmente nos permitiriam entrever, contudo, o que pensam, sentem e como o interpretam as pessoas que vivenciaram situações de aborto. Da mesma forma, apesar da oficialidade dos discursos de quem se manifesta publicamente, estes nem

sempre se aproximam do que pensam e sentem as pessoas que dedicam suas vidas pela causa, seja de forma favorável ou contrária a sua descriminalização.

Os discursos apontados constituem em diferentes níveis visões “oficiais” sobre o aborto, sejam aqueles que partem de instituições estabelecidas ou os que se enraizaram perante o imaginário social ou à memória coletiva. Esta condição perpetra enquadramentos que são usados para fomentar ações em âmbito coletivo que interferem diretamente nas vidas das pessoas, especialmente as que vivenciaram abortos induzidos.

Acreditamos no potencial da história oral para nos aproximarmos dos aspectos subjetivos que envolvem a experiência do aborto e, neste sentido, buscamos a aproximação de seus protagonistas para atender à nossa primeira hipótese de pesquisa.

A constatação inicial de que, apesar de tantos impedimentos, as mulheres seguem realizando abortos provocados ou induzidos denota a ineficiência da lei, de sua aplicação e, ainda, o alcance questionável das políticas públicas oferecidas que parecem não somente não contemplar a demanda como fazê-lo de maneira inadequada e incompleta. Pensamos que ao conhecer as reais demandas, tais ações possam ser mais eficientes e efetivas.

Nossa segunda hipótese integra ao cenário o universo masculino relacionado ao aborto. É comum pensar que os homens não têm importância diante deste assunto. Esta visão recai em diferentes problemas:

- Os homens são geralmente vistos como algozes, seja porque há a ideia de que não atendem devidamente às funções de paternidade - e, com isso, a responsabilidade acerca dos filhos se restringiria à mulher -, seja porque ou supostamente forçam a mulher a abortar ou a proíbem, manifestando a ideia de dominação masculina e de sociedade patriarcal.
- Há a ênfase a estigmas ligados à experiência masculina, simplificando os papéis sociais impostos aos homens e limitando a visão sobre sua complexidade.

Desta maneira, buscamos ampliar a questão do aborto a partir da perspectiva de gênero. Nossa pergunta é: diante de uma visão do senso comum que distancia os homens da experiência do aborto, o que estes têm a dizer sobre a questão? O que sentem e pensam homens que vivenciaram esta experiência ou se manifestam publicamente sobre o assunto?

Atentar para esta perspectiva pode contribuir para as discussões propostas pelos estudos sobre as masculinidades e incrementar o reconhecimento de demandas que atentam para

o esclarecimento e aprofundamento da questão do aborto que, inevitavelmente, envolve mulheres e homens.

ESCOLHAS OPERACIONAIS: HISTÓRIA ORAL, ÉTICA E ESTÉTICA DA PESQUISA.

A base procedimental a partir da qual edifiquei a pesquisa está diretamente entrelaçada à história oral. Parte indispensável de minha formação intelectual, foi a opção que demonstrou as condições ideais para abordar tema contundente como o aborto. Mais que isso, atinente à proposta de me aproximar de tal experiência em sua multiplicidade, assumindo o trato com a subjetividade.

Antes mesmo de ser este um projeto de pesquisa histórica, foi elaborado como um projeto de história oral, cuja definição esclarece as particularidades da composição do *corpus* documental e da condução da parte prática do estudo, atrelada à realização de entrevistas.

No que diz respeito à escolha pela história oral, vale ressaltar a experiência que ganhei ao ingressar como pesquisadora no Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP) em 2006. No decorrer dos anos, a participação em atividades de formação oferecidas pelo grupo foi fundamental para conferir embasamento teórico que amparou este e outros estudos. A produção de MEIHY (2005, 2010, 2011) foi e continua sendo o eixo teórico para o desenvolvimento de minhas pesquisas.

Dentre as definições possíveis de história oral, a que mais se adequou até o momento foi:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 15)

Outras despertam meu interesse por enfatizarem aspectos que acredito atenderem aos pressupostos centrais das pesquisas, tais como as de Ataíde (2006), Plat (1988), e Thompson (1992).

No momento atual, contudo, me disponho a certo atrevimento frente ao que entendo ser o amadurecimento de reflexões sobre o fazer e pensar a história oral. Deste modo, proponho a seguinte definição:

*História oral é uma **forma de saber** que se estrutura em procedimentos específicos na condução de entrevistas e o posterior estabelecimento de documentos escritos. Os resultados devem, sempre que possível, ser submetidos à **análise**, tendo em vista a produção de conhecimentos temáticos e teóricos na contemporaneidade. A devolução pública e os cuidados éticos e com a preservação do material devem, por sua vez, constituir preocupação e compromisso permanente do pesquisador.*

Evidentemente inspirada na proposição de Meihy & Holanda (2010), a definição em questão busca salientar elementos que considero centrais para o estudo em questão. Inicialmente, considerar a história oral como “forma de saber” intenta ressaltar a percepção de ser esta mais que uma ferramenta, técnica ou metodologia. Embora ainda não configure disciplina independente, a ideia de uma forma de saber remete à valorização da experiência como destaque incontestável. Além disso, admite a preocupação com cuidados estéticos que a aproximam dos trabalhos literários. “Fala-se de aproximação e não de fusão, pois o referente em história oral não se confunde com a invenção livre.” (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 73)

O argumento que motiva a captação de narrativas é, certamente, o rigor da pesquisa, mas vai além.

Pensando que saber é um ato racional, premeditado, e que também demanda procedimentos explícitos, ele pode ser definido como forma de expressão em que se fundem o desejo de registrar e a dimensão pública de histórias que merecem divulgação. Juntos, esses aspectos dimensionam uma experiência transmitida como objetivo final. “Sabedoria” como forma de conhecimento diz respeito à valorização da experiência

humana, de maneira a elevar o sentido moral da vivência individual e coletiva. (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 74)

Temos, assim, um estudo em que a experiência é central. O interesse em ouvir as histórias se costura ao entendimento de que estas, mais do que merecerem, necessitam ser conhecidas, uma vez que podem favorecer debates públicos sobre temática de relevo social. Em se tratando de assunto polêmico e contundente, tal abordagem aciona o sentido de humanização destas experiências em meio a contexto adverso e que estigmatiza quantos por elas passaram.

Outro ponto de destaque nesta definição diz respeito à valorização da análise enquanto etapa importante no processo de pesquisa. Ainda que este seja elemento indicado pelos autores que nos servem de modelo, normalmente surge como uma possibilidade que pode ou não ser atendida. Penso, especialmente baseada por esta experiência de pesquisa, ser a análise dos documentos produzidos essencial para que as etapas anteriores e posteriores ganhem cores mais vivas. Isto, pois, quando um projeto é delineado e tem em vista a reflexão sobre seus produtos, fica mais claro como proceder inclusive durante a condução das entrevistas. Além disso, o desafio de organizar o material confeccionado e dele desentranhar temas que podem ser aprofundados é estímulo para o pesquisador que, acredito, pode com isso refletir ainda mais proficuamente sobre as possibilidades de devolução pública e outros encaminhamentos. A flexibilidade de aplicação dos procedimentos da história oral ultrapassa os mecanismos e exigências da pesquisa acadêmica. Neste momento, entretanto, é deste lugar que falamos e de onde acreditamos ser possível, através da história oral como forma de saber aliada à análise, atingir tanto as solicitações e regras institucionais quanto “pular o muro” da Academia e penetrar espaços distintos no arlequinal contexto social em que vivemos.

Depois do primeiro passo - a escolha pela definição que nos alicerça - conceitos pertinentes aos procedimentos adotados se mostram indispensáveis para os caminhos éticos e estéticos que pretendemos. Estes, por sua vez, buscam atender às particularidades do tema de estudo. No caso do aborto, emergiram questões fundamentais de ordem ética. Como entrevistar pessoas sobre um tema que pode remeter a sentimentos e lembranças conflituosas e embaraçosas? O cuidado com a narrativa exposta é amparado especialmente pelo conceito de colaboração.

A colaboração é sempre uma situação acordada, premeditada, discutida, jamais imposta ou improvisada e, neste sentido, a repartição dos poderes durante a fase de elaboração das entrevistas se dá no entendimento entre as partes, indo de um para outro em movimentos pendulares bem definidos: quem fala, diz o que quer; quem trabalha com a transposição do texto oral para o escrito atua de maneira a deliberar as melhores soluções; a autorização é dada em cima do que o entrevistado optar e, finalmente, o produto é integrado ao projeto segundo as propostas do diretor, mantidos os compromissos de uso moral da colaboração (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 119)

Neste sentido, após a finalização da gravação, cada colaborador foi acionado para conferir o texto a ser analisado. A possibilidade de revisão atribui ao procedimento colaborativo a oportunidade do narrador de confirmar se o que foi dito num primeiro momento é o que este deseja que seja “publicizado”. Daí o cuidado necessário em trabalhos que lidam com a memória. É possível que o intervalo entre o momento da entrevista e da conferência aponte a necessidade de reparos e mesmo de novas lembranças, sempre atentas às condições subjetivas da trajetória de cada colaborador. Expor tal condição aos entrevistados garante, por sua vez, sua participação no processo de elaboração documental e de construção da pesquisa, transformando-os em colaboradores e não meros informantes. Afinal, “deve-se ter em mente que a capacidade de narrar está na anuência, no estado psicológico e físico do entrevistado, que pode, sim, decidir sobre os rumos finais da entrevista”. (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 60)

Há críticas que sugerem que a adoção do conceito de colaboração inverte os papéis entre pesquisador e colaborador, ao conferir supostos “poderes” aos segundos. Neste sentido, é importante ressaltar que:

Apesar de o tratamento dado ao entrevistado ser o de colaborador, mediante as responsabilidades do escrito, o autor deve ser sempre quem colheu a entrevista, dirigiu o projeto e assumiu publicamente a responsabilidade sobre o que está dito, gravado e usado. (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 61)

A ideia de colaboração está, sobretudo, relacionada a elementos de ordem ética que acreditamos serem fundantes para pesquisas que lidam com “documentos vivos”.

Busca-se o respeito à experiência narrada na mesma medida em que se assume a autoria dos resultados analíticos tornados públicos.

No que tange ao tema do aborto, há detalhes específicos ligados à condição desta prática em nossa sociedade. Sendo considerado crime, pecado e tabu social, a necessidade de preservar a identidade de quem se dispõe a colaborar com a pesquisa é algo decisivo. Há estudos que o fazem a partir da omissão dos nomes dos entrevistados. Em nosso caso, o trabalho tem como suporte a denominada “história oral de pessoas anônimas”.

Isso ocorre quando, para evitar a identificação pública de entrevistados célebres ou para se evitar constrangimentos envolvendo terceiros, muda-se o nome da pessoa e alteram-se as situações da história ou da versão de algum fato capaz de possibilitar a precisão dos casos. O mesmo acontece em relação à proteção de indivíduos que precisam do anonimato para não expor a si ou a família. (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 62)

Para executar este processo textual, já que partimos da entrevista gravada em áudio, nos baseamos na transcrição. Mais que uma transcrição literal – a qual caracteriza a primeira etapa da transposição do código oral para o escrito – a transcrição agrega os pressupostos sugeridos pela necessidade do anonimato. Mas, vai além... Assume a preocupação também com a estética do texto final produzido em colaboração.

Inspirado em trabalhos de tradução literária (CAMPOS, 2015), admite que o trabalho de transposição do conteúdo oral registrado para o texto escrito requer cuidados específicos que atentem para a performance narrativa.

A performance, ou seja, o desempenho é essencial para se entender o sentido do encontro gravado. Olhar nos olhos, perceber as vacilações ou o teor emotivo das palavras, notar o conjunto de fatores reunidos na situação da entrevista é algo mais do que a capacidade de registro pelas máquinas, que se limitam a guardar vozes, sons gerais e imagens. (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 22)

Há quem censure este procedimento por indicar supostamente a ausência de fidedignidade da fonte, uma vez que assume a mudança do que fora literalmente verbalizado. Embora seja algo superado a ideia de que qualquer documento seja

compatível com a realidade estrita, aceitamos a crítica e respondemos a ela com outro conceito: o de validação.

É relevante lembrar que estabelecido o texto de cada entrevista, depois de exaustivamente trabalhado em todas as suas etapas até chegar à transcrição, a entrevista, deve voltar ao narrador/entrevistado para que ele se reconheça nela, faça durante o ato de conferência a validação que lhe garanta reconhecimento de si mesmo. (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 137)

Além da autorização formal, caracterizada pela assinatura de termos de cessão, a validação remete à identificação do colaborador com o texto final a ser utilizado para a análise. Somente após a verificação do material transcrito é que este se tornará público. Desta forma, ao validar o documento, aciona-se o potencial da colaboratividade e do trabalho de transcrição para a composição do *corpus* documental que dá suporte à análise.

A VIDA EM PALAVRAS

Neste momento, nos preocupamos em delinear o processo de transformação do conteúdo registrado em áudio para o formato escrito, sendo este último nosso composto documental. A primeira etapa do trabalho, adotada por muitos pesquisadores que lidam com entrevistas, é a transcrição.

Comumente, transcrição é o nome dado ao ato de converter o conteúdo gravado na fita em um texto escrito. Nisso está contida a ideia de estabelecer uma cópia escrita perfeita e fiel da gravação – *ipsis literis*. Uma passagem completa dos diálogos e sons como eles foram captados, incluindo referências aos ruídos ou barulhos independentes da entrevista (campainhas, telefones, risos, latidos de cachorros) e mantendo os erros de linguagem. De regra, pessoas que criticam a consideração do texto convencional escrito, dos documentos grafados, acabam por exigir uma transcrição absoluta como se fosse possível registrar os acontecimentos como eles realmente ocorreram. A mesma

posição positivista frente aos documentos convencionais, muitas vezes, é cobrada quando se trata de documentos feitos pelos oralistas, que, segundo uma visão conservadora e retrógrada, deve ser passada “palavra por palavra”. (MEIHY & RIBEIRO, 2011, p. 107)

Nosso objetivo, contudo, não se restringe à reprodução linear do dito, pronunciado verbalmente, embora consideremos esta etapa fundamental para os procedimentos seguintes. Neste sentido, o trabalho somente começa com a transcrição e o que vem em seguida incorpora elementos textuais, éticos, estéticos e processuais que merecem o devido destaque.

Após a transcrição literal de cada uma das entrevistas gravadas em áudio, o passo seguinte foi ouvir novamente o material, tendo como suporte o texto transcrito. Ao ouvir o registro acompanhando o texto transcrito, relembramos elementos que, acoplados ao caderno de campo e a nossa memória do vivido, concorrem para novo momento, a textualização, quando é possível suprimir o que sobra, como o formato pergunta-resposta, já que nossa finalidade é uma narrativa em primeira pessoa.

É impressionante o quanto este passo do processo é significativo ao comparar os dois produtos: o primeiro transcrito e o segundo textualizado. A leitura não apenas é mais fluida, mas se faz de melhor entendimento do narrado. Ainda assim, guarda limites como passagens da história que se repetem e não são significativas na conclusão, afinal não podemos esquecer que o momento de entrevista envolve a oralidade e seus pressupostos e performances.

Por sinal, a performance narrativa é elemento que pretendemos levar à incorporação textual, acionando registros do caderno de campo e dos sentidos compartilhados durante a entrevista. Mas como fazê-lo?

A resposta nos é dada a partir da transcrição, suporte que emerge da tradução literária e que foi transcrito por José Carlos Sebe Bom Meihy, atento à prática textual da história oral e que com sensibilidade que lhe é própria, ressignificou o conceito a partir da práxis.

A gênese do conceito tem como terreno o trabalho minucioso de Haroldo de Campos, poeta concretista e teórico da tradução. Este, por sua vez, bebeu em proposições que complexificaram a tradução. Ao lidar com diferentes línguas, estava posta a necessidade de traduzir, o que está tão distante da literalidade quanto a prática de seu sentido implícito.

Assim, é providencial a proposta de tradução como crítica, uma vez que antes mesmo de operar a transposição linguística, é necessário conhecer o texto a ser traduzido e reconhecer o contexto ao qual a tradução irá se operar. No caso da tradução, conhecer o autor e sua realidade sócio-histórica facilita o processo, assim como reconhecer o mesmo no que diz respeito à língua traduzida. Somente assim, o sentido expresso no dito será incorporado e significado a contento.

Ao propor a crítica no processo tradutório, Haroldo de Campos imprime responsabilidade ao tradutor, que se transforma em autor também.

A tradução da poesia (ou prosa que a ela equivalha em problematicidade) é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido. Como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílisma beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela suscetível de uma vivisseccção implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso. Por isso mesmo a tradução é crítica. (CAMPOS, 2015, p, 14)

Ou seja, não se trata apenas de fazer um trabalho mecânico, mas um procedimento pautado em minúcias e tratamentos procedimentais e teóricos que permitem a aproximação do resultado esperado, qual seja, de sua recepção pelo público não necessariamente afeito aos procedimentos da pesquisa.

A poesia era o desafio maior e a plasticidade do traduzir implicava o entendimento e, mais que isso a possibilidade de transformá-lo em compreensível pelos receptores. Estava claro que a tradução palavra por palavra não dava conta da empreitada. Basta que tentemos fazer o mesmo com qualquer música em outra língua para notarmos o quanto estamos distantes do sentido do que foi dito.

Ao conceber a palavra falada e a escrita como línguas distintas, Meihy partiu para a transcrição em história oral, buscando avançar no sentido do dito para além do registrado literalmente.

Consagrando o princípio elementar de que existem diferenças entre uma situação (língua falada) e outra (língua escrita), nota-se que o mais importante na transposição de um discurso para o outro é o sentido que, por sua vez, implica intervenção e desvios capazes de sustentar os critérios decisivos. Por outro ângulo, a incorporação do indizível, do gestual, das emoções e do silêncio, convida à interferência que tenha como reconhecimento do texto procedido pela conferência e pela autorização determina se o colaborador se identificou ou não com o resultado. É essa a grande prova da qualidade do texto final. (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 139)

A ideia é traduzir o sentido do dito e, assim, nos vemos diante de uma situação que evoca a colaboração, ou seja, a ideia de trabalhar conjuntamente. Isto se opera vivamente, na medida em que a cada história ouvida e registrada é retornada ao entrevistado para que este possa intervir. O processo é longo e exige mediação, mas o resultado atinge o que intentamos desde o início: a identificação.

Em nossa experiência, os resultados foram múltiplos. Houve casos de identificação imediata e outros que demandaram cuidados e reparos, o que demonstra justamente a importância deste processo colaborativo.

Quando um colaborador sugere mudanças é onde percebemos não o erro, mas onde nossa tradução não correspondeu ao sentido impresso na fala. A possibilidade de dialogar e colaborar nos investe das roupagens do tradutor.

No processo dialógico, chegamos ao documento final, afinado com os sentidos outros e, portanto, atinentes ao que buscamos, uma narrativa em primeira pessoa. A certeza de que falamos através do outro é pautada pela validação, já que cada história que nos serve de mote é autorizada por seu protagonista.

PARTE II

INTERSUBJETIVIDADE

Uma das características dos trabalhos de história oral é a intersubjetividade. Uma vez que o eixo procedimental é a realização de entrevistas, está posto desde o início o contato com o outro. Um outro que se dispõe a nos contar sua história para que possamos atingir nossos objetivos acadêmicos. Há uma inegável troca de experiências nesse processo que, por mais que se pontue a necessidade de distanciamento do “objeto de pesquisa”, implica no reconhecimento de realidades desconhecidas, muitas vezes íntimas, e remete indiscutivelmente ao trato com a subjetividade.

Por mais que seja comum considerar que a objetividade total é inalcançável e mesmo discussão superada, frequentemente os oralistas são criticados por admitir o quanto este processo implica nos resultados dos documentos produzidos, bem como nas análises realizadas.

Considerando este como fator determinante de nosso estudo, optamos por apresentar nesta seção as narrativas que dão contornos ao trabalho como um todo, envolvendo nosso próprio relato etnográfico, além nas histórias de vida coletadas por meio das entrevistas.

HISTÓRIA DO PROJETO

“Dilemas da (sobre)vida: o aborto”. Este é o título da minha tese de Doutorado. Como cheguei até aqui é o que pretendo apresentar...

Tudo começou ainda durante o Mestrado, realizado entre 2007 e 2011, cuja dissertação é intitulada: “Padecer no paraíso? Experiências de mães de jovens em conflito com a lei”. Ao trabalhar a temática da maternidade e lidar com a experiência adversa de mães de jovens em conflito com a lei, deparei-me com situações e leituras que permanentemente apontavam para a necessidade de questionar o estatuto da maternidade enquanto função inequívoca de todas as mulheres.

Durante a escrita da dissertação procurei esboçar esta preocupação, mas sabia que havia ainda muito a dizer. A maternidade é uma questão que precisa ser apurada com cuidado e atenção, levando em conta as nuances que a permeiam. Sabia, contudo, que naquele

momento sinalizava tal necessidade e de alguma forma a contemplava ao tratar de um tipo específico e não convencional de maternidade.

Percebia, ainda, que não tinha tratado a questão de gênero em sua amplitude, uma vez que a experiência dos pais dos adolescentes não era abordada a não ser de maneira indireta. Esta se mostrou lacuna a ser futuramente problematizada.

Ao fim do Mestrado, me preparei para dar continuidade a estas reflexões e iniciar uma nova pesquisa, que poderia ser melhor desenvolvida no Doutorado. Foi neste momento que o tema do aborto veio à tona. Em diversas ocasiões, havia pensado nesta como questão importante para refletir sobre a maternidade e a experiência das mulheres na contemporaneidade. Em 2011, ainda não tinha claro como levaria esta ideia adiante, mas não demorou para que delineasse um projeto de pesquisa cujo tema central era o aborto.

Fazendo uma retrospectiva, acredito que o interesse pelo tema, para além das reflexões sobre a história das mulheres, as questões de gênero e a maternidade, tenha a ver com o fato de ser mulher, mãe e ter pensado em minha trajetória, em diferentes momentos, sobre a questão do aborto.

Acredito, sinceramente, que toda mulher com vida sexual heterossexual ativa tem entre suas preocupações a gravidez. Esta possibilidade está presente literalmente a cada mês e o simples atraso da menstruação causa verdadeiro pavor o que, mesmo indiretamente, torna o aborto elemento relevante. Não como opção, pois a gravidez não planejada, por frequente que é mesmo entre as mulheres que se “previnem”, depende das situações que estas vivem em relação a sua família, relacionamento afetivo, momento da vida de estudos ou trabalho, sem contar os inúmeros casos em que isto envolve a exigência do cuidado da família pré-existente, bem ou mal estruturada.

Refletir sobre a história das mulheres, portanto, significa pensar na experiência da maternidade e suas consequências para a vida, algo que ficou nítido durante a pesquisa do Mestrado e estimulou a reflexão sobre minha própria vida.

Desde a adolescência tive conhecimento de métodos contraceptivos e em alguns momentos lancei mão de diferentes alternativas. Todas passíveis de erro. Nas vezes em que minha menstruação atrasou, a despeito de minha vontade íntima de ter filhos, pensei no futuro. O que deveria fazer? Talvez o aborto fosse uma opção. E, se fosse o caso, sabia de alguns meios para fazê-lo. Diziam que tomar medicamentos com bebida alcoólica dava certo. Chá de canela também era algo que podia ser utilizado e admito já

ter tomado sem saber se realmente estava grávida. Possivelmente não, uma vez que nada comprova que estes recursos sejam eficazes.

Como mostra o trabalho de Arendt, Assis e Motta (2012), a experiência ou opção pelo aborto é algo subjetivo e que pode ser relativizado em sua intensidade pelas próprias mulheres. Em pesquisa realizada na zona periférica de Florianópolis com mulheres das classes populares, a ideia de aborto se mostrou multifacetada, podendo ser reconhecida como simples atraso das “regras” e admitindo a utilização de métodos caseiros para “fazer descer” a menstruação, ou mesmo sendo interpretada como erro e pecado quando a gravidez se encontra em estado avançado e os artifícios utilizados imprimem maior intervenção no corpo das mulheres.

O que os relatos nos mostram são práticas culturais de redescritção da hegemonia médico religiosa, que insiste em descrever o aborto de uma única maneira. Mas, as mulheres implodem os sentidos do aborto. (Diniz, 2012, p. 13)

Além disso, em minha própria experiência, fui mãe por duas vezes sem o ter planejado. Seguir adiante não foi decisão fácil e nem sem dilemas. Mas posso dizer com convicção que pude decidir o que fazer e, nesta perspectiva, tive o apoio necessário para que as gestações fossem sem maiores turbulências. Ainda assim, são inegáveis as mudanças que uma gravidez provoca no corpo e na vida de uma mulher. Sua rotina, seus planos, seu futuro fica definitivamente comprometido. Certamente, é a mulher quem de fato sabe o que vai acontecer e se pode lidar com tantas mudanças.

Falar da minha própria vida aqui não tem importância a não ser pelo fato de que sou mulher e sei o que é uma gravidez não planejada. Sei também o que é ser mãe. E sei que são muitos os casos e histórias de mulheres que merecem ser observados menos objetivamente, uma vez que esta é uma experiência que envolve inúmeras questões. O tema, no entanto, é tratado geralmente como algo factual e sem a complexidade que merece.

Pensando nisso, meu projeto de pesquisa tinha como foco inicialmente as mulheres que vivenciaram abortos induzidos. Mas o universo do aborto vai muito além das mulheres e requer atenção no que diz respeito à militância - favorável e contrária -, aos mecanismos jurídicos que determinam a legalidade ou criminalização do aborto, aos debates da arena política que movimentam ações práticas e leis, às questões religiosas que permeiam decisões e consequências no âmbito da vida privada, às relações de

gênero que estruturam a vida social dos sujeitos na contemporaneidade e, neste esteio, ao papel dos homens nesta experiência, que resulta sempre de relacionamentos entre mulheres e homens. Por fim, aos significados atribuídos à maternidade e ao aborto enquanto prática que atravessa tempos e espaços.

Tinha em mãos, portanto, uma questão de inegável relevo social e, como historiadora e oralista, fui delineando o projeto de maneira que pudesse dar conta de contemplar esta complexidade. Tracei as linhas condutoras da pesquisa através de redes de entrevistados que permitiriam acessar experiências plurais sobre o aborto induzido. Esta escolha define meu *corpus* documental e o método de elaboração e análise das fontes produzidas. Também dá os contornos éticos e estéticos dos resultados esperados da pesquisa.

Até que a pesquisa se tornasse factível, muita estrada estaria pela frente e os desafios se colocaram desde o início. Mesmo sabendo ser o aborto assunto presente na vida das mulheres, seja por sua possibilidade ou descarte total, a condição de criminalização impunha obstáculos indiscutíveis. Afinal, falar sobre algo que é visto como crime e pecado não é tarefa das mais fáceis. Sem contar a necessidade de proteger àqueles que se disponibilizassem a contar suas experiências e contribuir com a pesquisa.

O primeiro passo foi acionar grupos que se manifestam publicamente sobre o tema. E foi assim que fiz a primeira entrevista com uma das integrantes do grupo *Católicas pelo Direito de Decidir*. Mesmo que a entrevista versasse sobre a história de vida da colaboradora, esta era uma interlocutora que carregava a responsabilidade de difundir um discurso a respeito do assunto. O aceite para a entrevista se deu sem maiores problemas e a sensação de êxito desta primeira investida deu fôlego para continuar.

Os próximos passos não seriam tão simples. Acionaria pessoas de minha própria relação e convívio para a realização de entrevistas e, por mais que isto pareça fácil, foi onde encontrei os maiores dilemas éticos. Como pedir a alguém que me confiou tal experiência que me recontasse a história, desta vez, para um estudo?

Apesar das dificuldades, tentei. E, após alguns esforços, tive o apoio e o entendimento necessários. Fiz entrevistas com pessoas queridas e que compreenderam não apenas minha necessidade enquanto pesquisadora, mas a importância que seus relatos poderiam ter em debates públicos.

Foi também através de amigos que consegui contatos com pessoas que poderiam fazer parte deste processo. Curiosamente, as entrevistas com pessoas para mim desconhecidas tinham fluência mais fácil, de ambas as partes.

Com o andamento da pesquisa, emergiu a importância do papel masculino nas experiências de aborto e, apesar da maior dificuldade em encontrar colaboradores homens, estes foram surgindo de diferentes maneiras, inclusive através de situações inusitadas. Quando percebi, em 2015, tinha realizado mais de dez entrevistas e cada uma trazia inúmeras indagações!

O acompanhamento de disciplinas da pós-graduação também foi fundamental para o aprofundamento de questões, especialmente relacionadas ao debate sobre gênero, às religiosidades, à saúde e, ainda, a elementos teóricos no que tange à elaboração dos documentos provenientes das entrevistas.

Ponto que merece atenção diz respeito a necessidades éticas que envolvem o anonimato de grande parte dos colaboradores. Por este motivo, os detalhes acerca das condições em que se deu cada uma das entrevistas, por tocarem diretamente este aspecto, não serão expostos nesta apresentação. Embora saiba que tais informações têm importância para explicar a trajetória da pesquisa, optei por abordá-las quando da apresentação de cada narrativa, indicando os pontos principais de sua realização e as escolhas visando a garantir a preservação da identidade das pessoas envolvidas. A exceção, ou seja, a identificação dos colaboradores se dará de acordo com sua solicitação ou papel desempenhado no contexto, como é o caso de militantes ou participantes de movimentos sociais ligados ao tema.

Gradativamente, foram ficando mais claras as redes de entrevistados e como estas poderiam se organizar para viabilizar sua análise futura. Dada a especificidade do assunto, a formação das redes se deu de forma diferente do usual e até mesmo inesperada. Sendo assim, temos as que se formaram por indicação, conforme o mais corriqueiro, mas também as que construí a partir do teor das experiências narradas.

Para além da abordagem de gênero, central ao discutir o aborto, temas como a saúde, o direito e a religião merecem atenção específica. Além disso, o estabelecimento do diálogo com a produção acadêmica impele a uma reflexão histórica, bem como uma contextualização que permita identificar de onde falamos e quais elementos remetem à longa duração, já que nos atemos a um fenômeno social que pode ser observado em diferentes contextos.

Desta forma, posso dizer que nos últimos quatro anos adaptei o projeto inicial às transformações suscitadas pelas condições da pesquisa. Impossível passar despercebida por tantas histórias de vida, cada qual com particularidades que influíram tanto em meu modo de pensar o tema como de conduzir as entrevistas e o estudo como um todo.

Um profundo sentimento de respeito – existente desde o princípio – passou a pautar a reflexão de maneira ainda mais enfática. Como em toda pesquisa, que indiscutivelmente não consegue atingir imparcialidade total - como o cientificismo gostaria - está posta minha percepção sobre o tema do aborto e sobre a prática da pesquisa. Evidente que, como parte do trabalho e mesmo da proposta teórica em que me amparo, há o compromisso em observar as diferentes versões, inclusive aquelas com as quais não me identifico imediatamente. É indispensável imprimir nestes casos o mesmo respeito pelas convicções que as norteiam.

Busquei, assim, desde a elaboração do projeto inicial, incluir as perspectivas contrárias à descriminalização do aborto. De certa forma, consegui atingi-la, afinal dentre os colaboradores há narrativas que se posicionam contrariamente a esta prática. Uma das lacunas, entretanto, estava na dificuldade em conseguir entrevistar pessoas que não somente são contrárias ao aborto, mas que se manifestam publicamente desta maneira.

As tentativas nesta direção se deram inicialmente através de contatos via redes sociais. Obtive apenas um retorno positivo que, infelizmente, não se efetivou. Credito esta recusa à publicidade que pode me expor da mesma maneira que nossos entrevistados em potencial. Por ser um veículo de contatos, mas também de expressão de opiniões pessoais, é possível que o contato tenha sido invalidado por me posicionar em postagens públicas como favorável à descriminalização do aborto.

Antes de parecer um problema, a situação exposta demonstra os desafios da pesquisa e a parcialidade embutida nas escolhas procedimentais e posicionamentos políticos. Poucas situações mostraram tão bem como esta a necessidade de flexibilizar projetos de pesquisa, especialmente os de história oral, e a premência de pensar a questão da alteridade.

Embora saiba do grande número de pessoas que não se organiza em grupos, mas são contrárias ao aborto, inclusive do meu convívio, até quase o final da pesquisa não havia me debruçado sobre a possibilidade de entrevistar quem se manifestasse contrariamente ao aborto através das redes sociais independentemente de se associarem a grupos militantes. Duas situações apontaram para novas alternativas.

A primeira se deu durante a participação em um evento, onde durante a discussão que se seguiu à apresentação dos integrantes da mesa, entre os quais eu estava como palestrante - uma colega professora da instituição tomou a palavra para expressar seu posicionamento contrário ao aborto e sua disposição em fazê-lo através de seu ofício como docente. Neste momento, manifestou sua intenção em nos conceder uma entrevista.

A segunda situação ocorreu na última semana do mês de novembro de 2016, quando foi divulgada pela imprensa a decisão do STF a respeito da prisão preventiva de funcionários e médicos de uma clínica clandestina no Rio de Janeiro. Embora a decisão em si tenha sido parcial e em nada definitiva sobre a legislação que rege o aborto, a maneira como a imprensa “publicizou” o caso, especialmente através das manchetes das notícias, sugeriu a existência de uma lei que descriminalizaria o aborto nos três primeiros meses de gestação.

O que se seguiu e que pude acompanhar através das redes sociais foi a *viralização* de *memes* e comentários que discutiam o tema do aborto. De um lado, pessoas e movimentos organizados favoráveis à descriminalização ponderaram sobre a questão e reforçaram seus posicionamentos; de outro lado, pessoas e grupos fizeram o mesmo defendendo ideias que refutam o aborto enquanto um direito.

Neste contexto, me utilizando de página privada do Facebook me expressei, acreditando fazê-lo de forma lúcida e dialoguei com conhecidos que concordavam ou não com as ideias que publiquei. Também me senti confortável em desencadear discussões em *timelines* de conhecidos. Embora sempre haja a possibilidade de debates inflamados, um deles me chamou a atenção pelo teor das postagens que apontaram, inclusive, para questões como o respeito à opinião alheia e aos problemas que podem se colocar quando “levamos para o lado pessoal” tais assuntos.

Alguns pontos merecem especial destaque: percebi o grande número de pessoas de meu convívio que se manifestam através das redes sociais para expor seus sentimentos e opiniões quando o assunto as toca “pessoalmente”. O tom assertivo das manifestações e a disposição em defender pontos de vista sobre o tema do aborto denotam sua relevância social e, sobretudo, a necessidade de um debate esclarecido.

Neste contexto, retomei o projeto inicial e percebi a necessidade ainda mais evidente de registrar este discurso que atinge número expressivo de pessoas. Além disso, cogitei a possibilidade de fazê-lo em tempo hábil para a finalização do trabalho, o que

infelizmente não foi possível em função das agendas dos possíveis colaboradores e a minha, com prazos já exíguos em relação à entrega da tese.

Reflexão que anima a análise da pesquisa diz respeito não apenas à constatação esboçada até aqui, que confirma os termos do projeto inicial. Enfrenta pontos determinantes que podem contribuir para a investigação de modo geral. Na ocasião, não pude acompanhar nenhuma postagem em que mulheres falam sobre experiências pessoais de aborto. A maioria das manifestações favoráveis se pautava em dados e informações de pesquisas que mostram o assunto como uma demanda não atendida devidamente. Frases de efeito foram amplamente compartilhadas sem, contudo, serem acompanhadas do “eu fiz aborto e sei do que estou falando”.

Além disso, é interessante notar outra particularidade: pessoas que sabemos terem vivenciado a experiência do aborto em sua trajetória não costumam se manifestar, seja contra ou a favor. Uma de nossas colaboradoras mencionou seu desconforto diante do que se passa nas redes sociais, afirmando sua decisão em ignorar, ao menos publicamente, a discussão. Podemos inferir que o mesmo possa acontecer com outras mulheres que passaram pela situação.

No que tange ao movimento oposto, o das pessoas que se posicionam contra o aborto, há diversos relatos de mulheres que contam seus dramas pessoais de superação em relação à maternidade não planejada, o que parece encorajar manifestações afloradas contra o aborto.

Complementando o cenário, acompanhei também opiniões de homens, tanto em postagens pessoais quanto em comentários sobre o assunto. Embora minha apreciação não tenha sistematização e tão somente reflita uma observação momentânea é notável entre os homens as mais diversas opiniões, assim como ocorre entre as mulheres. Esta constatação, ainda que simplória, reforça a dedicação em incorporar à pesquisa o olhar masculino.

Por fim, algo que indica uma tendência nos discursos observados está relacionado à repetição de argumentos, tanto de homens quanto de mulheres. O que os diferencia é geralmente seu olhar sobre o tema.

Quando favoráveis à descriminalização do aborto, notamos a reverberação de resultados de pesquisas como estatísticas e falas de especialistas, sem contar frases de efeito que versam sobre a necessidade de discutir o tema, tais como: “É uma questão de saúde

pública”, “Só mulheres pobres morrem, enquanto as ricas abortam em segurança”, “O Estado é laico”, “Meu corpo, minhas regras”...

Quando contrários ao aborto, é comum o compartilhamento de opiniões que são reforçadas por imagens, em geral que retratam fetos utilizados para estudos, nem sempre ou quase nunca resultantes de abortos induzidos, já que este é um acontecimento que raramente chega a público. Tais imagens são acompanhadas de textos de teor que transita por elementos religiosos e éticos e amparam argumentos como: “Esta é uma vida”, “Todos tem direito à vida”, “Quem faz um aborto não respeita a vida”. Em alguns casos, as posições são mais incisivas: “Quem aborta deveria ter sido abortada”, “Isso é coisa de quem não tem responsabilidade”, “Isso é coisa de mulher que faz sexo sem pensar nas consequências”, “Quem aborta não tem instinto materno”.

Posicionamentos mais ponderados surgem em relação ao aborto legal: “Concordo com o aborto em caso de estupro”, “Se o feto não tem vida, tudo bem abortar”.

É importante verificar que nos casos de argumentos contrários, comumente se atesta o “eu acho” ou “concordo”, enquanto nos que defendem o aborto enquanto um direito há tentativas na direção de atestar tal situação com embasamento menos parcial, já que amparados em casos modelares ou dados mais ou menos circunstanciados. Menos que enfatizar o que possivelmente possa atender nossa opinião, tais constatações favorecem a reflexão sobre o tema do aborto.

Ao longo do processo de pesquisa, situações inusitadas se fizeram presentes. A principal delas está ligada à responsabilidade de conduzir um trabalho sobre este assunto. Por duas vezes fui acionada para prestar auxílio a mulheres que se viram diante da necessidade de interromper gestações não planejadas. Foram momentos delicados em que pude perceber o quanto é emergencial a necessidade de se discutir o tema de forma clara publicamente. Não pude ajudar, mas espero que estas mulheres tenham encontrado o apoio necessário. De qualquer modo, fica claro que ao enfrentar o tema, ainda que no universo teórico, assumo um papel que se delineia a cada passo: o de discutir de maneira plural, clara e profunda o tema do aborto.

A trajetória da pesquisa fica, assim, exposta com o intuito de dar cores ao trabalho que, a despeito dos formalismos necessários e fundamentais, envolveram sujeitos e subjetividades. A discussão teórica e metodológica, por seu turno, oferece o revestimento científico indispensável para a análise que pretendo realizar, com o fito de

contribuir, em meio a tantas outras investidas sobre o tema do aborto, atentando para sua subjetividade, historicidade e contemporaneidade.

NARRATIVAS

A seguir serão apresentadas 16 histórias de vida que tiveram como mote comum experiências sobre o aborto. Cada narrativa será antecedida por uma breve contextualização, a qual visa esclarecer aos leitores as principais características dos entrevistados e a situação em que foram registrados os relatos.

Yuri

A primeira entrevista do projeto. E que entrevista! Posso dizer que mais se pareceu uma aula! Aprendi que o feminismo pode ir além de uma luta pelo Estado laico e não precisa ignorar a religiosidade. Mais que isso, conheci de verdade o grupo “Católicas pelo Direito de Decidir”.

Para além do grupo, as pessoas ali estão com suas histórias, sensibilidades e lutas...

Yuri é não apenas uma das coordenadoras, é uma pessoa cuja história nos conta como uma mulher pode e se faz presente na sociedade!

Avant garde!

Posso dizer que estavam certos em ter medo de que mulheres e leigos entrassem e conhecessem, tomassem conhecimento do magistério, das argumentações e soubessem fazer reflexões teológicas. Com certeza sabiam que outros assuntos surgiriam e de maneira totalmente legítima, porque temos a chave para dizer não e porque não, para questionar, porque temos toda uma sustentação, um respaldo de ter estado junto com eles dentro dos estudos teológicos.

Meu nome é Yuri Orozco. Nasci em 2 de janeiro de 1961, em Cartagena, Colômbia. Somos em seis irmãos, quatro homens e duas mulheres, que vivem na Colômbia. Há dois anos faleceram meus pais, os dois praticamente no mesmo dia... Os enterramos juntos na verdade... Estamos experimentando um processo de luto e tristeza muito difícil porque nunca tínhamos vivenciado uma situação como essa, de morte tão próxima! Ficamos sem referencial e está sendo uma experiência muito forte para toda a família... Uma família grande, por sinal... Tenho dez sobrinhos e ainda nove afilhados! Dois afilhados aqui no Brasil: uma menina de 19 anos e um menino de cinco.

Faço parte de uma cultura religiosa onde o trânsito entre as religiões não é muito fluido ou constante. É parecido com a experiência do Caribe, onde também é uma região de negros e negras, além da experiência indígena. Nossa vivência da religião é o que chamamos de “popular”, ou seja, você vai à igreja quando morre alguém, na missa de nono dia – como é na Colômbia - ou em batismos e casamentos, quando se é madrinha. Hoje pode ter mudado algumas coisas por conta do movimento neopentecostal, mas nossa vivência era desse catolicismo popular. Minha mãe, por exemplo, era uma figura semelhante às rezadeiras e benzedadeiras daqui... Ela não usava ervas, essas coisas, mas quando levavam uma criança doente, com febre, ou não se sabia o que tinha, minha mãe rezava... Infelizmente, ela faleceu e não me transmitiu esse saber, que eu tanto queria! Queria saber o que ela rezava porque a gente só via sua boca se mexendo enquanto colocava as mãos na criança... Outra coisa que ela sabia era quando uma pessoa que tinha machucado a mão, o pé, alguma parte do corpo, se estava ou não quebrado. Se estivesse, ela falava para levar ao médico. Caso contrário, ela fazia uma espécie de massagem que ia ajeitando os ossos, enquanto rezava baixinho... Mas quando acontecia com os filhos ela dizia que não rezava porque se tinha acontecido algo era porque estávamos na rua... A gente reclamava porque para os outros ela rezava e para nós não...

Outra coisa que minha mãe fazia era rezar o terço em velórios. Quando morre alguém, é comum procurar uma pessoa que reze o terço e minha mãe era chamada... Mas essa prática tem um monte de orações que às vezes duram nove noites, são praticamente shows em que na última noite se espanta os espíritos... Minha mãe dizia que não gostava disso, mas ia... Tenho vontade de um dia fazer uma pesquisa e saber o que significam todas essas orações! Isso era o que eu conhecia da religiosidade da minha mãe...

Minha mãe era uma pessoa muito inteligente! Mas teve uma frustração muito grande na vida porque queria estudar, fazer Magistério... Ela era uma boa professora e criou muita gente! Minha casa é conhecida até hoje como “Casa do Povo”, de tanta gente que morava lá... Houve uma época que três dos filhos saíram de casa porque não tinha espaço para nós! Tínhamos que morar com amigos... E se falássemos que era injusto porque estávamos estudando e precisávamos de espaço para estudar, ela dizia que não podíamos ser egoístas, tínhamos que ser solidários! Essa era sua consciência!

Eu entrava uma hora da tarde na escola e saía às sete da noite. Chegava em casa com uma fome louca e, de repente, minha mãe falava que tinha chegado tarde e ela tinha dado minha comida... E eu pensando naquela comidinha gostosa que ela fazia! Tinha que me contentar com uma comida rápida, o que era uma tristeza... Essa era a figura de minha mãe... Tudo que acontecia, alguém que se machucava ou precisasse de alguma coisa, procuravam minha mãe. Ela chegou a criar crianças que não eram da família, que por circunstância da vida foram deixadas com ela porque a mãe tinha que trabalhar ou algo do tipo, e que lá ficaram... Essa é a imagem da minha mãe: uma pessoa extremamente solidária!

Minha mãe nasceu em 1928 numa cidade do interior, onde era comum que as mulheres não estudassem, nem mesmo os homens, principalmente se fossem do campo. Uma coisa interessante era que das cinco irmãs e dois irmãos da minha mãe, todos estudaram. Mas lá só havia o ensino primário e quem quisesse continuar tinha que sair da cidade. Minha mãe ganhou uma bolsa como melhor aluna para estudar magistério. Mas o que aconteceu? O machismo do pai dela não permitiu... Ela mesma contava que era muito esperta e meu avô não deixou porque, já que ela era esperta, poderia fazer coisas erradas na cidade. Claro que se fosse um filho homem esperto, ele não pensaria duas vezes! Ao

invés disso, meu avô fez algo muito comum na época, que era mandar as filhas do interior para a cidade para trabalhar com algum parente. Minha mãe foi trabalhar com uma tia, para ajudá-la em casa... Em vez de mandá-la estudar, ele a mandou trabalhar!

Por isso, ela sempre falava duas coisas: estudem, porque é a única coisa que vocês têm e nunca fiquem dependendo de um homem como eu. Com relação ao meu pai ela também era bastante crítica. Ela teve cinco filhos praticamente um atrás do outro, com pouco mais de um ano de diferença entre cada um, e ainda assim, costurava para fora e tinha que dar conta de tudo em casa porque não tinha ninguém que a ajudasse em absolutamente nada! Fora isso, meu pai ainda chegava bêbado e ela tinha que aguentar... Então, sempre repetia a importância dos estudos e de não depender de ninguém! Mesmo sem ter tido outras experiências, ela tinha essa sabedoria e não era algo que falava somente em algumas ocasiões, como quando eu ia mal na escola, era um conselho para a vida mesmo... Outra coisa que via muito lá era a malícia das pessoas com relação à sexualidade. As mães diziam às filhas para não andarem com esta ou aquela pessoa, que tivessem cuidado para não ficarem grávidas. Minha mãe nunca fez isso!

Meu pai tem uma história muito singular! Ele foi ex combatente da Guerra da Coreia! Quando aconteceu a separação entre norte e sul, os Estados Unidos pediram reforços para os países latino-americanos e o que se solidarizou foi a Colômbia, que enviou vários batalhões para reforçar o lado da Coreia do Sul, favorável aos Estados Unidos. Na época, meu pai era reservista do Exército e foi feito um chamado para quem quisesse ir, em que se manifestaram alguns primos da minha mãe e amigos do meu pai, um grupo de uns dez homens. Mas quando chegou o momento, todos desistiram menos meu pai! Havia essa opção de ir ou não... Então, ele acabou indo no segundo ou terceiro batalhão. Por conta disso, criamos um imaginário dele como ex combatente e ele nos contava muitas histórias da guerra! Falávamos disso até como certo status!

Mas havia uma ambiguidade muito grande por trás disso... Vivíamos a glória de ter ao lado alguém que viveu uma grande experiência como essa e, além disso, nascemos num momento relativamente privilegiado porque, dentro da cultura popular em que vivíamos, morávamos num bairro pobre onde a maioria das pessoas não tinha emprego e as crianças não tinham educação, enquanto tínhamos outra condição, pois meu pai trabalhava para o Estado e tinha um bom salário, que permitia que não tivéssemos

dificuldades muito comuns no lugar onde morávamos, como ter o que comer ou atendimento médico... Antigamente, empregados do Estado contavam com os melhores serviços médicos da Colômbia, algo como o Albert Einstein aqui. Qualquer coisa que tivéssemos, mesmo uma simples gripe, íamos direto para o especialista! Essa era uma face da ambiguidade... A outra era a de ter um pai que vivenciou uma guerra e tinha traumas muito grandes devido a essa experiência. Ele era alcóolatra e tinha paranoia... Crescemos o vendo passar por grandes crises provocadas pelo álcool e pelo estado de paranoia. Por várias vezes ficou internado. Fomos criados neste ambiente de conflito e só adultos reconhecemos que o problema do alcoolismo não era por vontade dele, mas resultado de uma experiência marcada pela violência do conflito e de estar num país com uma cultura que não era a sua.

Sempre fui muito “pra frente” e, de todos os irmãos, acho que fui a primeira a captar a debilidade e a fragilidade do meu pai, algo que não sabia explicar muito bem. Agora, quase próximo de morrer, minha mãe estava me contando como tinha sido o meu nascimento e foi quando me dei conta do porque meu pai tinha essa fragilidade comigo. Em algum momento captei algo que me permitia brigar com ele, reclamar e desafiá-lo. Tudo isso tinha a ver com essa história: meus pais se casaram mais ou menos ao mesmo tempo em que os primos da minha mãe, que eram todos amigos, como se fossem da família. Meu pai tinha um filho antes de se casar com a minha mãe e, quando começaram a nascer os filhos dos meus tios, eram todos meninas! Enquanto os filhos do meu pai, inclusive os dois primeiros com a minha mãe, eram meninos. Ele ficava se gabando por ter filhos homens, enquanto os outros estavam dando “milho para peru”, que tinha um sentido como se estivessem desperdiçando algo... Quando minha mãe ficou grávida a terceira vez, eu nasci e acho que meu pai estava com tanto medo de não ter mais filhos, que me transmitiu de alguma maneira essa fragilidade... Na minha casa quem enfrentava esse senhor era eu! Brigávamos muito, mas havia um amor e um carinho muito grande entre nós!

Meu pai, dentro de sua cabeça de militar, dizia: “Meus filhos vão entrar no Exército! Vão estudar em escola militar!” Já no primário vi umas três brigas da minha mãe com ele, em que ela falava: “Meus filhos vão estudar o que quiserem!” Foi então que me dei conta da coragem daquela mulher, que não tinha um grande discurso, mas não deixava

de enfrentar o que não concordava! Essa é uma linha de liberdade que tenho e veio da minha mãe, provavelmente com muito sofrimento naqueles tempos...

Minha adolescência foi marcada pela Teologia da Libertação, uma corrente ideológica que surgiu no campo do catolicismo e tinha um compromisso frente à situação de injustiça social, exclusão e pobreza, especialmente dos países do Terceiro Mundo. As igrejas se comprometeram a fazer uma leitura diferente da tradicional e criaram uma proposta pelos pobres, em que se fazia uma análise da realidade iluminada por teorias sociais, principalmente o marxismo, que analisava essa situação de pobreza e injustiça social como frutos de um modelo político-econômico injusto, que é o capitalista. Diante disso, as religiões não podem ser coniventes, então a partir de uma teologia e uma ética devemos denunciar essas relações de injustiça e procurar saídas. A proposta da Teologia da Libertação era justamente sair desse modelo sócio-econômico.

Aos 14 anos me vinculo à Teologia da Libertação a partir de um grupo juvenil da paróquia do meu bairro onde começo a trabalhar. Mas vivi uma experiência religiosa totalmente diferente... Para mim, quando falam de religião, me vem imediatamente minhas origens, de uma religião que me levasse a denunciar as injustiças sociais, a crença em um Deus comprometido com a busca de um mundo totalmente diferente. A experiência de falar de um Jesus Cristo histórico, que lutou no seu tempo contra as injustiças, denunciou tanto os ricos e políticos quanto a classe sacerdotal. Minha experiência critica toda concepção religiosa que leve as pessoas ao conformismo e a rezar simplesmente... Falamos de oração, credo, missa, mas comprometidos com o resultado de uma convivência comunitária e não de questões à priori, de um Deus lá no céu, mas de um Deus que não está concordando com essa injustiça.

O grupo juvenil com o qual me envolvi tinha o compromisso de conscientizar as pessoas, o que fazíamos com várias atividades: grupo de teatro, poesias e reuniões em diferentes comunidades. Era uma proposta que acontecia no meu bairro, mas era resultado um processo maior que se vivia na América Latina, com a formação de pequenos núcleos chamados comunidades eclesiais de base, que aqui no Brasil tiveram uma força muito grande! Um grupo de pessoas inspiradas a partir de sua fé se comprometia a denunciar e trabalhar por um mundo e uma cultura diferente.

Minha vivência familiar tinha esse lado um pouco religioso no meio dessas outras experiências... Quando chegou a proposta da Teologia da Libertação, os grupos tinham a intenção de ir aos bairros periféricos e criar pequenas comunidades, normalmente buscando uma escola ou casa que tivesse condições de receber certo número de pessoas para rezar e ver quais eram os problemas da comunidade. Na época, estava naquela fase de adolescente e não queria saber de família, então fazia parte de uma comunidade enquanto minha mãe formou uma outra na minha casa, o que era até engraçado! Depois da minha mãe, dois dos meus irmãos se envolveram em outro projeto, fruto das comunidades eclesiais de base, mas voltado para a educação. Essa foi nossa experiência de base política a partir de motivações cristãs.

Em todos os países da América Latina se foram estruturando as comunidades eclesiais de base. Na Colômbia, assim como no Brasil, no Peru, México, em vários países, formaram-se coordenações. Fiz parte da coordenação regional do meu estado, depois da coordenação nacional. Foi um longo período de muita responsabilidade!

A Colômbia tinha um processo muito particular por causa do conflito político interno, então qualquer movimento ou proposta de organização social no país sempre está implicada a situação de conflito sócio-político. E o movimento eclesial político também se via impregnado por este conflito. Houve um processo de divisão interna da coordenação tanto teológica quanto eclesiológica. Assim como a política irrompeu e entrou no movimento, houve um processo de divisão. Fazia quase cinco anos que era parte do movimento e chegou um momento em que houve um desgaste, que é próprio de todas essas tensões que se vivenciam, e acabei saindo da coordenação.

No meio do conflito do pessoal da coordenação se colocavam grandes análises em que uns diziam que aquele era um problema de concepção teológica, outros diziam que era de concepção política, e havia ainda os que discordavam e diziam que era eclesiológica! Enquanto isso, eu ficava no meio daquilo tudo, mas sem ferramentas teóricas para opinar com firmeza.

Sempre gostei muito dos estudos! Para mim, era algo tão natural que não conseguia imaginar alguém que não pudesse ou quisesse estudar! Na minha casa, meu pai falava que eu era a advogada da família! Então me criei com esse pensamento. Quando terminei os estudos, prestei para Direito, mas não passei... Foi um momento de crise!

Acabei fazendo faculdade de Serviço Social nem sei bem por qual motivo. Para mim, a Filosofia também era algo muito forte e comecei a fazer também este curso. Mas fiz apenas dois semestres, não dei conta de levar as duas coisas... Terminei Serviço Social, que também era algo motivado pelo trabalho que fazia, uma coisa natural que vinha da minha base social e se mostrava possibilidade de me profissionalizar naquilo que já desempenhava. Está certo que a motivação primeira foi Direito, que vinha mais de uma motivação familiar do que uma clareza de minha parte. Agora, Filosofia era algo que tinha necessidade! Gosto muito de Filosofia e sinto que é uma ferramenta que me ajuda a entender o mundo, a vida e fazer as perguntas fundamentais sobre a vida e os seres humanos.

A partir desse processo de formação e participação, fui construindo uma postura para minha vida e, para mim, se era para estar dentro do movimento, então queria entrar de cabeça! Queria ir a fundo e uma das questões que mais me motivaram foi a Teologia. Queria estudar como leiga e não entrar para uma instituição de freiras. A ideia era fazer na Colômbia, mas tínhamos relações com pessoas de outros países, várias do Brasil, porque nesta corrente havia uma relação regional latino-americana...

Aqui no Brasil havia uma proposta fruto desse compromisso de uma instituição ecumênica, que realizava cursos com pessoas de toda a América Latina que estivessem vivenciando este processo. Eram cursos de formação política e eclesiológica, em que ainda não aparecia a questão de gênero. Havia dois tipos de curso: um voltado para militantes cristãos, que tinham algum vínculo político, durava um mês; o outro, de seis meses, era para a formação de agentes de pastoral, ligado a esse vínculo da comunidade eclesial de base. O Brasil sempre foi considerado um polo importante na América Latina, o lugar mais progressista, com boa estrutura e instituições reconhecidas, de modo que muitas pessoas vieram estudar Teologia aqui.

Fiquei sabendo desses cursos através de uma pessoa conhecida vinculada à instituição, que me convidou e aceitei de imediato! Nesse momento, apareceu uma figura muito importante no Brasil, Ivone Gebara, uma teóloga feminista. Naquele momento, o feminismo ainda estava muito distante para mim... Lembro que ela me perguntou: “Como é na Colômbia a questão das mulheres? Vocês têm movimentos próprios? Como é no trabalho que você faz?” Eu, ignorantemente, respondi: “Não! Para nós, o principal

é a mudança do modelo econômico, político e social. Depois vem a questão das mulheres!” Era a concepção tanto da Teologia da Libertação como dos grupos de esquerda naquele momento... Totalmente marxista! Hoje acho ignorância pura ter falado isso, ainda mais para esta figura!

Quando estava aqui o pessoal disse: “Por que você não faz Teologia aqui?!”. Era um grande desafio e, além disso, eu não tinha dinheiro... Tinha estudado Serviço Social na Colômbia e vivia do meu trabalho como professora. Mas havia os interesses das correntes, dos movimentos e as pessoas se dispuseram a procurar bolsa para que eu ficasse. Depois de quatro ou cinco meses de curso voltei para a Colômbia, mas saí com a pré-matrícula numa instituição de Teologia muito reconhecida em São Paulo. Decidi finalmente estudar aqui, o que foi algo muito interessante!

Quando cheguei, em 1992, fui até a universidade, onde me falaram que eu não poderia estudar ali! Respondi que tinha feito a pré-matrícula, mas muitas mudanças tinham acontecido... Toda a equipe havia sido trocada e no lugar estava um grupo com uma visão teológica e ideológica totalmente diferente que afirmava que aquele era um lugar para que estudassem padres e religiosos, não leigos! Esta era parte de uma visão católica, que estava se colocando como hegemônica, que defendia que os estudos teológicos eram para pessoas que estivessem dentro da hierarquia da Igreja Católica. Eles não poderiam dar fundamentos e munições para pessoas leigas, aliás, quanto mais ignorantes neste aspecto os leigos, melhor para eles...

Imagine minha situação! Tinha vindo da Colômbia para estudar e, de repente, me encontrava nesse dilema! Não me aceitaram em Teologia, mas propuseram Ciência Religiosa, curso voltado para leigos, o que significava superficialidade e não aprofundamento, ou seja, você continuava fora de um corpo argumentativo, que era justamente o que eu queria. Fiquei seis meses fazendo este curso, que era noturno e, felizmente encontrei um instituto inter-congregacional que ainda não estava impregnado dessa visão e resolvi mudar para este lugar. Nessa instituição conheci duas professoras teólogas feministas e começamos a caminhar juntas. Elas eram protestantes – uma luterana e outra metodista – e passamos a fazer esse percurso como teólogas feministas. Finalmente, me encontrei com o feminismo e a teologia feminista, que é onde me situo. A Teologia Feminista, assim como o feminismo, surge na contramão. A Teologia

Feminista na contramão de instituições religiosas fundamentais e na contramão de homens, em uma sociedade tanto religiosa quanto política e socialmente masculina. São séculos e séculos para desconstruir um corpo hegemônico, que faz parte do trabalho dessa corrente. Por isso, um pouco da aposta da Teologia Feminista é o fator de contribuir com a mudança dessa sociedade.

Minha própria história ajuda a entender essa pouca visibilidade que existe sobre essa corrente dentro e fora da igreja. Estive diante de uma instituição que fechou as portas para mim pelo fato de ser mulher! Mulher e leiga, então ali não entraria... É minha experiência pessoal, mas reflete uma história global. A segunda questão é que muita gente que se interessa em trabalhar no campo na Teologia Feminista não consegue emprego seja em instituições católicas, evangélicas ou protestantes. Conheço vários casos de teólogas feministas que estão praticamente sem emprego neste campo simplesmente por serem feministas, o que já é um problema e um agravante muito grande! Num mundo de dificuldades financeiras, em que é necessário traçar uma carreira de lucro, costumo falar que nós, que atuamos na teologia feminista, somos loucas! Principalmente as leigas, porque as religiosas ainda têm algum respaldo da instituição.

As teólogas que são referências para mim são: em primeiro lugar, Ivone Gebara, Nancy Cardoso, uma pastora metodista, e Mary Hann, que é uma católica lésbica dos Estados Unidos. Gosto da forma como fazem teologia. A “número um” para mim é Ivone porque em sua teologia há a desconstrução de todo o corpo simbólico e argumentativo do Cristianismo e, com isso, senta bases para uma teologia feminista dentro da matriz cristã, mas desconstruindo o que está aí. Existem outras correntes que fazem alguma crítica, mas falam de Deus da mesma maneira, como aquele que nos vai salvar, e falam da igreja a partir de sua estrutura eclesial, sem desconstruir as bases de sustentação de tudo isso...

Ivone, por exemplo tentou uma reflexão sobre a Cristologia em que questiona quem é Jesus Cristo para nós mulheres. Seria o mesmo daquela teologia tradicional ou um outro? Simbolismos, rituais, argumentações, categorias que aparentemente não podem ser questionadas, Ivone desconstrói a partir do exercício teológico como mulher, dentro da experiência das mulheres e por isso me identifico! Porque não acredito nesse Deus

que nos apresentou a teologia clássica, tradicional, um Deus que castiga, que é homem. A partir da minha experiência de fé descubro uma vivência que considero totalmente diferente dos padres, do meu irmão e do meu pai... O que para mim, Yuri, é ser uma pessoa religiosa, no sentido de assumir uma religião!

Um ano depois que estava aqui, voltei para a Colômbia porque minha mãe tinha tido um derrame e estava muito mal! Até que descobrissem que havia resultado numa neuropatia, ela ficou no hospital e foi muito duro! Foi uma confusão terrível porque eu precisava voltar por causa dos estudos e no imaginário da família isso era inconcebível! Na verdade, não me falaram nada e nem me manifestei, mas dava para sentir o que se passava. Tanto que minha mãe, percebendo essa tensão, me pediu para não ficar lá por causa dela. Disse que eu deveria seguir o meu caminho... E foi o que eu fiz!

Terminando Teologia, me vinculei com as Católicas pelo Direito de Decidir num processo natural. Aqui comecei a me aprofundar muito mais nas argumentações que se usava e comecei a entender e conhecer todo o núcleo forte que era trabalhado pelo grupo, que era a questão do direito sexual e dos direitos reprodutivos. Houve também um vínculo maior com o movimento de mulheres e, acompanhando essa dinâmica, passei a conhecer as teorias feministas. Por isso posso dizer que estavam certos em ter medo de que mulheres e leigos entrassem e conhecessem, tomassem conhecimento do magistério, das argumentações e soubessem fazer reflexões teológicas. Com certeza sabiam que outros assuntos surgiriam e de maneira totalmente legítima, porque temos a chave para dizer não e porque não, para questionar, porque temos toda uma sustentação, um respaldo de ter estado junto com eles dentro dos estudos teológicos.

Como venho da Teologia da Libertação, onde era muito forte a questão da ferramenta social e política, isto casava com a ideologia feminista, mas era preciso fazer uma crítica. Eles trabalhavam pelo pobre de modo global, mas onde estavam as mulheres? Começamos uma crítica dessa matriz da Teologia da Libertação que havia chegado até ali, mas deixara de lado as mulheres, que ficaram como um anexo. Não mexeu em nada e continuou caminhando com as mesmas bases com relação à moral sexual. Deixou intacta toda a concepção que se tinha sobre as mulheres e sua sexualidade, sobre a reprodução e a sexualidade.

Na década de 1990 começou a surgir nos Estados Unidos uma proposta de Católicas pelo Direito de Decidir, que se espalhou para outros países e hoje existe uma rede latino-americana. Os grupos são independentes, mas se comunicam e possuem elementos semelhantes. Esta tendência está ligada ao movimento feminista que se via diante de uma grande dificuldade em lidar com a sexualidade por esta ser impregnada de elemento religioso. A forma como lidamos hoje com a sexualidade como um dos pilares da autonomia e da liberdade são devedoras do feminismo. É no nosso corpo que se vivencia a repressão. Por outro lado, a proposta católica vinha preencher um vazio de como trabalhar com as mulheres de fato e como desconstruir essas ideias religiosas que embasavam as mentalidades. Havia um clamor do movimento feminista de que Católicas pelo Direito de Decidir seria um movimento de mulheres que conseguiria lidar de maneira adequada com a sexualidade e a religião.

O grupo surge, portanto, pelo momento em que a proposta coincide com um vínculo do feminismo internacional e regional com a expressão das mulheres teólogas, no encontro entre feminismo e Teologia Feminista, mesmo o surgimento desta. Nesse contexto, Católicas surge como uma proposta mais militante dentro do feminismo, nessa articulação entre feminismo e religião.

No Brasil, o grupo surgiu em 1993, mas me vinculei seis anos depois, em 1996, já com a perspectiva de que no grupo, naquele momento, não tinha nenhuma teóloga e entraria como a pessoa encarregada de dar atenção a essa parte da relação com o que chamamos de igreja progressista. Sabemos que existe um grande contingente dentro do catolicismo que está totalmente em consonância com nossas ideias. Dentro do Conselho Consultivo de Católicas já passaram pessoas que fizeram parte da equipe que pertenciam à hierarquia da Igreja Católica, como padres e até um bispo que diz que concorda conosco, mas não pode se posicionar publicamente. Então, minha responsabilidade era aprofundar essa parte da Teologia e dar atenção às argumentações e relações com a igreja progressista, além dos movimentos da igreja.

O pensamento e a argumentação das Católicas pelo Direito de Decidir comparados com o argumento e o pensamento oficial da Igreja Católica demonstram séculos e séculos de um pensamento sedimentado e articulado a uma cultura tal que quando chegamos a 1993, temos um pensamento e um posicionamento de mulheres católicas totalmente

novo e isto está ligado à questão da Teologia Feminista. No caso da Teologia da Libertação, esta teve maior visibilidade por todo um contexto social e político da América Latina. Uma conjunção de fatores que envolviam a ditadura militar, quando religiosas e religiosos foram presos e desapareceram, dando maior visibilidade para o que, de fato, era um papel de protagonismo político muito forte.

Encontro-me com o feminismo propriamente dito a partir da Teologia Feminista, quando conheço duas professoras que também bebiam das reflexões de Ivone Gebara. Na Teologia tinha duas possibilidades, tanto que quando comecei a elaborar um projeto de estudos da Teologia comecei a me localizar como uma mulher negra. A partir daí, sem negar essa identidade como mulher negra, seja como epistemologia ou como motivação, o que realmente mexia comigo eram as questões políticas. Mas quando cheguei ao instituto, passo a ter uma motivação forte ligada à questão feminista, das teorias e da Teologia feminista, que foi onde me encontrei! Não me balançou tanto a questão da negritude, me balançou mais a questão da teologia e o feminismo como mulher. Sem negar, claro, minha identidade negra, não tenho trabalhado essa questão do movimento de mulheres negras, do feminismo negro. Situo-me no feminismo que trabalha a questão da sexualidade, dos direitos sexuais e reprodutivos, com que tenho me envolvido muito mais estando no Católicas pelo Direito de Decidir.

Quando não existia o grupo e havia um debate, por exemplo, sobre a questão do aborto, geralmente as pessoas que montavam esses eventos convidavam um padre, um representante do feminismo e um advogado. Os padres ou bispos falavam: “Olha, respeito sua opinião, mas no campo da Teologia ou da religião, você não pode falar nada porque não sabe”. E as pessoas, de fato, pensavam que não podiam falar sobre o que não sabiam. Agora, quando neste debate está o Católicas pelo Direito de Decidir, eles não podem dizer isso porque estudamos Teologia, estamos preparadas, conhecemos o corpo argumentativo e, sim, temos ferramentas para falar com respaldo no que conhecemos. Este é o resultado da entrada das mulheres no campo da Teologia e da bíblia, porque outros temas de reflexão teológica que estavam fora têm entrado e as mulheres podem sim fazer e falar sobre Teologia. Isso é muito importante! Todos temos legitimidade! É como se fosse algo que estava guardado no cofre dos homens e, nesse momento, as mulheres pegaram as chaves desse cofre e se deram conta de que podemos

colocar nossas experiência e falar com Deus. Talvez não o Deus deles, um Deus diferente...

Sempre participo de eventos de Teologia Feminista e em um desses encontros em que reunimos um grupo de teólogas feministas da América Latina, sempre temos um tema central que decidimos em conjunto. Às vezes, quem está organizando fala que precisamos procurar um tema mais ameno porque existem diferentes correntes e nem todo mundo vai assumir a questão do aborto, por exemplo, como nós assumimos. Tínhamos que buscar um tema mais ou menos conflituoso e escolhemos o tema da violência. Que teologia feminista seria contra? No final do encontro, elaboramos um comunicado que não foi assinado por uma parcela das teólogas. Trabalhamos uma semana inteira e das que estavam ali, acho que somente eu e outra pessoa não dissemos ter tido experiência de abuso sexual. Então eu era ali uma exceção à regra! De 21 pessoas pelo menos 19 falaram que sofreram abuso sexual de diferentes tipos, ou alguém da família... Essas coisas todas fizeram parte da vivência que tivemos e quando chegou no final, algumas se recusaram a assinar o documento porque senão perderiam o emprego! E não eram apenas instituições e universidades católicas, mas protestantes e evangélicas. Encontramos ali, de fato, um problema muito sério na elaboração da Teologia Feminista. Você é excluída por causa de suas ideias dentro da instituição religiosa e, por outro lado, se depara com uma sociedade conservadora religiosamente, onde se encontra mesmo no próprio feminismo gente que quando falamos de Deus olham com desdém: “Lá vem a religiosa!”. É uma sociedade onde temos um longo caminho pela frente. Por isso eu digo que somos poucas, mas estamos aqui e vamos fazer também!

Neste momento, claro, me deparei com a discussão sobre o aborto da forma como o grupo lidava. Mas considero que minha postura frente à orientação sexual, aos direitos sexuais e reprodutivos não foram moldadas quando aqui cheguei. Para mim, é algo lógico! É impossível pensar na democracia, na mudança, na luta por justiça se sou injusta com relação à pessoa ter uma orientação sexual diferente da minha ou uma pessoa que, de repente, se vê na necessidade de interromper uma gravidez. Para mim, esse é um processo que começou na Colômbia onde, por estranho que pareça, me inspirei muito em pessoas religiosas e freiras. O núcleo em que trabalhava da Teologia da Libertação era composto por leigos, padres e freiras e, quando tinha 14 anos,

descobri um mundo de total liberdade de luta pela autonomia, dentro da concepção da Teologia da Libertação. Mesmo assim, esse era um processo em que me criei vendo, assumindo e lutando pelos direitos das pessoas tanto do lado político como do lado de suas escolhas humanas. É uma cultura que veio ao encontro do que vim fazer aqui. Quando você se situa por uma ética que coloca como centro os seres humanos, não tem como negar a possibilidade de que uma pessoa seja livre para, em consciência, decidir alguma coisa sobre sua vida. O aborto se encaixa nisso porque se você é uma pessoa autônoma, livre, com capacidade de decidir, por que vou negar essa possibilidade a você? Que exerça sua liberdade, sua autonomia, seu poder de decisão frente a qualquer circunstância da vida! Se eu luto pela justiça, por que tenho que ser injusta contra você? Mesmo que não pense da mesma forma, você está no centro e suas necessidades, escolhas de vida devem ser respeitadas. O desafio maior é oferecer possibilidades para que as pessoas tenham informação e possam escolher da melhor maneira possível, façam uma boa escolha.

Aqui no Católicas nos situamos com relação ao aborto, por isso nossa preocupação com as mulheres, especialmente aquelas que guiam suas vidas por uma dimensão de fé. Perguntamos a elas: “O que te ensinaram as religiões? O que te ensinou o Catolicismo? O Catolicismo fala para você que é pecado realizar um aborto. O Catolicismo ensinou que você não é autônoma, não é uma pessoa autodeterminada. Mas todas as decisões são emanadas por um Deus supremo.” E mostramos uma outra visão de religião que busca o mesmo magistério e a mesma argumentação, mas afirma: “Você é uma pessoa livre e tem que seguir o exame de sua consciência. Se você acredita em Deus, será julgada por Ele e não por seguir as leis ou as normas, mas por sua consciência”. E isto tiramos do magistério da própria Igreja Católica, fomos a fundo e procuramos por este argumento que é o recurso da consciência.

Nosso trabalho visa a uma mudança de mentalidade, de uma cultura impregnada de elementos religiosos. Nosso discurso, portanto, é para toda a sociedade brasileira. Outro ponto é que mesmo dentro da equipe há diferentes concepções, como em todos os grupos, e que é fruto do mesmo processo que tem vivido o feminismo, inclusive sobre o entendimento do que é gênero. Dentro dessa análise de gênero que se debruça situações de desigualdade, isto é fruto precisamente de relações sociais assimétricas entre homens e mulheres. Mas teve um grupo que sofreu mais que o outro as consequências e que se

concretiza nas mulheres que são mais pobres e que sofrem violência. Os homens também são vítimas deste sistema androcêntrico. Minha escolha se situa em dar visibilidade a quem tem sido mais vulnerável nesse sistema, que são as mulheres o foco principal. Mas Católicas já tem projetos que envolvem homens também...

O trabalho fundamental é com o grupo de mulheres. No “Projeto Multiplicadoras” temos diferentes públicos, mas o principal é de mulheres das camadas populares ou vinculadas com movimentos de mulheres ou movimentos sociais. Falamos que nosso trabalho não é formar outros grupos iguais ao nosso, mas potencializar os trabalhos já existentes. O que vamos fazer é colocar uma ferramenta nova para o feminismo, para que os movimentos de mulheres trabalhem de forma articulada a questão da religião com a questão da sexualidade e dos direitos sexuais e reprodutivos, como fazemos aqui.

Dentro dessa articulação encontramos também o movimento GLBTT (gays, lésbicas, transexuais e travestis), que é uma população que tem sofrido bastante as consequências das religiões e da forma como lidam com a sexualidade. Em muitos projetos nos encontramos com essa população e trabalhamos juntos, em parceria. Outro grupo interessante e importante para nós são os jovens, especialmente estudantes de Enfermagem, Direito, Medicina, Pedagogia e Serviço Social, porque consideramos que esses são públicos que optaram por carreiras reprodutoras de mentalidades e é importante realizar um trabalho sobre essas discussões no campo da sexualidade e da religião.

Quando falamos sobre direitos sexuais e reprodutivos nos baseamos numa concepção totalmente nova, que faz parte de uma luta histórica e de conflito também. Há bem pouco tempo, na Conferência do Cairo, ainda tinha algumas instituições que tinham reservas sobre a questão de reconhecer como direitos os direitos sexuais e reprodutivos. Felizmente já são reconhecidos por muitas instâncias internacionais e pelos governos também. Têm servido para a implementação de políticas públicas e sua afirmação, assim como amparo para a criação de políticas públicas relacionadas com a saúde reprodutiva das mulheres e homens também. Quando falamos de direitos reprodutivos estamos nos referindo ao direito que todas as pessoas, homens e mulheres, têm de exercer sua reprodução com liberdade e autonomia para decidirem, por exemplo, se querem ser mães. E aqui tiramos aquela lógica cultural de que as mulheres, pelo fato de

serem mulheres, têm que ser mães. Dentro dessa perspectiva, existem instrumentos internacionais que as amparam dentro da lógica dos direitos reprodutivos. Os direitos reprodutivos respaldam a decisão das mulheres em querer ou não ser mãe, ter ou não ter filhos, decidirem quantos filhos querem ter e como querem, considerando as novas tecnologias reprodutivas. Isto quando falamos de direitos reprodutivos.

Os direitos sexuais também estão neste campo da autonomia e liberdade das pessoas exercerem sua sexualidade de maneira livre, direcionada para o crescimento pessoal e também dentro da liberdade de escolha e orientação sexual que quiserem. Todas as vivências da sexualidade, tanto como hetero, bi ou homossexual, encontram respaldo em princípios, instrumentos e organizações internacionais e também dos governos nacionais. Por exemplo, casos de homofobia são criminalizados e condenados porque há o respaldo de que todas as pessoas têm o direito de exercer livremente e vivenciar sua orientação sexual de maneira livre e segura, amparadas nesses princípios e direitos.

Afirmamos nosso trabalho na promoção desses direitos. O objetivo de Católicas pelo Direito de Decidir é trabalhar na dimensão da sexualidade desconstruindo toda uma cultura e teologia cristã católica que condena e nega o livre exercício da sexualidade. E buscamos dentro dessa mesma cultura católica princípios e argumentos que nos ajudem e fortaleçam principalmente nas argumentações de uma vivência livre e autônoma das pessoas e sua sexualidade e reprodução. Nosso trabalho lida e tem como foco uma mudança de mentalidade, que passa de uma mentalidade religiosa que condena e castiga para uma que diz “Deus nos criou livres e nos quer felizes!”. Então, o ser humano glorifica Deus quando ele cria e atua de maneira livre.

É nesse princípio que localizamos também o direito que as mulheres têm em optar por um aborto, baseado no princípio de autodeterminação das pessoas em decidir se querem ou não ter filhos, se querem ou não continuar com uma gravidez. Assim, nós, Católicas pelo Direito de Decidir, embora consideremos o aborto ponto importante, temos como primeiro princípio a autonomia e liberdade das pessoas. Consideramos que as mulheres tem capacidade ética e moral para decidir com liberdade se querem ou não continuar com a gravidez. Nós mulheres nos encontramos em situação de vulnerabilidade e violência em que muitas ficam grávidas não porque querem, mas por imposição dos maridos. Estamos num sistema de uma cultura machista e masculina.

Muita gente fala que isso acontecia antigamente, mas sempre falo nas palestras que não sabemos o que se passa na cama das mulheres e, na cama das mulheres infelizmente continua essa vivência em que, mesmo cansadas ou doentes, quando o marido quer transar ou “necessita”, como alguns falam, ela se vê obrigada a ceder ao desejo dele. Fazemos parte de uma cultura cristã em que o papel das mulheres é de que se sacrifiquem pelos outros e cedam aos desejos dos outros em detrimentos dos próprios desejos. Dentro dessa cultura chamamos à autonomia e liberdade das mulheres, ainda mais que consideramos o aborto um problema de saúde pública, em que as maiores prejudicadas são as mulheres pobres. Para nós isto significa que é um problema de justiça social criar políticas públicas que respaldem as mulheres que decidem não continuar com a gravidez e legalizar o aborto.

Por que legalizar o aborto? Primeiro porque é um problema de saúde pública e segundo porque está plenamente confirmado que a proibição não ajuda a diminuir a incidência do aborto no mundo. Por isso, legalizar o aborto significa que o Estado deve criar condições de informação, de políticas públicas sobre planejamento familiar, de informações sobre saúde da mulher e um bom atendimento voltado para a saúde sexual e reprodutiva das mulheres para que possam vivenciar sua reprodução e sexualidade de uma maneira mais segura. Além disso, a legalização não significa que vai obrigar as mulheres a fazerem abortos de maneira arbitrária. Não consideramos que nenhuma mulher fará um aborto de maneira folclórica. Sabemos que as mulheres só recorrem ao aborto nas últimas consequências e esta decisão é sempre acompanhada de muito sofrimento e muita insegurança para as mulheres.

Nunca fiz um aborto, mas penso que se me deparasse com uma gravidez indesejada não pensaria duas vezes e faria também. Em minha vida pessoal, o trabalho é algo central e apertado muito! Me vejo muitas vezes limitada e isso é um problema que nós, mulheres, lidamos. O trabalho aqui em Católicas não é um exercício administrativo, que você está no escritório, ou de uma professora que dá aulas de segunda a sexta e quando fecha a escola vai embora e acabou. Aqui levamos o trabalho para a cama, para as férias. Mesmo dentro do feminismo temos essa como uma preocupação, pois está na proposta de como você cuida de si e muitas vezes nos descuidamos tamanha é a entrega! Esta é uma questão também do Cristianismo de que você se doa até o ponto que desaparece, então este é um cuidado que precisamos ter. Mas lidamos com vidas humanas, o que é

muita responsabilidade! Mas quando tenho uma folga tiro um tempo para uma cervejinha, para uma dança... Adoro dançar! Estou até fazendo dança de salão quando sobra um tempinho...

Não sou casada e não tenho filhos. Essa foi minha opção e uma decisão desde a adolescência, que foi se concretizando ao longo da vida. Considero que meu projeto como mulher e pessoa humana está em outra esfera que não era a maternidade, onde não me encontro, nem me realizo. Acho que minha realização como mulher e pessoa humana está em outros campos também!

Apesar disso, tenho sobrinhos e afilhados, o que gosto muito, mas a responsabilidade é imensa! Sobretudo para mim, que estou vinculada a projetos que trabalham com mulheres, é um desafio muito grande! No caso dos dois sexos, das meninas e meninos... Quando é mulher sempre fica a preocupação de estar lidando e trabalhando com assuntos relacionados à sexualidade, à reprodução e, como madrinha, me coloco nesse papel. O que se faz e trabalha no campo público reflete na família e no campo da vida privada, onde sabemos que as relações de poder são outras. O comportamento na esfera pública muda quando chegamos ao campo familiar, onde há toda aquela afetividade nas relações e, por isso, é um grande desafio. Mas sei que não sou mãe, sou madrinha, e como tal minha responsabilidade tem que ser pelo menos ética e voltada para um processo de informação e educação que considero fundamental para a vida deles.

Há pouco tempo estava vivenciando uma situação difícil com uma sobrinha querida que teve que sair para trabalhar num lugar de grande conflito político. Fiquei muito preocupada e, quando conversava com minha irmã, lembrava o que não teria sido para nossa mãe quando vim para o Brasil!

Amelinha Teles

Dia 17 de setembro de 2014, um dia extremamente especial para mim pessoalmente e para a pesquisa. Depois de algumas entrevistas feitas, muitas coisas pensadas, algumas encaminhadas e tantas outras engavetadas, decidi retomar contatos com grupos que se destacassem das discussões sobre o aborto.

A UMSP (União de Mulheres de São Paulo), no topo da lista, foi o primeiro grupo com que fiz contato por e-mail. Na ocasião, demonstrei minha vontade de falar com Amelinha Teles – uma de suas idealizadoras - e, para minha surpresa e alegria, tive resposta quase imediata à solicitação. A primeira data proposta precisou ser adiada e, depois de algumas semanas de ansiedade, fui ao encontro de Amelinha. O espaço escolhido, um de seus lugares de trabalho e militância, a Comissão da Verdade Estadual Rubens Paiva.

Cheguei um pouco antes do combinado, com tanto medo que estava de perder a hora. Achei de bom tom ir ao banheiro antes e, com quem me deparei em pleno *toilette*?! A própria Amelinha! Ali mesmo me apresentei e fiquei aguardando do lado de fora. Fomos logo em seguida para a sede da Comissão, onde expliquei os pontos importantes da pesquisa e iniciamos a gravação.

Foi uma hora de entrevista que, para mim, pareceram mesmo uma aula! Ouvir de tão perto um ícone do movimento feminista e da luta pelas liberdades foi realmente fantástico! Além das tantas coisas faladas, havia ainda o olhar de Amelinha e a franqueza de seu sorriso. Nas palavras calmas estavam guardados verdadeiros e potentes discursos de luta. Com amor e paciência, Amelinha contou sobre coisas sabidas, como seu posicionamento militante desde muito cedo.

Mas, coisas que acredito não eram tão comumente faladas pude ali ouvir. O pai como referência em sua luta, inclusive feminista, a realização de um aborto durante o período em que viveu na clandestinidade, a paixão por caminhar, pelas artes e os sonhos de um futuro mais livre, que depende da continuidade de um feminismo radical, ficaram registradas na minha mente e no meu gravador. É certamente entrevista fundamental na

pesquisa e, pessoalmente, jamais esquecerei o abraço sincero que demos na despedida.

“Eu fiz um aborto seguro quando vivia na clandestinidade. Hoje, em plena democracia, mulheres morrem por fazerem abortos clandestinos.”

Sou Maria Amélia de Almeida Teles, conhecida como Amelinha Teles. Nasci no dia 6 de outubro de 1944, em Contagem, Minas Gerais. No próximo mês faço 70 anos, uma data redonda! Filha de comunista, criada no ateísmo, posso dizer que sou comunista de nascimento! Mas, não demorou muito para me tornar feminista! Afinal, comunista luta contra as injustiças, as desigualdades. Sendo mulher, para chegar ao feminismo não estava muito longe.

Tenho apenas uma irmã, a Criméia. Minha mãe era contabilista e católica, mas não praticante e também não pedia que a gente fosse. Não ia à igreja, embora acreditasse em pecado. Só que entre o bem estar da pessoa e o pecado, minha mãe acreditava que deveria prevalecer o bem estar. Isso era muito claro para ela! Cheguei a vê-la apoiando mulheres que tinham feito aborto. Era comum mulheres fazerem aborto e passarem muito mal. Nesses casos, todo mundo ajudava a socorrer. Era algo muito perigoso para a saúde, enfiavam coisas lá dentro e começavam a passar mal. Minha mãe era uma que dava suporte dentro das suas possibilidades, porque ela não era da área da saúde, mas ajudava como podia. Ela jamais censuraria ou entregaria uma pessoa por isso. Mas, vivia com esta dúvida entre pecado em bem estar, ficava neste “meio campo”.

Comparando com meu pai, ela era mais rígida e moralista, mas, na medida do possível, não interferia na nossa formação. Na verdade, ela sempre respeitou muito, tanto que era casada com um comunista, alguém completamente diferente. Ela sabia que meu pai era comunista, portanto, fazia coisas que ela não gostava, por exemplo, política. Engraçado que ela não gostava, mas acompanhava e falava para a gente: “Olha, ouvi isto no rádio. Estão comentando tal coisa...”. Não era de falar ou participar de atividade política, mas sempre foi solidária comigo e com a Criméia. Apesar de que, no fundo, seu maior desejo era que a gente tivesse uma profissão e fosse trabalhar e não se meter em política. Como era inteligente, ela sabia que não faríamos uma política tradicional,

conservadora, apoiada pelo sistema. A gente iria fazer um tipo de política de contestação e, por isso, podíamos sofrer as consequências, muitas vezes violentas... Mesmo assim, sempre nos apoiou.

Quando tinha uns 11, 12 anos, em meados da década de 1950, vi várias campanhas de grupos radicais da igreja cristã, católica, contra o aborto e o divórcio. Eles saíam colhendo assinaturas do povo em praça pública para abaixo-assinados contra a legalização do aborto e contra o divórcio, dizendo que isso era coisa de comunista. Por isso, era preciso guardar a família!

Sempre me interessei por esses assuntos, ainda mais porque sou comunista e como diziam que isso era coisa de comunista, eu precisava saber do que se tratava. Cheguei a discutir esse assunto com o meu pai, que dizia: “Quando uma mulher precisar fazer um aborto, ela tem que fazer em condições de saúde adequadas. É isso que a gente tem que ver e não fazer qualquer besteira.” Ele falava até mesmo para eu tomar cuidado! Sobre o divórcio também: “O casamento só faz sentido, evidentemente, se as duas pessoas querem viver casadas. Se não querem, separa! Não tem problema! Vai procurar outra pessoa para viver ou, se preferir, vai viver sozinho!” O meu pai me ensinou isso!

Eu tinha apenas 11 anos, estava entrando no ginásio, e já via que a luta era difícil! Lembro que defendi esta proposta em sala de aula na época. Na década de 1950, apesar do Brasil ter vivido poucos momentos de democracia, ainda assim era uma democracia! Apesar de acharem estranho uma menina de 11 anos defender a legalização do aborto e o divórcio, as pessoas pelo menos suportavam. Quer dizer, este era um debate suportável, embora realmente raro. Acho que eu era uma das poucas... A professora chamava atenção, pedia para eu tomar cuidado. Não que ela discordasse da minha posição. Na verdade, ela tinha medo que eu me manifestasse em outros espaços e fosse reprimida. Era uma forma de me proteger.

Costumo dizer que tenho uma data de nascimento no feminismo: 19 de março de 1964! Eu tinha 19 anos de idade quando aconteceu o Golpe Militar no Brasil. Alguns dias antes do golpe, os militares, junto com a igreja, os latifundiários e os empresários, mobilizaram mulheres para fazerem uma manifestação contra o presidente João Goulart. Falava-se em 250 mil mulheres! Quilômetros e quilômetros de mulheres andando, com os padres e a classe média na frente. Claro que com esse número tinha ali mulheres

pobres, negras, faveladas, ou seja, mulheres com as quais eu trabalhava, no sentido de conscientizá-las. Pelo menos eu tinha esta pretensão de buscar conscientizá-las para lutar contra o capitalismo, suas injustiças e desigualdades. Queria mostrar que nós tínhamos o direito de ser iguais, de ter as mesmas condições e oportunidades!

Quando vi naquela passeata as mulheres com as quais trabalhava, fazendo uma manifestação contrária às ideias que defendíamos juntas, fiquei triste, chorei muito! Foi aí que percebi que tinha alguma coisa muito errada com a esquerda. Não sabia ainda dizer o que era, mas havia algo errado! Somente depois percebi que o problema era não ter um projeto político que garantisse um espaço protagonista para as mulheres. Estas seriam guiadas pela esquerda, mas não sujeitas da sua história.

Infelizmente, quando percebi isto e me identifiquei definitivamente como feminista não havia muito mais tempo para debater. Na ditadura é assim, não tem liberdade para discutir, as pessoas são perseguidas o tempo todo! Como éramos comunistas, minha família toda foi duramente perseguida, com sequestro, prisão, clandestinidade. A mesma coisa aconteceu com meus amigos, companheiros de militância. Vivia sem saber se chegaria no dia seguinte viva. Esse era o nosso dia-a-dia, nosso cotidiano. Assim foi minha vida durante a ditadura...

Fui presa por duas vezes: a primeira foi logo no início da ditadura, em 1964. Depois, em 1972 fui presa novamente. Nesta ocasião, já era mãe da Janaína e do Edson... Eles foram sequestrados quando tinham cinco e quatro anos! Mas, esta é outra história...

Quando fui presa em 72 fiquei seis meses incomunicável no DOI-CODI e outro período no DOPS. Quando saí da incomunicabilidade, fui para o Hipódromo e, depois, para o Carandiru, que era o complexo penitenciário. Nesta época o presídio Tiradentes, muito conhecido, não existia mais. O lugar foi derrubado para construir o metrô, que teve a primeira linha inaugurada em 1974, que é a linha azul, Jabaquara-Santana. Até 72 os presos ficaram no Tiradentes. Depois disso, eram mandados para outros presídios, como é o meu caso.

A discussão que se tinha entre as presas políticas não era necessariamente feminista, até porque muitas não se declaravam feministas. Mas, eram feitas discussões, muito poucas sobre tortura e, menos ainda, ou praticamente nada, sobre violência sexual. Com torturado não se conversa sobre isso. Torturado não gosta dessa conversa, é

impressionante! Eu achava importante falar, mas respeitava as meninas porque elas começavam a passar mal, então não se falava. E quando se tocava no assunto, não se falava da tortura sexual. Sobre aborto se falava, afinal é uma necessidade. Mesmo com métodos contraceptivos, se pode ter uma gravidez indesejada. Isso está na cara! É um assunto que toda mulher, mesmo as mais reservadas, precisam falar.

Fiquei longo tempo na clandestinidade e foi nessa época que fiz um aborto. Tive a necessidade de fazer. Tinha dois filhos e era clandestina! Não havia razão para ter mais um filho, eu via que não tinha condições objetivas para criar uma criança. Mal conseguia criar os dois que tinha, imagine mais um! Um companheiro médico fez o aborto em mim em uma casa, com todas as condições e me deu toda a atenção necessária.

Fiz um aborto seguro embora vivesse na clandestinidade! O paradoxo é que hoje vejo mulheres precisando fazer um aborto e tendo que fazer de forma insegura e clandestina, mesmo sabendo que vivemos uma democracia! Ainda assim, o aborto continua clandestino! Algo que deveria ser entendido como um direito humano fundamental é realizado na clandestinidade! No meu caso, o aborto foi clandestino porque eu era clandestina! A vida nos havia empurrado para isto, a ditadura não permitia que fosse diferente. Hoje vejo mulheres enfrentando a mesma ditadura, mas em outro sentido, precisando fazer clandestinamente o aborto e sofrendo gravíssimas consequências!

Este ano, na abertura da Bienal houve uma manifestação de mulheres que fizeram aborto. Eram vários depoimentos de mulheres que não se identificaram, sem suas imagens porque é perigoso. Elas podem ser presas, processadas, criminalizadas. Estou nesta luta há muito tempo! São praticamente 70 anos! Passei a vida inteira lutando e acompanhando a vida do povo, nunca me afastei até por uma questão de ideologia. Por isso, posso dizer com convicção que, na questão do aborto, estamos muito atrasados! Podemos dizer mesmo que retrocedemos! Não se pode tocar na palavra “aborto”. E olha que estamos com três mulheres candidatas à presidência na campanha eleitoral deste ano! Ninguém fala nada! O assunto está literalmente silenciado, interditado, censurado. Que democracia é esta? Nesta democracia, não cabem as mulheres...

Minha luta como feminista está por toda parte. Nos livros que escrevi, nos trabalhos que fiz e faço até hoje. Um dos momentos importantes foi a criação da União de Mulheres

de São Paulo. Antes disso, como eu e a Rosalina contamos no livro “Da guerrilha à imprensa feminista.....”, aquela é parte da nossa história, mas também tem muito da história do feminismo da época, na década de 1970.

Assim como me tornei feminista em 19 de março de 1964, acredito que muitas mulheres se incomodaram com alguma coisa, embora não tivessem voz, nem pudessem se organizar. A vida das mulheres mudou muito rapidamente. Costumo dizer que o Brasil tinha que ser uma grande potência industrial, o maior parque industrial do mundo! Nossa história mostra a grande concentração fundiária, que expulsou a população do campo e a colocou em direção à cidade. Em pouquíssimo tempo, o Brasil se tornou um país urbano e há diferenças enormes entre a vida rural e a urbana! As mulheres são as que mais enfrentam as dificuldades destas mudanças. Uma coisa é ser mãe lá no sertão, onde se tem por perto a mãe, a irmã e não sei mais quem. Se a mulher precisa sair, o filho tem sempre com quem ficar. Outra coisa é ser mãe aqui na cidade, onde não se tem ninguém. Aqui ou tem a creche ou não se sabe o que fazer!

Neste novo estilo de vida, todas as nossas questões vão aparecer muito fortemente. Surge um novo mercado de trabalho, que sofre influências de outras partes do mundo. É como a história de 1968, que teria começado com uma manifestação em Berlim, na Alemanha ou, como outros dizem, em Paris, na França... Aqui também teve o seu momento de transformação. Apesar de estarmos em uma ditadura, os estudantes, operários foram para as ruas, fizeram greves! Como a greve que aconteceu na minha cidade, Contagem.

A greve de Contagem foi dirigida por uma mulher, Imaculada Conceição de Oliveira. Mas, ninguém fala disso... Imaculada foi presa e muito torturada quando estava grávida. Fizeram um aborto nela na frente dos presos políticos, arrancaram o feto à força, quase mataram essa mulher! Hoje em dia ela não se manifesta, não a vejo em lugar nenhum, mas ela foi extremamente importante para esta história. Era diretora do sindicato dos metalúrgicos, onde tudo começou. Esta mulher teve um papel fantástico! Para se ter uma ideia, a greve não precisou nem de piquete! Simplesmente todo mundo aderiu! Os funcionários entraram e decidiram não trabalhar. Tomaram conta da cozinha, fizeram comida na hora do almoço e não saíram da fábrica durante uns cinco dias.

Foi uma greve muito diferente da que aconteceu em Osasco, que é até mais famosa que a de Contagem. Com certeza porque foram homens que lideraram. Quando se fala da greve de 68 lembram vários nomes de homens, mas ninguém fala da Imaculada. Eu não esqueço! Sou feminista o tempo todo, estou sempre ligada ao feminismo!

As mulheres presas naquela época eram muito torturadas e a violência sexual, apesar de existir também com os homens, no caso das presas políticas, o estupro era quase que um procedimento, até quando o objetivo era matar. Mas isto não é falado, o que é impressionante! Casos de mulheres grávidas que tiveram que sofrer abortos forçados, mulheres grávidas em decorrência de estupros, que tiveram filhos nestas condições, nada disso é falado. Como o caso da Madre Maurina, que é praticamente proibido, fazem de conta que não aconteceu isso, que ela não teve este filho. Parece que a criança ficou em um orfanato no México, mas ninguém sabe ao certo!

Posso falar disso porque foram momentos que vivi. Quando a gente saiu da cadeia, procuramos manter a atividade política, muito embora houvesse um controle intenso de todos os lados. Meu marido continuou preso por cinco anos e eu tentei retomar as atividades de discussão do feminismo. Fizemos o primeiro jornal feminista, o Brasil Mulher, que vai lutar pela Anistia, de 1975 a 1980. Isto fazia parte do meu compromisso com o feminismo. Com a reorganização partidária, as mulheres vão preferir atuar nestes partidos ao invés de investir na imprensa feminista, que acaba por terminar.

Entretanto, muitas outras mulheres continuam precisando de organizações. É neste contexto que criamos, em 1981, a União de Mulheres. Neste momento, surgem várias organizações feministas autônomas no Brasil e na América Latina. Era uma necessidade de ter espaço para a reflexão, para a ação, o estabelecimento de pautas e plataformas de luta. Antes disso, participei do Brasil Mulher e do Primeiro Congresso da Mulher Paulista, um encontro feminista onde foi discutida a questão da sexualidade, do direito de ter ou não filhos, a questão do aborto, do trabalho feminino, principalmente do assédio sexual, mas também da desigualdade salarial, enfim, essas coisas todas. Uma das questões mais fortes foi a das creches! Fui uma das lideranças do movimento de creche porque me identifiquei com aquelas mulheres. Sempre tive filhos e não sabia onde colocá-los. Tinha que fazer atividades políticas o tempo todo clandestinas e, em

determinados lugares, não podia leva-los até por uma questão de segurança. Então era um grande sacrifício! Por isso me identifiquei e, então, fizemos a luta pelas creches.

Na União de Mulheres tinha muita gente que além da luta por creches queria fazer outras discussões como sobre o aborto, violência, sexualidade, licença-maternidade e outros assuntos. Então, em 1981, fizemos uma assembleia com 300 mulheres para organizar isso.

Até chegar em São Paulo, a jornada foi longa... Com quatro meses de idade saímos de Minas e fomos para Santos, onde meu pai foi ser portuário. Um tempo depois voltamos para Minas, onde meu pai passou a trabalhar como ferroviário, sempre na área de transportes. Durante a clandestinidade, vivi no Rio de Janeiro, onde a Janaína e o Edson nasceram. Somente depois vim para São Paulo, onde passei a trabalhar na imprensa clandestina, até ser presa. Quando saí da prisão, voltei para o Rio e passei a ficar entre o Rio e São Paulo, mas foi aqui que acabei arrumando emprego e acabei me estabelecendo. Trabalhei no Jornal Movimento, onde tinha remuneração e, paralelamente, me dedicava como voluntária ao Brasil Mulher.

A União de Mulheres sempre defendeu a legalização do aborto, assim como outras bandeiras feministas. No processo da Constituinte, tivemos uma atuação fortíssima! Todo o movimento feminista foi muito atuante, mas a União de Mulheres tinha uma convicção impressionante! Tínhamos muita clareza da vergonha que era ter leis que diziam que o pai pode deserdar filha desonesta; se a mulher não casa virgem, pode se anular o casamento. Em 1977 o divórcio foi conquistado, mas ainda de forma muito tímida. Por isso, nos dedicamos muito a esta luta! Cada bandeira defendida teve uma trajetória especial dentro do processo da Constituinte.

No caso do aborto, uma parte das feministas achava que não devíamos falar claramente que queríamos o direito ao aborto, para evitar provocar os conservadores. Sempre tem essa história... Minha vida inteira ouvi isso. É preciso avançar, senão sempre vai para trás ou fica no mesmo lugar. Naquele momento, tivemos um papel muito importante ao defender estas propostas. No começo perdemos. Toda discussão que se fazia nesse sentido, nós perdíamos. Um momento crítico foi quando o “centrão”, o “centrão-direita”, ou seja, as alas conservadoras, queriam que os primeiros artigos da Constituição, a cláusula pétrea, estabelecesse o direito à vida desde a concepção. Esta

ideia estava muito forte no Congresso e provavelmente iria ganhar. Era hora de agir! Fomos para a rua fazer a emenda popular. Isto é uma loucura porque na emenda popular da Constituinte era preciso conseguir 30 mil assinaturas. É muita coisa! E conseguimos! Não só a União de Mulheres, mas vários movimentos aqui e em todo o Brasil se organizaram. Nós conseguimos 12 mil e poucas assinaturas em São Paulo, quase metade das 30 mil exigidas. Destas, quatro mil e poucas foram coletadas pela União de Mulheres. Nosso papel foi fundamental! Tanto que fui escolhida para fazer a defesa dessa emenda. Deve estar lá nos anais da Constituinte...

Preparei o que ia defender junto com todas as mulheres, mas no dia da defesa fiquei extremamente sozinha. As mulheres ficaram no plenário e somente eu fui para dentro, como se fosse uma deputada. Conseguimos as 30 mil assinaturas com muita dificuldade. Durante um bom tempo, íamos para o Viaduto do Chá duas ou três vezes por semana para discutir com o povo. Além disso, tínhamos que lidar com pessoas muito maldosas, como algumas da igreja católica, por exemplo. Eles fizeram uma emenda popular em que entravam três direitos: um era contra a tortura, o outro a favor da reforma agrária e o último era contra o aborto. As pessoas olhavam os dois primeiros e assinavam. Com isso, conseguiram 500 mil assinaturas! Como nossa emenda era sobre o aborto, não tivemos o mesmo retorno...

No momento da defesa, uma representante da igreja fez sua apresentação genericamente, com um discurso conservador e sem grandes efeitos. O discurso inovador ali era o meu mesmo! Defendia a legalização do aborto com todos os pingos nos "i"s e sem o apoio dos partidos políticos, que tinham medo de se comprometer. Lembro que somente dois deputados me deram apoio: um do PT de Minas Gerais e outro do PDT de algum estado do norte do país que agora não recordo... Eles me ouviram até o fim e depois defenderam a proposta. Em compensação, fui acusada de aborteira e assassina por uma lacerdista chamada Sandra, que conheci no Rio de Janeiro. Uma mulher terrível, da ultra-direita, que defendeu o golpe junto com o Lacerda, conhecida por "limpar" a cidade, jogando mendigos no Rio Guandu para diminuir os moradores de rua que "enfeiam" a cidade... Foi muito duro, um momento de sofrimento solitário! Mesmo assim, fui até o fim, como sempre faço. Se tenho uma tarefa, vou até o final!

Depois que terminei, as meninas me levaram para a casa da Gilda Cabral, do Cefemea, que foi alguém que me ajudou muito! Saí daquele lugar com muita dor de cabeça e extremamente cansada. Ela colocou uma fralda quente no meu rosto e, aos poucos, fui relaxando e me sentindo melhor.

Com certeza, este foi um dos momentos mais fortes da minha militância como feminista. Mas, de lá para cá fiz e continuo fazendo muita coisa! O projeto “Promotoras Legais Populares” discute, entre outros temas, a defesa e legalização do aborto. Fazemos este curso há 20 anos! É uma iniciativa que tem em vários lugares do Brasil. No caso do interior não saberia dizer exatamente como as mulheres se posicionam em relação à legalização do aborto, porque quando estou lá não vejo ninguém discutir o assunto ou protestar. Agora, aqui em São Paulo, nos dez primeiros anos do curso, sempre tinha gente que protestava contra a legalização do aborto e contra lésbicas! Até manifestações racistas apareciam! Estes eram os três pontos mais polêmicos do projeto. Hoje não. Diria que ou mudou o perfil das mulheres que frequentam ou elas evoluíram... De qualquer forma, a discussão do aborto sempre está presente. Recentemente falamos sobre o desaparecimento da Jandira, a menina do Rio que desapareceu depois de buscar atendimento em uma clínica de aborto clandestina. Olha onde o aborto inseguro leva! Aquilo foi um absurdo! Para mim, o desaparecimento de um corpo é um sofrimento a mais. Posso dizer com convicção porque tenho desaparecidos em minha família e lido com esse assunto o tempo todo! Isto também é tratado no projeto.

Para mim, o que impede que a discussão sobre o aborto avance é o moralismo, o conservadorismo tão presentes tanto no governo como na sociedade e até dentro do movimento feminista! No “meu tempo”, quando uma mulher fazia aborto, existia alguma solidariedade, alguém que ajudava a ir para o hospital, pelo menos. Hoje em dia é a coisa mais difícil que tem! Não existe uma retaguarda, não se pode falar nada sobre o assunto, quer dizer, os fundamentalismos avançaram sem ter uma resistência, uma oposição de forma organizada.

A governança está preocupada com a governabilidade e não em garantir direitos! É um absurdo esse retrocesso político que acompanhamos! É preciso realmente respeitar a dignidade das pessoas, isto é uma bandeira de luta. Caso contrário, prevalecem acordos

políticos espúrios, como a gente vê por aí... Às vezes, mesmo uma feminista petista vai fazer acordos porque o governo petista não pode falar sobre aborto ou porque a igreja católica, evangélica não deixa...

Temos que ter um estado laico de verdade! A laicidade do Estado é fundamental para se compreender e tratar de forma mais aberta questões como as uniões homoafetivas, de sexualidade, a legalização do aborto, a legalização da maconha. É preciso ser mais coerente com a dignidade que defendemos enquanto sociedade democrática. Mas, ao contrário, o que acontece é que as mulheres continuam sendo expostas ao ridículo de perder a vida, ficar com o corpo desaparecido, como o caso da Jandira. E olha que falamos de 2014 e não do “meu tempo”. Isto é um absurdo!

Minha vida é totalmente ligada a essas lutas. Mas, tem momentos que paro um pouco e gosto de andar... Adoro andar na praia, no Ibirapuera, em qualquer lugar. Sozinha, acompanhada, com os meus cachorros, não importa, eu gosto mesmo é de andar! Talvez seja isso o que mais faço... Mas, também gosto de apreciar as artes: cinema, teatro, artes plásticas, música, de preferência MPB, mas também latino-americana, os cubanos, tangos argentinos... Tango acho algo assim muito chocante, impactante! Gosto disso!

Também gosto dessa arte que é ligada à História. Há muitos anos, vi uma exposição na Casa das Rosas chamada “Virando Vinte”, que falava sobre o século XX. Podia se conhecer a história da cidade, do Porto de Santos, tudo ligado ao século XX. E a técnica era muito bonita também, usando imagem, som... Gosto muito desse tipo de coisa!

Algo que me choca e me chama atenção é um sonho que tenho de vez em quando... Sonho que estou voando e até parece que vou cair da cama... E quando estou acordada, nossa, tenho muitos sonhos! Sonho com um mundo mais justo e melhor! Um sonho muito simples que tenho é que as mulheres que sofrem violência e, depois da Lei Maria da Penha, podem denunciar seus agressores, não fossem mais mortas. Mas, infelizmente, não é isto que está acontecendo... As mulheres continuam morrendo. A cada noventa minutos uma mulher é assassinada no Brasil.

Em 2006, quando foi aprovada a Lei Maria da Penha, pensei: “Pronto! Quem sabe agora que as mulheres podem denunciar, mesmo que muitas não denunciem, o Estado vai intervir, garantir a segurança e proteger a vida dessas mulheres...” Mas, não é isso que

está acontecendo. Ao contrário, quando a mulher denuncia, o Estado a deixa ao deus dará e acaba com ela sendo assassinada.

No caso do aborto, fiz várias campanhas em escolas! É importante que isso faça parte da educação. Por exemplo, esses dias fui com meu marido ao oftalmologista para ver a situação da catarata e a médica falou que se ele quisesse operar, ela faria a cirurgia. Mas, na opinião como médica, ela não o faria agora porque ele precisaria melhorar a diabetes para ter uma cicatrização mais adequada. Quer dizer, o corpo é dele. Ele é quem decide se vai operar agora ou não.

No que diz respeito ao aborto, eu nem queria discutir. É uma questão de foro íntimo e não o Estado que deve legislar. Se uma pessoa está grávida e entende que não pode levar adiante a gravidez, faz-se um aborto com todas as condições para sua saúde física e mental. A gente precisa discutir isso melhor. É um assunto de foro íntimo, mas deve ser tratado também do ponto de vista social e político. Ou seja, é preciso garantir que se fale sobre o assunto sem sofrer ameaças ou ser criminalizada. Porque agora nem falar sobre o assunto é permitido!

Num momento com tanto meio de comunicação como celulares, e-mails é um absurdo que não se possa falar sobre aborto. Uma pessoa que precisa recorrer ao aborto não pode falar sobre isso porque pode ser ameaçada e acaba se arriscando em clínicas clandestinas, como aconteceu com a Jandira. Quem atendeu essa moça? Com certeza gente de má índole porque esconder o corpo de uma pessoa, para mim, é uma maldade, uma perversidade que não tem classificação! Esconder o corpo é como tirar a humanidade da pessoa! Mas, estas pessoas não são chamadas de bandidos! A mulher que faz aborto é...

Na França, a audácia das feministas fez as coisas na marra! Mesmo sabendo que seriam presas, elas faziam aborto nas outras porque aprenderam a técnica. No Brasil, nem as feministas têm coragem de falar a palavra aborto. Nosso país é reprimido e este conservadorismo acaba impedindo até mesmo quem quer avançar. Este é o problema! Por isso, se não tiver um grupo de feministas audaciosas o aborto não vai ser legalizado no Brasil.

Giana

Quando comentei que estava fazendo um trabalho sobre aborto conversamos sobre algo que ela havia me contado muito tempo antes... Confesso que me senti encabulada ao lhe pedir oficialmente uma entrevista... Ao que soube por outra pessoa que ela gostaria de fazê-lo...

A entrevista correu de maneira mais formal do que nossas conversas de costume e entendi um pouco mais sobre os limites em entrevistar pessoas próximas... Apesar disso, ouvir e registrar sua história, para mim, foi oportunidade de valorizar sua experiência e um pouco das histórias que já conhecia, embora o anonimato precise ser preservado.

Ela sempre me contou histórias, que amava... Esta foi mais uma... A experiência desta colaboradora remonta a uma época e ilumina dilemas vivenciados pelas mulheres brasileiras das classes populares. Além disso, permite vislumbrar importante recorte geracional.

O agradecimento é mais que especial!

Se me perguntam se sou a favor ou contra o aborto, sou totalmente contra! Acho que tem que ter uma punição com certeza! No meu caso, como foi sigiloso, me senti punida pela vida. Atribui todo meu sofrimento e meus maus momentos a isso.

Nasci no interior de Minas Gerais em 1951, onde morava com meus pais e irmãos. Tivemos uma vida muito difícil! Na minha cidade só tinha até o quarto ano primário, então fomos morar na cidade vizinha para continuar os estudos. Fomos só minha mãe e os filhos e passamos muita dificuldade, chegamos a passar fome porque meu pai parou de mandar dinheiro. Minha mãe costurava para fora, mas o dinheiro não dava porque tinha que pagar aluguel. Voltamos para casa e parei os estudos. Fiz até a quinta série e nunca mais tive oportunidade de estudar.

Aos quinze anos vim embora para São Paulo... Meus tios já moravam aqui e minha irmã mais velha tinha vindo morar com eles. Quando ela voltou para passear em Minas, quis vir para São Paulo com ela para ajudar meus pais porque a gente podia trabalhar e mandar dinheiro para eles. Deixei família, meus pais e irmãos...

Na rodoviária, quando cheguei com minha irmã e uma prima, parecia o “Jeca Tatu” com a mala na mão. Dava um passo pra frente e dois pra trás por causa dos carros. Aquele monte de carros! Demorei muito para me adaptar! A maneira de falar, vestir, andar... Sentia-me como uma verdadeira matuta! Naquela fase de uns 15 anos foi muito difícil! Até para abrir a boca para falar tinha dificuldade porque falava tudo errado, cheio de sotaque... Nunca tinha andado de ônibus! Lembro a primeira vez que foi muito engraçada! Passei da catraca e fui parar perto do motorista! A gente entrava por trás, a catraca era no meio, e quando passei fui parar lá na frente!

Foi muito difícil aqui, trabalhar como empregada doméstica... Enfrentei muita dureza! Todas nós trabalhávamos de doméstica e morávamos no emprego. No final de semana íamos para a casa da minha tia. E o frio? Nossa! Não tinha sequer uma blusa de frio porque na minha cidade era muito quente! Na época tinha muito parquinho e quando passeava, o pessoal falava: “Nossa, a gatinha não sente frio!” E eu ia tremendo de frio, mas toda “bam bam bam”. Só que não tinha nem roupa para vestir! Na casa da minha tia, dormia num tapete no chão! Ela morava num quarto e cozinha com dois filhos e o marido, então colocava um tapete no chão para mim. Eu amanhecia quase congelada! Tinha até placas de gelo na porta de casa!

Quando comecei a trabalhar as coisas melhoraram um pouco porque tinha o quarto de empregada. Mas a solidão era muito grande! Chegava a dar desespero! Uma metrópole desse tamanho e eu que tinha vindo de lá do meio do mato, onde não tinha televisão – que eu vim conhecer aqui – nem ônibus... Hoje tem tudo lá, mas naquela época não. Minha casa era toda de chão batido e foi a maior alegria quando meu pai cimentou a casa! E quando colocou luz? Nossa! Era um bico de luz só no meio da casa! Era um motor que ficava das sete às dez da noite! Geladeira nem pensar! Nada disso! Banho quente não tinha, era de caneca mesmo... Mas eu era feliz!

No começo foi muito difícil! Eu sofria muito! Chorava dia e noite! Naquela época, como não tinha telefone, escrevia todos os dias uma carta para a minha mãe. Uns quatro

ou cinco anos depois, alugamos um quarto e cozinha e a trouxemos. Ela deixou dois filhos com meu pai e trouxe os outros. Foi difícil, mas a gente pagava a prestação dos móveis e o aluguel. Mal dava para comer... Minha mãe era uma excelente costureira e trabalhava para as fábricas. Era de onde saía o sustento dos filhos.

Aos 17 anos me envolvi com uma pessoa e fiquei grávida... Sofri muito! Meus pais não aceitaram, fui colocada para fora de casa! Mas, enfim, sempre tive na minha mente que não queria que meu filho se envergonhasse do meu passado! Com esse pensamento fui à luta! Trabalhava e pagava alguém para cuidar dele. Consegui criá-lo com muita dificuldade, mas hoje posso dizer que ele é um grande homem e não se envergonha do meu passado – que era a minha grande preocupação...

Era muito nova e não posso dizer que o pai do meu filho me iludiu. Eu me iludi com ele, sabe... Na época era muito diferente de hoje. Não tinha informação sobre essas coisas em televisão ou coisa do tipo. E os pais, pelo amor de Deus, jamais falavam com a gente o que quer que fosse a respeito do assunto! Meu pai ficou muito decepcionado! Ele dizia uma coisa que hoje vejo até como uma piada... Ele falava que meu filho era o diploma que vim tirar em São Paulo. Porque eu tinha falado que viria para cá estudar, ser alguém na vida!

Sobre gravidez, como evitar filho, essas coisas, eu sabia muito pouco! Tinha vindo do interior e era muito inocente com as coisas. Mesmo assim, posso dizer que foi descuido mesmo... Eu tinha 17 anos, ele 18, em fase de quartel. A mãe dele foi contra na época e foi um transtorno danado! Meu pai veio de Minas e foi quando tive que sair de casa. Fiquei na casa de umas amigas que eram muito pobres! Não tinha nem o que comer, só onde dormir mesmo! Na época bebia muito, posso dizer que virei alcóolatra! Essa minha vizinha era alcóolatra e eu ficava com ela. A gente bebia pinga o dia inteiro! Ficava bêbada e não tinha nada para comer... Acabei vendo a bebida como uma fuga! Sabe a pessoa que está sem esperança de nada na vida? Isso existe mesmo! A pessoa bebe para afogar as mágoas e pode ver que tem gente que quando tem algum problema, vai lá e enche a cara! Esse foi o meu caso. Porque não fui criada com bebida... Meu pai não bebia jamais! Eu mesma, quando juvenzinha tomava alguma coisa, mas nada nesse nível. Na minha família não existe nenhum histórico de alcoolismo, então comigo foi realmente o desgosto... Estava revoltada com a vida!

Minha mãe tinha viajado com meus irmãos pequenos e me deixou com a minha irmã e meu irmão mais velhos. Meu irmão, do dia em que soube que estava grávida, ficou 13 anos sem falar comigo! Ele me renegava, tinha vergonha de mim... Minha irmã trabalhava e me desprezava muito! O que eu tinha era essa vizinha como companhia...

Fiquei lá enquanto meu pai estava em São Paulo e depois voltei, mas na casa da minha mãe não era muito diferente... O descaso era imenso! Era como se eu não existisse! Um desprezo só! Teve dias em que eles faziam almoço e sequer deixavam comida para mim. Uma vez foi um pessoal almoçar em casa e eu era tratada como um zero à esquerda. Não deixaram nada para eu comer! Lavei toda a louça, arrumei a cozinha e não comi nada... Passei muita humilhação!

Tive meu primeiro filho no Amparo Maternal, um hospital para mães solteiras. Sofri muito! Para ir embora não tinha nem roupa para vestir e tive que me enrolar no cobertor do neném que minha mãe tinha levado porque estava muito frio e minha roupa tinha sumido no hospital. No caminho, minha mãe comprou um penhoar numa loja e foi o que vesti para voltar para casa.

Quando meu filho tinha um ano e meio e eu estava com 20 anos, fiquei grávida novamente... Gostava demais do pai dele e voltamos a nos encontrar. Desta vez foi muito mais difícil! Passei frio, fome, rejeição da família inteira! No primeiro filho, minha mãe até deu “apoio”, mas no segundo, nossa! Ela ficou muito brava mesmo comigo porque não era para ter acontecido!

Estava na casa da minha mãe quando comecei a sentir as dores do parto. Peguei uma tesoura e um cordão, deitei na cama e fiquei com dor sozinha em casa. Quando minha vizinha foi me procurar, soube que estava sentindo as dores do parto e me levou para a casa dela. Ela queria me levar para o hospital, mas eu não queria de jeito nenhum! Não tinha feito o pré-natal, não tinha ideia do tempo que estava de gravidez... Não tinha uma fralda sequer para o bebê! Foi então que ela chamou outra vizinha, minha conterrânea, que fazia partos. Pediu para ela fazer meu parto, mas ela colocou uma condição: “Faço, mas não posso ter responsabilidade nenhuma!” Então, acabaram chamando a polícia. Chegou uma viatura com dois policiais que queriam me levar para o hospital, mas eu insistia em não ir! Na verdade, eu queria mesmo era morrer... Pensei que se ficasse em

casa isso poderia acontecer... No caso, a polícia fez um termo tirando a responsabilidade da vizinha, que concordou em fazer o parto.

Eu sentia as dores, mas não tinha força suficiente para ter o bebê. Depois de muito tempo, a parteira começou a usar os métodos do interior: banho de água bem quente nas costas e vários truques que se usavam. Finalmente, a bebê nasceu! Mas, começou outro grande problema! A placenta não saiu junto... Ficou dentro de mim. Ficou muito difícil e todos entraram em pânico! Mas eu não queria ir para o hospital de forma nenhuma! Naquela hora já tinha várias mulheres no quarto que começaram a fazer promessa, acender velas, rezar e, graças a deus, a neném nasceu! Nasceu com fome, mordendo o bracinho, mas felizmente eu tinha leite e dei de mamar...

Quinze dias depois precisei voltar a trabalhar como empregada doméstica porque tinha o outro bebê para sustentar. Os dois são filhos do mesmo pai, mas ele não assumiu nenhum, simplesmente ignorou... Quando voltei ao trabalho, era muito complicado porque não tinha contado para minha patroa e, como tinha muito leite, vazava na roupa e eu tentava esconder. Um dia não teve jeito! A patroa chegou de repente e viu minha blusa toda molhada. Foi quando contei toda a história, minha situação e dificuldade que passava. Ela ficou muito brava comigo, disse que não deveria ter escondido, mas não me mandou embora. Trabalhei com ela ainda por dois anos.

Na época, a gente morava num conjunto habitacional abandonado que minha mãe e outras pessoas tinham invadido. Nossa condição era realmente muito difícil! Moramos durante cinco anos neste lugar.

Um casal de vizinhos que não tinha filhos se propôs a ficar com a menina para eu trabalhar porque conheciam a situação. Eu tinha que trabalhar para dar o que comer para o meu filho, então deixei a bebê com eles. Como dormia no trabalho, só voltava para casa nos finais de semana. Tentei pagá-los, mas nunca quiseram receber... Quando a menina estava com dois anos e pouco, eles fugiram com ela. Levaram embora e nunca mais tive notícia. Também não procurei, na verdade...

Na adolescência, ela descobriu que era registrada em meu nome e que não era filha legítima deles. Foi então que me procurou... Infelizmente não havia afinidade nenhuma entre nós e não há até hoje. Depois disso, tivemos muito pouco contato e até hoje é assim. Tenho netos que são filhos dela, mas não existe afinidade nem da minha parte,

nem da dela... Os pais adotivos morreram e ela não deu certo nos relacionamentos, então vive sozinha com os filhos. Eles vivem a vida deles e eu a minha. Não me procuram e também não os procuro. Enfim...

Uma vez meu filho teve um outro problema... Quando tinha uns dois anos, a pessoa que cuidava dele acho que deu mamadeira estragada e ele teve uma infecção no intestino terrível! Quase o perdi! Mais uma vez Deus colocou alguém muito bom na minha vida, que foi minha patroa da época. Expliquei toda a situação e ela me mandou com seu motorista até minha casa para buscar o bebê e ela me levou até o Einstein, no médico das crianças dela! O médico consultou e ela pagou tudo: a consulta, todos os remédios e, graças a Deus, ele ficou bem!

Morei durante bastante tempo com a minha mãe, enquanto meu pai continuava a morar no interior. Nossa casa era um problema a mais... Na época era o BNH, e queriam vender para a gente por um preço muito barato, mas não tínhamos a mínima condição de comprar. Saímos de lá despejados e fomos para um cômodo que um primo, que tinha casas de aluguel, arrumou. Tivemos que ficar neste quarto todos nós, inclusive o bebê... Depois, desocupou o cômodo ao lado e ficamos morando em dois cômodos. Foi quando minha mãe fez a inscrição para um conjunto habitacional. Quando saíram as casas, meu pai não veio assinar os papéis porque não gostava que morássemos aqui, então perdemos a oportunidade. Minha mãe tornou a fazer a inscrição e, em 1978, saíram os apartamentos na cidade vizinha, na região metropolitana de São Paulo.

Vim aqui para falar sobre aborto e confesso que estava me esquecendo... Não sei precisar a data... Foi depois do nascimento da menina. Tive relacionamento com uma pessoa por uns três anos. Já não era o pai dos outros dois. A gente brigava muito! Ele era ciumento e judiava muito de mim. Sofria demais! Ele chegava até a me agredir! Não podia olhar para os lados na rua!

Fiquei grávida e ele até queria assumir, mas pensei muito em tudo o que acontecia e decidi fazer o aborto. Uma amiga me indicou, mas não era um lugar público ou conhecido. Era muito caro e tudo envolto por muito sigilo! Isso foi por volta de 1976... Fui numa dessas pessoas que faz aborto quando estava com três meses e meio de gravidez. Super perigoso! A gente tomava a injeção abortiva e ia embora. Não tinha a mínima ideia de onde vinha aquele medicamento! Quase morri!

Tomei a injeção à noite e fui trabalhar normalmente. Quando cheguei no serviço, a gente trabalhava toda de branco, me troquei e fomos tomar café numa barraquinha lá fora como de costume. Quando a mulher me serviu o café, senti aquele monte de sangue que sujou toda a minha roupa. Me levaram correndo para a enfermaria e expliquei a verdade para a enfermeira, que estava sofrendo um aborto. Fique em repouso e quando fui ao banheiro fazer xixi, o bebê caiu na privada. A enfermeira me ajudou a pegar, passamos álcool e colocamos em um vidro. Estava todo formado, completo, era um menino também...

A ambulância da empresa, em vez de me levar para o hospital, me levou para casa, onde comecei a sentir dores horríveis! Gritava de dor! Minha mãe estava trabalhando e quando chegou, fui obrigada a contar. Mostrei para ela... Tinha trazido o feto para casa... Mas as dores foram piorando cada vez mais e então chamaram um amigo que tinha uma perua para me socorrer. A dor era tanta que ninguém podia encostar a mão em mim. Parecia que a dor tomava meu corpo inteiro! Não tem como explicar uma dor como essa! Isso porque a placenta apodreceu dentro de mim... O feto nasceu, mas a placenta não... Teria que fazer uma curetagem...

Foi negligência da enfermagem da empresa, porque sabiam que eu tinha sofrido um aborto. Mas até então não sabia que era por causa da placenta... No outro dia de manhã, minha mãe me levou no convênio. O médico enfiou o dedo e puxou... Saiu uma pele preta, da cor de carvão de dentro de mim... Ele disse para a minha mãe que aquilo ia me matar em menos de uma hora! Se não tivesse tirado eu teria morrido! Tomei anestesia geral, fizeram a curetagem e fiquei três dias internada... Minha mãe enterrou o feto lá no fundo do quintal... Essa história pouquíssimas pessoas sabem... Só os mais próximos da família...

Não tive escolha porque não queria ficar com aquele namorado. Já estava com ele há bastante tempo, mas ele me torturava! Gostava muito de mim, era uma pessoa boa, porém o ciúme era muito forte, ele me sufocava demais! Com certeza eu seria infeliz, não daria certo! Ele não soube que provoquei o aborto, mas quando ficou sabendo, nossa! Chorou muito! Ele achava que eu tinha perdido naturalmente.

Estava numa situação muito complicada. Comecei a me desentender com a minha mãe... Na época, meu filho era pequeno e fiquei morando com meu pai por um mês. Fui com

meu filho e meu pai ficou muito contente! Eu fazia a comida e, como fumava e bebia na época, ele me dava cigarro e bebida... Eu limpava a casa e estava tudo bem. Fazia companhia para ele, que morava sozinho, e estava tudo certo. Mas, fiquei desesperada para vir embora! Não sei explicar o motivo...

Antes de ir uma empresa grande havia aberto vagas e preenchi uma ficha. Fiz tudo certinho e passei no teste! Embora só tenha estudado até a sexta série, modéstia a parte, sou muito boa no que faço! Só que coloquei que tinha filho... A moça disse que não podia e fiquei muito decepcionada! Foi um dos motivos de ir para a casa do meu pai... Tentei ir embora, mas não deu certo...

Voltei para São Paulo e fui lá de novo. Dei sorte porque estavam fazendo seleção e eram muitas pessoas! Mas, dessa vez fiz a ficha e coloquei que não tinha filhos... Aí consegui a vaga! Entrei nessa empresa e foi quando minha vida mudou! Tinha mais condições de dar as coisas para o meu filho. Gostava muito de trabalhar lá!

Eles deram muitos testes para fazer para os melhores cargos porque até então eram todos ajudantes de produção. Os outros eram de auxiliar técnico, calibradora, revisora, cargos com salários melhores. Fiz os testes e fui contemplada com um dos cargos com salários melhores! Trabalhei lá por onze anos, mas durante um ano ninguém sabia que eu tinha filho, até que ele ficou muito doente! A assistente social era muito bacana, tinha muita amizade com ela, então como precisava faltar no serviço, resolvi conversar com ela. Conteí toda a história, o motivo por ter mentido sobre meu filho, o quanto aquele emprego era importante para mim e ela ficou muito comovida! Pediu para levar imediatamente o registro dele e, no dia seguinte, ela fez a autorização e falou para levá-lo no médico. Ela foi muito bacana! E tem muitas pessoas boas na minha história...

Quando meu filho tinha oito anos, conheci uma pessoa, que é meu atual marido. Ficamos juntos quatro anos e nos casamos. Meu filho mais velho o considera como pai, embora não o chame assim. Queria demais o pai biológico conhecesse meu filho para ver o que perdeu, o homem que meu filho é hoje! Inclusive na aparência eles são muito parecidos! Até hoje às vezes falamos por telefone porque tenho amizade com a mulher dele e confesso que não tenho raiva. Ele não me enganou, nunca me prometeu nada, como tinha e tem muito caso de homem que fala que vai casar e depois não assume o compromisso. Esse não foi o caso dele. Muita gente me criticava dizendo que ele nunca

me deu assistência. Inclusive, quando meu filho completou 30 anos, o pai o procurou e insistiu muito para conhecê-lo, mas ele não aceita de jeito nenhum! Chegou a conhecer os irmãos, mas só... Ele foi categórico: “Depois de 30 anos ele lembrou que tem filho?” Mesmo aceitando conhecer os irmãos, ele não quis contato. Ficou cada um para o seu lado e tudo bem. Mesmo assim, meu grande sonho é que ele conhecesse o pai... Acho muito difícil porque ele não gosta nem de tocar no nome!

Depois de um ano do casamento, fiquei grávida e tenho um filho que hoje está com 28 anos. Hoje estou com 59 anos e mesmo com meus filhos todos adultos, fico muito triste com o meu mais novo pelo tipo de problema que ele me dá porque foi o que mais teve assistência. Já estava casada e nunca faltou nada para ele! Na medida do possível, ele teve tudo o que quis, sendo que os outros dois não tiveram... A menina sequer minha companhia teve! E o mais velho, foi muito difícil para criá-lo, mas tenho certeza de que ele é muito grato por isso. Ele me valoriza muito! Não me ajudou muito porque saiu de casa, foi viver a vida dele e depois teve mulher e filho. Mas é alguém com quem sei que posso contar a qualquer hora que precisar. Já o mais novo é muito malcriado comigo, é rebelde e não sei o que acontece... Ele me dá muito trabalho mesmo!

Sou católica, mas só “de nome” mesmo. Muito relaxada, vou muito de vez em quando à missa e não rezo tanto quanto deveria. Mas acredito muito em Deus e agradeço por tudo que ele me deu, a vida que tive e tenho hoje. Meu filho mais velho frequentou catecismo, ia à missa, mas depois que casou parece que segue o espiritismo com a esposa. Já o mais novo fala que acredita em Deus e ponto. Nunca foi a uma igreja, não frequenta nada nem tem religião. Eu me sinto culpada por não tê-lo induzido a ir quando era menor, ter levado ele, sei lá...

No meu caso, no caso do meu aborto, nossa, isso pesou muito! Inclusive, até hoje tenho em mente, pelo que passo com meu filho mais novo, a maneira como ele me trata, o fato de ser tão malcriado e rebelde, penso, no meu íntimo que é como um castigo pelo que eu fiz... Eu me arrependi muito, muito, muito! Sofri muito tempo com arrependimento! Quando fui casar, fiz um curso na igreja e eles mostraram slides de uma criança sofrendo aborto, se debatendo dentro do útero para morrer. Fiquei muito mal porque meu marido nem sabe desse episódio! Ele até estranhou porque fiquei tão abalada!

Fiquei muito tempo assim porque acho que foi um pecado muito grande que cometi. Pedi perdão a Deus, mas pesa em mim ter feito isso...

Se me perguntam se sou a favor ou contra o aborto, sou totalmente contra! Acho que tem que ter uma punição com certeza! No meu caso, como foi sigiloso, me senti punida pela vida. Atribui todo meu sofrimento e meus maus momentos a isso. Inclusive problemas de saúde que meu filho mais novo teve quando nasceu. Enquanto ficava com ele no hospital, deu para refletir muito sobre o que eu fiz...

Lembro da minha vida no interior, quando tudo era inocência e eu era feliz e não sabia... Tinha aquele sonho de vir para a cidade grande pensando que ia ser alguém... Não deveria ter vindo para cá, me arrependi... Acho que minha vida teria sido muito diferente se tivesse ficado lá... Hoje me acostumei e não moraria mais lá. Mesmo assim, não perco uma oportunidade de voltar quando posso! Tenho muito carinho por aquele lugar...

Hoje as coisas são diferentes... Sofri muito com a perda dos meus pais! A gente sempre comentava como éramos uma família privilegiada! Porque até então nunca tínhamos perdido ninguém! Jamais tínhamos sofrido a dor da perda até recentemente... Mas faz parte da vida... E começou “certo”, pelos mais velhos... E eles foram privilegiados porque sempre pediram para nunca perder um filho. E conseguiram... Conheceram até alguns bisnetos...

Hoje, graças a deus, posso dizer que sou uma pessoa feliz. Tenho minha casa, meu marido, meus filhos e alguns sonhos...

Samantha

O que é esta pessoa? *Person person* define!

Amei conhecê-la e tê-la como uma pessoa que sempre que encontro me passa vibrações eternamente positivas!

Soube de sua história por acaso e, diante dos detalhes, pensei em como agregaria a este trabalho. Ela, com muita serenidade, não achou que seria contribuição de grande monta... Qual o que?

A entrevista foi realizada em 1 de outubro de 2015 na sala do Núcleo de Estudos em História Oral. Sem dúvida, abriu importante leque de reflexão! Mais que isso, mostrou que é no acaso que nos deparamos com o inevitável!

Pensando em tudo que tive a oportunidade de viver, se a Edneia tivesse decidido ficar comigo, minha história provavelmente teria sido completamente diferente. Acho que ela foi muito prudente em não querer ter criado uma filha. Foi muito empoderada e dona de si por ter a atitude de falar: “Não! Não é meu momento!”. Não sei se ela não seria uma boa mãe, qual sua ideia em relação a isso, se não tinha dinheiro ou não queria dividir com a família. Independente da posição, ela foi muito racional e isso foi muito legal! Todo mundo deveria ter esse direito de decidir sobre a própria vida e sobre a maternidade.

Não tenho muitas memórias da minha primeira infância. Isso é muito curioso, mas acho que é o normal de todo mundo. Afinal, a gente conhece nossas histórias pelo que os outros nos contam...

Fui um bebê muito doente. Meus pais contam que eu chorava a noite inteira, o tempo todo e eles ficavam a noite acordados me embalando, a cada hora passando de um para o outro. Na nossa casa eram quatro pessoas adultas: meus pais, minha tia-avó e meu tio. Eu vomitava todo o leite que tomava, tossia muito, estava muito abaixo do peso, foram meses assim... Um dia meu pediatra faltou e o substituto disse que eu estava subnutrida, que o que eu tinha era fome. Pediu para trocar o leite por um que estava escasso no supermercado na época. Só vendiam um por pessoa. Minha mãe chamava outras quatro pessoas e iam todas ao supermercado comprar meu leite uma vez por semana.

Essa parte de bebezinha, de chorar muito, às vezes penso que é porque não fui amamentada... Também ouvi histórias, não sei precisar de quem, mas falavam que minha mãe biológica tentava esconder que estava grávida, colocava fita na barriga e tudo mais. Falavam que talvez eu tenha ficado muito presa os nove meses na barriga... Eu não abria as mãos, ficava com elas fechadas o tempo todo! Minha mãe fazia fisioterapia 300 vezes diariamente nos meus dedos para eu conseguir abrir as mãos sem ter que fazer uma cirurgia.

Mas o que lembro mesmo dessa primeira infância é de ser um tempo suuuper feliz! Vários primos, todos em casa e brincando! Sou filha única, mas morava numa rua com 20 crianças. E ainda tinha 50 primos da minha geração, quase todos morando no mesmo bairro.

Além disso, minha mãe tinha perua escolar, então somavam todas as outras crianças do transporte! Sempre várias crianças! Foi uma infância bem, bem feliz! Com muitos passeios, praia, parques de diversão, viagens... Foi bem legal mesmo, com muitas crianças, adultos, muita festa! Minha avó morava em casa, então todas as festas, Natal, Carnaval, eram lá! Juntava todo mundo e virava uma super balada! Eram fogos, churrasco, às vezes a festa começava meio dia e ia até a meia noite! Natal, então, nem se fale! Era o dia 24, 25 e se 26 fosse final de semana ia também! Tenho várias fotos desses momentos!

Adorávamos esportes e danças! Minhas primas, que moravam na região, e eu fazíamos balé, jazz, sapateado, então fazíamos apresentações, de balé, patinação, teatrinhos... Era bem divertido! Na verdade, eu tinha que fazer uma dança, um esporte, um instrumento musical, essas coisas da ideia de família pequeno-burguesa...

Como tenho problemas nos tendões, sempre fui muito rígida e por questões médicas tive que fazer natação, o que não era um problema porque adorava piscina! Éramos sócios de um clube, então, além da natação, jogava basquete, tênis e fazia outros esportes. Ainda fiz jazz, balé, sapateado, tocava piano, violão, flauta. Aquela coisa: “um esporte, uma dança, um instrumento”! Em muitos momentos, várias coisas ao mesmo tempo a partir dos seis anos...

Quando entrei na escola, minha mãe era perueira, então estudava na escola onde ela trabalhava. Era um colégio privado, mas de bairro. Era bem divertido porque a escola era católica e eu nunca fui muito religiosa... Era muito travessa, peralta mesmo! Como gostava de esportes, às vezes cabulava aula para ficar jogando basquete e muita queimada!

Diariamente eram conversas com a minha mãe porque a porteira ou o inspetor a chamavam na hora da saída para contar meus feitos. Tinham coisas que ela aceitava e outras que reclamava, claro! Mas minha mãe era muito parceira com essa coisa da escola. Tinha uma professora de Ciências do quinto ou sexto ano que mandava copiar o capítulo inteiro no caderno, coisa de dez páginas! Aí eu pedia para faltar e minha mãe concordava porque também achava aquilo um absurdo! Meu pai também era muito parceiro, apesar deles valorizarem muito os estudos! Tanto que alguns primos estudavam em escolas públicas e eles marcavam muito o fato de eu ter a oportunidade de ir para a escola privada, que era, segundo eles, melhor e por isso tinha que valorizar onde estava.

No jardim e no pré eu chorava diariamente! Não queria ir de jeito nenhum! Na primeira escola que frequentei lembro bem o porquê! Tinha muita terra e muitas galinhas que corriam atrás de mim! Eu era muito pequena, então imagina a cena!

Quando mudei de colégio, era muito tímida, uma criança muito quieta e minha mãe conta que eu vivia agarrada com ela. Então acho que tinha essa coisa do receio de descolar mesmo e ir para outro espaço socializador. Eu queria mesmo era estar com a minha mãe...

Tinha também meu primo Rogério, que era meu vizinho, e fazíamos tudo juntos, como irmãos, só que sempre ficamos em turmas separadas no colégio! Nós dois chorávamos o tempo todo quando íamos para a escola. Mesmo separados, a gente sempre estava juntos

nas festas. Nos ensaios de Dia das Crianças, Festa Junina, 7 de Setembro, tudo, íamos para a sala um do outro para ensaiar porque “tínhamos” que ficar lado a lado em todos os eventos sociais.

Nunca tive medo de minha mãe me esquecer na escola porque ela tinha a responsabilidade das várias crianças da perua. Mas passamos por algumas situações de perigo juntas...

Uma vez a perua pegou fogo! Não lembro muito da reação das outras crianças, mas lembro da minha mãe falando: “Todo mundo pra fora!” Eu, como sempre fui muito organizativa, falava na direção das crianças: “Você bate de porta em porta e pede água, pede para chamar o bombeiro!”, “Você vai junto apoiar essa pessoa!”, “Você vem comigo buscar areia para jogar no motor da perua!”, “Você pega o extintor!”... Cada um tinha uma função! Vamos apagar o incêndio e chamar ajuda! Fizemos isso apagamos o fogo antes mesmo dos bombeiros chegarem...

Outra vez, eu devia ter uns 11 anos, estava chovendo e estávamos numa via paralela à Anhanguera, perto do Parque São Domingos. O carro derrapou e girou 360 graus! Quando o carro parou, minha mãe se virou e disse: “Está todo mundo bem?”. Sim, estava. E eu repetia: “Está todo mundo bem?”. Era engraçado... Em situações de emergência, tínhamos esse comportamento de resolver a situação.

Tínhamos uma “chacrinha” no interior e às vezes, quando íamos para lá em dia de chuva, a perua ou o carro atolava no meio do caminho. Sem muitas delongas, a gente descia, empurrava e continuávamos a viagem! Posso dizer até que quando criança nunca senti medo. Mesmo nadando, sabia que o salva vidas estava lá!

Mesmo meus pais sendo parceiros, tinham coisas que eles não gostavam, claro! Por exemplo, quando cabulava aula para ficar jogando ou quando desrespeitava os padres, o que fazia bastante! Era coisa de criança como tomar muito gelado no dia anterior à aula de religião para ficar soando o nariz na capela para fazer barulho... Lógico que os professores sabiam que era de propósito! Tinha vezes que eu lia a Bíblia para discutir na aula de religião e falava: “Não! Espera aí! Uma pessoa de 800 anos? Isso não existe! Isso é um livro e historinhas e você quer que eu acredite como se fosse verdade?”

Apesar de tudo, acho que me mantiveram nessa escola porque era o único colégio particular do bairro. Provavelmente eles quisessem mostrar algum status de que tinham uma boa situação financeira e que, por isso, eu não precisava frequentar a escola pública. Tinha aquele preconceito de que em colégio público só tem trombadinha, essas coisas... Não seria o caso porque o bairro era de classe média e estudando de manhã não teria esse tipo de problema. Era mais imaginário mesmo... Também pode ser o fato deles não terem tido acesso à escola e, por isso, queriam me proporcionar um estudo de qualidade. Acreditavam que era a melhor escola do bairro, portanto, eu deveria estudar ali.

Essa escola só tinha o Ensino Fundamental e quando passei para o Ensino Médio já tinha uma reflexão sobre a história do país, da situação contemporânea, então achava importante ir para a escola pública. Afinal, minha família não tinha tanto dinheiro, meu pai não tinha a mesma estabilidade profissional de quando nasci e comecei a frequentar a escola. Houve essa insistência de minha parte para ir para a escola pública, o que foi uma grande briga em casa porque queriam que eu fosse para uma escola privada em algum outro lugar.

Nessa época, minha mãe não tinha mais a perua e meu pai já pulava de emprego anualmente. A questão financeira existia, mas também queria ir para a escola pública por uma questão de independência! A que escolhi ficava na Lapa e como morava em Osasco, significava que teria que pegar ônibus! Para mim seria uma conquista, embora não fosse algo muito concebível na família. Para se ter ideia, tínhamos três carros na garagem. Não eram carros muito bons, mas eram três! Nenhum “zero”, mas sobrava carro para o número de motoristas. Para eles o fato de eu pegar ônibus era um absurdo, enquanto o que eu queria mesmo era a independência porque poderia fazer o que quisesse, sairia de casa para uma atividade que não necessariamente seria a escola... Não teria os olhares me vigiando o tempo todo, porque tinha essa proteção e cuidado constante, até então eu quase nunca saía do campo de visão deles. Mesmo quando cabulava, era para ficar dentro da escola, coisa que mudou obviamente no Ensino Médio, quando cabulava era para ficar fora da escola... A preocupação deles também tinha o lado profissional porque, apesar de saberem escrever e fazer contas, não tinham o Ensino Fundamental completo... Eles sempre trabalharam como motoristas: meu pai

como taxista, motorista particular ou de diretor de empresa; e minha mãe com a perua escolar e a escola era uma oportunidade de ascensão social.

Tinha argumentos sólidos para falar que queria mudar de escola. Além das questões financeiras e familiares, tinha questões de independência porque me sentia numa verdadeira bolha! Às vezes, quando brincava na rua, os dois colocavam cadeiras e ficavam sentados na calçada me vendo brincar. Sair do bairro e estudar em outro lugar foi um momento libertador! No Ensino Médio já gostava de lecionar e tinha afinidade com crianças, então decidi fazer Magistério. Fiz o primeiro ano na Lapa, mas comecei a achar longe, então decidi fazer o segundo ano mais perto de casa.

Sempre moramos na divisa de Osasco e de São Paulo, mas nossa referência era a Lapa e Pinheiros. Osasco era como se fosse outra cidade. Quando falávamos em ir ao “centro”, era a Praça da Sé e não o calçadão de Osasco... Além disso, a Lapa era um lugar familiar porque meu pai viveu lá desde o nascimento... Mesmo assim, estudar na Lapa significava que andaria pela calçada e ninguém sairia contando para meus pais que tinham me visto, estaria finalmente longe de casa! Queria distanciar um pouco a adolescente da criança.

A rebeldia veio mesmo aos 16 anos! Virei gótica, tomava vinho no cemitério! Uns dois anos depois passou aquela novela que tinham os góticos. É um estilo, um comportamento que tem a ver com música e também com literatura! Comecei com as músicas, um pop dos anos 80, que são sempre tristes, de amores perdidos ou de solidão e que eu simplesmente adorava e ouvia bastante! Por afinidade musical, fui conhecendo outras pessoas e começamos a ler muitas coisas do romantismo brasileiro... “Noite na Taverna”, “idolatração”, era um bando de solteiros apaixonados que não conseguia ficar com a pessoa amada. Então a gente lia, bebia bastante do cemitério, andava com roupas pretas...

Minha mãe não entendia nada que estava acontecendo e me levou para todos os “saravás” que conhecia. Todos mesmo! Como eu era uma pessoa ligada aos esportes e tinha aquele padrãozinho “um esporte, uma dança, um instrumento”, de repente ficar trancada no quarto lendo um livro ou ouvindo músicas era uma coisa esquisitíssima! Além disso, nessa idade sempre tem alguém que fugiu de casa ou tentou se suicidar e

minha mãe temia que isso pudesse acontecer comigo. Achava que tinha algo demoníaco, um encosto ou algo do tipo...

Na verdade, minha mãe nunca se encontrou religiosamente, passou por várias religiões e algumas vezes várias ao mesmo tempo. A solução era me levar para benzer, tomar passe, mesa branca, redonda, cachoeira, banho de jasmin, sal grosso... Nossa, tive que fazer muito disso! Como não tinha muita paciência de brigar, quando falavam que só poderia usar roupa branca, eu concordava. Mas, quando saía de casa, levava a roupa preta na mochila e me trocava em qualquer lugar. No final, ia com a roupa que eu queria, claro! Essa fase durou uns cinco anos, foi até meus 19, 20 anos...

Apesar das decepções amorosas, dos 16 aos 18 anos eu beijava todo mundo! Tinha até campeonatos!!! Ainda tinha aquela coisa da superproteção, então podia ir para as baladas, mas meu pai me levava e buscava. E levava o pessoal todo também! Acho que fui voltar de ônibus quase com 18 anos e ainda em ocasiões bem específicas. Íamos para os lugares e apostávamos quem ia beijar mais! Uma noite beijei nove e minha prima Carol, treze! Ela sempre ganhava! Era muito divertido!

Tinha vezes que beijava três: um ótimo, um mais ou menos e o outro muito ruim. Na semana seguinte, encontrava algum de novo e não lembrava qual era. Então, a solução era beijar de novo. Às vezes era o ruim, outras dava sorte de ser o ótimo... Mas também tinha os namoradinhos fixos. Com 17 anos, tinha um na sexta, dois no sábado e um no domingo. O problema era quando um deles chegava no dia errado! Quando isso acontecia, eu dava um jeito... A gente frequentava muito a Broadway, que tinha três ambientes: pop embaixo, rock acima e salsa no lado de fora. O jeito era ficar com um em cada ambiente... Quando isso começou a acontecer com muita frequência, variava as baladas. Na sexta ia para o “Caipirao”, Broadway no sábado e no domingo o Rapsody. Variava os ambientes para não cruzar com os bonitos o tempo todo...

Quando dei meu primeiro beijo, tinha uns 13 para 14 anos. Estava na oitava série e foi numa baladinha na casa de alguém. Não lembro direito do carinha, mas era um bonitinho que eu paquerava... Estávamos dançando música lenta quando rolou... Lembro que adorava Halls e ele estava com um... Foi bem legal!

Minha primeira experiência sexual foi com meu primeiro namorado, aos 19 anos. Já devia ter beijado uns 500 caras na vida! Fazia até lista com nome, estrelinha e

informações do tipo “vou beijar de novo”, “posso passar”, “foi legal, mas não sei se rola”... Tinha agenda onde colocava lembranças de todas as baladinhas, cinema, tudo! Minha primeira vez foi com o Fernando, com quem namorava há quatro meses. Era algo mais sério, ele tinha 24 e eu 19 anos. Teve pedido de namoro, tudo “tradicionalzinho”, como meus pais faziam questão. Foi bem legal, embora gostasse mesmo de outro garoto, o Leo.

Foi divertidíssimo esse namoro! Ficava todo mundo de olho o tempo todo e sempre que saíamos inventavam de alguém ir com a gente, então era tudo muito escondido. No telhado da casa dele a gente ficava bem escondido namorando. Nossa primeira vez foi na praia, em Itanhaém. Foi bem legal! Foi tudo “planejadinho”, estávamos envolvidos e ele era bem parceiro! Ficamos juntos por quase dois anos...

Enquanto isso, continuei sempre próxima dos meus primos. A gente brinca que tem um núcleo central: as irmãs Carla e Michele; as três irmãs Vanessa, Sheila e Daniele; e a Carol e o Jonas. Menos meu primo Rogério que durante a infância era o mais chegado. Quando tinha uns 12 anos ele se mudou para o Parque São Domingos, que para nós um bairro de alta burguesia. Fomos perdendo o contato até por conta de um rolo familiar e hoje somos apenas “amigos de Facebook”.

Com os outros, falo sempre. Hoje mesmo a Carla me ligou para irmos ao teatro no domingo e conversei com a Sheila de manhã. Sem contar o grupo do Whatsapp da família que reúne todo mundo! Como morávamos no mesmo bairro, sempre fomos próximos. Claro que aconteceram briguinhas, o que é normal, mas é todo mundo parceiro. Alguns têm filhos, outros não, mas nos mantemos unidos... A fase das baladinhas na Broadway, por exemplo, era com algumas dessas primas... Nunca tivemos segredos, mas fui a única que fez um caminho diferente, principalmente com relação a minhas escolhas profissionais. Sempre fui um pouco esquisita nesse sentido...

Nossas reuniões de família continuam sendo gigantes! Não é mais na mesma casa porque depois que minha tia-avó morreu, passou para a segunda tia-avó, para a terceira e agora que essa geração morreu, fazemos na casa de quem está vivo... Sempre fui rodeada de pessoas! Sou o que em inglês chamam de “person person”, ou seja, uma pessoa que gosta de pessoas! Gosto de conviver com pessoas e sempre tive muitos, muitos amigos! Dos 13 aos 17 anos nossa turma era enorme! Uma vez alugamos um

ônibus e uma van e fomos em 50 pessoas para a beira de uma represa para ficar lá, comer, beber, conversar e foi nesse dia que tive meu primeiro porre! Meus amigos tinham entre 13 e 19 anos e sempre tinha alguém que tocava violão, cantava, o pessoal que jogava, bebia, enfim... Um desses amigos, o Everson, morava no bairro e no terceiro andar da casa dele tinha um salão de jogos. Claro que a gente vivia lá! Minha casa também teve momentos em que tinha mesa de ping pong e sinuca fixas na garagem! Sempre tive videogames e foram muitas festinhas, bailinhos em casa e na casa dos amigos!

Essa turma acabou entrando no Ensino Médio praticamente ao mesmo tempo. Mas enquanto a maioria foi fazer Regular ou Administração, optei pelo Magistério, então já comecei a destoar um pouco do pessoal. Na minha cabeça e levando em conta que em casa, para meus pais, a ideia era que eles tinham estudado pouco, então eu tinha que ir um pouquinho além, imaginava que tinha que pelo menos terminar o Segundo Grau, hoje Ensino Médio. Seria bom sair com uma profissão e por isso escolhi o Magistério.

Era início dos anos 1990 e lembro que fui cara pintada no impeachment do Collor... Foi bem divertido! Meus pais, super protetores, diziam: “Não, não pode!” Aí eu disse que ia para o shopping porque era greve de professores e não estava tendo aula. Mas, em pleno Jornal Nacional, apareci encima do carro de som gritando: “Fora, Collor!”. Eles: “Mas você não estava no shopping?...” Olha que situação!

Aos 16 anos comecei a trabalhar oficialmente, então mudei a escola para o noturno, o que também foi um impacto porque fui a primeira pessoa da família a trabalhar formalmente nessa idade. Além disso, tinha um preconceito com o fato de estudar à noite, sem contar que meus pais vinham com aquele discurso de que eu não precisava trabalhar. Gastava mais em transporte, alimentação e roupa do que meu salário, mas queria ter independência e sair do quadrado, viver outras histórias...

Quando terminei o Magistério, me deparei com a sala de aula e esse salário “esquisito”. De cara percebi que não ia rolar, então fui fazer um curso para ser comissária. Fiquei um tempo tentando até que entrei na VASP.

Ser comissária é não ter vida real. Quase não tem folga, você voa o tempo todo! Tem que ter uma folga a cada seis dias no máximo. Tem umas normas que incluem uma folga social no mês. Só que essa folga pode ser: sexta e sábado; sábado e domingo;

domingo e segunda. Passei seis meses sem ter folga social de domingo. Sempre caía sexta e sábado, então não ficava mais em casa de domingo. Nessa época minha avó ainda era viva... Perdi todos os jogos do Corinthians, churrascos, festas, porque a gente não tinha um calendário, o avião estava rodando o tempo todo! Não é assim: “Natal, vou passar com a minha família”. Não tem isso.

Lembro que entrei em novembro e em janeiro tinha um show do U2. Ainda estava fazendo voo supervisionado e havia uma escala que era reserva, ou seja, ficávamos no aeroporto esperando o avião chegar. Se alguém faltasse, assumíamos o voo. Falei para a minha chefe: “Vai ter show do U2, quero muito assistir!”. Ela ligou para a escala e disse que tinha sete pessoas na reserva e ela queria que eu, que precisava voar acompanhada, ficasse por último porque tinha um “evento familiar”. Nesse dia seis pessoas foram chamadas e fiquei por último. Era tudo muito imprevisível! Ser comissária é perder casamento, batismo, não poder fazer uma programação. Não podia pedir férias, a escala saía toda quarta-feira e era válida por uma semana. Então se hoje fosse terça, não sabia o que estaria fazendo o próximo sábado...

Minha mãe tinha o sonho que eu fosse médica, algo surreal! Aquela coisa: médico, engenheiro, advogado são as profissões importantes. Coisa de família sem muita reflexão. Todas essas profissões eram impossíveis porque, imagina, eu não estudava direito, cabulei o Ensino Médio inteiro para ficar passeando no shopping, no cinema, não estava nem aí, então não era possível. Por ser uma família, na minha concepção, humilde, eu mesma não tinha esse imaginário de profissões. Todos os homens eram motoristas, as mulheres ou motoristas ou donas de casa, cabeleireiras, domésticas... Tive tia-avó que era passadeira, lavadeira... A gente não tinha um imaginário de profissões.

Mas o sonho do meu pai era que eu fosse comissária. E do que precisava? Falar línguas, ser alta e magra, gostar de viajar e gostar de pessoas. Poxa! Eu gostava de tudo aquilo e o curso era de cinco meses, portanto, super possível! Já falava um pouco de inglês e espanhol, naquela ideia de “um esporte, um instrumento”, não podia faltar “uma língua”... Tinha todos os pré-requisitos para ser comissária! Adorava viajar, embora com a família ficássemos entre o Rio e Curitiba, passando um pouco por Minas.

Ser comissária era algo bem “Paralamas do Sucesso”... Conhecer o mundo inteiro sem gastar nem um tostão e sem andar de navio... Ia ser e foi muito divertido! Fiquei um ano

e meio na VASP, mas foi quando a parte familiar ficou meio de lado. Se minha folga era na terça, não tinha mais ninguém de folga para ir ao cinema às duas horas da tarde. Mas com o pessoal da aviação era festa todo dia!

Essa imagem impecável que pode ter para quem é de fora é bem diferente! Imaginava que ia mesmo conhecer o mundo inteiro sem gastar nenhum tostão. Pensava que ia perceber toda a parte histórica, conversar com a população local, saber das famílias, dos lugares, as coisas boas e ruins tanto no Brasil quanto do mundo! Quando cheguei lá era “sexo, drogas e rock and roll”! Todo mundo trancado no quarto do hotel o tempo todo se drogando, bebendo, fazendo sexo e ouvindo música. Isso para mim ficou cansativo já no segundo mês porque não passava disso! Sem contar que não tinha escolha da escala, nem com quem você iria voar.

Fui para o internacional com quatro meses e fiquei muito irritada porque ainda não conhecia o Brasil! Para mim, o Brasil se resumia a São Paulo, Rio, Minas e Paraná. Mesmo que tivesse viajado para outros lugares quando pequena, depois dos seis anos, quando já tinha memória, não tinha tido essas experiências, então queria mesmo conhecer o Brasil.

Por exemplo, em Cuiabá, se estava quente demais ninguém queria ir para a Chapada dos Guimarães! Preferiam ficar na piscina do hotel ou no quarto com ar condicionado. No Recife, a gente chegava às onze da noite e saía doze horas depois, então no máximo tomávamos uma cerveja ou fazíamos festa no quarto do hotel. Quando Recife virou inativo, ficávamos 32 horas, mas a galera continuava no hotel o tempo todo! Então, saía sozinha mesmo! Fui para a Ilha de Itamaracá, Porto de Galinhas, fazia tudo sozinha porque ninguém queria fazer essa parte de passeio e cultura. Às vezes por questão financeira, principalmente nos voos internacionais, porque naquela época quem voava no internacional era quem já estava ali há dez anos, tinha vida estabilizada ou em construção, então precisava pagar aluguel, carro e todo dinheiro era para isso. E quem tinha acabado de chegar só queria passear? Nesse caso gastava todo o dinheiro, além do cartão de crédito e mais o que precisasse. Voar às vezes também era muito solitário porque a galera ficava fazendo miojo na pia do banheiro do hotel e eu definitivamente não tinha paciência para isso!

Tem uma viagem que gosto de lembrar porque foi meu aniversário! Eu, sempre “people people”, querendo conversar com todo mundo, fiz uma festa... Até que chegou o cara da escala dizendo que finalmente estava me conchendo pessoalmente! Ele falou:

- Você percebeu que só tem voo bom?

- Percebi! Achei que era sorte... Não é com todo mundo?

- Não! Primeiro que minha letra preferida é S e seu nome tem dois, então quando escrevo seu nome já tenho muito prazer! Segundo que seu número é 48888, então é muito fácil escrever! Como a escala é toda à mão, sou eu que faço. Então anota aqui o que você quer de aniversário!

- Então quero um Zurique de quatro dias!

- Anote, por favor, o nome das pessoas que você quer nesse voo. Você pode levar cinco amigos.

- Ótimo!

Anotei os nomes, fomos escalados e viajamos para lá. Só que eu também vivia essa parte “sexo, drogas e rock and roll” e escolhi os amigos dessa turma para a viagem Moral da história: passamos os três primeiros dias trancados no quarto do hotel! . Anoitecia e amanhecia e a gente lá no quarto, de uniforme ainda, conversando, se agarrando... No máximo, íamos para outro quarto para continuar se agarrando e voltávamos. Até que falei para as meninas, num dos poucos momentos de lucidez, provavelmente depois de um cochilo: “Vamos sair daqui agora, senão a gente não vai conseguir!” E fomos andar de gôndola em Veneza! Não temos essas oportunidades na vida real! Hoje em dia talvez em congressos, apesar dos cortes nas bolsas, mas é algo uma vez por semestre ou por ano, enquanto para nós era algo normal!

Quando alguém ligava e perguntava onde estava, eu falava:

- No Pão de Açúcar.

- Da Praça Panamericana?

- Não, no Rio de Janeiro!

- Ah, porque ia te chamar para uma balada à noite...

- Ok! Nove horas da noite estou aí!

E saíamos. Como tínhamos passe livre, quando chovia e inundava São Paulo, pegávamos o avião e íamos jantar na casa de algum amigo no Rio, Porto Alegre, Curitiba... Voltávamos dez da noite para casa, quando não tinha mais trânsito na Marginal. Uma vida surreal, mas dentro da normalidade das profissões...

Escolhi aquela viagem especificamente porque, como adoro esquiar, queria ir para os Alpes! Mas estava todo mundo muito chapado e tínhamos medo de cair na montanha e ter que ir para o médico fazer exames... Vai que encontram drogas no sangue? Definitivamente andar de gôndola parecia mais seguro... Mesmo assim, era um voo com 22 pessoas em que seis fizeram algo, que eram as cinco que escolhi para viajar. Fique amiga do cara da escala, então sempre voava com quem era parceiro, mas tinha vezes que voava com pessoas que faziam miojo na pia do banheiro para não gastar nenhum real.

Apesar de tudo, sabia que essa fase seria por pouco tempo. Quando a VASP faliu, tentei entrar na Gol, mas não deu certo e acabei não procurando mais outra empresa aérea. Até porque queria estudar de novo e a USP parecia mais possível. Queria ter vida real, apesar de hoje ver que a gente não tem muito isso aqui também...

No começo fiquei sem saber o que fazer. Enquanto estava na VASP pensava em ficar mais três anos para poder voltar a estudar ou ter um emprego de verdade, das nove às cinco, com salário melhor e com uma ideia de profissão. Na aviação desde o primeiro dia, a profissão era servir Coca-Cola no avião e, desculpa, mas não ia fazer isso a vida inteira! Não tenho nenhum problema com o trabalho, já fui empregada doméstica, pinteí casa, empurrei folhas no Outono antes de cair a neve quando morei nos Estados Unidos, já fiz de tudo! Para mim não deveria existir hierarquia entre as profissões, mas pensando à longo prazo, passar vinte anos servindo refrigerante no avião, não passava pela minha cabeça!

Queria ter uma profissão socialmente engajada, talvez ser professora, educar crianças, algo que fizesse sentido! Minha intenção era ficar uns três anos na aviação e depois mudar de profissão, talvez voltar ao magistério. Eu viajava mesmo, sem dó! Passeava e

tirava todos os passes que tinha direito! Namorei um cara de Porto Seguro e ia para lá como se fosse a cidade vizinha. Quando saí da viação, eu e todos que foram mandados embora, começamos a refletir: “Tinha Ensino Médio, não muita experiência de trabalho, sem profissão, sem faculdade, mas com salário de, no mínimo, dois mil reais.” A questão era o que faríamos para ter a mesma qualidade de vida e as mesmas coisas sem faculdade? Naquela época faculdade era algo restrito. Não era como hoje, que há esse boom! As faculdades eram as mesmas de sempre: Mackenzie, Faap, PUC, Casper, USP e duas unidades da Unip, algo surreal! Eu passei toda a minha infância e adolescência acreditando que meus estudos terminariam no Ensino Médio, o que era esperado para a minha geração na minha família. Não pensávamos na possibilidade de fazer faculdade.

Então fui morar nos Estados Unidos para juntar dinheiro... Várias pessoas da aviação tiveram isso como opção porque iria melhorar o inglês e, de repente, poderíamos ingressar numa empresa séria, porque no Brasil quase sempre é algo meia boca. A VASP, por exemplo, não depositava o FGTS, até hoje nunca recebemos esse dinheiro. Seria oportunidade de trabalhar numa Emirates, onde precisaria de um bom inglês ou outra empresa internacional como Air France, etc. Vários comissários foram para o mundo fazer curso de inglês e passar um ano nessa experiência. Eu já tinha alguma habilidade, falava um pouco da língua e gostava de viajar. Além disso, estava explorando outro lugar com um salário de, no mínimo, mil dólares com a possibilidade de morar e comer de graça, sem contar a chance de ter outros trabalhos!

Morei em Ohio por decisão própria. Tem agências que indicam o serviço de babá, que é o espelho da precarização do trabalho, para pessoas de países subdesenvolvidos que vão trabalhar nos Estados Unidos. Tinha várias opções: Miami, Nova Iorque, Los Angeles, mas escolhi uma cidade do interior, para aprender inglês, me relacionar exclusivamente com os norteamericanos e ganhar dinheiro. Fui babá de duas crianças em uma cidade quase na divisa com o Canadá, perto de Chicago e foi uma experiência bem legal! Fiz amigos, com quem converso até hoje pelo Facebook. Fiquei um ano e pouco, melhorei meu inglês, paguei contas, mandava dinheiro para a família, foi bem diferente de viajar uma vez por semana.

Apesar de toda a criação protetora que tive, trabalhar na aviação sempre foi motivo de orgulho. Ter uma filha comissária de bordo era o sonho do meu pai! Eles nem entendem

o que é Mestrado, tanto que a pergunta atual é: “Quando você vai lecionar na USP?” porque eles não entendem o que faço atualmente... Mas o orgulho mesmo da família inteira é eu ter sido comissária, até hoje, quase 20 anos depois!

Morar fora foi difícil principalmente por conta de questões familiares... Na época, minha avó estava muito doente, bem velhinha e saí de casa para não vê-la morrer... Também para não ver meus pais se separarem... Eles estavam bem brigados e meu pai sempre foi meu melhor amigo! Só de pensar que ele sairia de casa sem me levar e com minha avó morrendo era algo muito complicado! Como precisava do dinheiro e não tinha opção de trabalho no Brasil que pagasse o que precisava, fui... Na época, pagava 1.500 reais por mês de apartamento, não tinha a possibilidade de ganhar esse salário.

Para a família, foi extremamente produtivo porque meus pais viraram apoio um do outro e se aproximaram já que eu não estava por perto. Minha tia-avó, que todos julgavam uma velhinha sem muita noção, chamou a família inteira e disse:

- Espera aí! A gente veio para cá fugindo da seca no Nordeste, buscando melhores condições de vida e ela está fazendo a mesma coisa. Só que pra ela, que está em São Paulo, o Brasil já não basta e ela teve que ir para fora!

E foi essa velhinha de 92 anos que deu forças e segurou a família, o que foi bem legal! Eles brincam que fazem negociações com Deus, então ela não poderia morrer porque eu estava fora e assim foi mesmo!

Quando voltei, fui fazer faculdade privada, na época, a Unibero. Era telefonista e meu salário era de 720 reais. Só que a faculdade era 850, então tinha que economizar dois meses para pagar um, ou seja, ficava devendo. Minha carteirinha era bloqueada e não conseguia entrar. Certo dia, um professor me encontrou na porta e falou:

- Por que você está aqui fora? Está esperando alguém?

- Estou! Alguém com carteirinha para eu passar na catraca, porque não paguei a mensalidade esse mês.

- Vou passar com você e vamos tomar um café.

E fomos:

- Olha, em vez de você ser dez nessa faculdade, por que não vai ser sete na USP?

Eu fazia Relações Internacionais, mas o curso não estava homologado pelo MEC. Estava na segunda turma e precisava de três turmas concluídas para tentar a homologação. Ou seja, me formaria sem ter diploma. Ele me explicou várias coisas, apontando características acadêmicas de que eu poderia estar na USP, algo que outras pessoas já tinham dito. Percebi que fazia sentido... Então, resolvi tentar! Na época, não tinha bilhete único, então descia na Paulista e ia a pé na ida e na volta. Para ir, tudo bem, era descida. Mas, para subir... E ainda tinha que ir para o trabalho! Uma correria só!

Nessa mudança, tive que fazer cursinho para entrar na USP, mas não consegui de primeira... Prestei Letras porque eram 850 vagas e, como tinha feito Magistério, não tinha estudado as matérias exatas. Fazia seis anos que não estudava, então encarei bem não ter passado nas primeiras tentativas. Sabia que daria certo depois! Fiz a graduação com alguns intercâmbios e comecei a lecionar inglês e espanhol.

Além da vida de trabalho e estudos, continuei tendo relacionamentos e sempre usei camisinha, apesar de ter a menstruação muito regulada... Tenho ovários policísticos e em algum momento cheguei a tomar remédio, mas a questão da camisinha nunca foi gravidez e sim o medo de pegar alguma doença que me fizesse tomar remédios a vida inteira.

Meu tio Kiko, que morou com a gente, morreu de Aids quando eu tinha 13 anos, então... Era aquela fase bem Tom Hanks naquele filme Filadélfia. Uma época sem conhecimento ou internet, quando achavam que tudo era contagioso. Não podia usar o mesmo banheiro, o mesmo talher, ele foi super abandonado pela mãe e pelos irmãos, tanto que veio morar em casa. Lembro que ia à biblioteca uma vez por semana para ver se no jornal tinha alguma atualização sobre a doença. Foi uma situação bem difícil, numa época em que as pessoas morriam por causa disso.

Para mim, usar camisinha, desde a primeira vez, foi algo presente independente de estar ou não tomando remédio. Nunca aconteceu de não usar, por mais que estivesse bêbada ou chapada. Namorei um cara da viação que era uma graça. A primeira vez que ficamos juntos foi em Salvador e ninguém tinha camisinha. Aí ele disse que tinha feito exame três dias atrás e mostrou a carteirinha. Eu disse claramente que o problema não era esse

porque tem doenças que podem não se manifestar nele, mas podem trazer inúmeras consequências para as mulheres!

Desse monte de primos que eu tinha, muitas primas fizeram de tudo nessa vida e iam ao ginecologista mensalmente. Como sou uma pessoa que não gosta de sentir dor, era bem mais fácil usar camisinha o tempo todo. Então não passei por nada disso. Mas tive várias amigas que engravidaram e abortaram ou ficaram com doenças, nada como Aids, mas várias outras coisas...

Tive muitos namorados e “ficantes” porque era divertido. Tive também um grande amor. A gente chegou a comentar sobre ficar juntos, ter filhos e morar em vários lugares do mundo, mas o relacionamento acabou. Foi só com ele que eu quis de verdade ter filhos. Com outros namorados, eles fizeram planos, mas eu mesma não queria muito, não os via como “o homem da minha vida”, alguém com quem queria envelhecer e ficar para sempre. Era bacana enquanto estivávamos nos divertindo... É curioso porque, por ser filha única, sempre quis ter família, ter três ou quatro filhos, mas nunca planejei namorar para casar. Eu namorava porque era divertido...

Na minha vida sempre teve duas histórias sobre a minha mãe biológica. Uma delas é essa da minha mãe biológica durante a gravidez amarrar a barriga para não aparecer, que não sei em que momento ouvi, ou inventei para justificar todas as partes do meu corpo que não funcionavam tão bem... Ela não queria que ninguém soubesse que estava grávida, porque tinha a intenção de entregar a criança para a adoção. Ela queria trabalhar e uma criança a atrapalharia. Essa história parecia muito fútil, então eu inventei outra. Eu dizia que minha mãe era contra o regime militar brasileiro e que precisava entrar na clandestinidade e/ ou se exilar do país para não ser presa e torturada. O motivo político, relacionado à sociedade, era nobre e fazia mais sentido do que um motivo individual. Hoje acho que todos os motivos são válidos e que as mulheres deveriam ter autonomia sobre seu próprio corpo.

Acho que minha primeira referência dessa história é minha avó falando:

- Nossa, você parece muito sua mãe! Alta, magra, cabelo comprido...

Eu olhava e pensava: “Mas minha mãe é baixinha, gordinha, de cabelo liso e com várias características que eu não tenho...” Se essa não é minha mãe, então quem é?

Não lembro o momento exato... Só a gente sentadas na sala conversando, eu me levantando para ir à cozinha... Mas lembro de falar com minhas primas, principalmente a Vanessa que era a mais velha e mais próxima:

- E se eu fosse na “Porta da Esperança” perguntar para o Silvio Santos quem é minha mãe biológica?

Primeiro a logística: eu teria que escrever uma carta, que teria que ser sorteada e teriam que achar minha mãe biológica... Segundo: como meus pais se sentiriam em relação a essa história de eu querer saber quem era minha mãe biológica...

A Van, minha prima, perguntava: “Mas sua mãe não vai ficar triste? Por que você faria isso?”. Eram só perguntas porque eu não tinha esses planos de verdade. Nunca escrevi a carta ou peguei o endereço do SBT. Era mais aquela coisa do imaginário, porque tinha crianças que pediam uma bicicleta, enquanto pessoas queriam encontrar desaparecidos. Até quando abriam as “Portas da Esperança”! E quando não tinha nada era muito triste!

Ficava com isso na cabeça de querer saber e essa parecia a única forma. Hoje, pensando melhor, acho que era uma forma de tentar saber sem implicar ou maltratar meus pais. Era curiosidade de saber quem era a pessoa, mas não necessariamente recuperar minha mãe biológica. Isso tudo aconteceu quando eu era criança! Eu perguntei para a minha mãe adotiva sobre a adoção quando tinha mais de 25 anos! Mas eu soube a vida inteira!

Já estava na USP, no segundo ano talvez, com uma vida muito tranquila, com um namorado bacana e feliz com a universidade... Tinha meu salário e era independente. Foi quando pensei que podia ser quem eu quisesse porque tinha total controle sobre minha vida e, portanto, podia falar para meus pais. Se eles me abandonassem eu tinha como me manter...

Havia medo de todas as partes. Da minha, se eles pensassem que não estava contente e queria procurar “minha” família de verdade, teria que sair daquela casa. Da parte deles, que me rebelasse dizendo que não era filha deles, que queria achar meus pais e fugisse de casa. Era um medo mútuo que durou a vida inteira...

Até que um dia eu acordei e falei: “É hoje!” Minha tia estava lá na cozinha e eu disse:

- Queria muito que você me falasse da mulher do óvulo e do cara do espermatozoide.

Virou uma choradeira geral por parte dos adultos! Porque quanto a mim, estava tranquila, apesar de curiosa. Mobilizou a família inteira e ficaram dias pensando em como falar... Minha tia tentou explicar e falei com meu pai, que na época não estava morando em casa, que começou a chorar pelo telefone... Foi ele quem me deu umas dicas...

A principal é que ela era amiga da Fafá de Belém e se precisássemos era a Fafá que ajudaria a localizar essa pessoa. Meu pai pediu para eu abrir a agenda e reparar o nome da Fafá de Belém, se eu nunca tinha achado isso estranho... Eu nunca tinha reparado! Mas era a pessoa que nos ajudaria a localizar minha mãe...

- O nome dela é Edneia Nascimento e é isso que a gente sabe.

Contaram como foi o processo de adoção, mas nada falaram sobre como procurar, o que fiz de várias formas! Fui atrás da Fafá de Belém... Procurei a Edneia de diversas maneiras e peguei a lista telefônica e liguei para todas as Edneias possíveis e imagináveis!!! Foi muito engraçado porque ou eu falava que era eu mesma ou dizia que era uma amiga minha. Meus amigos falavam que eram eles mesmos querendo saber. Então, era assim:

- Oi, você é a Edneia? Quantos anos você tem?

Se tivesse mais de 45 anos havia a possibilidade de ser ela, então, falávamos:

- Você teve uma filha que nasceu em 1976 e você abandonou ou deu para a adoção?

A resposta era sempre a mesma:

- Não! Imagina!

E insistíamos dizendo:

- Olha, é uma oportunidade única na vida! A pessoa é a Simone e ela está com a vida feita, está tranquila, só tem curiosidade de saber quem é a mãe. Não é sua filha mesmo? É só curiosidade de, de repente, falar um “oi!”, sair para tomar um café... Ela não quer nada, nem está procurando herança ou precisando de doação de sangue.

A gente ligava da USP e, mesmo se os telefones para onde ligamos tivesse identificador de chamadas, apareceria o número 3091-1000. Ligamos para umas 40 Edneias! O

curioso é que as pessoas que me ajudaram nisso nem eram amigos próximos... Eu fazia parte do Centro Acadêmico e essas eram pessoas que estavam por lá. Quando ficávamos sem fazer nada, às vezes inventávamos alguma coisa e essa foi uma delas. Não eram amigos, mas achavam bacana poder ajudar, o que é bem legal! Converso com eles até hoje e liguei para todos quando finalmente achei A Edneia!

Foi pelo Facebook! No momento dos telefonemas, não era nenhuma delas, ou pelo menos nenhuma se identificou. Mesmo se fosse, acho que oito anos depois, quando a encontrei, ela falaria...

Nesse intervalo, desencanei, não pensei mais no assunto, até que um dia, uns três anos depois, dei uma busca no Orkut. Nessa época já tinha mais internet e devo ter dado uma busca no Google também. Em algum outro momento que não sei precisar, acho que também me inscrevi em uns três sites do tipo “Pessoas adotadas” ou “Em busca de pessoas”, onde coloquei algumas características, mas era como agulha no palheiro. Afinal, são 200 milhões de pessoas no Brasil, metade mulheres...

Certo dia, estava em casa à noite, com insônia, sem fazer nada e decidi procurar. Entrei no Facebook e digitei “Edneia Nascimento”. A primeira que apareceu foi uma mulher abraçada com a estátua do Fernando Pessoa no meio de Lisboa. Aí pensei: “Bem que podia ser essa, né? Uma mulher viajada, passeando ou trabalhando ou qualquer coisa assim... No inverno, cheia de casaco, cachecol, óculos escuros... Muito eu passeando no inverno!” Pensei em mandar uma mensagem, mas o que dizer?

Minha adoção foi por meio do meu padrinho, que chama Roberto, aliás, é só isso que sei dele, ah e que ele é de uma escola de samba. Não sei nem o sobrenome do cara e devo ter, no máximo, duas fotos com ele. Ele era amigo da Edneia e da irmã do meu pai. Num desses churrascos familiares, meus pais comentaram que queriam ter um filho, mas que provavelmente seria por adoção. Ele prontamente falou que tinha uma amiga que teria bebê e não ia querer ficar. Ele ajeitou a situação para que meus pais fossem ao hospital no dia que eu nascesse ou no dia seguinte... Era a única pessoa que tínhamos em comum, então decidi escrever o seguinte:

- Olha, estou procurando meu padrinho, o nome dele é Roberto e ele era amigo de uma Edneia na década de 70...

Algo bem superficial! Mas fomos aproximando a conversa até que ela disse:

- Essa conversa está muito estranha. Ou você é a pessoa que estou procurando e até agora não sabia nem ao menos o nome ou...

Para mim a conversa fazia todo sentido do mundo! Na verdade, acho que ela não tinha feito nada para me procurar, mas de qualquer forma, tinha a curiosidade e queria saber quem eu era... E realmente era ela! Marcamos de conversar, mas nunca usamos as palavras “mãe”, “filha”, “doou”, falávamos muito metaforicamente e até hoje tenho essas mensagens no Facebook. Podemos procurar agora mesmo

Isso aconteceu em 2010, mas tenho problema com datas... Como acho que entrei na USP fora da idade universitária ideal, minto muito minha idade! Por isso, os anos não fazem muito sentido para mim, então tenho que fazer muitos cálculos para achar o tempo certo das coisas, o que é muito doido! Com segurança sei mesmo o ano em que nasci! Esse século para mim é muito maluco porque acho que tive 24 anos durante oito anos!!!

A mensagem que escrevi foi esta:

“Olá, Edneia! Procuro por uma pessoa e tenho seu nome como referência. Seu nome é Roberto, era advogado e sambista, sempre morou em São Paulo. Você o conhece? O conheceu na década de 70? A Edneia que procuro morou na Barra Funda em 1976, mas não acho que ela seja de São Paulo.”

Ela respondeu pelo Facebook:

“Você não é de São Paulo? Se precisar de alguma coisa que eu puder ajudar, estou à disposição! Tenho amigos da época...”

Ela também foi bem curiosa! Podia ter falado que não conhecia e ter desistido. Na verdade, tenho poucas informações dessas pessoas porque meu pai conta que entre querer adotar e me buscar no hospital, o Roberto marcou de conversar com a Edneia e, enquanto eles conversavam na porta da casa dela, meus pais passaram na rua para ver quem era essa pessoa. Imaginando os preconceitos deles, provavelmente para ver se a pessoa tinha todos os dentes e coisas do tipo, ou se estava grávida mesmo...

Conversamos mais um pouco até que uma resposta dela foi:

“Simone, que momento e que surpresa, o que falar? Surpresa? Emoção? Mas sou eu sim e estou aqui, moro em São Paulo e fique à vontade para questionamentos.”

Entre essas conversas, ela disse que achava aquilo muito estranho... Na verdade, revendo os e-mails, fui eu que escrevi: “Não sei se seu e-mail foi confuso ou claro demais. Bom, de qualquer forma, foi uma surpresa para ambas...”

Uma vez me contaram uma história que ela não quis ficar comigo porque queria seguir a carreira. Falaram que queria ser modelo e fazer propaganda. Lembro que vim para a biblioteca da FFLCH com um amigo da Geografia, pegamos todas as revistas de propaganda e começamos a ver se eu parecia com alguém! Uma busca realmente grande! Acho que estava mesmo empreendida em querer saber quem era minha mãe biológica...

Revendo algumas mensagens que trocamos, disse também que procurava meu padrinho porque ia me casar e o queria no casamento. E pode ser mesmo que fosse me casar nessa época... Namorava o Danilo e achava que meu pai ia morrer. Como ele queria me ver casada, a gente ia casar não porque eu gostasse muito dele, mas morávamos juntos e fazia sentido... Depois dessa troca de mensagens, não lembro quem quis marcar um encontro, mas eu estava muito curiosa!

Minhas primas todas eram parecidas com alguém e eu não parecia com ninguém! Eu era a única magra e alta da família... Minha família era outra família! Era muito distante fisicamente e comportamentalmente da família inteira e tinha curiosidade, queria ser parecida com alguém...

Decidimos nos encontrar pessoalmente e marcamos num restaurante português atrás da Fnac de Pinheiros. Cheguei cinco minutos antes e pouco depois a vi chegando com um vaso gigante de flores! E eu não tinha levado nada...

Pelo caminho inteiro fiquei com “aquele” frio na barriga! Foram 15 minutos de ônibus em que pensava: “O que eu vou falar? Nossa, será que vou reconhecê-la ou vamos ficar uma olhando para a cara da outra na porta do restaurante sem saber quem é? Tudo bem que o Facebook tem foto, mas o que perguntar ou não perguntar?” Não cheguei a fazer um roteiro, não tinha ideia do que aconteceria! Estava curiosa, mas sem muita emoção. Não que não sentia emoção, mas não era muita...

Quando a vi se aproximando, me perguntava se era ela mesma! Porque ela também não parecia comigo fisicamente, o que foi meio frustrante porque tinha procurado tanto por ela tentando achar alguma semelhança comigo! Nas revistas, no Google, em imagens e mesmo nos lugares por onde andava, pensava se tinha alguém ali que parecia comigo...

Trabalho com uma moça que tem a mesma cor esquisita que eu. De vez em quando penso em perguntar se ela é mesmo filha dos pais ou quem é o pai dela... Isso talvez porque até hoje não achei meu pai e provavelmente não acharei porque um nome comum, tipo José da Silva, e é algo bem difícil de achar... Fico tentando me ver nas pessoas, pensando se alguma ali é minha irmã.

No caso da Edneia, tinha buscado seu rosto no de outras pessoas pelo caminho até o restaurante e acho que queria que ela fosse parecida comigo... Quando vi aquela mulher baixinha, com um corpo diferente do meu, um cabelo diferente, não me achei nada parecida e foi mais frustrante do que alegre ou emocionante... Não sabia se abraçava, dava beijo ou pegava na mão dela porque não teve essa troca ou a pergunta: “Você é minha mãe biológica? Procuro minha mãe.” Podia ser uma doida que apareceu no meio do caminho...

Ela chegou no restaurante e disse para o garçom:

- Oi, tudo bem? A gente quer uma mesa perto da janela, de preferência lá no fundo, e quero que você coloque essas flores na geladeira porque vamos ficar aqui umas duas horas e não quero que elas murchem.

Foi aí que pensei: “Nossa, é a minha mãe!” Eu faço exatamente isso!!! Aí me reconheci. Não fisicamente como queria, mas foi muito divertido perceber a semelhança nas atitudes! Nesse encontro, devo ter feito três perguntas e falado duas frases... Eu só olhava... Queria saber o que estava acontecendo. Ela é a uma pessoa que gostava de falar, então só ela falou! Foi narrando sem parar enquanto eu tentava ver se nossas sobranceiras eram iguais...

Acho que ela estava bem preocupada em contar como foi o processo de adoção, o que estava acontecendo naquele momento e, para mim, isso não fazia muita diferença. Estava prestando atenção, mas verificando se aquele braço era igual ao meu... Ficava

esperando ela sorrir para ver se meus dentes eram iguais... Ficava só observando, querendo saber se era verdade, se ela era minha mãe.

Foi então que ela contou que saiu um tempo com esse cara, meu pai, e ficou grávida. O que não esperava era que ela contasse que tentou abortar. Foi para a clínica umas duas vezes e não abortou, não conseguiu, ficou com medo, assustada... Pode ser que não tenha prestado muita atenção nessa parte... Ela decidiu ter a criança e dar para a adoção e é onde entra meu padrinho. Pelo que entendi, ela não fez muitas perguntas, nem queria saber quem iria adotar.

Essa parte é confusa na minha memória... Não sei quem falou, mas... Meu pai é branco de olhos azuis e minha avó muito mais velha e toda mandona, o que teria dado a impressão de que ele era alguém importante e minha avó uma espécie de governanta. Foram eles dois que me buscaram no hospital enquanto minha mãe ficou no carro... Parece que a Edneia achou que eu seria contrabandeada e levada para outro lugar ou talvez fosse uma família de estrangeiros...

Meu pai sempre andou de terno e gravata, muito arrumado... Alto, loiro, olhos azuis, não era um padrão nacional. Então ele se perguntava se minha mãe biológica não achava que eles viajariam comigo pelo mundo ou me criariam em outro lugar... Não sei se ele falou dessa forma ou Edneia pensou que eram pessoas que nem deviam morar em São Paulo e iam pegar a criança e sair pelo mundo... Não sei de quem é essa fala...

Certamente não parecia ser uma família de Osasco porque meu pai, sempre em horário de serviço, deve ter chegado com uma aparência muito além de sua classe social no hospital, muito cheio de si: “Vim buscar a criança! Você precisa de dinheiro para o táxi? Cadê minha filha nova?” Pegou e foi embora como se tivesse comprando uma gravata no shopping... Não sei de quem é a fala, mas saí do hospital com eles.

A Edneia contou que foi embora e, depois disso, se afastou do meu padrinho porque seria doloroso não perguntar por mim... Lembro de meus pais comentando que meu padrinho também se afastou porque frequentar nossa casa e continuar falando com ela também era difícil, porque ele sabia das histórias, mas não poderia cruzá-las... Não sei o que aconteceu com ele, mas um dia meu pai, trabalhando como taxista pegou alguém da mesma escola de samba que contou que ele tinha morrido...

No encontro com a Edneia, ela perguntou o que eu fazia, se trabalhava e perguntou:

- E seus pais?

- Eles também estão curiosos para saber quem é você! Quer marcar um dia todo mundo junto?

Marcamos, então, na casa dela com meu pai e minha mãe. Ela fez um almoço para a gente e foi bem legal! Ela mora no Centro e uma coisa engraçada foi meu pai, muito pragmático, perguntar se aquela casa era própria ou alugada!!! Quando fomos embora, a primeira coisa que ele falou foi que eu não teria herança porque a casa dela era alugada!!!

Sei que ela não se casou nem teve outros filhos. Na verdade, acho que ela é meio hipocondríaca. Ou então, é muito doente! Começou a falar de várias doenças, parece que tirou o útero quando tinha 32 anos, um seio quando tinha 40 e está fazendo quimioterapia novamente. Para minha mãe é castigo porque ela não quis me ter e perdeu o útero e a possibilidade de ter outros filhos por isso. Filhos ela não tem. Pode ser que tenha tido e perdeu ou abortou... Mas perguntei por que no fundo gostaria de ter irmãos, afinal sempre fui filha única...

Quando ela disse que tentou me abortar, acho que não conseguiu passar da recepção na clínica. Parece que ficou esperando ser atendida com o “cara do espermatozoide” e falou: “Não vou conseguir!” Mas também não sei o que isso significa: se foi medo da dor física, não querer gastar dinheiro, o fato de poder dar ou mesmo porque seria moralmente errado... Não falamos mais no assunto, até porque não conversamos. Somos amigas de Facebook, falamos feliz Natal, feliz aniversário e não passa disso...

A última vez foi para perguntar se ela daria uma entrevista para este projeto. Perguntei quais as novidades e ela respondeu duas horas depois. Mas não falei mais nada, porque não faz diferença. É estranho, mas acabo esquecendo e percebo o quanto não faz mesmo diferença...

A gente se viu em setembro de 2010. Em julho de 2011 fui para a China... Loja de um real aqui já é barato, imagina na China! Resumindo, todas as pessoas que eu gosto ganharam, no mínimo, seis presentes. Lembrancinhas, na verdade, mas trouxe para todo mundo! Meu afilhado ou meu sobrinho devem ter ganhado 15 coisas diferentes, que não

deu cinco reais... Mas não trouxe nada para ela! Não lembrei dela na viagem... Trouxe lembranças para quase todos os meus professores queridos da graduação, para colegas de sala de aula e não lembrei dela na viagem! Depois até pensei que podia dar alguma coisa para a Edneia quando chegou alguma mensagem pelo Facebook. Mas passei três semanas num país oriental, comprei 300 lembrancinhas, e não lembrei dela!

Não fazia tanto tempo que tínhamos nos conhecido e não alterou muita coisa, não fez tanta diferença... Era uma curiosidade de saber quem era, não queria substituir minha mãe... Minha mãe, aliás, coitada, ficou curiosíssima! Ela deve ter sofrido muito! Sempre tivemos uma relação conflituosa, então ela não conseguia se expressar sobre isso. Tanto que nas nossas ligações, porque já não morava mais em casa, depois de falar da gata, da casa e das doenças, ela perguntava da Edneia. E eu mal sabia...

Naquele encontro em que estávamos todos, minha mãe Nair ficou extremamente emocionada! Abraçou, chorou! Acho que, de certa forma, eles ficaram aliviados... Como a Edneia é uns 15 anos mais jovem que meus pais, acho que eles pensaram: “Se a gente morrer, ela vai ter um adulto cuidando dela por mais um tempo...” Pensaram na transferência de responsabilidade do cuidar...

Mas minha mãe ficou com ciúmes, o que ficou claro quando, no nosso encontro coletivo, insistia em contar coisas da infância e tudo o que fiz com eles, todas as histórias! Mas também teve a parte dela me reconhecer nos objetos espalhados pela casa da Edneia... Por exemplo, tem um quadro do Miró que uma vez pintei num sulfite e a Edneia tinha igual! Ela tinha comprado um cartaz de exposição e mandou emoldurar. Para minha mãe tanto faz quem é Miró, mas ela falou: “Nossa! Você tem esse quadro emoldurado e a Simone tem ele pintado a guache na porta do guarda-roupas!” A gente tem não somente o mesmo quadro, mas algumas fotos iguais! E mesmo a disposição dos objetos: chapéus pendurados numa chapeleira, um cabide só para cachecol... Coisas que não tenho com a minha mãe...

Hoje pode até ser que a gente use as mesmas roupas, mas não tem essa semelhança toda que ela observou na casa da Edneia... Eu mesma não tinha percebido imediatamente, mas quando ela falava eu reparava... Posso até ter visto o quadro do Miró e achado bacana, mas não tinha passado pela minha cabeça essa relação. Ela também tinha as “Meninas do Velasquez”, que gosto muito e tinha um cartaz. Mas para mim fazia parte

de um contexto porque ela visitava a Espanha com frequência e sabia pelas fotos do Facebook, mas não conseguia emparelhar e ver que eu também tinha muito daquilo. Foi minha mãe que percebeu primeiro porque não sei se teria percebido sozinha.

Não sei bem porque temos muitas memórias e estas são seletivas. Algumas a gente guarda, mas só as mais importantes... Temos fotos que foram tiradas nos mesmos lugares na mesma época e não sei quando isso se fez presente... Acho que talvez seja sinal de que não faz tanta diferença... Para mim é bem estranho porque gosto de pessoas e tenho amigos de todas as idades e mesmo depois dessa busca intensa, não tive vontade de estabelecer algo diferente com ela...

Tive menopausa aos 32 anos, então não posso ter filhos. De vez em quando faço um tratamento ou outro para tentar reverter... É algo possível, mas dentro das minhas condições, se torna muito difícil! Tenho o atendimento do HU, mas não é tão bom. Teria que ter um bom trabalho para ter um bom convênio porque existem exames muito caros que nem o HU, nem o HC cobririam. Minha bolsa oficial é de 1.500 reais, portanto, na minha vida acadêmica atual, não teria como fazer um tratamento. Nascemos com uma população de óvulos e sinto que ovulo, mesmo que os médicos digam que é praticamente impossível. Pode ser piração minha, mas mesmo sem ovular ou menstruar, é possível que ainda tenha óvulos. Um exame para a contagem de óvulos custa 3.000 reais e não é oferecido pela rede pública. Com o que ganho de bolsa é complicado.

Mas, supondo que tivesse óvulos e salvasse alguns para o futuro, talvez precisasse ser in vitro e externo, o que custaria ainda mais dinheiro e, grátis, o HU não faria. Talvez tivesse condições de gestar, mas seria algo bastante desconfortável e difícil porque tenho o útero invertido e pequeno demais porque não se desenvolveu corretamente devido a uma série de fatores, falta de hormônio, enfim... Sei que minha população de óvulos é muito baixa, além disso não tenho uma vida muito saudável, o que significa que biologicamente posso ter uma criança com alguma dificuldade física, mental e tudo mais... Não sei se tenho óvulos bons o suficiente, então não sei se passaria por tudo isso.

A barriga da minha mãe é toda costurada, ela fez algumas cirurgias e nunca pode parir filhos. Aliás, uma entrevista com ela não seria nada mal... Digo mais: com as minhas duas mães seria ainda mais incrível!

Por isso a adoção seria uma opção. Sempre pensei em ter filhos biológicos justamente porque o fato de não ter tido o “biológico” me deixa muito sozinha no mundo, biologicamente falando. Não sei se isso faria diferença hoje, mas durante muito tempo pensei: “Quero ter um filho biológico!” Não sei nem se a questão era propriamente gestar, porque quando percebi que o HU não daria conta, comecei a procurar óvulos... Minha prima mesma congelou alguns e falei com ela sobre me dar uma parte. Hoje em dia, há possibilidade de gestar em qualquer idade, mas não sei se essa é a questão.

Não conhecia minha origem e, sem filhos, não vou para nenhum lugar. Isso me faz estar muito sozinha e não ter ninguém parecido fisicamente. Imagino que qualquer criança, por mais esclarecido que seja o processo de adoção, deve querer ser parecido com alguém. Eu pelo menos quis ter o nariz, a boca, o cabelo, qualquer coisa parecida com o de alguém... Para o filho é mais fácil ser biológico, lógico! Se tivesse condições financeiras, adotaria, mas não como forma de gratidão ao universo por ter sido adotada. Conheço pessoas que consideram a adoção algo quase ecologicamente correto. Mas isso não é reciclagem! É humano, claro, mas não adotaria por esse motivo.

Gosto muuuuito de criança! Sempre quis ter filhos! Sempre quis ter um bebê, porque gosto muito da parte da aquisição da linguagem, o que se acentuou depois da minha primeira graduação, que foi em Letras. Hoje estou numa outra fase, não sei se quero trocar fraldas, cuidar de uma criança muito pequena, mole, chorando o tempo todo! Sem contar que, dependendo da situação, eu criaria o filho sozinha. Não sei se quero um bebê, mas seria bacana ter uma criança, um companheiro de uns quatro cinco anos... Hoje eu tenho o Tomás, ele é meu vizinho, e é meu filho social! Ele tem sete, fazemos muitas coisas juntos, é extremamente divertido!

Se engravidasse num momento inesperado, sem planejar, sempre imaginei que o aborto seria uma possibilidade, sempre defendi para todo mundo... Mas é algo que depende de muitos fatores... Nada relacionado à religião ou à moral! Acho que nem a Igreja, nem o Estado deveriam ter o controle do corpo individual de qualquer ser humano em qualquer situação e não apenas quando a questão é o aborto. Por exemplo, se uma pessoa tenta cometer suicídio e não consegue e a polícia descobre, ela vai presa! É um absurdo! E é crime... É muito governo dos corpos e isso eu não compreendo! É surreal que a Igreja ou o Estado queiram dimensionar o que cada um faz com o próprio corpo, um

verdadeiro abuso! Se precisasse faria um aborto, conheço várias pessoas que fizeram e apoio totalmente! Acho uma decisão muito pessoal e a única coisa que acontece com a igreja ou o Estado impedindo são todos os abortos clandestinos que levam as mulheres a morrerem ou sofrerem ficando estéreis, machucadas, sofrendo de diversas formas física e psicologicamente. Isso para mim é extremamente agressivo!

Quando conheci a Edneia e soube dessa passagem da história, para mim foi muito natural, embora não tivesse pensado nisso antes. Para uma pessoa que deu o filho, tentar abortar era só outra parte de não querer e naturalmente fazia parte do todo. Já minha mãe Nair é totalmente contra! Ela é muito conservadora e penso que ela acharia abusivo demais!

Se hoje encontrasse uma pessoa bem legal e estivesse numa relação porque é bacana – e estou numa fase assim – e fosse um ser humano paternal, teria um filho. Mas não com qualquer pessoa... Tenho um “namorado” desde o começo do ano, ele é um cara totalmente perdido, não sabe o que está fazendo no mundo. É um gênio, muito inteligente no que faz, e daria certo em qualquer coisa que fizesse. Além disso, é muito gente boa, extremamente parceiro, uma pessoa com quem tenho convivido nesse ano, mas com quem eu NUNCA teria um filho! Ele é totalmente irresponsável! Poderia sair para comprar um maço de cigarros e literalmente não voltaria nunca mais! Ou porque parou no boteco e bebeu por seis dias, ou foi atropelado no meio do caminho, ou ficou no laboratório fazendo experimentos... Ou seja, ele não é um ser humano paterno e não teria um filho com alguém assim, seja biológico ou adotivo.

Busco um companheiro que tenha algo de paternidade. Um dos meus namorados, o Bruno, foi abandonado pelo pai e quem o criou foi a mãe e os avós, então acho que ele seria o pai mais incrível da face da Terra! Talvez seja um pouco de estereótipo ou preconceito da minha parte achar que a influência familiar determine isso, mas como quero constituir família, buscaria alguém que fosse minimamente pai.

Acho que isso tem a ver com a minha relação com meus pais. Independente de como foi o casamento dos dois, eles sempre foram pai e mãe. Teve uma briga ou outra na hora do divórcio porque não apoiei nem um nem o outro. Minha relação com eles é de filha e não de casal, então não tinha que julgar o que cada um fez e fiquei totalmente neutra. Mas eles foram pais fantásticos mesmo que o relacionamento como casal não tenha

dado certo. Por isso, mesmo que esteja num relacionamento que não dê certo enquanto casal, espero que meu parceiro seja pai infinitamente! De qualquer forma, logicamente, teria o filho sozinha. Hoje é muito diferente do que foi nos anos 70, quando a Edneia passou por essa situação. Na época, ela disse que estava no cursinho, devia ter 20 e poucos anos e não sei qual era a situação pessoal e social dela. Mas, o que entendi foi que o cara falou para abortarem porque não queriam ter o filho e não estavam num relacionamento. Não lembro se ele era casado ou não, mas pelo que entendi a ideia partiu do cara do espermatozoide.

O aborto pode ser uma decisão que envolve a família, o pai, a mãe, o companheiro, mas a última palavra tem que ser da mulher! Vivemos numa sociedade em que a mulher fica responsável pela criança. Quando morei nos Estados Unidos, não sei se era algo da cidade onde morei, das cidades do interior ou algo típico de lá, mas eram as mulheres que abandonavam as casas e as crianças ficavam com os pais. Tinha pai com cinco, três filhos. Fui babá em uma casa com um pai solteiro com duas crianças. Normalmente lá a mulher casava depois do Ensino Médio, tinha filhos aos 20 anos e quando chegava nos 30 queria viver e saía de casa.

A gente não tem isso como prática na sociedade brasileira. Aqui é a mulher que assume a responsabilidade pela criança, às vezes com a ajuda dos avós ou outros parentes. Por isso, a decisão final deveria ser da mulher e não de qualquer outra pessoa. Menos ainda da igreja, da lei ou mesmo dos pais, quando mora na casa deles.

Tive uma colega que queria ter o bebê, mas a família não quis e a dopou para levar ao médico para abortar. Neste caso, os pais tiveram total controle sobre a vida da menina e do bebê. É algo muito difícil e, independente da situação, a decisão tem que ser da mulher! Tanto de querer abortar quanto levar adiante a gravidez.

Pensando em tudo que tive a oportunidade de viver, se a Edneia tivesse decidido ficar comigo, minha história provavelmente teria sido completamente diferente. Acho que ela foi muito prudente de não querer ter tido um filho. Foi muito empoderada e dona de si por ter a atitude de falar: “Não! Não é meu momento!”. Não sei se ela não seria uma boa mãe, qual sua ideia com relação a isso, se não tinha dinheiro ou não queria dividir com a família. Independente da posição, ela foi muito racional e isso foi muito legal! Todo mundo deveria ter esse direito de decidir sobre a própria vida. Tive muita sorte de

ter a família que me acolheu. Ela poderia ter me jogado na lata do lixo, como em várias histórias que a gente ouve, ou feito qualquer outra coisa se meu padrinho não tivesse aparecido no caminho. Eu poderia ter morado na rua, ido para um orfanato ou qualquer outra coisa. Então, acho muito prudente da parte dela decidir que não queria ter uma filha naquele momento e muito feliz a decisão de dar para a adoção. Na época era muito mais fácil! Sai do hospital sem registro e fui registrada pelos meus pais no cartório sem qualquer processo de adoção. Hoje é algo extremamente burocrático e moroso, como se fosse melhor a criança ficar no orfanato, que é algo que eu não entendo.

Pensando em toda a história, conheci o mundo inteiro, sou a mínima porcentagem da população que faz pós-graduação e sei que não é todo mundo que tem essa oportunidade. Meus pais, mesmo só sabendo ler e escrever, propiciaram isso e, talvez, em algum nível a Edneia tivesse a consciência de que não faria nada disso por mim. Poderia ainda ter sido uma mãe abusiva, que descontasse qualquer coisa na filha...

Sei lá o que ela fez nesses trinta e poucos anos, mas achei que teve muita coragem e isso é muito legal! Talvez seja o que eu admire nela. Não sou sua amiga, não colocaria muitas qualidades, mas ela foi um ser humano muito prudente consigo mesma. Não sei até que ponto em relação ao bebê, se pensou em dar logo de início quando saiu da clínica de aborto. Se pensou em não jogar fora porque se ela não queria, era uma vida e alguém poderia querer e que poderia existir. Como diz minha tia-avó, ela foi forte, foi brava!

Quando falei que era uma criança que não tinha muito medo, sempre muito protegida, eu tinha medo sim! Às vezes, passávamos por uma favela perto da Anhanguera, embaixo da ponte e minha mãe falava: “Se você não me obedecer, vou te abandonar nessa favela.” Não sei em que época foi, mas batia no sentido de ser adotada e como as histórias se cruzavam. Ela falava isso provavelmente quando estava pulando loucamente dentro do carro e dizia isso para eu ver como seria não ter casa, quarto, cachorro, a vida perfeitinha que eu tinha. Imediatamente me imaginava voltando para casa correndo! Ficava quietinha dentro do carro olhando pela janela e, de poste a poste, pensava em correr... Fazia todo o percurso de casa e sabia voltar de olhos fechados!

Fico pensando que mesmo que já soubesse que era adotada, naquele momento de criança ou mesmo adolescente, nunca fui à procura de outra família ou de outra casa.

Todas essas explorações que fiz de ser comissária, viajar, fazer intercâmbio, o que pesava era meu conceito de família, que era aquela família em que eu queria estar. Por mais que minha mãe brigasse comigo ou brincasse que ia me abandonar, eu voltaria para a MINHA casa... levaria uma hora para chegar... Nunca tive a ideia, a vontade ou o sentimento de ter outra família. Sempre foi aquela...

Laila

A primeira colaboradora de uma rede de entrevistados que partiu de uma amiga querida que, como eu, não tinha passado por um aborto, mas sabia de tantos casos...

Conversamos pelo *Facebook* e marcamos em sua aconchegante casa, onde no dia 2 de outubro de 2014, em meio a um café e roupas a serem estendidas no varal, falamos sobre a vida, o que nos identificava e suas experiências...

Colaboração inestimável que acionou novas entrevistas. Mais que isso, abriu suas portas para contribuir para uma tentativa de mudança nas concepções sobre o aborto...

Hoje e sempre desejo o melhor que a vida lhe pode dar!

Esta foi minha história, meu processo e pronto! Sinceramente não acho que a alma está no embrião. Poderia ter tido um filho e hoje seria outra história. Mas eu fiz a minha história.

Sou *Laila*, tenho 33 anos e nasci em São Paulo. Até os dois anos morei numa casa de que não tenho muitas lembranças. Já dos dois aos seis, morei na Vila Prudente, que fica entre a zona leste e a zona sul de São Paulo. Lembro que a casa foi construída pelo meu pai e meu avô. Eles são portugueses e tinham acabado de chegar de Portugal, então construíram duas casinhas separadas por um pequeno quintal, onde as famílias dividiam o tanque e coisas do tipo. Mas o grande plano era depois fazer uma casa grande e confortável, com vários quartos onde poderiam morar as duas famílias.

Meu pai não tem formação específica. Mudou de emprego inúmeras vezes e fazia de tudo que se podia imaginar, de taxista a gráfico, tudo que se pode pensar ele fez e faz! Minha mãe é enfermeira, funcionária da prefeitura e, no início, eles moravam de aluguel. Quando a situação apertou, meu avô convidou a gente para morar em uma dessas duas casinhas, onde também morava a família do meu tio paterno. Foram quatro

anos ali... Desse momento da infância lembro que tinha um primo da minha idade, então sempre tive muito brinquedo “de menino” (como se tivesse essa diferença...), mas lembro bem disso...

Até que meu avô materno comprou um apartamento na Vila Mariana para minha mãe morar com a gente. Na verdade ele tinha comprado alguns imóveis e morávamos em um deles com dois quartos, então eu dividia o quarto com as minhas duas irmãs. Era bem diferente de morar em casa, mas tinha o lado de ter um monte de criança!

Tempos atrás, fazendo terapia, percebi que essa parte da história não foi tão legal para mim... Não queria ter mudado e foi algo muito difícil na época. Mas, depois, na adolescência isso já significava ter uma turma garantida. Cresci num lugar chamado “Conjuntão”, que reunia 14 prédios e tinha muitos adolescentes! Boa parte estudava na mesma escola pública do bairro e essa foi a primeira turma com quem sai. O engraçado é que depois que entrei na USP não preservei essas relações. Tenho contato no Facebook, mas não são pessoas com quem convivo. Na verdade, sempre achei a galera meio alienada...

Minha família por parte de mãe é muito politizada, progressista, engajada. Minha mãe é uma pessoa muito crítica, leitora voraz! Então sempre achei a galera com um papo meio raso, embora gostasse deles e tivéssemos um vínculo de quem sempre estava junto. Quando entrei na faculdade acabei me desconectando e percebi que os laços iam se desfazendo. Mantenho contato no Facebook e quando marcam festas para reunir todo mundo que morou lá eu apareço para fazer uma “social”, mas não passa disso. Não tenho nada contra, mas as relações que cultivo e com quem estou sempre são da faculdade.

Assim como todos que moravam no Conjuntão, também estudava na escola pública do bairro. Da pré-escola ao Fundamental todo mundo estudava na mesma escola. No Ensino Médio não consegui vaga no colégio para onde foi a maioria. Fui estudar numa escola um pouco mais longe e, no fundo, acho que foi uma boa!

Na primeira escola, aprontei demais!!! Cabulava, pulava o muro, pixava, zoava na aula, comecei a fumar... E hoje sou professora! Olha que coisa engraçada! Meus pais eram chamados constantemente, mas eram muito “cuca fresca” com isso, achavam besteira e ficava tudo bem! Mas tinha uma condição: eu não podia repetir de ano de jeito nenhum!

Meu pai sempre teve e tem até hoje um discurso de liberdade! Para ele, a gente tinha que ser nós mesmos e essa era a melhor coisa que podíamos fazer, a qual ninguém faria melhor! Essa coisa da liberdade de: “Quer experimentar? Experimenta! Quer fazer? Faça!” Minha mãe acompanhava, mas torcia o nariz... E tinha essa coisa: “Olha, você não pode repetir porque só te pedimos para estudar!” Foi um tempo muito bom e tenho um carinho imenso por essa escola, embora não tenha contato com ninguém da época. Na fase do Orkut, o pessoal tentou armar de se reencontrar, mas sou muito desapegada. O que passou, passou! Foi bom e só!

Já no colegial, namorava um cara bem mais velho e acho que isso fazia parte de uma coisa de ser metida mesmo, algo típico de adolescente que quer antecipar a vida adulta, então fuma, namora um cara mais velho, essas coisas... Querendo se achar adulta com 15 anos, vê se pode! Esse namorado também era do “Conjuntão” e me “ocupou” a maior parte do tempo. Nessa época, já era bem CDF e ficava pensando que tinha que estudar para passar na USP. Tinha essa cobrança comigo mesma.

Além disso, em casa sempre teve muitos livros e minha mãe me presenteava com livros ajustados para me fazer gostar de ler, o que deu super certo! Sou uma leitora de carteirinha! E por isso descobri que não precisava me esforçar muito. Era só abrir o livro didático e ler, ora bolas! Isso me dava uma vantagem...

O primeiro livro que me fez chorar foi “A Revolução dos Bichos”. Vi no título “bichos” e achei bacana! Começava com um porco chamando uma reunião e eu, com uns 11 anos, nem podia imaginar que era uma parábola da Revolução Russa, coisa que só fui aprender na faculdade! Chorei quando o cavalo morreu e hoje dou risada ao lembrar, mas na época me acabei de chorar! Mas acho que o primeiro livro que me tocou mesmo foi “Eva Luna” da Isabel Allende! A leitura me chamou atenção para essa coisa feminina, da beleza da transmissão do texto, me mostrou a capacidade de transmitir o ambiente... Devia ter uns 14 anos, era adolescente e o livro era da minha mãe, que foi quem me sugeriu. Ficou realmente marcado!

No colegial, tinha o plano de entrar na USP e logo que terminei prestei Fuvest. Nossa, foi o caos! Fui muito mal mesmo! Nunca tinha visto várias coisas daquela prova! Minha mãe disse que não pagaria cursinho integral, então teria que me virar e arranjar uma bolsa! Procurei o cursinho da Poli, que era de graça, e minha mãe foi junto comprar o

manual. Mas ela mesma achou que era muito longe e pediu para ver outro lugar. Comecei a ligar para os cursinhos e consegui metade de uma bolsa no Objetivo! Como tinha uma unidade na Paulista e sempre morei perto do metrô, seria mais fácil.

Fiz cursinho durante um ano. Minha mãe queria que eu fosse advogada e no começo cogitei a ideia de fazer a vontade dela. Mas durante o ano fui fazendo os simulados e percebi que estava muito perto da nota de corte ou faltando pontos, aqueles pontos que me fariam novamente ficar no cursinho porque não iria passar no vestibular! Não queria fazer tudo de novo! Afinal, o cursinho é um limbo! Você não está nem no colegial, nem na faculdade, sabe...

Curti fazer porque quase dobrou minha nota, então é um sinal que funciona para a Fuvest. Duas amigas de longa data também fizeram Objetivo, então acabei não me misturando muito com o pessoal. Apesar de que conheci uma moça que entrou na mesma faculdade e hoje é minha grande amiga! Mas do cursinho não guardei ninguém...

Não desisti totalmente do Direito. Minha ideia era fazer duas faculdades: História na USP e Direito no Mackenzie, se minha mãe topasse me bancar, porque na época ela tinha conseguido melhorar a renda. Aí daria para ela sustentar uma pessoa que não trabalha ou que trabalha bem pouco... Passei na Fuvest, mas no Mackenzie não! Acho que foram os santinhos cuidando da minha vida, porque foi ótimo!

Fazer História foi uma ideia que surgiu no cursinho. Se eu fosse uma menina mais preparada, que tivesse certeza que passaria na *San Fran*, teria feito o caminho que minha mãe queria. Mas não era tudo isso, então decidi fazer uma coisa que gosto e sabia que passaria. Além disso, tinha 18 anos e me agradava a ideia de ser professora. Sou de touro e prefiro caminhar no que é mais seguro, se é que me entende...

Meu plano era fazer História e ser intelectual! Queria poder falar sobre política e isso tem a ver com ser de uma família engajada, informada, de esquerda, então achava que tinha que ter uma profissão que me desse isso. Fazer História me faria pensar em muita coisa, entender muita coisa. Queria ser professora da rede pública porque seguiria os passos da minha mãe. Seria uma professora com engajamento com os alunos que não tem condições de pagar, com quem é do povo e também tem o direito de ter uma boa professora. Estaria ali para fazer isso acontecer, tinha muito isso comigo!

Sempre gostei de História, era das matérias favoritas. Mas também amava as línguas e a literatura. Uma das minhas irmãs, quando saiu do colegial, logo passou em Letras, mesmo tendo estudado em escola pública. Ela era muito danada, muito estudiosa, uma leitora ainda mais voraz que eu! Foi ela quem me falou para não fazer Letras porque ela mesma teria escolhido História. Gostava muito de Humanas e fiz essa opção. Acho que foi uma boa escolha e hoje agradeço aquela Lia de 18 anos que tomou essa decisão...

Quando entrei na faculdade, continuei morando com meus pais. Era o ano 2000 e fiz a graduação ora no noturno, ora de tarde. Gostei muito de duas disciplinas: Moderna, com o Zeron e a outra foi Teoria da História com o Grespan. Ele é fantástico! A galera falava que ele era o “Flanders” dos Simpsons, o vizinho, sabe? Acho que gostei dessas porque se aproximavam da filosofia, do pensamento... Teoria foi um curso pesado, que tirei uma nota sete muito suada! Se tivesse oportunidade, faria novamente! Tenho certeza que captaria muita coisa que na época não consegui e agora teria condições de verdade!

Sair da escola estadual e ir para a USP é algo que te coloca no mundo real. Ou no mundo irreal da USP... No colegial, era uma aluna considerada muito boa porque como lia muito, já tinha algumas vantagens. Os professores mesmos me estimulavam a prestar Fuvest. Quando cheguei na faculdade, minhas primeiras notas foram tenebrosas! Pensei até em largar o curso! Mas no final, adorei ter feito História!

Fiz amigos muito importantes, mas não foi algo logo de cara! Foi uma coisa que foi se consolidando com o tempo. Tenho uma coisa comigo: quando cismo que uma pessoa vai ser minha amiga, ela vai e pronto! Algumas, quando bati os olhos, falei: “Essa pessoa vai ser minha amiga!” Algumas realmente são até hoje!

Como tinha uma família engajada, claro que logo me identifiquei com o movimento estudantil! Mesmo tendo estudado em escola pública e convivido com a galera do “Conjuntão”, sabia o tempo todo que queria ser de esquerda e o PT era legal! No começo, tinha pouca noção do que era o movimento estudantil, de como funcionava e das divergências internas, coisa que aprendi na prática. Tinha certeza de que seria importante para mim e queria viver tudo que pudesse porque, afinal, a faculdade seria uma vez só. Encontrar pessoas e discutir foi algo muito bom que o movimento estudantil me trouxe, inclusive, discutir o feminismo. Foi uma amiga que tenho até hoje que falou: “Vamos nos reunir para discutir gênero?”. Por mais que eu falasse que era

feminista, nunca tinha lido “O Segundo Sexo”. Foi por causa desse grupo que comprei o livro e fiquei embasbacada com tudo aquilo! Nossa, foi incrível! Foi sensacional poder discutir com gente da faculdade.

O grupo chamava “Nosotras” e foi formado para discutir gênero. Uma vez fizemos um zine que ficou muito legal! Era uma coisa xerocada e a galera toda colaborou! O que mais marcou para mim no fanzine foi um conto que um amigo nosso escreveu, que era uma “Chapeuzinho” que, na história, era uma prostituta e precisava fazer isso. Ela saía e ia tomar uma cachaça para batalhar na toca do lobo. Ficou algo tão poético! Muito legal mesmo! Tentamos fazer o segundo número, mas surgiram alguns atritos e o grupo se desintegrou. De qualquer forma, foi uma iniciação no feminismo de forma mais militante, pensando em produzir alguma coisa, discutir pra valer e ler os textos importantes.

Quando entrei na faculdade ainda morava com meus pais na Vila Mariana. Minha irmã mais velha casou por volta dos 18 anos e tínhamos mudado para o outro apartamento do meu avô, com três quartos. Uma hora minha outra irmã anunciou que queria engravidar! Como ela e meu cunhado estavam sempre em casa, ele acabou indo morar com a gente. Nessa época, eu já queria sair de casa e ter meu próprio canto.

Minha primeira experiência sexual foi com aquele namorado do colegial. Foi com ele que aprendi a coisa mesmo! Porque acho que para a mulher, a coisa do tesão, do gostar de sexo pra valer, pelo menos para mim, não foi algo instantâneo. Gostava dos amassos, mas a coisa do sexo dar muito tesão, algo que você domina, foi um processo, algo que aprendi com esse cara com quem fiquei três anos.

Mas eu queria muito *dar*! Andava com várias meninas mais velhas que já tinham feito e fui uma das últimas. Não tinha pressão, mas queria saber rápido como era esse mundo em que elas estavam se divertindo... Antes desse namorado, tive outro e acho que já era uma coisa que estava nos meus planos de adolescente. Quando rolou, curti e foi bem bacana!

Minha experiência com o aborto... Descobri que estava grávida em abril de 2008, quando estava fazendo 27 anos, e no começo de maio abortei... A história foi com um cara com quem já tinha terminado o relacionamento e aquela seria “a última vez”. Como sempre fui muito “regradinha”, quando deu três dias de atraso, comprei um teste

e descobri. Liguei para ele e acho que já imaginou o que seria porque nossa história tinha acabado e não teria porque telefonar se não fosse algo importante... Falei: “Meu, aconteceu uma merda!” A gente usava a camisinha, mas de forma safada, sabe... Era uma vez com camisinha, outra sem, sabe essa merda? A gente usava, mas não da forma correta. Cara, na hora que descobri sabia que teria que passar por um aborto. Para mim não foi nenhuma questão.

Na época já morava sozinha e meus pais nunca souberam. Quando sai de casa, cheguei a morar com duas amigas, mas depois decidi que não ia chamar mais ninguém. Só casando! Só alugaria metade da minha cama!

Quando adolescente, me lembro de ter uma opinião contrária ao aborto, mas hoje sei que era uma contaminação moralista. Basta colocar um pouco de racionalidade na questão para ver o grande equívoco! No primeiro ano de faculdade já tinha dois números de telefone caso precisasse fazer um aborto. Quando aconteceu, foi relativamente fácil porque tinha o lance de discutir feminismo e também tinha amigas que passaram pela mesma situação. Quando alguém da turma precisou, descobri que existia o Coletivo Feminista, que conseguia o Citotec. Depois soube do número de uma clínica. Sempre tive essa informação na manga como uma possibilidade caso eu ou alguém precisasse. Era um número de emergência para nós.

Quando descobri que estava grávida, falei: “Nem pensar!” Apesar disso, foi uma crise porque tenho uma formação espírita kardecista. Embora não tenha uma coisa religiosa, não faça ritos, tenho minha fé! Por isso, foi algo muito difícil! Pensava: “Do que estou abrindo mão?” Nesse momento, rezei e pedi que se tivesse que ser mãe um dia, deus teria que me dar outra chance, porque naquele momento não seria legal...

No meu caso, falei com a amiga de uma amiga, porque era uma coisa clandestina... É de chorar, viu! Eu tinha a opção do remédio ou da clínica... Escolhi a clínica. O remédio era um processo de expulsão e me senti insegura, apesar de saber que é considerado seguro. Se a pessoa tiver acesso, é o ideal. Mas resolvi confiar na clínica, onde ia dormir, acordar e estaria feito... Mas era muita grana! Como descobri muito cedo, liguei no mesmo dia e soube que ficaria mais barato porque o procedimento seria mais simples.

Sempre fui uma pessoa que guarda dinheiro, principalmente para emergências! Gosto de ter uma vida simples, então sempre ganho mais do que gasto, afinal, sou taurina! Durante um tempo trabalhei e morava com a minha mãe, então fazia faculdade de graça e não pagava nem para andar de ônibus! Bebia no cartão refeição porque minha mãe lindinha fazia minha marmita e eu amo a comida dela. Ou seja, eu tinha dinheiro e ele trabalhava e também tinha. Então dividimos o pagamento da clínica.

Marcamos o mais rápido possível! Agendei um horário com o doutor, porque o lance era uma clínica obstétrica de verdade! Um lugar enorme, cheio de fotos de crianças e uma puta sala de espera em pleno bairro central! Quando cheguei, o médico me examinou e disse que se eu quisesse podia ser naquela hora mesmo. Concordei imediatamente! Acho que faziam aquela pergunta para ver se a pessoa não estava vacilando. Foi tudo no mesmo dia! Só voltei para o retorno para ele olhar se estava tudo bem...

O procedimento foi assim: vesti um avental e entrei numa sala de cirurgia, onde um anestesista me explicou como seria. Dormi e quando acordei senti uma dorzinha... Foi quando me encaminharam para descansar em outra sala, onde podia ficar com acompanhante.

Essa pessoa era alguém da turma e hoje mora em outra cidade, mas está sempre aí. Somos amigos até hoje. Mas, na época, foi dolorido porque ainda gostava dele. Foi uma merda! Sofri pra caramba! Tinha ainda um lance de rejeição porque fiquei com ele quando estava dando um tempo com a namorada... Acabei me envolvendo demais, a ponto de fazer merda com a camisinha! Quando eles reataram, ele me ligou para contar e eu dei uma de forte dizendo que sabia que isso ia acontecer e estava tudo bem... Talvez por isso ainda quis a “saideira”...

Quando saímos da clínica, fui encontrar umas amigas. Não queria ficar pirando em casa. No dia do retorno, ele me levou, mas não quis ficar na minha casa porque senão a gente ia acabar se envolvendo. Dei um belo tchau e liguei para outro amigo porque ia ter jogo do São Paulo. E bora pra frente!

De qualquer jeito, esse foi um processo bem dolorido de verdade! Tenho a impressão de que ninguém se arrepende de ter, mas também não se arrepende de tirar. Essa é minha impressão porque o que existe, existe e o que não existe também não existe. Pelo que

vejo de tantas pessoas e por mim mesma, é algo que envolve sofrimento porque, para a mulher, abrir mão da maternidade não é uma decisão fácil! Pelo contrário, é dolorosa, mas viável em alguns momentos e tem que estar disponível para a mulher.

Minha irmã, por exemplo, sempre teve essa coisa de querer ser mãe, algo que vi em várias mulheres. Mas pessoalmente nunca tive isso, até porque passei muito tempo solteira, sempre com casos passageiros, como foi com esse cara. Para mim, a maternidade sempre esteve associada a um par, um cara para estar junto. Se for um projeto individual, para ser mãe solteira, prefiro não ser.

Mesmo tendo uma fé, acho que essa questão não se coloca. Não faço essa pergunta porque para mim ela não existe. Esta foi minha história, meu processo e pronto! Sinceramente não acho que a alma está no embrião. Poderia ter tido um filho e hoje seria outra história. Mas eu fiz a minha história. Tem algo que aprendi no primeiro ano da faculdade... Em História não existe “se”... Ou foi ou não foi.

Como professora nunca discuti o tema do aborto de maneira formal, mas sempre sou muito honesta com meus alunos e, seguramente, se o assunto aparecer vou me posicionar. Acho o aborto uma violência! Precisamos combater essa violência contra a mulher, porque muitas estão morrendo passando por abortos inseguros e mesmo assim elas não vão parar!

Tenho uma edição do “Segundo Sexo”, que é de 1949. Naquela época a Simone de Beauvoir fala que o número de abortos é o mesmo do número de nascimentos! Ela cita uma fonte e, mesmo que não seja exatamente isso, é algo próximo. Esta é uma verdade! As mulheres são responsáveis por sua fertilidade, os homens não. Agora como mudar é outra coisa! Tem a ver com a luta por direitos civis de uma forma ampla, não só a questão do aborto, mas dos homossexuais, das drogas, está tudo dentro de um contexto de dominação por ser a periferia do sistema e manter valores conservadores que são formas de controle e de dominação. No caso do aborto acho que a decisão é só da mulher, porque o corpo é dela!

Hoje não penso mais nisso porque estou em outro momento. Entendo quem precise e apoio, mas na minha relação atual isso não faz mais parte. Tenho uma super companhia e ter filhos está nos planos! Somos pessoas que vamos pelo seguro, então estamos indo

bem devagar... Mas teria um filho com gosto, uma criança, uma responsabilidade que hoje sei que tenho com quem compartilhar.

Janaína

O encontro com *Janaína* se deu através de uma das redes de entrevistados que se formou durante a pesquisa. Uma de minhas entrevistadas me procurou para saber se ainda havia interesse em conversar com mais pessoas e, imediatamente, respondi afirmativamente.

Entrei em contato pelo *Facebook* e tentamos marcar algumas vezes sem sucesso, pois ela mora em outra cidade e estava com seu bebê pequeno. No dia 22 de maio de 2015 conseguimos afinar nossas agendas e nos encontramos na sala do Núcleo de Estudos em História Oral, onde conversamos por mais de uma hora.

Enquanto o bebê dormia, falamos sobre muitos assuntos e percebemos o quanto tínhamos em comum. Sua experiência, sem dúvida, reflete a realidade de muitas mulheres jovens, cujos dilemas e decisões são permeadas por dúvidas e muita reflexão! Por razões de cunho ético, seu anonimato será preservado nesta exposição.

É imensa a gratidão pelo compartilhamento de sua história de vida!

O certo é que teria que ser um direito, mas com toda orientação por trás... Todo apoio do Estado... Fora aquela coisa da saúde pública, porque é uma questão que vai até a psique da mulher que porventura venha a passar por isso...

Nasci em São Paulo e sou a mais velha de três filhos. Minha família é muito complicada! Minha mãe tem distúrbio bipolar e nem entro nos detalhes dos diagnósticos psiquiátricos porque é tudo muito confuso. Mas ela dá bastante trabalho! Meu pai mora

em outro estado e também tem seus problemas... O caso dele é síndrome do pânico... Meu irmão do meio mora com a minha mãe e também tem algumas questões, transtorno de desenvolvimento, traços de autismo, cada laudo fala uma coisa... E o mais novo é usuário de drogas e está pelas ruas.

Fui uma criança bem problemática! Minha mãe nunca teve autoridade e meu pai nem se fala... Eles sempre *tretaram* demais e quase todo dia tinha polícia na frente de casa. Uma vez ouvi: “Da próxima vez que essas crianças vierem parar aqui, vamos levar para o Conselho Tutelar!”. Não tinha ideia do que era esse raio de Conselho Tutelar e fiquei morrendo de medo! Para onde eles iam me levar?!

Minha infância foi bem conturbada nesse sentido. Eram muitas brigas, principalmente entre meu pai e meu avô, que bebia muito... Quando morava com minha avó, ficava jogando vôlei na rua, que era a mesma por onde meu avô passava para ir para casa. Dependendo de como ele estivesse, se estivesse *chumbado*, eu ia para casa distraí-lo com piadinhas tontas para ele não brigar com minha avó, que fingia estar dormindo. Às vezes, ele comia alguma coisa, ia para a sala e ficava vendo televisão, enquanto eu ficava falando sem parar até que ele dormisse na poltrona. Quando acordasse depois já estaria menos *alto*. Várias vezes, deu certo mas era uma *puta* responsabilidade para uma criança! Desde muito pequena tive esse papel de fingir que estava tudo bem... Violência física só aconteceu duas vezes com um espaço de tempo enorme entre uma e outra! Talvez do tamanho da tensão que sentia em todos aqueles anos seguidos...

Minha mãe conta que minha avó sempre tentou se apoderar da situação. Então tem esse lado da minha mãe talvez não ter tido condições, mas havia a interferência autoritária da minha avó por outro lado. Por exemplo, quando minha mãe estava grávida de mim, ela era louca para fazer parto normal, mas minha avó pagou para o médico fazer uma cesárea. Minha mãe nem sabia o que estava acontecendo, ou seja, nasci de uma violência obstétrica, o que é algo muito doido!

Fui alfabetizada em casa pela minha mãe com musiquinhas: “Junto a letra B com a letra O. O que é que fica? Fica Bó!” Entrei no Pré sabendo ler e escrever, mas tinha muita vergonha e falava que não sabia! Pedia até para a professora escrever meu nome nos trabalhinhos... Não sei o motivo, acho que vou ter que fazer terapia para descobrir...

Da minha infância não tenho muitas lembranças bacanas até a segunda série. Estudava numa escola de freiras e via meu irmão mais novo, que tem deficiência intelectual, sofrer muito preconceito! Criança nessa idade aponta e exclui o diferente, o que não era nem um pouco bacana. Eu sempre pegava piolho e até hoje pego só de saber que alguém tem... Um dia me chamaram na diretoria com a desculpa que era para entregar o livro para um aluno, mas mesmo com oito anos saquei na hora que não era nada disso. Uma funcionária ficou fuçando no meu cabelo e disfarçou que era para levar o tal livro. Daí veio o bilhetinho que estava com piolho.

Esse meu irmão tinha o cabelo raspado, mas não por causa de piolho... Na verdade, ele picotava todo o cabelo! Mesmo assim, era só ele aparecer que vinha aquele monte de criança correndo e gritando: “Corre que o piolhento está vindo!” Quando eu via, falava que não era nada disso, que era meu irmão, que ele tinha problemas e picotava o cabelo, por isso tinham raspado. Mas, criança, sabe como é! Ele rabiscava meus cadernos e todo dia vinha bilhetinho perguntando quem tinha feito isso...

Naquela escola lembro que uma vez peguei catapora e, quando voltei, fui apostar corrida com uma menina e ganhei! Aí eu ficava *toda toda* dizendo que até doente ganhava! Eu quicava a bola mais que todo mundo, pulava corda mais tempo, achava que estava abafando! E em escola particular tem esses lances com esporte...

Se de um lado tinha essas vantagens, de outro minha mãe não tinha noção, por exemplo, de mandar a garrafinha de suco do lanche. Ao invés disso, ela mandava numa mamadeira sem bico! Então, era alvo de gozação e tinha uma autoestima muito ruim!

Depois fui para a escola pública, onde fiquei até terminar os estudos. A partir da sexta série comecei a curtir mais, adorava a escola e sempre gostei de estudar! A gente ficava jogando vôlei na rua, tinha um monte de aula vaga, íamos para o Pelezão, que mesmo longe, dava para ir andando... Tinha os trabalhinhos na biblioteca, coisa que hoje, por causa da internet, não tem mais... Eu era até amiga da monitora!

Minha avó tinha uma imobiliária, mesmo tendo estudado só até a quarta série. Como era muito leitora e, na época não exigiam formação para esta função para corretores de imóveis, ela abriu uma salinha e deu o pontapé inicial. No auge da imobiliária, ela administrava vários aluguéis, mesmo ganhando pouco porque eram pequenos quartos de cortiços que tinham na região. Ela datilografava o contrato comercial de cabeça para se

ter ideia do seu potencial! Era uma pessoa muito competente! Como estudava de manhã, fui trabalhar com ela como *office girl* e auxiliar de serviços gerais, mas a imobiliária acabou falindo. Eu era da família, mas trabalhava pra caramba! Ganhava meio salário mínimo, que gastava metade para pagar a manutenção do meu aparelho! Não sobrava nada para mim. Mesmo trabalhando relativamente pouco - eram cinco horas - era diferente dos meus amigos que ficavam assistindo filme na casa dos colegas. Então nunca me achei patricinha!

Sempre fui meio “*atrasilda*” nesse lance de namoro e amores... Todo mundo beijou antes dos 13 e eu só fui beijar nessa idade, e ainda um cara daqueles que fica com todo mundo. Apesar disso, foi legal e até hoje acho esse carinha bacana. Mas namoro mesmo só no primeiro ano do Ensino Médio. Fiquei quase dois anos com meu primeiro namorado e acho que era com quem deveria ter transado... Mas não rolou...

Como minha mãe ficou grávida com 17 anos, ela sempre falava que eu iria me formar na faculdade e só depois começaria a olhar para os lados. Foi uma lavagem cerebral que, de alguma forma, deu certo porque fiquei meio “*travadona*” e só fui namorar de novo depois dos 18 anos.

Sempre morei no mesmo bairro, onde estudei até o terceiro ano do Ensino Médio. Quando terminei o colegial, prestei o vestibular e entrei direto em Educação Física na USP. Antes de decidir por esse curso, mudei de ideia várias vezes, mas acabei me formando cinco anos depois.

No primeiro ano de faculdade fiquei meio distante porque o trote foi pesado! Tinha um lance de cortar a alça do *soutien*, pegar palitinho na boca dos veteranos, jogaram tinta óleo na minha bermuda favorita, que era de quando joguei vôlei federada e uso até hoje porque nunca mudei de peso, mas aquela marca não saiu mais... Um dia o pessoal estava jogando truco e eu estava sentada no chão do lado de um veterano que perguntou se podia encostar em mim. Quando ele chegou perto, o pessoal ficou tirando um *coco*, falando que naquele dia ele voltaria para casa pela Raposo. E o que tem lá? Um monte de motel! Já vi que era um bando de idiotas e fiquei com preconceito daquele lugar no primeiro ano... Depois melhorou e acabei curtindo o curso também...

Foi uma experiência bacana, em que se a pessoa quiser ter qualidade de vida, aprende muita coisa que vai usar no dia a dia. É um curso que está anos luz à frente de qualquer

outro em outras faculdades. Na questão de laboratório, estrutura, pesquisa, é muito bom, apesar de ter um pessoal meio *caxias*. Recentemente voltei para essa área e, quando conversei com o pessoal que está fazendo cursos de atualização, extensão, eles contam novidades que há 15 anos já tinha visto na graduação!

O primeiro cara que transei foi meu professor de violão, um amor totalmente platônico! Mas, naquele momento, já era uma questão de tirar o “peso” das costas... Estava quase no terceiro ano da faculdade e ainda não tinha feito nada! Quando comecei a namorar esse cara, era aquela coisa de ir logo... Mas ele era bem machista! Gostava que eu tivesse marca de biquíni, comprava Playboy todo mês e acabou sendo minha primeira experiência... Não tinha referência nenhuma e mesmo assim não gostei, muito por sinal! Era um cara super performático, que queria fazer todas as coisas como se fosse um filme pornô! Enquanto eu pensava que não precisava durar sempre três horas, que já não estava mais curtindo... O engraçado é que, apesar de tudo, ele não encostava nos meus seios, não sei o que era... Acho que o cara era meio doente!

Foi quando prestei História e entrei em uma universidade particular, afinal trabalhava e podia pagar as mensalidades... Sempre tive dúvida entre as duas faculdades. A cada ano que terminava na Educação Física pensava em abandonar para prestar História, mas sempre tinha uma amiga ou alguém da família que dizia para continuar e acabei empurrando com a barriga. Por fim, me formei nas duas coisas. De qualquer forma, pela experiência de vida, para mim, a graduação em História é bem mais legal!

Depois fiquei com outros caras e vi que aquele tinha sido mesmo uma merda! A cada cara que ficava, parecia mais bacana que o anterior. Comecei a ver que tinha solução e que o mundo tinha alguma esperança... Sempre namorava um ano e pouco, com períodos de intersecção, mas quase emendando um no outro... Às vezes, dois ao mesmo tempo!

Até que no primeiro ano da História comecei a namorar um cara que vendia um amor de cinema! Mesmo eu propondo uma coisa aberta, ele não quis porque falava que quem ama não trai. Mas foi para um evento e ficou com outra menina! Aquilo me deixou muito mal! Perdi quase sete quilos! Mesmo assim continuei com ele...

Depois fiquei mais um ano e pouco com outro cara e quando terminamos fiquei com um menino que era amigo do meu atual companheiro, que foi com quem me relacionei depois. A gente ficou um tempo escondido até achar que o ex estava pronto para saber.

Foi uma fase em que me encontrei com a *putaria*, com as drogas... Mas também o amor livre, os relacionamentos abertos... Nessas situações sempre tem quem sofre um pouco mais, mas sempre fui a pessoa que terminava os relacionamentos... Esse cara que fiquei um ano e meio dividia quarto comigo em uma república e, quando ele ia para a balada, não sabia se podia entrar no quarto, se ele estaria sozinho ou com alguém. Nunca aconteceu e talvez fosse paranoia minha, mas vi isso acontecer com outras pessoas. No fundo, acho um exercício bem legal, que vale a pena tentar...

Sempre gostei de esportes, principalmente vôlei. Fui federada dos onze aos 14 anos e continuei jogando na escola e na faculdade. Como era “atletinha”, minha relação com as drogas não aconteceu muito cedo. Meu primeiro porre foi com uns 17 anos. Mas quando entrei na faculdade, já tinha bebido e fumado maconha... Quando fui morar com essa galera, usei cocaína, a gente cheirava cola, benzina... Teve uma festa à fantasia que fui e tomei uns dez comprimidos com álcool e é muito louco porque você começa a ver rastros de luz, não consegue completar frases, esquece o que estava falando e o dia seguinte é terrível! Nunca mais repeti a dose! Mas usei um lance que são umas sementinhas que você pede para agricultor pela internet... Uma das meninas que moravam comigo estudava as plantas alucinógenas e descobriu essa, aí a gente acabou usando... Era um negócio que atacava o fígado e, naquelas alturas o meu já devia estar bem sensível de tanto que bebia, então foi terrível! Sei que fui andando de um *pico* onde estava até minha casa, e era longe! Quando cheguei, deitei e achava que poderia desligar de vez, porque sentia minha frequência cardíaca baixando, o que parecia legal... Pensei que se quisesse morrer naquela hora, tinha controle da situação. Até que me *liguei* e fiquei com medo de morrer! Fui para a cozinha e comi uma colher de sal. Aí passei mal de verdade! Comecei a vomitar às oito da noite e fui parar umas cinco da manhã! Foi a maior *bad trip* da minha vida!

Essa experiência com as drogas tem um lado muito positivo que é, para começar, não ter preconceito com quem usa. Mesmo que tenha optado por não cheirar mais cocaína porque, mesmo antes de engravidar, vi que não era algo bacana, não é uma coisa

fechada que nunca mais vá fazer. As pessoas ficam meio esquisitas e o mesmo acontece com a bala, que deixa a pessoa meio transtornada, mas que eu adorava! Tive experiências bacanas com bala, doce, apesar de algumas *bads*... Maconha foi um negócio que parei quando começou a me deixar muito introspectiva. Era como dois espelhos em que eu me via pensando e repensando as coisas enquanto o mundo continuava andando... Comecei a pensar umas coisas estranhas e como minha família já é bem doida, achei melhor não dar sopa para o azar... Para mim, maconha é para quem tem a cabeça no lugar. Eu dou um peguinha no máximo para tomar um banho quente porque a sensibilidade fica maior e é gostoso... Mas no *rolê* não fumo mais! Gosto mesmo é de beber! É a droga com que me identifico de verdade!

Quando usava cocaína, achei que tinha algum perigo, mas depois cansei de ficar três dias acordada e sentir aquele vazio profundo, além de ver as pessoas estranhas quando não estava usando... Comecei a ficar com um pouco de medo. Com relação ao álcool, teve uma vez que entrei no site o AA e tem, sei lá, dez perguntas que se você responder afirmativamente a três ou quatro, é bom procurar ajuda. E eu respondia afirmativamente a oito! Então tive medo e sempre me achei meio alcoólatra.

Várias vezes aconteceu, por exemplo, de sair e prometer para mim mesma que não *tocaria o puteiro* naquela noite, mas fazia tudo de novo! Já tive várias amnésias alcóolicas! Uma vez tomei um murro de uma puta no centro da cidade porque estava bem louca! Estava comemorando com a galera e o cara que está comigo hoje ia levar alguém em casa e combinou de me encontrar em algum lugar. Estava tão bem louca que nem sei para onde fui, mas me perdi do pessoal e em algum momento me vi sozinha. Comecei a tentar ligar para ele, mas o orelhão não funcionava. Fiquei nervosa e bati o gancho do telefone, xingando! A prostituta que estava perto virou e falou: “Sua patricinha do caralho, esse é meu instrumento de trabalho!”. Quando ela falou “patricinha” bateu! Trabalhei desde os 14 anos, estudei em escola pública, pedia para abrir a geladeira porque era a casa da minha avó... Virei e falei: “Patricinha é o caralho!” Não sei mais o que falei, mas tem um corte nessa história... Só lembro de alguém me dando a mão e falando para eu levantar e vazar dali! Fui embora e andei até a Consolação, onde deitei em frente a uma farmácia e estava muito bem até que chegaram os *gambés* e falaram que eu não podia dormir ali... Fiquei *puta* e comecei a falar: “Que saco! Não se pode nem dormir nessa cidade! Não pode nada!”... Fui dormir

num ponto de ônibus, mas achei melhor não ficar ali. Liguei para um amigo que estava numa festa e disse que daria um jeito de chegar lá. Como não tinha mais dinheiro, entrei num táxi e pedi carona até um lugar mais próximo, de onde eu iria andando até a festa. O cara foi tentando passar a mão na minha perna e foi terrível! Não sei como cheguei! Dizem que deus guia os bêbados, mas como não acredito nisso, não sei quem me guiou, só sei que cheguei na balada. De manhã vi o roxo do murrão que tinha tomado! Isso me fez ter mais cuidado quando tomo um *gorosinho*...

Já dormi num apartamento e acordei em outro... Teve vezes de perguntar para o cara com quem dormi se usamos camisinha e a resposta era que da primeira vez sim, mas da segunda não... Para mim nem tinha tido a segunda porque não lembrava! Também não considero que fui abusada porque fui porque quis e estávamos ambos bêbados... Esse é outro perigo da cocaína... Porque sem cheirar, você bebe e fica num canto da balada... Se tiver cheirado, fica mais resistente e bebe mais do que deveria, o que já não é pouco. Essas foram duas situações ruins, mas em geral sempre curti beber. De qualquer jeito foi bom para que hoje eu tenha mais noção...

Minha história com o aborto não teve nada a ver com essas maluquices, por incrível que pareça! Com o tempo fui conhecendo melhor o meu corpo e achava que sabia quando poderia engravidar. Usava tabelinha e camisinha, mas se estivesse menstruada ou se tivesse acabado ontem, não usava... Pode parecer mentira, mas passei por situações em que estaria no sétimo ou nono dia de ciclo...

Na primeira vez que passei por um aborto, ainda estava nessa vida maluca... Mesmo pensando em ter filho algum dia, naquele momento pensava sobre o mundo e se tinha algo que não era necessário era mais gente. Se quisesse uma criança ou sentisse falta disso na minha vida, já existia um monte de criança que puseram no mundo. Para que ter outra? Sem contar que tinha minha mãe e meu irmão para cuidar e, mesmo que não estivesse lá todos os dias, eles precisavam de mim.

Mas quando você engravida, as coisas mudam... Existe algo para resolver! Ter ou não ter? Fiquei um tempão perguntando o que meu companheiro queria e a resposta era sempre: "Tanto faz..." Não joga a culpa nele e isso é motivo de briga até hoje! Ele diz que minha posição era de que a última palavra é sempre da mulher, que é quem decide e que é a dona do corpo. Mas até hoje eu falo que não é possível que ele não entenda que

se eu disse tudo isso e acredite realmente que a última palavra é da mulher porque é o corpo dela, eu não quisesse saber a opinião dele e que isso não era importante! Ele não entendeu que as coisas não são excludentes e, mesmo que a última opinião seja da mulher, se ela quer sua opinião, você tem que dar, pô! Ele fugiu de mim, ficou meio longe e, quando me ligava era pra falar de uma amiga nossa que estava grávida e tinha engordado e ficado com um bunda enorme! Não era possível que isso estivesse acontecendo!

Quando rolou tudo isso, o cunhado de um amigo era médico e sabia que eu tinha uma hérnia epigástrica, que depois vim saber que eram duas... Essa hérnia é uma coisa que, na gestação, vai abrindo e o intestino pode ficar preso e necrosar. Liguei para esse cara, expliquei que estava grávida e ele disse para curtir a gestação porque não era nada certo e não me deu uma posição definitiva... Ou seja, queria ter o bebê, senão não tinha ligado para esse cara, nem contado para minha tia ou para a meia dúzia de pessoas que rapidamente se tornariam um monte de gente!

Acabei fazendo um aborto com a instrução de uma amiga num lugar de alto padrão na época. O cara foi comigo e, na sala de espera, perguntei se ele não queria... Ele disse que ali não era mais hora de falar sobre isso, mas rebati dizendo que aquela era a única hora possível porque 20 minutos depois realmente não seria... Ficamos nisso até me chamarem... Até hoje não sei bem o que pensar porque não foi uma decisão de verdade, não cheguei a tomar essa decisão!

Nossa sociedade é tão cruel com a população de baixa renda que pratica aborto que não consigo me ver numa posição de vítima. Afinal, podia ter *cagado* para a opinião do meu parceiro e ter tido um filho. A verdade é que seria cômodo não ter um filho naquela hora, além de estar de acordo com meus antigos princípios de não ter um filho...

Depois disso, transei menstruada com o mesmo cara e pensei que não era possível tanta coincidência! Quando soube que estava grávida, decidi ter! Não me considero vítima, mas não é uma experiência agradável e jurei que nunca mais faria aquilo... Parece que foi só para queimar a língua, porque fiz de novo! Só que dessa vez fui esperta! Sabia que estava grávida, mas marquei consulta com um médico gastro e comentei que desconfiava que poderia estar grávida, mas estava preocupada por conta da hérnia... Queria saber, caso estivesse, se tinha algo para fazer. Ele disse que eu rezasse para não

estar grávida! Fiquei desesperada e pesquisei a respeito. Soube que se precisasse de uma cirurgia de emergência, o feto poderia não aguentar... Moral da história: fui no mesmo cara e fiz um aborto de novo! Era no mesmo lugar e gastei aquela grana da porra! As duas vezes paguei sozinha porque o cara não trabalhava na época, só fazia uns bicos... Gastei muito dinheiro! Mas depois fui tratar essa hérnia!

Essa situação foi logo depois da morte da minha avó, quando já estava decidida a ir morar com minha mãe. Ela mora em outra cidade e minha avó sempre foi a pessoa que deu suporte. Na época, estava dando aulas, mas comecei a procurar concursos na cidade onde ia morar e acabei passando para professora de nataço da prefeitura. Voltei para minha primeira rea, mas foi o pior emprego da minha vida! Passei frio, meus pelos caram, exalava cloro e conheci a podrido da prefeitura daquela cidade.

Meu companheiro decidiu se mudar comigo, prestou concurso tmm e hoje tem um emprego na cidade. Como tinha convenio que cobre a ala particular do HC, imaginei que l deveria ser bom para operar. Consegui operar a hérnia e, depois, perguntei sobre a situao de uma gravidez com a hérnia e ele explicou que daria mais trabalho que a prpria gestao, ou seja, seria uma situao de risco. Concluí que, em relao aos abortos, havia tomado a deciso certa.

Na poca, considerei o fato dele ter abraado minha vida, minha me e meu irmo... Seria difcil porque nossos amigos, baladas e o que a gente gosta est aqui. L no tem o que a gente curte, ento achei que formar um ncleo familiar fortaleceria nossa relao. Nada na minha vida foi muito decidido... Com 35 anos a fertilidade despenca, ento pensei em parar os contraceptivos para ver o que dava e engravidei no mesmo ms! Acho que eu e ele somos muito frteis porque tudo aconteceu com a mesma pessoa...

Quando fui fazer ultrassom com nove semanas, vimos que o beb estava com tamanho de seis, no dava para ouvir o corao nem nada... Acabei encontrando numa coincidncia bizarra uma amiga de infncia que contou que tinha ficado grvida e perdeu o beb. Ela contou que estava cheia de pontos na barriga porque fez uma curetagem por causa de um aborto espontneo no mesmo hospital e a mdica perfurou o tero dela... Ela comeou a ficar com a barriga verde, inchada e eles decidiram abrir para ver se no tinha perfurado o intestino... Ela me contou isso um dia antes do ultrassom e quando vi que tmm tinha perdido, fiquei com medo!

Foi na mesma semana que tinha começado num trabalho novo, então não poderia tomar o remédio e esperar o que ia acontecer, porque ficaria sangrando no meu primeiro dia de trabalho... Decidi vir para São Paulo e fazer o procedimento de “limpeza” com o mesmo médico. O aborto foi espontâneo, mas não houve expulsão do feto. Fui e voltei dirigindo, e ainda comprei algumas roupas no brechó porque meu estilo não é muito social. Continua não sendo, tanto que o pessoal me acha meio hippie... O importante é que sou concursada e agora ninguém pode reclamar disso...

Foram três abortos... O primeiro não posso dizer que foi uma decisão... O segundo sim, mas por conta da hérnia principalmente... O terceiro espontâneo, mas precisava me proteger. Depois de tudo isso, tivemos dúvida sobre ter ou não filhos. Por mim adotaria, mas ele não foi muito firme... Disse que se a gente tivesse um, adotaria outro. Racionalmente, nunca teria, mas parei de me cuidar e, se a natureza trouxesse seria bacana.

Fiquei grávida de novo e dessa vez curti a gravidez! Foi tudo super bem e pulei portão até o sexto mês. Mas meus exames sempre deram alguma alteração... Queria ter o parto em casa, mas só tive certeza mesmo quando o último exame deu tudo normal...

Minha parteira me passou muita segurança! Depois do meu bebê, ela fez outros cabulosos! A mulher é meio bruxa mesmo! Deu umas pancadas pra desencaixar e encaixar de novo o bebê... Estava com meu companheiro e uma enfermeira obstetriz, e ela pediu até desculpas pelas pancadas, mas eram bem mais suaves que as contrações... Sei que depois de umas cinco horinhas, ele nasceu... Ainda bem que deu tudo certo, apesar das horas de trabalho de parto fazendo uma força danada! Felizmente não estourou os pontos da cirurgia da hérnia, embora o médico tenha falado que não tinha nada garantido... É uma experiência que você não esquece mais! Mesmo assim me sinto privilegiada por ter feito com alguém com experiência, num lugar onde me trataram bem e que sabia o que estava acontecendo...

Depois que tive o bebê, paro para pensar e até chego a me arrepender de ter abortado... Penso como ela seria... Porque rola aquele lance de que o espermatozoide mais resistente é menina, então penso que seria uma menina... Hoje em dia até penso que seria legal, mas não fico morrendo de sofrimento, só penso, tenho curiosidade de como seria a irmã mais velha dele...

Quando aconteceram os abortos, queria a opinião do meu companheiro para decidir e não tive, apesar dele não admitir... Acho que o homem pode dar sua opinião e, no caso da mulher indecisa, pode fazer a campanha dele. Não acho que pode pressionar em qualquer um dos sentidos. Mas a opinião do companheiro é sempre bem vinda, desde que não seja uma imposição ou pressão. É importante quando você quer um pai atuante, mas também para não carregar tudo sozinha... Tudo é legal quando eles são bebezinhos fofos, mas dá muito trabalho! A participação do pai tem que ser sempre, assim como da mãe!

Para mim o aborto deveria ser uma coisa legal. A mídia, dominada pela bancada evangélica está trazendo um retrocesso muito grande nesse sentido, assim como o tema é tratado pelos partidos políticos... Esses dias vi o artigo de um médico que mostra quanto o aborto pune as mulheres pobres, as mulheres e não os homens... Quem comete o crime é a mulher e o pai que vai embora não... Foi muito interessante ver que essa reflexão partiu de um médico! O certo é que teria que ser um direito, mas com toda orientação por trás... Todo apoio do Estado... Fora aquela coisa da saúde pública, porque é uma questão que vai até a psique da mulher que porventura venha a passar por isso...

Meu trabalho atual não tem muito a ver comigo, então acabei prestando outro concurso para voltar a dar aulas e estou só esperando homologar. Minha ideia agora é trabalhar menos porque não quero deixar o bebê na creche o dia todo. Vou fazer isso para ficar mais tempo com ele. Quando levei o bebê no pediatra e contei todo o histórico da família ele passou uma homeopatia e falou para cuidar do emocional da criança. Não vejo mal nisso e dou umas gotinhas para ele... Vamos dar as gotinhas para o menino se safar e apostar nisso... O fato é que estou curtindo muito cuidar dele e estou desesperada de ter que voltar a trabalhar 40 horas! Aqui estou com meu bebê! Gosto tanto dele, essa coisica bonitinha...

Paloma

A entrevista com esta colaboradora foi possível a partir de uma rede de entrevistados que se formou através do apoio de uma amiga que, apesar de nunca ter feito um aborto, tinha contatos que poderiam aceitar contribuir com a pesquisa.

Com *Paloma*, conseguimos marcar em sua casa na segunda tentativa, num dia em que estaria sozinha. Conversamos longamente na cozinha de sua aconchegante casa enquanto ela preparava o almoço.

Sua lucidez com relação ao aborto é notável e o que acaba por chamar a atenção é o contexto abusivo que vivia com o companheiro à época, acenando para a importância de discutir questões relativas à violência de gênero.

Sua contribuição foi imensa e certamente traduz a experiência de muitas mulheres jovens brasileiras.

Quando engravidei pela segunda vez, acho que por ser bióloga, isso não mexeu com meu emocional na época. Estava precisando tanto de uma estabilidade emocional que era algo necessário, senão ia surtar de vez! Foi complexo depois, agora por exemplo, porque penso: “Será que o aborto mexeu com meu sistema reprodutor e isso está influenciando o fato de não conseguir engravidar?” Essas coisas mexem com a nossa cabeça, a gente fica pensando... Quando vou ao médico, minha mente fica funcionando... Mas a decisão em si não foi complicada. O difícil foi o embate, ter que aguentar e falar, insistir que ia fazer sim... Essa parte para mim foi a mais difícil!

Tenho 33 anos, sou professora de Ciências Naturais e trabalho em uma escola de elite em Alphaville. Tenho uma filha adolescente e sou casada pela segunda vez. Nasci em São Paulo e morei em Alphaville até os 17 anos, quando vim morar em São Paulo. Tenho uma irmã de 39 anos e um irmão de 37.

Minha irmã mora numa fazenda no interior. Ela fez Arquitetura, mas não exerce a profissão. Está como mãe agora. Meu irmão é engenheiro, trabalha com Engenharia, mas também abriu um restaurante. Minha mãe trabalha com Comércio Exterior, vende umas flores colombianas preservadas super bonitas, como estas que tenho em casa.

Depois que saiu de Alphaville, há uns 16 anos, ela foi morar em Vinhedo com um francês que era mais ou menos marido dela, porque ele voltou para a França, mas eles se veem todo ano. Casal moderno, sabe... Atualmente ela mora na Vila Leopoldina, numa casinha bem gostosa, super simples... Fomos moradores de Alphaville na época em que não era lugar de rico ainda... Foi virando depois de uns anos que morávamos lá.

Meu pai comprou porque ele era engenheiro e queria fazer uma casa para vender. Só que a casa onde a gente morava perto de Osasco foi assaltada duas vezes meio na sequência quando eu tinha seis meses... Minha mãe começou a ficar preocupada porque estava com um bebezinho e dois filhos pequenos. Aí ela falou para o meu pai para eles irem para a casa que estava construindo, meio na raça mesmo! E minha mãe gosta de morar no meio do mato, adora planta, essas coisas... Eu curto também!

Lá era legal porque tinha quinze moradores. Então, precisava comprar coisas, iam cinco mães no Ceagesp, levavam a lista do pessoal e depois dividia tudo na garagem de casa... Era outra pegada! Aí depois foi desvirtuando e virou o que é a realidade dos meus alunos de hoje, que são de famílias bem diferentes!

Estudei por lá até o colegial, depois vim para São Paulo. Primeiro estudei no Pueri aqui de São Paulo, depois fui para o de Aldeia da Serra. Até que a grana ficou curta e foi todo mundo para o Universitário, um colégio que até hoje é bem ruim! Os alunos que vão para lá querem mesmo passar de ano, sabe assim... Meu boletim era tudo dez, mesmo em matérias que eu não era boa! Ridículo mesmo! No colegial, fui para o Palmares. Aí, o bicho pegou! Ficava de recuperação direto! Minha mãe surtou: “Mas você só tirava dez!”. Aí eu falava: “É, mãe, então, eu nunca fazia nada e tirava dez... Agora continuo não fazendo muitas coisas e...” É até engraçado! Mas foi muito importante para mim! Mesmo indo para um colégio ultra tradicional, com um pessoal mais careta, sair de Alphaville foi uma experiência super importante! Conhecer gente, saber que podemos ser de várias formas diferentes... Porque no Universitário era um universo muito pequeno, as pessoas eram muito parecidas, pensavam igual, se vestiam

do mesmo jeito... Lá no Palmares não! Você chegava tinha as super patricinhas, os caras que se vestem de preto, os desencanados, os boleros... Para mim foi “uau”, o mundo é super diverso, que bacana! Foi animal! Muito bom!

Desde o começo eu queria ser bióloga. Mas pensava: “Bióloga? Com a Biologia não vou conseguir sustentar minha família!”. Meus pais se separaram quando eu tinha sete anos e minha mãe sempre sustentou boa parte da nossa vida. Então eu falava: “Gente, preciso ser uma mulher que sustente a casa! E com Biologia, estou fodida! Vou ficar dependente!” E isso não é da minha índole, não dou muito conta disso... Aí fui fazer Engenharia de Alimentos, porque juntava Biologia, Química, as exatas que eu gosto e beleza! Além disso, meu pai e meu irmão eram engenheiros, minha irmã fez Arquitetura, foi todo mundo meio pra esse lado... Mas já no primeiro ano foi uma tragédia! Naquela época, esse curso só tinha na Unicamp e na Mala. Meu irmão fazia Mala e fui para lá. No primeiro ano, a única matéria que gostei foi Cálculo. Todas as outras eu bombei! E meu pai foi muito legal! Ele era meio ograão, mas dessa vez foi muito fofo! Ele perguntou se eu não precisava pensar um pouco mais, fazer outro cursinho, pensar bem e fazer o que realmente gostava... Mas naquela época eu estava perdida na vida, não sabia o que fazer... Então fui fazer um ano de cursinho na Humanas, pensando em Administração... Nessa idade, a gente é muito novo para escolher... A escola não prepara para pensar nisso, enfim... Se preparasse talvez fosse diferente... Aí fui fazer o cursinho de Humanas no Anglo da Sergipe, que foi onde conheci meu ex-marido, uma das minhas melhores amigas, fizemos um grupo muito bacana! Foi muito legal! Comecei a me envolver com questões políticas, comecei a entender o mundo de outras formas. Foi uma experiência inacreditável para a minha vida!

E no cursinho, conversando com o professor, eu disse que curti Biologia, mas tinha receio... E ele me falou: “Hoje em dia tem um mercado maior, o Projeto Genoma...” Tanto que a nota de corte de Biologia foi para os ares! Decidi prestar Biologia!

No primeiro ano, engravidei... Aí comecei a entrar para a área da Educação na faculdade e achei muito legal! Mudei de ideia de novo! E curto muito, é uma área que eu adoro! Mas quero fazer mestrado na Biologia hard mesmo! Acho importante e na minha

faculdade não teve trabalho de campo, essas coisas, e sinto falta de ter essa experiência na escola mesmo.

Estou pensando em fazer na Ecologia, mas ainda não conversei com ninguém. Sei que no mestrado é preciso entrar numa linha de pesquisa, então nem estou pirando muito para não chegar lá e descobrir que não vou poder fazer nada que elaborei... Tenho duas amigas que conhecem caras diferentes dentro da Ecologia na USP, então estou pensando em entrar em contato, mas já com algo elaborado para chegar com a ideia desde o começo. Ano que vem, se permanecer no trabalho que estou, vou ver se me dedico a isso.

Dou aula desde 2002. Surgiu uma oportunidade que o pessoal da História me falou de dar aula no cursinho. Quando fui preparar a aula percebi que isso não era brincadeira! Precisava estudar muito para dar aula! E achei muito legal porque curto estudar... Então, peguei na unha e foi mesmo muito bacana! Dei aulas nesse cursinho, depois em outro cursinho popular perto da Paulista e também no Pró-Jovem, que é um projeto de supletivo do governo federal.

É um supletivo meio doido, que você dá os quatro anos do Ensino Fundamental II em um ano. É mais um lance do cara ter o diploma para entrar no mercado de trabalho do que qualquer outra coisa. Mas foi muito legal! Deu para trabalhar várias coisas com os moleques, essa questão mais social... Porque eram três áreas comuns: Português, Matemática e tal; uma de qualificação profissional, então o aluno escolhia um dos cursos de qualificação profissional para fazer; e a outra era de serviço social ou algo do tipo que as assistentes sociais tomavam para si e a ideia era montar um projeto com os alunos a partir das comunidades. E a gente assumia a tutoria de sala. Então, o professor que era normal como eu assumia uma classe como tutoria e foi muito legal porque pude aplicar um projeto de serviço social na tutoria. E eles ficavam desesperados porque não conseguiam se organizar e a gente estava ali para ajudar, então foi muito bacana essa parte!

Montamos um questionário e fomos na comunidade de um dos meninos para ver se as pessoas conheciam as ONGs relacionadas, se as pessoas se interessavam em participar da política local, como viam as ações dessa política maior... Os meninos curtiram muito! Foi um trabalho de um ano, porque era um contrato fechado, mas foi bem

bacana! Os alunos, os professores, tudo muito legal e uma experiência bem diferente do que é trabalhar nessas escolas assim...

Posso dizer que tenho uma experiência bem diversificada! E depois trabalhei numa escola de crianças especiais! Para completar! Eram todos os tipos de deficiências! E todos os alunos tinham algum tipo... Intelectual, física, tudo! E foi muito louco! Ver o ser humano nesse lugar... E também tem outra coisa: os caras não tem filtro! Se acontecer alguma coisa vão mandar você tomar no cu... Quando entrei lá, tinha coincidentemente uma menina da História que falou: “Do jeito que você é sensível como te conheço, talvez fique meio preocupada se algum aluno te mandar tomar no cu”... Essas foram as boas vindas! Mas tudo bem, vamos lá! Fiquei dois anos e meio e foi muito legal! Conhecer as crianças, conhecer o humano, como pensam... No último ano, peguei alunos praticamente da escola inteira, dos dez anos até os que estavam se formando. Fiz um projeto muito legal com o professor de filosofia que era para preparar os alunos para o mercado de trabalho, para eles começarem a pensar sobre que profissão queriam, que habilidades tinham, para se conhecerem, se olharem para pensar no futuro. Foi muito legal! Gostei demais!

É uma escola privada que tem até hoje! É doideira! As minas são mais loucas que os meninos... É engraçado! E esse projeto acabou virando! A gente organizou com os meninos um evento para as pessoas irem falar sobre suas profissões. Minha mãe foi, inclusive. Até aquele advogado Ricardo Senes que faz o Jornal da Cultura e era filho da coordenadora participou. Foi muito legal!

De lá fui para a escola onde estou há quatro anos... Mas é muito diferente! Tem muita pressão! É uma escola grande, de gente que tem grana... Mas, a escola tá rolando de perder aluno, a diretora está surtando... E ninguém fica bem quando a diretora surta... Então não sei quanto tempo vou ficar. Se descolar outro trampo saio, senão fico por lá...

Bom, mas antes do meu ex-marido, eu fiquei com uma galera, mas não namorei. Não conseguia me deixar amar, sabe... Não rolava... Ficava com a galera, mas nas poucas oportunidades que rolou de namorar, pulei fora...

Sou leão com touro e escorpião... Mas sou tranquila... Na verdade, um dos lances que podia rolar namoro, o cara namorava uma menina e terminou. No dia que a gente ficou, ele contou que a menina estava grávida, mas ela ia abortar. Só que eu não dei conta!

Falei: “A menina está grávida, vai abortar e eu vou começar a namorar com você?”. Não vou conseguir! Aí eu pulei fora! No meu emocional, ia achar que era uma bruxa! Foram casos assim ou que eu não curtia o cara o suficiente, essas coisas...

Conheci o pai da minha filha no cursinho. A gente começou a se aproximar, formamos um grupo que começou a se organizar para ir em manifestações contra a Alca, ficamos próximos de grupos anarquistas e isso foi nos aproximando... Lembro que a gente ficou antes da primeira manifestação, mas essa questão foi o que nos aproximou... Começamos a namorar e depois de cinco meses eu engravidei.

Primeiro ficou a discussão eu falando que queria abortar e ele dizia que não, que queria que eu tivesse, que seria muito legal, essas coisas... Falei: “Você vai encarar?”. Ele disse que ia. Então, vamos aí! Mas nosso casamento foi uma merda! A gente se separou de casa, mas continuou namorando. Eu tinha medo de me separar... Tinha umas questões emocionais que eu não dava conta, o cara não era muito delicado, enfim... A gente continuou namorando e nessa eu engravidei de novo! Aí eu falei: “Não!” E ele: “Vamos, vamo aí...” Falei: “Não, nem fodendo! Outro filho com você? Nem a pau!” Aí ele ficou muito puto!

Foi horror esse lance do aborto, meu! Fomos lá, só eu e ele. Uma amiga perguntou se eu queria que ela fosse junto, mas eu disse que daria conta. Nossa, ele ficou puto comigo! Puto! Aí, foi foda! Mas foi a melhor coisa que eu fiz! Apesar do cara ter surtado e tudo mais... Nossa filha era super novinha e o cara não era firmeza como pai. Até hoje não é! Quando vi aquilo tudo... O pai já não é pai de verdade, doidasso! Não vou me prender ainda mais! Porque filho prende, cara! Então, não! Não quero, não rola!

Quando engravidei a gente foi morar junto. Minha sogra tinha um apartamento fechado, então foi esquema! Eles tinham alugado uma ou duas vezes e os inquilinos detonaram o apartamento! Então deixaram fechado e a gente foi morar lá. E era um lugar prático, perto de tudo, super esquema! Minha mãe e minha sogra ajudaram a bancar porque a gente não trabalhava... Quando começamos como estagiários ganhávamos 300 contos, não dava para pagar as contas da casa porque estagiário é isso aí, né! E mesmo depois que parei de amamentar e voltei, a gente ganhava isso, o que é ridículo! Então, a gente não bancava a casa, quem bancava era a família, que por sinal foi muito bacana de verdade!

Quando fiquei grávida a primeira vez, minha mãe me deu uma bronquinha clássica, né... “Em pleno século XXI, com todos os métodos anticoncepcionais!” A gente teve que ouvir, que era verdade... Mas, a merda já estava feita, então vamo aí! Rolou um força-tarefa ali... O pessoal da família dele nem deu bronca! A mãe dele é muito mãe demais! Nessa parte foi mais que tranquilo! Enquanto nossa casa não estava pronta, peguei um dinheiro que guardava desde a adolescência para reformar a casa, o pessoal ajudou dando os móveis, o essencial para a gente morar...

Meu pai não conhecia meu namorado e ficou sabendo com a notícia, mas foi tranquilo! Foi engraçado: “Bom, é o que temos, né, minha filha...” Isso que é louco! Meu pai fez um monte de cagada, mas nessas horas ele segurou a onda e foi muito legal!

Quando eu fiquei grávida, até pensei em abortar, mas eu era apaixonada por ele, então falei: “Tá legal! Você vai ser um pai legal? Então vamos!” Nada além disso...

No segundo caso foi diferente! Resistência dele até o fim! E eu também! Mas nessa hora é a mulher que decide! O cara não tem muito poder nessa hora. E foi meio isso que rolou... Fui a uma clínica clandestina... Uma amiga conhecia umas minas feministas e elas me indicaram, me deram o contato desse cara que, inclusive, dei para outras pessoas...

Cheguei lá, o cara deu a anestesia e falou assim: “Só vou dar uma anestesia” e foi assim “puft”, beleza! Acordei, já estava zerada! Então, nem sei assim o quanto isso afetou ou não o meu corpo. Até cheguei a ir ao ginecologista depois e aparentemente estava tudo bem! Mas... Tipo, nunca mais engravidei... E eu e meu marido atual não usamos método anticoncepcional nenhum! Então, a gente não sabe... Também não vou muito ao ginecologista, sabe...

Mas como agora estou no projeto de engravidar, irei! Ainda não tinha definido que iria engravidar. Puxa, começar tudo de novo! Minha filha cresceu, estou quase independente... Mas rolou, inclusive, uma pressão da escola. Porque esse ano eu engravidei e tive um aborto natural... E a escola ficou sabendo porque contei para a coordenadora, que contou para a diretora e aí lascou! Eu ia pegar um projeto maior ano que vem, aí a diretora colou em mim e falou que tinha ficado sabendo da gravidez e se eu quisesse mesmo engravidar não daria para pegar o projeto. Falei: “Quer saber? Quero

engravidar!” Aí rolou outras coisas na escola e eu talvez nem fique. Mas já passei no ginecologista e agora estou super “in”...

E meu pai morreu no começo desse ano. Foi o coração... Ele era cardíaco, já tinha tido dois AVCs, aí não aguentou... Ele tinha 66 anos, novo ainda...

Fiz um ano de Engenharia, desisti... Aí fiz um ano de cursinho e fui para Biologia no

No lance do aborto, a clínica em si foi tranquila! Mas, ele surtou!! Deslocou meu maxilar e tudo! Isso é algo que ninguém sabe! Ninguém! O cara surtou geral! Me deu um monte de soco! Ficou puto comigo! Na hora que a gente saiu da clínica, me trancou no carro e poft! Fiquei com a perna toda roxa! Me deu um monte de beliscão! Nossa, foi horrível! Foi muito difícil!

Por isso que quando me separei, a gente não conseguiu se separar de verdade... O cara é muito doido! Imagina se eu não fizesse o que ele queria! Então, eu fiquei, entendeu...

E não era a primeira vez que acontecia... Mas dessa vez o cara passou um pouco mais do ponto do que ele costumava fazer... Foi muito, muito difícil!

Nessa época, a gente já estava separado de casa. Ele morava com alguns amigos. A gente ficou mais um ano e meio junto até quando ele deu mais um dessa, eu falei: “Chega!” Já deu! Tomei muita porrada! Demorou muito, mas na hora foi! Pelo menos isso...

Quando me separei, fui morar com minha avó, que morava no mesmo conjunto de prédios... Meu pai colocou ela para morar lá pra ela ter contato com a Manu. Minha avó estava muito velhinha, desencanada de viver... Quando meu tio morreu, ela sofreu muito! E justo ela que era uma húngara forte, virou um fiapinho de gente... Dava dó de ver... Fui morar com ela, enquanto meu namorado morava com essa galera.

Quando me separei, uma amiga também se separou... Eu já tinha a casa onde moro hoje, porque minha mãe, quando vendeu a antiga casa, deu uma grana para cada filho. Tinha essa casa, mas estava alugada para bancar as coisas na casa da minha avó.

É uma casa bonitinha e está ainda mais agora que reformamos...

Vim morar com uma amiga que tinha um filho um pouco mais novo que a Manu e que se davam super bem! Foi super legal! Moramos um ano e meio até que comecei a namorar meu atual marido... Minha amiga estava achando a casa pequena e queria mudar para uma maior. Mas essa já era minha, pô! Sair daqui pra pagar aluguel não fazia sentido! Ela colocou o irmão dela na jogada para morarmos os três, mas eu já estava enroscada com meu namorado e falei que ficaria aqui mesmo e que ela se sairia bem... Ela entendeu super de boa e foi morar com o irmão...

Aí, pedi meu marido em casamentooooo!!!! Olha só! Estamos aqui há oito anos... Puta, ele é um cara muito legal! Outra pegada! Um cara macho, forte, até ogro... Mas, super sensível! Isso é muito louco! E o outro, metido a sensível era o verdadeiro ogro! Vai entender...

Agora, falar da minha filha... Ela é uma fofa, cara! Minha casa é povoada pelos quadros dela! Quase uma artista plástica! Tenho uma máscara que ela fez com os amiguinhos com cinco anos de idade!

Tem várias coisas bacanas de filhos, né... Uma é essa do amor sempre! É muito amor, muito gostoso! Mesmo nessa idade mala que ela está agora... Uma coisa muito louca de ter filho é que é um tapa na cara todo dia, né... O que você é reflete no filho... Quando ele faz uma coisa que você não gosta, mas faz, você olha e “puta que pariu!”... Dói até o estômago! Você percebe que precisa mudar necessariamente em você mesmo! Uma terapia nada leve!!! Essa coisa de ter filho é muito legal porque abre a possibilidade de se olhar de outro ângulo e perceber o que é preciso melhorar de verdade. Isso foi e ainda é muito importante!

Mas, nesse lance todo eu tive que dar conta das minhas coisas e ainda dar bronca no cara! Um saco! Uns dois anos atrás ela começou a reclamar que o pai não perguntava nada, não sabia nada da vida dela... Eu tentava passar um pano, mas a reclamação era recorrente! Tive que ir conversar com ele! Mas ele dizia que tinha que relativizar porque ele sabia dela pelos outros! O que acontece no fim de semana deles? Ela fica com a mãe dele e isso o cara não consegue enxergar! E eu falo: “Sua filha quer você! Não adianta outra pessoa!” Ele tenta argumentar e é um inferno! Mas o recado foi dado!

Ele tinha se separado da mulher com quem ele ficou casado uns anos e disse que estava se recuperando... Falei: “Meu, quando a gente se separou, você estava aí fazendo sua

vida com a galera, eu não deixei de ser mãe! A gente não pode deixar de ser mãe e pai por qualquer coisa...” Ele falava que eu não entendia, mas para mim o recado estava dado!

Depois disso, ele começou a perguntar umas coisas pra ela e pensei que tinha surtido efeito! Fiquei feliz! Surtiu o efeito... O cara foi resistente na minha frente, mas na hora fez o certo! Passou um tempo, ela voltou a reclamar... “Meu pai se tranca no quarto, só sai para jantar... Fica no Facebook o tempo todo e não conversa comigo...” Eu nem sabia o que dizer... Nessa idade, ela já se liga nas coisas... Eu falo que meu pai também era meio assim para amenizar, mas ela fica chateada... Ela fala que quando ele sai pra rua está super feliz, mas em casa é mal humorado, deprê, não quer saber de nada. Ele é assim! E ela se ligou nisso... Não sei o que falar nessas horas... Ela falou que ele só é bacana em público para os outros saberem que ele é legal. Na escola, ele abraça, finge que é super pai, mas é só chegar em casa que está pouco se fodendo. É muito triste!

A cada quinze dias ela passa o final de semana com ele, mas de segunda-feira ela vai para lá. Ele está morando com a mãe, que é super querida, gente boa e cuida dos netos, porque ele tem mais dois filhos.

Parece que ele é mais presente com as outras meninas. Conversando outro dia com a Manu, ela falou que o pai leva as irmãs ao médico e tal e eu disse: “Isso acontece porque a Julia não leva. Como eu sempre fiz isso, para ele foi confortável nessa parte. Não é que ele goste menos de você. Tem que entender que a relação é um pouco maior e não tem a ver com gostar ou não”. Não quero que ela – por mais tosco que ele seja – o enxergue como um pai que não gosta dela, né...

Isso tudo é muito louco porque conforme ela foi se ligando das cagadas dele, ela foi se deixando levar pelo meu atual marido. Antes ela não falava pra ele “eu te amo” e agora ela fala. De vez em quando, mas fala... É que a gente sempre foi muito grudinho, então falamos o tempo todo “te amo”, a gente é muito amorzinho mesmo... Mas ela precisou desse tempo para conseguir. Tento conversar e falar que não precisa transferir o amor, dá para gostar de duas, de várias pessoas, porque nosso coração é super grande!

Só que ela tem o pai dela e isso a gente conseguiu preservar bem. Acho muito importante! Nunca ia deixar que ela se esquecer disso. Mas aqui em casa a gente brinca

que somos os pais dela e às vezes ela fica meio puta... É até engraçado! Ela fala: “Eu tenho pai, viu!”. Eu falo que sei disso, mas que aqui em casa ela é nossa filhinha...

Ela tem 13 anos agora... Já ficou com alguns carinhas... Aos dez anos foi o primeiro namorado... Na época não encanei muito. Fiquei mais preocupada quando soube que ela estava ficando com vários... Até rolou um stress! Um dia desses sai com ela e uma amiga dela pra jantar fora e ficamos batendo papo. Aí eu falei: “A Manu ficou com a maior galera do prédio”. Mas, falei brincando porque a amiga sabia dos caras que ela tinha ficado. Mas ela me disse depois: “Mãe, agora minha amiga acha que eu sou puta porque você falou que eu fiquei com todo mundo!” Pedi desculpas, disse que não foi essa a intenção e eu não achava isso dela, mas estava preocupada com quão nova ela estava fazendo as coisas. contei de quando comecei a ficar com os caras no colegial, que fiquei com a maior galera e que tudo bem querer experimentar, saber como é o beijo de um e de outro, que eu também passei por isso, mas ficava preocupada por ela ser muito nova e se empolgar com outras coisas tão nova! O que ela me disse? “Mãe, não vou engravidar cedo!” Adolescente é foda!

E olha que eu perdi a virgindade com o pai dela aos 19 anos! Não queria perder a virgindade com um cara que não fosse meu namorado, mas também não conseguia ficar com nenhum para namorar, então fui enrolando... Quando contei pra ele que era virgem, ele quase riu da minha cara! “Você virgem? Nem a pau!” Falei que era mesmo e quando a gente transou até tive um sangramentinho. Nem toda mulher sangra, mas comigo rolou e aí, ele disse: “Meu, é verdade mesmo! Essa cara de safadinha esconde tudo!” Foi engraçado isso...

Quando engravidei pela segunda vez, acho que por ser bióloga, isso não mexeu com meu emocional na época. Estava precisando tanto de uma estabilidade emocional que era algo necessário, senão ia surtar de vez! Foi complexo depois, agora por exemplo, porque penso: “Será que o aborto mexeu com meu sistema reprodutor e isso está influenciando o fato de não conseguir engravidar?” Essas coisas mexem com a nossa cabeça, a gente fica pensando... Quando vou ao médico, minha mente fica funcionando... Mas a decisão em si não foi complicada. O difícil foi o embate, ter que aguentar e falar, insistir que ia fazer sim... Essa parte para mim foi a mais difícil!

Não acredito em nenhuma religião. Sou batizada na Igreja Católica, mas meus pais nunca foram de ir à igreja. Meu pai, depois de algum tempo que tinha se separado da minha mãe virou crente e tudo mais, mas já estávamos muito afastados. A gente teve umas tretas na adolescência... Então, não segui nenhuma religião. Minha avó materna sempre foi meio hippie, foi para a Índia e lugares diferentes para conhecer outros tipos de coisas, fez cursos para conhecer religiões diferentes, então em casa sempre foi uma coisa meio “existe uma energia que a gente chama de Deus”, que eu falo que é a energia da natureza, do Cosmo, mas não tem nada pré-determinado.

Talvez isso tenha facilitado minhas escolhas, até porque dou aulas de reprodução e sexualidade na escola. Outro dia, estávamos conversando sobre a questão do aborto, o que é um aborto natural porque falávamos da questão dos cromossomos e que o feto não consegue se formar e, então, acontece o aborto natural. E a mãe de duas alunas gêmeas, que trabalha na escola, perdeu um filho esse ano, um aborto natural como o que eu tive, e falamos disso... Falamos também sobre outros tipos de aborto, levei alguns dados sobre a situação no Brasil. Falei que como o aborto não é legalizado, não sabemos de fato o número, mas que é alarmante! Foi muito louco! A gente começou a conversar e um tempo atrás tinha comentado com alguns deles sobre o fato de como não é legalizado, algumas mulheres usavam agulhas de tricô, o Citotec, que era um remédio para o fígado. Falei para eles que esta questão do aborto é muito delicada porque temos que pensar que existem mulheres abortando e não podemos fingir que não acontece. Aí uma aluna falou: “Mas aí está matando uma vida!”. Falei que entendia que existe essa questão da religião e que essa é uma das coisas que impedem que a discussão avance. Além disso, tem duas questões: se a gente deixa o filho viver, às vezes a mãe perde a vida neste jogo. E também, a mina quando vai tentar algo que dá errado, pode ser trágico, as pessoas morrem tentando abortar e isso precisa ser balanceado. É muito louco! E a religião faz parte desse olhar. Como sou bióloga e não tenho nenhuma religião, penso diferente.

Mas minha irmã, por exemplo, é meio do contra, e demorou quase dez anos para engravidar, desde que casou, e ela foi numa mulher meio xamânica que disse que ela não conseguia engravidar porque na vida passada ela tinha abortado. Isso já cria um lance de culpa, de que isso é pecado e vai acarretar em outras vidas... Ela me contou tentando ser delicada porque sabia que eu já tinha abortado, mas é muito complicado...

Nunca contei para a minha mãe... Uns quatro anos antes, meu irmão tinha uma namorada que engravidou e eu ajudei a bancar o aborto. Minha mãe dava dinheiro pra gente sobreviver e eu não gastava, guardava... Tinha uns reais e, na época, falei: “Tó pra vocês”... Aí, quando precisei, recorri ao meu irmão. Falei: “Agora eu que estou precisando...” Acho que minha mãe tinha percebido que eu estava grávida... Ela comentou com meu irmão no Natal e, olha que doido, porque ela já não gostava do meu namorado, então ferrou, né...

Que ela sabe, ela sabe, mas a gente nunca conversou sobre isso... Meu irmão sabe porque também já viveu essa situação, então foi mais tranquilo. Ele não olhou feio, nem achou esquisito. Com a minha irmã já foi mais difícil, mas...

Hoje parece que está mais público esse assunto... Hoje mesmo falou disso no jornal... A Argentina está debatendo e outros países estão nessa discussão também...

Quando vejo ou ouço algo sobre isso para mim é sussa... Porque minha decisão foi certa, para a vida! Não me sinto mal, pelo contrário! Penso na sorte que tive por ter a oportunidade de fazer numa clínica, com o procedimento correto. O que me incomoda é saber que as pessoas precisam poder ter acesso a isso... Tive oportunidade porque tinha dinheiro e um pessoal que me ajudou!

Na época devo ter pago uns mil e quinhentos reais. Não lembro bem porque já faz uns onze anos. Acho que hoje deve estar uns cinco mil, sei lá...

Quando saí da clínica, ele ficava falando que ia denunciar o médico e eu falava: “Meu, você tá louco! A gente vai morrer!” Na ida ele não surtou, mas tentava me persuadir... Eu não falava nada, estava triste pela situação toda... Mas, na volta ele surtou geral e ficava falando em denunciar e eu pensando que as minas foram super firmeza de descolar o cara...

A clínica era aparentemente comum, de médicos, puta clínica! Perto da Paulista, super bonita e tudo mais! O cara até chegou a ser preso uns anos depois, mas deve ter sido solto, não sei... O lance da ilegalidade é muito complicado... Tem o lance de ajudar pessoas, mas também o fator negócio, né...

Mas, depois disso tudo, tive um aborto espontâneo... Bom, minha menstruação atrasou, aí fiz o teste de farmácia e deu positivo. Legal! Liguei pra minha mãe, pra sogra, todo

mundo... Uma semana depois comecei a sentir uma dor tão forte que fui ao médico, no Pronto Socorro. Falei que estava grávida e queria saber se podia tomar qualquer remédio, essas coisas... O cara em momento nenhum levantou a hipótese de eu estar abortando! Ele me deu um remédio qualquer para dor e meia hora depois estava urrando de dor de novo. Falei que estava sentindo muita dor! Ele falou para fazer ultrassom e passou um Tramal! Falou que aparentemente não era nada, para eu ir para casa...

Quando cheguei em casa, falei para a minha mãe e ela me disse para ligar para o médico da família, que é vizinho da minha avó. Fui até lá e ele disse: “Sinto lhe informar, mas acho que você está tendo um aborto”. Disse para ir a outro hospital, o Samaritano. Lá tinha ginecologista de plantão e o pessoal foi super gente boa comigo. Fiz o exame que indicou que ou eu tinha acabado de engravidar ou estava perdendo...

Estava grávida de bem pouco tempo... Lá disseram que eu tinha que voltar depois de uns dias... Fiz um ultrassom intravaginal e a médica falou que conseguia ver que tinha ocorrido a ovulação, mas não tinha formado nada ainda, então precisava esperar... Voltei quatro dias depois porque a médica, que era super gente boa, me falou o dia de plantão dela e fizemos novo exame. Com o resultado, ela disse: “Sinto informar, mas você está perdendo mesmo...” Alguns dias depois menstruei e foi isso... Foi meio triste, na verdade... Quando finalmente arrumei um marido muito legal, bacana, que seria um puta pai, e sei disso pelo jeito que ele cuida da Manu, aconteceu isso...

Mas vai rolar! Agora tenho que ver o lance do trampo... Mas, como professora, meu maior desafio é plantar o respeito por todas as formas de vida e comportamentos. Se conseguir isso, tá bacana... Sobre essa entrevista, só posso dizer que falei o mais importante, que é a questão do sentimento...

Daniela

Fazer esta entrevista não foi fácil...

Para consegui-la foi preciso explicar muitas vezes a importância desta experiência para um objetivo coletivo.

Mesmo assim, acionar uma pessoa de convívio pessoal, é sempre um desafio.

Aceitar recontar algo já compartilhado para outros fins nunca é natural. Neste caso, prevaleceu inicialmente o respeito pela pesquisa e seriedade do estudo.

Ao final, o reconhecimento diante do resultado mostrou o alcance das pesquisas que lidam com a experiência e com as histórias de vida.

A gravação aconteceu de maneira bastante informal, enquanto partilhávamos de nossas conversas e vidas.

Enfim, mais uma colaboração, mais uma história, mais uma experiência que ilumina tantas outras...

Gratidão é a palavra!

Sei que não é uma atitude correta, mas naquele momento era a decisão mais adequada, sem dúvida! O futuro se encarregará de trazer o que tiver de ser... Tenho certeza que, como em tudo que faço, darei o melhor de mim!

Sou uma mulher de 34 anos, independente e acho importante me definir também pela minha profissão: engenheira. Nasci na Inglaterra, onde vivi por quatro anos. Talvez por isso não me lembre nada de lá... Quando meus pais voltaram para o Brasil moramos em João Pessoa, Brasília, até que há uns 25 anos moro em São Paulo.

Em João Pessoa, ficamos acho que dois anos. Tenho algumas poucas e não tão boas lembranças... Algumas viagens com meus pais e várias brigas... Na verdade, mais brigas que boas lembranças...

Nessa época já ia para a escola, devia ter uns seis anos, e lembro de uma coisa bem bacana que aconteceu. Ia ter uma festinha do colégio e tínhamos que ir fantasiados. Eu ia com uma fantasia acho que de índio mas, um pouco antes da festa, abri o berreiro! Lembrando hoje foi até engraçado! Sei que não queria ir de jeito nenhum com aquela fantasia!

Como minha mãe costurava, ela fez para mim uma fantasia de palhaço! Lembro certinho como era: cetim branco e as bolinhas de papel metálico espelhado... Coladas uma a uma pela minha mãe... O mais legal dessa história toda foi que no final, adivinha quem ganhou como melhor fantasia? Eu!!! Foi muito bacana!

Outra coisa que lembro é que a gente ia muito à praia. De manhã, praia; de tarde, escola. Nossa casa era bem bonita, tinha um jardim bacana e uma piscina de plástico... Como a gente morava na praia, fiz natação desde pequena. Era até um medo da minha mãe e acho que meu pai também orientou para não correr o risco de pular na piscina e me afogar.

Em Brasília fomos morar em apartamento. Era bem diferente! Porque na casa a gente tinha liberdade total, cada um tinha o seu quarto. Na casa nova eu tinha que dormir no mesmo quarto do meu irmão.

Os móveis também não eram mais os mesmos porque nem tudo cabe em apartamento. Em compensação, tínhamos um convívio maior com outras pessoas, porque em prédio tem mais crianças e isso era bem legal!

Tenho até hoje uma amiga dessa época! A gente brincava bastante! Tinha uma brincadeira que pegávamos papelão das caixas que tinham transportado nossos móveis e a gente descia pela grama. Até a molecada roubava papelão para fazer essa brincadeira... Era sempre ideia do meu irmão...

Mas eu gostei mesmo de ganhar meus patins! Na descida eu tinha medo e ia agachada. Como sempre estava de shortinho curto um dia fui descer e ralei a bunda inteira! Na

hora eu chorei, mas hoje não me aguento de rir quando lembro! Não chegou a ser um trauma, mas faz uns 15 anos que não ando mais de patins...

Em Brasília moramos até os meus oito anos. Lá, teve um episódio meio traumatizante na escola... Em João Pessoa, acho que como todo mundo se conhecia, a professora não fazia chamada. Mas, em Brasília era diferente... Você tinha que falar “presente” quando chamavam pelo seu nome. Quando me chamaram, eu disse: “Eu não trouxe presente”. Comecei a chorar! Era muito mimada e fiquei chateada porque ninguém falou que tinha que levar presente. Hoje a gente ri, mas foi terrível aquele dia!

Em Brasília os bairros são organizados em quadras e cada uma tem sua própria escola, seu próprio comércio, tudo bem localizado. Eles davam comida na escola naquelas canecas de plástico azul e eu não queria comer essas coisas... Arroz doce, canja... Hoje eu como, mas criança é cheia de frescura...

Outra coisa que lembro da época é que eu adorava a Xuxa! Tinha até um álbum desses de colar as fotos que vende em banca de jornal... Uma amiga tinha irmãos mais velhos e acho que por isso era muito malandrinha e esperta... Eu era bem mais bobinha... Olha o que essa menina fez: Ela tinha uma mecha de cabelo colada no caderno e falava para todo mundo que era cabelo da Xuxa! Super sabichona! A Xuxa morava no Rio e a gente em Brasília! Depois descobri que era mentira, mas até então fiquei pensando que a mecha era realmente do cabelo da Xuxa! Cada uma!!! Eu era bastante fã! Dessas de escrever cartinha cheia de “Eu te amo”. Muita gente fazia isso e eu, nossa, escrevi muitas cartinhas!

Em pouco tempo, mudamos de casa várias vezes. Sempre por causa do meu pai. Primeiro ele foi fazer doutorado na Inglaterra. A intenção dele era trabalhar na USP e, então, do Nordeste fomos para o Centro-oeste até chegar no Sudeste e procurar trabalho para ele.

Quando chegamos em São Paulo eu tinha oito anos e meio e estou aqui desde então. A mudança até que não foi ruim... A gente se mudou para um prédio em Moema com dois blocos e tinha muitas crianças! Todas ficavam sempre juntas! Passamos por muita coisa juntos... Não tanto divórcio naquela época, mas se o pai de alguém morria, todo mundo sofria. E assim, fomos crescendo juntos!

Na época que começou a popularizar essa coisa de redes sociais, ainda quando a mais famosa era o Orkut, um amigo do prédio criou uma comunidade e foi impressionante! Todos se lembravam daquela época! Foram três gerações: a minha era a do meio, mas tinha a do meu irmão mais velho e a dos pivetes. Todos tinham um imenso carinho por aquele prédio! Foram dez anos de amizade! Depois, aos poucos, as pessoas foram se mudando... Mesmo assim é uma coisa que marcou na vida de todo mundo!

Aqui em São Paulo, estudei em colégio católico por influência da minha tia, mas não era tão perto de casa. Depois meu pai me colocou num colégio melhor e lá pude ver uma diferença social absurda! As diferenças de status, roupa, carro, tudo... Eu odiava! Não gostava porque não tinha poder aquisitivo tão bom quanto o dos outros alunos. Acho que era na época do Collor, quando quem era empresário ganhava muito! Meu pai era funcionário público, então... Mas, as coisas mudaram... Depois do *impeachment* o pessoal do comércio quebrou e hoje meu pai é que está bem! O mundo gira! Os pais das amigas que tinham dinheiro não têm mais e quem sustenta a casa hoje são elas!

Nessa escola fiquei até o segundo colegial. No terceiro me mudei... Acabei acostumando... Tenho uma amiga de lá até hoje, mas a maioria são só conhecidos... Eu queria mesmo era sair de lá. Meu pai me ameaçava dizendo que se não passasse de ano ele me colocaria em colégio público. Eu repetia de ano empolgada em ir para outro colégio, mas no fim ele não me tirava! Repeti duas vezes: a quinta série e o terceiro colegial... Não posso dizer que foi de propósito. Na verdade tinha muita dificuldade – principalmente em Humanas - e odiava estudar! Em Exatas era meio obrigada a ir melhor... Meu pai sempre ficava muito encima, me deixava de castigo, ficava tirando matéria no final de semana e quando tinha festinha no prédio não me deixava ir...

Na época do prédio, a gente se sentia muito dependente, vivia mais em função daquele espaço. Quando o dono do prédio morreu, os filhos começaram a vender os apartamentos e todo mundo começou a sair. Foi muito triste! Cada mês a gente “perdia” um amigo... Alguns foram para o interior, outros mudaram de estado ou foram para bairros diferentes. Mesmo quem ficou por perto e voltava para visitar, já não era mais a mesma coisa.

Aquele prédio ficou marcado na vida de todos... O primeiro amor, o primeiro beijo... E paramos por aí mesmo... Foi só o primeiro beijinho, mas foi muito bacana...

Lá existia uma solidariedade, sabe... As portas sempre abertas, quando precisava de açúcar ou mesmo contar que tinha brigado com o marido. Sempre tinha com quem contar... Era realmente muito legal! Naquela época não tinha esse negócio de *buffet* e as festinhas de crianças eram todas no prédio. As mães ficavam a semana inteira fazendo os brigadeiros, enfeitando a mesa e sempre com os vizinhos ajudando.

Brinquei de Barbie até meus 15 anos! Adorava pular corda, apostar corrida! E as maratonas! Os mais velhos sacaneavam a gente, lógico... Tinha o futebol que dividia toda a galera: os mais velhos, nossa geração e ainda os pivetes. Imagine a bagunça!

Mas, o primeiro beijo... Bom, eu usava aparelho... Acho que foi uns dois andares acima do meu. Na verdade, foi horrível! Tinha uns 12, 13 anos... Era estranho o cara chegar e falar: “Adoro beijar mulher de aparelho...” Quando você gosta muito de alguém, gera uma expectativa grande e quando não é aquela coisa, sabe como é... “Isso que é beijar?” Foi perto do garoto se mudar para o interior, onde mora até hoje. A gente tinha contato pelo Orkut, mas agora não temos mais... Foram só uns beijinhos mesmo, não chegamos a namorar...

Quando mudamos para São Paulo as brigas entre meus pais pioraram. A família dele era daqui e meu pai e minha mãe brigavam porque ele preferia a família dele à nossa.

Minha mãe sempre costurava e fazia artesanato. Ela gostava muito de mexer com as mãos...

Depois de um tempo, quando eu tinha uns 14 anos, nos mudamos para outro prédio. Lá era diferente... Não tinha mais aquela galera. Era um prédio com menos moradores, ninguém da minha idade. Então, eu saía com o pessoal do colégio. Continuei no mesmo colégio e foi por esse tempo que as brigas pioraram em casa... Já não havia o convívio com o pessoal do prédio. Só tinha duas amigas...

Nesse tempo, comecei a frequentar a igreja Adventista por um motivo meio diferente: um garoto! Meu pai era do contra porque para ele religião era uma coisa que se procura e não se é influenciado. Então eu ia escondida mesmo! Foi uma fase legal por causa das viagens, quando acampávamos e aprendi a montar barraca, essas coisas... Tinha uma amiga muito legal de lá e as do colégio, que era com quem eu andava, porque ainda não

saía de verdade, meu pai não deixava... Meu irmão podia e todas sextas e sábados ele saía com os amigos. Eu queria também, mas não podia...

No último ano que morei nesse prédio, me tiraram do colégio... Mas, essa parte da história prefiro deixar para lá...

No colégio novo até que foi legal. Repeti o terceiro ano, conheci outras pessoas, uma delas é minha amiga até hoje e fez a mesma faculdade.

Aí minha mãe faleceu e devem ter me passado de ano... Bem, a morte da minha mãe não foi fácil... Digamos que foi por vontade própria...

Passei no vestibular para a segunda fase da Unicamp, mas acabei não estudando para passar... Tudo isso aconteceu no mesmo ano... Ficava quase doze horas no colégio porque tinha o extensivo do Anglo junto...

Quando terminei o colégio, meu pai me obrigou a trabalhar, porque se dependesse de mim, eu não queria não! Já tinha trabalhado fazendo uns bicos e fiquei o ano inteiro “surtando”, até que em outubro minha tia, que é psicóloga, me arrumou um emprego de escriturária no hospital. Mas, acabei não passando na experiência e me mandaram embora...

Depois de uns dois meses, arrumei um namoradinho na praia e ia para lá de vez em quando. Foi aí que decidi voltar a estudar. Queria fazer faculdade e, como sou determinada, passei seis meses estudando, fazendo cursinho e entrei!

Escolhi Engenharia! Uma das minhas amigas do prédio – aquele prédio querido – tinha entrado em Engenharia e falava bastante do curso... Como sempre me dei bem em Exatas, e com um pouco de influência dela, optei por essa área. No começo fiquei entre Arquitetura e Engenharia, mas meu pai, como sempre, veio dizer que era para escolher Engenharia porque dava mais dinheiro. Então, fiz! Entrei logo de primeira!

Essa foi uma fase diferente... Desde o último ano do cursinho era só bagunça, sem compromisso sério com as coisas... Muita balada, muita bebida, coisas da juventude...

Nessa época meu pai estava namorando, aí ele casou e depois de um ano foi morar fora. Ficamos morando juntos eu e meu irmão, mas meu pai sustentando a casa, lógico... Eu e

meu irmão temos cinco anos de diferença de idade e posso dizer que não temos relação nenhuma...

No meio da faculdade, queria mudar para Arquitetura por influência de um namoradinho que era arquiteto e eu achava muito legal. Meu pai deu o maior apoio, mas acabei terminando o namoro e desisti da ideia, graças a Deus! Em cinco anos exatos conclui a faculdade de Engenharia.

O último ano foi horrível! Aquela sensação de que não tinha aprendido nada... E agora? Vou ser engenheira e não sei nada! Fiquei com medo... Já fazia estágio em uma construtora bacana, mas acabei não sendo efetivada. Houve, na época, uma queda na área da construção civil e a empresa onde estava sempre efetivava todos os estagiários. Mas, naquele ano, de vinte só efetivaram os três que estavam há mais tempo. Foi uma decepção muito grande! Era como uma questão de me ver com relação aos outros. Quando não consegui ficar, me senti muito mal...

Tinha 27 anos e não me envolvi com ninguém de verdade nessa época. Tive um namoradinho no início da faculdade, mas que não era de lá e, depois, só umas paquerinhas... Nada muito significativo...

Com o lance do trabalho fiquei meio desesperada e acabei pegando empresas pequenas, onde nunca era registrada. E isso é algo importante porque se tiver alguma consequência, ou mesmo coisa básica, como se aposentar, é preciso pensar direitinho. Fiquei um ano e meio trabalhando em pequenas empresas, executando serviços em obras, mas sempre por projeto. Até que consegui uma empresa legal e me mudei pra Minas.

Foi uma experiência diferente de tudo que tinha vivido. Era algo que eu desejava, mas não imaginava que seria tão difícil! Na primeira semana, para ter uma ideia, quis desistir! Mas meu pai não deixou, o que por um lado foi bom! Nunca tive problema em ficar longe da família, não foi por causa de saudade, essas coisas... É que não sabia o que esperar daquilo tudo... Foi um grande amadurecimento, mas com muitos traumas também...

Trabalhava na área de telecomunicações e viajava bastante! Trabalhava mais sozinha do que com as equipes, que eram sempre terceirizadas. E isso dava muita solidão... Morava

cada dia em um hotel, em cidades diferentes... Então, convivia só com o pessoal do trabalho, sempre homens, porque as únicas mulheres que tinham ficavam no escritório. Tinha aquela discriminação porque eu trabalhava em campo, então me relacionava mais com os homens, até porque não tenho muita frescura! Falo com homens assim como falo com mulheres, então...

Não posso dizer que eram amigos, éramos todos pessoas querendo companhia. A maioria era de fora, e ninguém quer se sentir sozinho numa sexta à noite, né... Alguns momentos foram bem bacanas porque como a maioria das cidades eram pequenas, tinha aquela coisa de festa na cidade e a gente acabava conhecendo novas culturas. Sair de São Paulo é diferente e conhecer novas cidades era sempre legal. Mas isso quando tinha gente da equipe para sair, senão era hotel e dormir!

Lá conheci um cara dois anos mais velho e a gente acabou namorando por dois anos...

Mas, se envolver com uma pessoa que não se envolve com você cem por cento não é bacana... Sem contar as mentiras, outros envolvimento paralelos... Estava sozinha naquele lugar, então acabei me apegando a essa pessoa, até porque era a única que tinha... Não digo que foi um trauma, mas a falta de maturidade dele era algo ruim, além de me sentir meio boba a ponto de não acreditar em mim mesma. Como estava sozinha, acabava me adequando a ele... Se ele me procurava, eu estava sempre lá. O certo não é você se adequar às pessoas, mas os dois fazerem o mesmo.

Quando soube que estava grávida, o pior foi a decepção do fato literalmente concebido... O cara disse que o máximo que poderia fazer era visitar uma vez por mês e ligar de vez em quando. Por um lado eu queria para poder segurar ele... Por outro, via que não tinha a estrutura que eu queria. Ainda não era totalmente independente e, se voltasse grávida para São Paulo, teria que morar na casa do meu pai, coisa que ele jamais admitiria.

Tinha a opção de tirar porque não queria decepcionar meu pai, mas também não queria ter um filho de um babaca!

Quando minha menstruação atrasou, fiz vários testes. Sabia que podia ser porque já não estava tomando remédio e pedia para ele não gozar dentro, mas ele insistia. Atrasou uma semana, fiz teste de farmácia e quando deu positivo não acreditei! Pensei: “Está

errado!”. Até que a ficha caiu... Liguei para ele, que perguntou se eu queria ter e, se quisesse, ele não poderia ficar comigo... Aí tomei a decisão de tirar.

Ele foi ao médico comigo e lá o ginecologista deu parabéns e aquele “blá blá blá”... Quando saímos do consultório, disse que não queria ter se fosse nessa situação, que para mim não era satisfatória, e ele correu atrás do remédio, o Citotec... Perguntou para o pessoal do trabalho e todo mundo ficou sabendo... Mas ele acabou conseguindo.

Quando chegou o remédio, apliquei como tinham falado e, no dia seguinte, fomos para o hospital, mas como tinha comido falaram que não podiam fazer a curetagem por causa da anestesia. Felizmente, tinha convênio em hospital particular, o que é uma segurança a princípio, para não deixar nenhuma sequela grave.

No dia seguinte, o pessoal todo sabia, já estavam dando parabéns pelo bebê... Mas, fomos fazer essa micro-cirurgia que é a curetagem. Ele me acompanhou – era o mínimo que podia fazer – e depois, quando saímos de lá, ele foi para um bar beber... Isso porque ele tem dois filhos!

Mas o processo todo envolve muita dor! Cólicas absurdas! Para aliviar, tomei banho e vi o embrião, porque sangra bastante, absurdamente! Tanto que quando fizeram a curetagem, falaram que não tinha mais nada. Graças a Deus, deu tudo certo!

Pedi demissão do trabalho e voltei para São Paulo. Depois de um mês o contrato dele terminou, e ele voltou também.

O que ficou daquele momento foi a falta de personalidade dele, de fazer uma coisa sabendo que eu podia engravidar, já que não estava tomando remédio, o que poderia acarretar consequências.

Tenho planos de casar e ter filhos, mas não ser mãe solteira e muito menos ter um filho de um babaca, né...

Posso dizer que no começo me arrependi de certo modo... Por mais que fosse uma coisa que sempre imaginei que faria na época da faculdade - porque não deixaria de estudar por causa de um filho - já estava em outro momento, formada. Só que não tinha estabilidade financeira e não queria ser mãe solteira. O que importava para mim era conseguir alcançar aquilo que tinha sonhado como profissão e projeto de vida.

Quando voltei para São Paulo ele me procurava, mas eu sumia... Até que uns dois meses depois a gente voltou a ser ver e até a namorar. Só que sempre fica a mágoa, porque é difícil fingir que nada aconteceu, é até meio ridículo...

No começo, estava desempregada. Depois de seis meses consegui um trabalho na mesma área, mas em função diferente, menos desgastante. Continuamos trabalhando juntos porque ele era do mesmo ramo e a empresa dele estava envolvida na logística do trabalho.

Em São Paulo, voltei a morar com meu irmão e ele sabia da situação porque procurei uma namorada dele que tinha feito a mesma coisa e foi quem me deu as dicas. Ela, com receio, contou para o meu irmão que eu ia voltar, para ele me ajudar... Ele queria quebrar a cara do infeliz! Quando conversamos, ele ameaçou contar para o meu pai e esse é um dos motivos pelos quais não nos falamos. Ele não tinha que se envolver. Era uma coisa minha e meu pai não tinha nada a ver com a história...

Procurei a namorada do meu irmão, na época, não só porque ela tinha feito, mas porque queria uma orientação. Era alguém em quem confiava e confio muito. Passamos por altos e baixos e ela poderia me ajudar. Não só ela... Liguei para outra amiga, só uma, que me disse para voltar que a mãe dela ajudaria a criar... É até engraçado porque todas falam isso, mas não é tão simples... Ter um filho e a mãe de uma amiga ajudar a criar...

A importância de ligar para alguém foi mais por desabafo... O que eu faço? Fudeu!

Foi muito difícil voltar... Fiquei tanto tempo longe que perdi o contato de algumas amigas, não sabia se meu lugar era em Minas ou São Paulo... Fiquei uns dois meses perdida, refletindo... Um livro que me ajudou foi “A Cabana”, que fala sobre perdão... Mas o lance de *você* se perdoar... Sabia que o que tinha feito não era legal, mas no momento não era a coisa mais adequada, não tinha como levar adiante...

Hoje muita coisa mudou! Consegui comprar meu apartamento, o que é a realização de um sonho! Se tivesse um filho não teria como... Minha independência hoje é total! Posso fazer o que quiser!

Penso no futuro, e próximo, que fique claro! Quero ter uma família, conseguir alguém legal, companheiro, constituir uma família... Mas a família certa, com companheiro de

verdade, aquele que vive junto, curte junto e quando eu estiver para baixo, ele me erga, e quando estiver feliz, ele compartilhe. Mas, sei que é beeeeeem difícil!

Quando aconteceu tudo, ele me deu livre arbítrio, mas a falta do companheirismo influi bastante. A decisão de morar juntos e ficar juntos era impossível porque cada mês estávamos em um estado e, segundo ele, por isso não poderia se agarrar. Percebi que não significava nada para ele... Colocar uma criança no mundo sem a presença do pai não valeria a pena...

Falar de aborto para mim é algo difícil... Quando você faz entende, mas não significa que concorde. É uma confusão de sentimentos, uma coisa bem bagunçada! Mas também acho que ser mãe solteira não está com nada! A falta de companheirismo é algo muito difícil! Tenho exemplos de amigas que tiveram até gêmeos e só conseguiram ficar bem a ajuda da mãe. Dá para ver o quanto conta a falta de ajuda, inclusive financeira! Você poder dar A, mas com o cara é A + B, o que proporciona várias coisas! Só que sozinha é diferente...

Apesar de não ser nenhuma católica que frequente a igreja, cada um tem seu Deus, e me senti mal perante o que fiz. Sei que não vou para o inferno, mas acho que tento fazer coisas boas para balancear...

Essa é uma decisão que vai de cada um, mas a situação financeira é primordial! O apoio da família também... Não sei se tivesse contato com meu pai teria sido diferente... Meu irmão teve filho com 30 anos de uma relação casual e meu pai, mesmo sendo bem ignorante, ama o neto. Mas isso com o filho homem... Acho que com a filha mulher seria outra situação porque o desejo dele era me ver estabilizada financeiramente, com um companheiro legal. Ninguém deseja para uma filha ser mãe solteira...

Depois de tudo, voltei à minha ginecologista em São Paulo e contei a verdade para ela... No hospital, quando tirei, falaram que era normal que nos primeiros três meses voltasse a acontecer por defeito genético, que acaba expelindo, algo natural... Mas essa médica também foi a única com quem falei. Ela disse que está tudo certo, que vou poder ter outros filhos... A princípio, está tudo bem!

Essa é uma situação que precisa ser muito bem pensada porque levamos para o resto da vida. Pode ter sequelas físicas, como não poder ter mais filhos ou mesmo perder o

útero! Mas também de não saber lidar quando outro filho nascer... “Será que vou me sentir mal porque já tirei um? Será que quando nascer vai vir o arrependimento? Olha o que eu fiz!” Não sei nem dizer qual pode ser o sentimento... Caso tenha um filho, não consigo imaginar se vou amar duplicado ou vou me sentir extremamente mal pela atitude anterior... Sei que não é uma atitude correta, mas naquele momento era a decisão mais adequada, sem dúvida! O futuro se encarregará de trazer o que tiver de ser... Tenho certeza que, como em tudo que faço, darei o melhor de mim!

Luara

Nosso contato se deu a partir de uma rede de entrevistados que, curiosamente, partiu de um homem. Conversamos pelo *Facebook* e marcamos a entrevista. Inicialmente parecia algo fora do contexto, já que não havia em sua história uma situação de aborto propriamente dita.

Mas o que havia era ainda mais contundente! A impossibilidade do aborto quando desejado e suas consequências...

Conversamos em seu local de trabalho e pude ali perceber o quanto sua história seria reveladora acerca do aborto, mesmo que pelo avesso... Além disso, me foi linha condutora para outra entrevista, dando formato à rede que nos coloca a todos no mesmo lugar de subordinação ao sistema...

A condição em que vivencia a maternidade, de grande dedicação e lucidez, completa um relato que demonstra a força de uma mulher que possui convicções e planos, mas também suas sensibilidades e dilemas. A compreensão de *Luara* pelo sentido do projeto de pesquisa foi dos momentos mais estimulantes do processo!

Minha situação foi que quando engravidei, o pai do meu filho ameaçou me denunciar se eu tirasse o filho, se fizesse o aborto... Dizia que era uma criança, uma vida e se eu fizesse isso seria uma assassina, uma criminosa, então ele me denunciaria e eu seria presa!

Nasci em Recife e bem nova fui para Maceió. Durante minha vida cheguei a voltar para Recife, mas a maior parte da minha educação foi em Alagoas. Quando fiz 17 anos, entrei na faculdade. Estudei em colégio particular a maior parte do tempo. Quando passei no primeiro vestibular, consegui somente nas faculdades particulares e meu pai não tinha condições de pagar. Ele disse: “Paguei a vida toda ensino privado para você passar em uma universidade boa...” No ano seguinte, consegui passar também na Federal, já com 18 anos.

E foi na Federal que comecei a participar do movimento estudantil. Minha vida acadêmica foi toda voltada para a pesquisa, projetos de extensão em comunidades e o movimento estudantil, tanto local quando nacional. Fui coordenadora de diretório acadêmico, centro acadêmico, do DCE, do executivo nacional dos estudantes de comunicação. Comunicação é a minha área. Hoje sou jornalista em um sindicato em São Paulo, o Sindicato dos Servidores Públicos Federais – SSPF.

Quando tinha 21, 22 anos voltei um namoro antigo com uma pessoa que era amigo de infância. Conhecia meu companheiro desde os sete anos de idade, nossas mães eram amigas. Quando a pessoa é criança tem muita coisa em comum, mas conforme crescemos a vida vai mudando de acordo com o engajamento de cada um. No meu caso, fui para o movimento estudantil. Já ele começou a frequentar outros lugares. Ele é programador de sistemas, então mexe muito com computador, internet, essas coisas... Aquele cara que era surfista, que fazia jiu-jitsu, hipismo, passou a se dedicar só ao computador. Mudou completamente a vida dele! Começou a fumar... Eu não. Mantive minha relação com o mar, eu velejava, meu pai era campeão de windsurfe, então mantive minha relação com o mar e ao mesmo tempo ingressei no movimento estudantil, na militância...

Quando tinha 23 anos, estava me formando e no dia de apresentar meu trabalho de conclusão do curso, peguei o exame de gravidez... E lá estava: POSITIVO. Tomei um susto na hora! Uma semana antes falei com meu companheiro: “Acho que estou

grávida.” Ele falou: “Não, não é possível!”. Aí eu disse: “Deixei de tomar o anticoncepcional três dias e a gente transou uma vez sem camisinha, então não acho que estou grávida, tenho certeza! Estou sentindo todos os sintomas.” Então, vamos fazer o exame. Na semana seguinte veio a confirmação. Bem no dia em que ia apresentar meu trabalho... Mesmo assim, tirei meu dez, o trabalho deu tudo certo e me formei!

Mas aí é que tá... Quando soube que estava grávida, a primeira coisa que pensei foi: “Vou tirar!” Conhecía aquele companheiro há tanto tempo que imaginei que ele diria “Vamos, pode contar com meu apoio, a sua decisão é o que importa.” Mas não! Tomei um susto com a atitude dele! Ele ficou emocionado, muito feliz em ter um filho e queria de qualquer jeito ter a criança! Mas eu disse: “Eu não quero! Acabei de apresentar meu TCC, pessoas indicaram meu trabalho para ser publicado, quero fazer Mestrado e já tenho até um projeto. Não quero parar minha carreira agora, não tenho nem condições de manter um filho, não tenho emprego...”

Na época trabalhava na Comissão Pastoral da Terra como voluntária. Era o movimento sem terra ligado à Igreja Católica e eu ganhava 400 reais por mês, no máximo. Tinha acabado de perder minha bolsa porque tinha me formado e tinha em mente fazer o Mestrado. Mas como estando grávida?

Meu companheiro falou que eu teria de qualquer jeito, senão me denunciaria para a polícia. A primeira coisa que ele fez para me constranger a não fazer o aborto foi conversar com a família inteira, a minha e a dele! Um dia, estávamos na casa dele quando minha sogra chama todo mundo para conversar. Sentei próxima dela à mesa e ela disse:

- E agora, o que vocês vão fazer?

Ele disse:

- Casar!

E eu:

- Casar??? Não quero, não precisa casar agora!

- Então você não gosta de mim! Não me ama!

- Não tem nada a ver! Só não quero casar agora! Quero casar com você, quero ter filhos, sempre quis...

Mas não queria naquele momento... Não tinha condições de ter, inclusive estrutura emocional e física para isso. Mas a família dizia:

- Não, a gente vai te dar todo apoio! A família inteira vai ajudar. Você não é uma pessoa pobre, que está na miséria e precisa abortar. Isso é uma coisa. Outra coisa é uma mulher de classe média querer abortar. Não pode porque sua família tem condições.

- A família tem condições, mas eu não tenho. Eu não tenho dinheiro!

- Mas a família vai ajudar!

Então está bom... Mas, no primeiro mês de gravidez as coisas começaram a mudar... Meu corpo não reagiu bem à gravidez. Tive diabetes gestacional, refluxo, problema de pressão, cheguei a desmaiar três vezes na rua a ponto de pessoas se juntarem ao meu redor preocupadas e até chamar ambulância. E nessas três vezes meu companheiro não estava ao meu lado... Nem sequer foi me socorrer! Quem me ajudou nesses momentos foram as pessoas do meu trabalho, como o motorista do sindicato onde eu trabalhava em Alagoas.

Foi uma gravidez complicada! Mas lógico que também teve momentos bons... Como sempre quis ser mãe, lógico que estava amando ter um filho. No primeiro ultrassom me emocionei muito com o coraçõzinho batendo. Tem toda uma questão em ser mãe... Tem a de você querer ter o filho, mas também a de não ser momento para isso. E foi isso que aconteceu...

Hoje tenho meu filho, que amo muito, vivo em função dele. Agora, o que acontece? Toda aquela promessa da família de que você tem que ter o filho de qualquer jeito que vão ajudar a manter, isso não se concretizou. Depois de muitas idas e vindas com meu ex que aconteceram por muitos motivos, por exemplo, depois do parto tive uma perda da libido, não sentia vontade de transar com ele, então ele foi entrando numa crise de depressão... Ele já tinha começado a jogar muito no computador e passou a virar as noites jogando... A vida dele se resumia a tomar banho para ir trabalhar, quando chegava em casa não comia direito e ia direto para o computador onde ficava até de

madrugada e dormia sujo... Depois do parto aconteceu isso e continuou mesmo quando ele voltou a fazer faculdade.

Tem outro detalhe que é um fator muito importante. Eu não queria ter um filho naquele momento, mas se quisesse, queria que o parto fosse normal. E teve a questão de ser uma cesariana desnecessária, como a gente chama. Meu corpo não mudou nada durante a gravidez. Ao contrário! A maioria das mulheres engorda, o corpo muda, mas o meu ficou magro porque perdi quase dez quilos! Eu pesava 54 quilos, fui para 59 e sai da maternidade com 47! Cheguei a 45 quilos! Só tinha peito porque estava amamentando, mas a estrutura do meu corpo parecia que estava doente. As pessoas comentavam e era verdade! Estava com diabetes e com toda a dificuldade que passei, meu companheiro me ajudou durante poucos dias e chegou um ponto em que ele não fazia mais nada! Assumi uma vida de “Amélia”! Lavava, passava, cozinhava e ainda operada, sem tirar os pontos, fazendo todas as tarefas domésticas enquanto meu companheiro não fazia nada!

Morávamos só nós dois. Minha ex-sogra ainda pagou uma babá para ficar lá, mas ela ficava só até as cinco da tarde e, quando ia embora, eu tinha que assumir as tarefas do mesmo jeito. Cuidava da criança sozinha e fazia todo o resto. Então decidimos nos separar ainda em Alagoas, quando ainda estava amamentando meu filho. Tive uma conversa com a mãe dele e ela:

- Por que você quer se separar?
- Porque não estou mais aguentando os vícios dele!
- Que vícios?
- O cigarro, a maconha e os jogos em rede no computador...
- Com que frequência ele fuma maconha?
- O mais importante para mim não é a maconha. Se ele fumasse e desse atenção a mim, se dividisse as tarefas domésticas e cuidasse também do filho, seria tranquilo.
- Mas a maconha atrapalha porque ele não presta atenção, fica em outro mundo. Com que frequência ele fuma?

- É melhor dizer com que frequência ele não fuma, porque ele está sempre chapado!

Então ele ficava bitolado no computador o tempo todo e eu fazia as outras coisas. A família pressionou para que ele se tratasse e ele começou a fazer o tratamento. No começo estava dando certo! A gente conseguiu um psicoterapeuta com uma visão mais progressista que não era aquela coisa de só entupir a pessoa de remédios. Tinha a preocupação de voltar ao passado dele e resgatar onde estava a origem do problema de ansiedade e da depressão. Mas as consultas eram muito caras! Mais de 300 reais por consulta toda semana. Foi então que indicaram outro médico, que por sinal era o pai do amigo que indicou o primeiro, onde estávamos fazendo o tratamento em casal para fortalecer a relação. Desde o começo estranhei... Como é que pode esse amigo não indicar o próprio pai? Uma semana depois, o pai do meu filho apareceu com crise alérgica a mim! Voltou a tomar antidepressivos que faziam o lado emocional dele se abalar quando encontrava comigo. Ele começava a se coçar e ficava todo vermelho! Parou mais uma vez o tratamento... E, sem me avisar, decidiu vir para São Paulo... Ele simplesmente foi embora sem me avisar!

Ainda senti que ele passou no meu quarto à noite para dizer tchau, mas não me acordou. Depois perguntei e ele disse que passou, mas eu estava dormindo, então ele nem me acordou... Pegou o voo e foi embora! Dois meses depois, ele liga para mim do Paraguai perguntando se eu queria que ele comprasse um HD externo!!! Eu perguntei:

- Você tem noção do que fez?

- Não! O que eu fiz?

- Você foi embora e me deixou aqui com nosso filho. Só sei para onde você foi porque perguntei para sua mãe!

- Eu sei... Mas vou me cuidar, vou fazer um tratamento... E vou mandar esse presente para você.

- Tá bom...

Comprou o negócio lá para mim e mandou o tal HD externo... Um tempo depois, a família dele entrou em contato dizendo que ele estava se tratando e estava muito melhor! Que estava frequentando a igreja... Aí eu disse: “Mas a igreja vai fazer o

tratamento psiquiátrico com ele? Não acredito que ele vai avançar com a igreja...” Mas eles insistiram que ele tinha melhorado muito e estava tendo apoio em casa. Nisso ele voltou para Maceió para passar uns dias e fizemos as pazes.

Ele disse que tinha melhorado e que as coisas iam mudar. Ficou morando em São Paulo, mas queria que a gente voltasse a se relacionar. Passamos um ano, eu vindo quase todo mês com meu filho para São Paulo para a gente ficar junto, para matar a saudade e, então, decidimos que no final do ano eu pediria férias no meu trabalho em Maceió para arrumar emprego aqui. Em 15 dias consegui um emprego, que é onde estou até hoje.

Isso foi em 2011. Voltamos nossa relação em 2008 e no final do ano de 2009 tive meu filho. A questão da cesariana, aliás, teve a ver com essa data porque, como era véspera de ano novo, por conta da falta de médicos e a não mudança no meu corpo, fizeram a cesárea... Seis meses depois já pensava em me separar por conta dessa questão da falta de divisão das tarefas domésticas e a sobrecarga que estava sofrendo. Especialmente porque eu também trabalhava e, além disso, estava passando por toda a situação de desconforto por conta do parto, do filho que não queria ter naquele momento e ainda amamentava! Até porque, para mim, é uma questão ideológica. Defendo a amamentação e não ia querer que a babá desse só leite NAN para o meu filho. Então, trabalhava e saía correndo do trabalho para amamentar. O pai nem sequer chegava em casa mais cedo para poder ficar com o filho. Às vezes, tinha que ligar para amigos esperarem em casa com meu filho até que eu chegasse do trabalho.

Em 2010 nos separamos e ele veio para São Paulo e, no ano seguinte, vim para São Paulo também. Comecei a trabalhar aqui e no meio daquele ano de 2011, novamente comecei a avaliar que ele não tinha mudado. Ele mudou o comportamento enquanto estava na casa dos familiares, mas mesmo assim as primas dele haviam me alertado que ele não tinha, por exemplo, parado completamente de fumar maconha e não tinha diminuído tanto o cigarro. Ele continuava a fazer escondido... Quando voltamos, em casa ele já não fazia mais escondido. Se ele jogava pouco na casa dos tios, na nossa casa, como não tinha os tios para fiscalizar, e como era a casa dele também, começou a fazer com uma frequência ainda maior.

Não respeitava minha situação enquanto mulher. Ele obedecia a família, que para ele eram os tios e a mãe, porque a mulher, a esposa dele não... No final daquele ano a gente se separou. Quando isso aconteceu, nossa casa era alugada pela mãe dele e ela me falou:

- Olha, você vai ter que sair porque não vou continuar pagando aluguel para você continuar morando na casa. Então, acho melhor você voltar para Maceió.

- Seria fácil voltar para Maceió... Imagina como é que uma mulher que larga tudo na vida para se dedicar ao marido e ao filho, que larga o emprego na cidade onde morava para morar em uma cidade onde não tem família, amigos, ninguém, nenhum apoio... Larguei minha vida em outra cidade e não tinha como voltar. Se fosse servidora pública federal como você, seria muito fácil! Era só pedir para voltar! Mas não tenho como fazer isso porque não tenho emprego em Maceió e meus pais não têm condições de me manter!

Tenho um irmão que é músico saxofonista e deve ganhar, no máximo, mil reais por mês. Meu pai é dono de uma oficina de marcenaria. Minha mãe é arquiteta, mas passou muito tempo desestruturada porque foi embora para a Europa e, quando voltou, não tinha mais estrutura de trabalho, foi perdendo a clientela. Comigo foi a mesma coisa. Passei um ano afastada da minha cidade e perdi meu espaço no mercado de trabalho, então já não seria tão fácil voltar, não tinha como...

Aqui eu tinha meu emprego, então decidi ficar. Minha ex-sogra disse que eu não tinha família, nem ninguém e como ficaria aqui sozinha? Disse a ela que voltaria caso tivesse um emprego lá, mas como não tinha, ficaria aqui, onde tinha pelo menos um trabalho.

A situação em que me encontro hoje é que eu tenho emprego, mas muito poucos amigos aqui em São Paulo, dá para contar nos dedos... O apoio que tenho vem do meu trabalho no sindicato, que é um sindicato diferente da maioria, onde tem um debate forte sobre gênero e as opressões. Então, quando preciso trabalhar até mais tarde, fazer a cobertura de uma atividade, o sindicato paga a creche para mim. Em compensação, não tenho quase vida social. Como não tenho família e são poucos amigos, além de não ter condições de ficar pagando babá, até porque a pensão que o pai paga é suficiente exclusivamente para pagar a escola, vivo hoje em São Paulo em função do meu trabalho, da minha militância política e do meu filho.

Fazendo uma retrospectiva, meu caso é o de uma mulher que foi ameaçada, coagida a ter o filho de qualquer jeito, com todos dizendo que iam me apoiar, e hoje vivo sozinha com meu filho e minhas cachorras em uma cidade que não é a minha. As cachorras, inclusive, foram herança do casamento... Quando meu ex-marido me deu a cachorra, disse que era nossa primeira filha... É uma pitbull, que não é fácil de levar para todo canto...

Ganhei a cachorra e engravidei no mês seguinte, ou melhor, fui praticamente obrigada a ter o filho. Passou um tempo, adotamos outra cachorra e, quando me separei, fiquei com o filho e duas cachorras sozinha em São Paulo... Parece até brincadeira...

Depois de tudo que aconteceu, não tinha como me relacionar com ninguém... Imagina! Se não tenho vida social, não saio para canto nenhum, não tenho também como sair à noite porque com o dinheiro que ganho e o custo de vida alto de São Paulo, não tenho condições de pagar babá, então mal saio à noite... Não tenho carro e o metrô funciona até meia-noite, em horário de Cinderela... Então, vou para casa...

Minha rotina é: de manhã vou dar conta da casa, arrumo tudo, converso com meu filho, dou um pouco de atenção, cuido dos meus animais domésticos, lavo e passo roupa, cozinho, faço tudo, levo meu filho para a escola e à tarde venho trabalhar. À noite, busco meu filho na escola, arrumo novamente a casa para o outro dia começar tudo novamente... Essa é minha rotina! Isso quando não tenho reunião! Porque faço parte de um partido e, quando tenho reunião, o partido paga creche também, assim como o sindicato, para eu participar da reunião. Então, quando é para uma questão de trabalho ou reunião do meu partido, minha organização política, que é o PSTU, felizmente nesse aspecto tenho isso. Mas quando se trata de apoio emocional, para ter uma vida para além do trabalho e da militância, uma vida de lazer eu não tenho. Talvez por isso não me relacione com ninguém. Tive alguns casos, mas foram curtos...

Acabei desistindo do Mestrado, inclusive hoje pretendo voltar para Maceió. Tentei ficar aqui, mas já faz mais de um ano e não é nada fácil... Mãe solteira e com meus bichos, mantenho a casa e tudo sozinha, sem ajuda dos meus pais, inclusive, sem a ajuda de ninguém realmente. Vivo com meu salário e meus freelancers como jornalista, diagramadora e designer gráfica. Meu ex-marido paga a pensão que é voltada exclusivamente para a mensalidade da escola, então realmente me mantenho sozinha

aqui. O Mestrado é a mesma questão do meu momento de lazer, ou seja, não tem como levar adiante agora... Pelo mesmo motivo que não tenho vida social ou até mesmo um novo namorado. Descobri que não tenho como fazer para estudar aqui em São Paulo por mais que eu queira! As pessoas falam que São Paulo é o melhor lugar para me desenvolver profissionalmente. Já me desenvolvi muito profissionalmente, inclusive, tenho um reconhecimento muito bom aqui, meu trabalho é super reivindicado e elogiado, mas a questão é que para crescer no sentido financeiro e ter condições de parar para estudar, preciso de tempo. E para isso, preciso de dinheiro também...

Trabalho em um lugar diferenciado. Como a gente fala aqui é um lugar de luta classista, democrático, participativo, muito diferente dos lugares onde trabalhei, onde não tinha nem carteira assinada. Eram sindicatos que não pagavam os direitos trabalhistas como FGTS, INSS, inclusive descontavam o INSS e não faziam o repasse. Passei por muitas situações irregulares dentro de sindicatos. E hoje trabalho em um onde tenho todos os meus direitos respeitados, inclusive como mãe, porque além do auxílio creche, que é embutido no meu salário, eles pagam a babá quando eu preciso.

Em um dia de sábado, por exemplo, eles pagam 80 reais para a babá ficar com meu filho, a diária normal do mercado, às vezes até acima do valor. Tem babá que ganha 50 reais para ficar com crianças e o sindicato paga até 100 reais em algumas ocasiões. Posso dizer que tenho esse privilégio em relação a muitas mães trabalhadoras. Ao mesmo tempo, meu salário é baixo para manter uma qualidade de vida para ter condições de pagar e manter minha vida e do meu filho. Por exemplo, todo meu dinheiro é voltado para o aluguel – porque não tenho casa própria –, para a escola do meu filho porque, apesar do pai pagar a mensalidade, tem todos os gastos extras de alimentação, uniforme, material escolar, lanche, ou seja, despesas do dia-a-dia que qualquer mãe sabe como é, enfim, vários gastos que toda criança precisa. Não é só a escola, a criança precisa de toda uma estrutura em torno disso. Com meu salário, pago só as despesas básicas aqui. Não ganho um dinheiro extra para pagar a mensalidade de um curso. Para isso, tenho que trabalhar mais e trabalhando mais, qual o tempo que vou ter para estudar?

Hoje vivo um impasse porque tenho emprego, mas faço tantas tarefas que mal consigo dar conta! Às vezes, a pia fica cheia de pratos e a máquina lotada de roupas para lavar...

E não basta lavar, tem que estender a roupa... Enfim, fico escrava desse trabalho doméstico... O que acontece, portanto, é que trabalho e pago as despesas, mas no final do mês não tenho condições de pagar uma babá para conseguir ter tempo de estudar. O tempo que estou em casa, sem executar tarefas do meu emprego, faço os trabalhos domésticos, que por sinal nunca param de aparecer! Preciso fazer meus freelancers e, por isso, não consigo tempo para estudar... É muito difícil!

Estava fazendo os cálculos para fazer o Mestrado, por exemplo, na USP, na Escola de Comunicações e Artes. Preciso ler dez livros até outubro, então isso significa que tenho que começar em janeiro e ler um livro por mês, além de fazer um projeto. Isso tudo para fazer uma prova e dissertar sobre esses livros... Em que momento vou conseguir ler esses livros? Não tem a mínima condição!

Pensei nisso tudo e o máximo que conseguiria era fazer um curso de inglês, que com o tempo a gente enferruja porque para de falar, ou algum curso de línguas, ou algum outro curso básico. Nos dois anos que estou aqui, o máximo que consegui foi fazer um curso de edição de vídeo numa escola profissional de cinema, que foi pago pelo meu trabalho. Se fosse para pagar do meu bolso não teria feito curso nenhum porque não me sobra dinheiro.

Minha realidade é essa. Diferente de uma mãe solteira que tem o apoio da família, como deveria e, aliás, me foi prometido. A família pagaria uma despesa, um aluguel que fosse para que eu pudesse fazer uma pós-graduação ou especialização. Mas, não tenho isso...

Posso dizer que me relaciono muito bem com todos da minha família, inclusive com a família do meu ex e até com ele mesmo, afinal, temos a criança e não vale a pena criar um desgaste desnecessário. Minha mãe raramente tem condições de me mandar dinheiro. O marido dela faleceu há pouco tempo e ela demorou muito para receber a pensão dele. Passou mais de seis meses sem receber um centavo... Meu irmão é músico, então também não tem condições de ajudar em nada... Meu pai casou novamente com uma moça quatro anos mais velha que eu, tenho um irmãozinho de seis anos de idade... Então, na verdade, hoje cada um tem sua vida e se estruturou como pode. A família se dividiu, mas todo mundo se respeita. Hoje é cada um por si, uma característica de São Paulo, essa coisa do individualismo e cada um se vira como pode...

Na hora do desespero apelo para a família, mas mesmo assim é difícil contar com o apoio deles hoje. Nesses dois anos em São Paulo, liguei algumas vezes para o meu pai dizendo: “Painho, estou desesperada, preciso de algum dinheiro!” E ele me mandava 200 reais no máximo, o que em São Paulo é muito pouco! Ao mesmo tempo em que é pouco para mim, me considerando de classe média, porque se você olhar para a periferia, isso é muito... Tudo depende realmente do estilo de vida que você tem...

Enquanto isso, o pai do meu filho continua morando em São Paulo. A família dele é de classe média alta. A mãe comprou um apartamento novo de três quartos para ele aqui, onde ele mora sozinho. Até pouco tempo ele tinha carro, também dado pela mãe, mas acabou vendendo... Ele tem um emprego, é programador de sistemas, portanto, tem seu salário. Faz faculdade particular paga pela mãe. Ou seja, o pai do meu filho, tem casa própria, faculdade paga pela mãe, emprego e salário e, ainda assim, o que ele me repassa é a pensão, valor que só paga praticamente a mensalidade da escola do nosso filho. De outro lado, pago aluguel e arco com todas as despesas do nosso filho, já que a pensão só paga a escola...

Em termos afetivos, meu filho é apaixonado pelo pai e o pai realmente gosta do filho. Mas, meu ex-companheiro não teve um pai presente e, talvez, seja por isso que mesmo sem intenção, ele reproduza a ausência que teve com nosso filho. Isso porque ele só pega a criança a cada quinze dias no final de semana. Nesse intervalo ele nunca ligou ou foi visitar o filho.

Passei por várias situações em que tive que levar meu filho ao médico e ter que fazer isso sozinha porque o pai só busca no dia dele... É como a gente fala: “É pai quando dá... Hoje não posso...” Só recentemente consegui que ele, sempre a cada 15 dias, buscasse a criança na sexta-feira à noite, porque ele buscava no sábado na hora do almoço e devolvia no final da tarde de domingo. Ele passa os 14 outros dias sem ver o filho ou ligar para saber como ele está. Mas quando se encontram é uma felicidade de ambos. Não posso dizer que ele não gosta do filho, mas é uma relação muito estabelecida pelas normas da sociedade, de que o pai tem a obrigação de ver o filho e só. O pai não tem a obrigação de ser presente na vida como a mãe tem...

Estudamos ambos no mesmo colégio, o colégio Marista Arquidiocesano de Maceió, considerado de elite. Lembro que meus pais nunca conseguiam pagar a mensalidade e

ficavam devendo até o final do ano. Era como o Sr. Madruga com o Sr. Barriga... “No final do ano eu pago tudo!” E às vezes não pagava também...

Mas a família dele sempre estudou no mesmo colégio, tanto que nos conhecemos aos sete anos. A educação católica não influenciou tanto porque tanto ele como eu somos ateus, embora tenhamos estudado em colégio católico. Tenho uma relação muito boa com o catolicismo em seu lado humanista, de respeito ao próximo, o lado bom dos valores porque tem também os valores ruins... Mas tem os valores bons que a igreja passa e a gente tenta assimilar...

Tem algo interessante sobre o pai do meu filho... Não o considero homofóbico, mas ele é machista! Ao ponto do estopim de nossa separação ter sido ele levantar a mão para mim!

Foi um dia em que ele passou desde o começo da manhã até umas oito da noite no computador... Era um final de semana e, enquanto eu lavava, passava, cozinhava... Fiz o café da manhã, o almoço, lavei os pratos, dei banho nas cachorras, troquei fralda, dei banho na criança, e às oito da noite ele estava no mesmo lugar... Pedi para a gente sair e ele tomou um banho, desligou o computador e fomos ao cinema... Quando voltamos, ele ligou novamente o computador e eu disse que se à meia noite ele não saísse de lá, eu desligaria o computador... Ele me chamou de louca e disse que se eu desligasse o computador eu ia ver o que ia acontecer!

Ah! Agora eu ia ver!

Tentei botar meu filho para dormir, mas ele não conseguia porque o pai estava conversando com um amigo com quem estava jogando em rede. Foi então que eu disse que estava na hora e íamos todos dormir, e eu ia desligar o computador...

Ele simplesmente partiu para cima de mim para tentar me bater! Mas minhas cachorras – a pitbull, a vira-lata e outro vira-lata que estava abrigando – porque também ajudo as protetoras dos animais – foram todos em minha defesa! Ele se assustou, mas chegou a pegar meu notebook e ameaçou quebrar. Nessa hora, meu filho levantou da cama e falou: “Papai, não grita com a mamãe!”

Nesse dia, ele saiu de casa batendo a porta, dizendo que tinha perdido o respeito por ele porque tinha desligado o computador. E eu disse que ele tinha acabado o respeito por

mim porque tinha passado o dia no computador... A discussão foi pesada! O interessante é que ele sempre me tratou bem, só nesse dia do computador que ele tentou me bater... Depois disso, nunca mais voltamos...

Isso é a prova do machismo... Ele pensava que se eu tinha feito tudo aquilo era porque eu queria, ou pior, porque era minha obrigação! Se ele estava no computador no final de semana era normal enquanto eu trabalhava em casa!

Por isso, eu defendo não só a legalização do aborto, mas defendo que toda mulher tenha o direito de escolher se vai ter ou não o filho. Porque quando a gente fala só de legalizar o aborto, a gente fala em legalizar só quando a mulher precisa abortar...

O debate sobre a descriminalização do aborto, porque legalização e descriminalização são coisas diferentes... Quando falamos em descriminalizar, falamos em situações como a minha, em que eu queria abortar e a família disse que ia me denunciar, pudesse pelo menos não ser presa. E o debate sobre a legalização é dar condições para que a mulher decida. Então, eu defendo a legalização, no caso, o direito mesmo da mulher abortar. Sei que é uma vida realmente, mas quando avalio aquele período, talvez se tivesse abortado carregaria comigo o peso dentro de mim, na consciência por ter tirado uma vida. Mas hoje vivo em função do meu filho. É uma vida pela outra, na verdade... Hoje eu dou minha vida pelo meu filho...

Na época tomei pílula do dia seguinte, mas não cheguei a tomar o Citotec. Tomei duas a mais para ver se dava certo, mas...

Quando penso no que passei, talvez me arrependesse de ter abortado... Não porque sempre quis ter um filho, mas porque a pressão social é tão grande para que a mulher que abortou se sinta culpada que eu também passaria por isso...

É mas muito nesse sentido da pressão social porque eu queria ter tido essa escolha. Hoje sei que nunca mais vou deixar ninguém tomar uma decisão por mim...

O mesmo com o casamento... Casei porque estava grávida e tive o filho por conta da pressão. É interessante que quando cheguei em São Paulo pela primeira vez vi mulheres que abortaram e não se arrependeram e não sentiam nenhum remorso por isso...

Duas colegas de trabalho, de profissão no caso, duas jornalistas. Uma é minha colega de trabalho. Ela nunca teve filho, tem quarenta anos de idade, não tem filho e jamais quis ter. Ela me contou que quando abortou, ela chorou muito! Mas ela chorou muito porque via as mulheres na fila da clinica chorando por ter tirado o filho, enquanto ela chorava por não sentir nenhum remorso...

A outra colega, também jornalista, contou que também fez o aborto, nunca pensou em ter filho, e que é não se arrepende de forma alguma, não chorou, não sentiu nenhum remorso, tanto é que nem sequer chorou... Não se comoveu nem com as colegas que estavam lá na clinica.

Ai você vê também que tem a ver com querer ter filho. Como eu sempre quis, a pressão foi um pouco maior... A questão psicológica, poxa eu sempre quis ter filho, engravidei e tirei. E se eu não puder mais ter? Isso também pesa! Naquela época eu não tinha condições de pagar dois mil reais para fazer um aborto seguro. Teria que tomar Citotec e, talvez, morrer sangrando... Eu precisaria do apoio da minha família, do meu companheiro para fazer o aborto, senão não tinha como fazer...

Quando me separei, falei que nunca mais ia ter filhos porque não queria viver tudo isso de novo! Qualquer discussão que eu tenha com ele e fale que ele tem obrigação de cuidar do filho também, não apenas pagar a pensão, afinal não é só de pensão que vive a criança, ele passa na minha cara que ter um filho foi uma decisão exclusivamente dele. Meu receio é que ele possa usar isso depois para fazer a cabeça da criança contra mim, dizer que eu quis tirar... Não sei até que ponto pode chegar o pai... Estava tão decepcionada com meu companheiro, com a vida de mãe, que pensei muito nisso e achei que não queria mesmo mais ter filhos... Mas conheci casais em que vejo que os pais fazem parte da vida dos filhos e me lembro da minha própria infância...

Meu pai sempre cuidou de mim... Ele dividia as tarefas domésticas com a minha mãe, trocava fralda, dava meu leite, me levava para passear... Por isso, fiquei pensando que não posso pegar meu relacionamento como base para o resto da vida...

Hoje estou me relacionando com uma pessoa da minha cidade Maceió, também militante e comunista, então tem um debate sobre o feminismo. Ele fala que se eu engravidar, ele quer muito um filho, mas a escolha definitiva é minha e o que eu decidir ele me ajuda, inclusive, financeiramente. É outro tipo de relação que estabeleci. É um

homem que observo cuidando do meu filho quando estamos juntos, ele se preocupa e divide as tarefas comigo... Espero que dê certo! Pode ser que não, mas só o fato de encontrar alguém que queira assumir e dividir as responsabilidades é muito bom!

Queria muito participar dessa entrevista e acho muito importante essa iniciativa não só porque é uma forma de ajudar as mulheres a desabafarem, mas porque faz as pessoas pensarem que o aborto não é uma questão religiosa e, no parlamento, não deve passar pelas crenças pessoais. A saúde da mulher é importante e deve ser discutida em nível físico, mas também psicológico. Digo isso porque o que enfrento hoje é uma barra muito grande! As pessoas dizem que sou forte, mas também desabo... Tanto que quero voltar para minha cidade porque não tenho condições de ficar sozinha com filho numa cidade como São Paulo e nem estrutura emocional para tanto... Por isso afirmo que as pessoas têm que ter o direito de escolher!

Alícia

Esta entrevista foi como lampejo de vida! Não somente pelo que a colaboradora contou, mas pelo modo como o fez. Se fosse possível descrever em uma palavra o encontro que tive com sua história, esta seria: amor!

O registro aconteceu em 22 de janeiro de 2016 na sala do Núcleo de Estudos em História Oral da USP. Em tudo que dizia e que remetia a seus sentimentos, o calor humano e a vontade de um mundo mais amável estava sempre presente.

Soube depois que o amor estava em sua vida e vibrei! Parecia até que era comigo! Que fique registrado meu amor compartilhado e a felicidade em saber que, para além das adversidades, existe esperança por dias melhores!

A loucura toda era o fato de ter tido vontade de ter um filho e depois ter tirado. Estava cometendo um crime, matando alguém que tinha desejado e feito existir. Isso era muito duro moral e eticamente. Isso era importante!

Meu nome é *Alícia* e tenho 36 anos. Meu pai é português, nasceu num navio! Como sua família é portuguesa, só tem um tio meu no Brasil. A família da minha mãe é um pouco maior, mas ela não é muito próxima deles. Tanto meu pai quanto minha mãe são filhos únicos, assim como eu. Atualmente eles são separados. Minha mãe mora no interior e meu pai em São Paulo.

Desde pequena sempre tive o sonho de ser poeta, escritora! Acho que é isso que continuo querendo na verdade! Quando tinha uns 14, 15 anos fiz teatro e, na mesma época, conheci meu primeiro namorado. Aos 17 anos sai de casa para morar com ele e acabei brigando feio com meu pai. Sempre o achei um cara reacionário... Ele é muito circunspecto, não assiste televisão, só ouve rádio e nossa casa sempre foi muito silenciosa. Às oito da noite todo mundo tinha que dormir e havia uma rotina que

acredito tenha a ver com essa raiz portuguesa. Com isso, acabei crescendo uma criança bem revoltada!

Ainda pequena, minha avó, mãe do meu pai foi morar com a gente e acabei ficando um bom tempo sem quarto. Meus pais dividiram a sala com uma estante e ali passou a ser o meu quarto. Essa foi uma das várias revoltazinhas que tive nessa fase...

Quando conheci esse namorado, estava pela primeira vez andando de metrô. Ele apareceu cantando uma música que, depois, vim saber que era do Luiz Melodia, e achei aquilo tudo tão bonito que me apaixonei! Ele era ator e fazia assaltos poéticos, que é basicamente ir aos bares, recitar poesias e passar o chapéu para ganhar alguns trocados. Claro que ele era muito louco, drogado, coisas que fui descobrindo depois, afinal só tinha 14 anos...

Naquele dia, estava indo a uma reunião do PSTU. Fiz escola técnica federal, mas antes disso tinha feito um cursinho preparatório na própria escola, até que entrei no Liceu de Artes e Ofícios, mas fiz só um ano de curso, depois segui para a escola normal. Na técnica tinha o Valério Arcari e estava começando a se formar o PSTU, uma presença socialista dentro do PT. O Valério era professor de História e acabei me envolvendo com as pessoas que estavam nessa coisa de política. Esta indo na primeira reunião do PSTU, que era na estação Paraíso do metrô e esse moço desceu na Vergueiro.

Queria saber o que tinha ali e descobri que tinha um centro cultural, onde fui com uma amiga e ele estava lá! Ele tinha vindo de Londrina, vendia livrinhos de poesia e era um menino fodido, filho de uma puta e saiu também muito cedo de casa. Ele tinha a roupa meio rasgada e nada de grana, mas foi por ele que me apaixonei! Acabamos ficando juntos e saí de casa com 17 anos.

Era uma menina muito submissa no final das contas e sempre gostei de homens mais assim... Ele era ator e fazia um monte de coisas, o que de alguma forma me encantava! Sai de casa dando adeus e dizendo que não queria nada do meu pai. Fomos fazendo esses assaltos poéticos quando estava no segundo colegial, mas quando chegamos em Vitória, não dava mais para continuar... Ninguém mais queria saber de nos dar dinheiro, além da minha mãe que continuava mandando algum para mim.

Nisso, ele foi chamado para trabalhar no Primeiro Festival de Teatro de São José do Rio Preto, para onde seguimos e onde fiquei durante um ano. Era uma coisa muito louca porque comecei a cheirar cocaína com ele, que acabou se individualizando e brigando com pessoas de lá. Um belo dia ele me disse: “Baby, preciso cair fora agora, mas eu volto!”.

Tínhamos alugado um apartamento, que minha mãe ajudava a pagar enquanto ele ficava com as outras despesas. Quando ele foi embora, não tive coragem de falar a verdade para a minha mãe e acabei colocando uma amiga com que fazia colégio para morar comigo. Obviamente era um colégio público e minha amiga Malu tinha brigado com a mãe porque tinha perdido o emprego na vídeo-locadora.

Esse foi um momento muito maluco porque a Malu roubava coisas no supermercado, era trombadinha das boas e acabei indo na onda... Estávamos fodidas e tínhamos que pagar o apartamento, então fizemos todos os tipos de pequenos trambiques que se pode imaginar!

Esse foi um momento muito marcante para mim e lembro que ficávamos num botequinho perto da rodoviária da cidade, onde conversávamos sobre o futuro... “O que vai acontecer? O que vai ser da gente?” Eu tinha 17 anos e a Malu acabou se tornando caixa de supermercado durante os últimos 20 anos!

Quatro meses depois, meu namorado apareceu! Eu e a Malu tínhamos um esquema porque um menino da escola que gostava de mim levava a gente para almoçar na casa dele e depois levava a gente em casa de carro. Eu só tinha dado um beijo nele, afinal não sabia se o Leo ia aparecer mesmo...

Nessa época, minha mãe me pagava um cursinho à noite e, quando meu namorado voltou, ficou bebendo no boteco em frente o prédio. O cara do bar contou que eu tinha um novo namorado e, quando cheguei do cursinho, a casa estava toda quebrada! Ele me bateu pra caramba no meio da rua, na frente do bar e de todo mundo, mas ninguém tomou qualquer providência! Foi impressionante!

De qualquer forma, me senti a pessoa mais culpada do mundo e dei razão a ele por ter feito aquilo! Mesmo que nesse intervalo a gente mal tivesse se falado, não tinha celular e eu nem sabia se ele voltaria mesmo...

No dia seguinte, liguei para minha mãe super chateada, dizendo que era uma vaca e tudo mais... Ela ficou enlouquecida e me disse para voltar imediatamente, senão era iria com a polícia acabar com toda essa história!

Deixei todas as minhas coisas e fui embora no mesmo dia. Quando cheguei, minha mãe tinha se separado e morava numa casinha de fundo no Chora Menino, longe pra caramba! Diante das condições, ela me falou que não tinha outro jeito, eu teria que trabalhar. Comecei a fazer várias coisas: pesquisa na rua, entregava panfleto, trabalhei como secretária, mas fui mandada embora porque me atrapalhava com as chaves e tinha que chamar a mulher de doutora, mas só chamava pelo nome, enfim...

Percebi que essa vida não era para mim! Fui estudar e passei na faculdade... Queria ser cineasta, pensei em fazer faculdade de cinema, mas percebi que nunca ia passar! Então fui fazer Ciências Sociais, que tinha uma relação candidato-vaga mais a minha cara...

Foi então que minha vida mudou muito! Como tinha que trabalhar, fiz uma entrevista para ser secretária do Departamento de Ciência Política e quem me entrevistou era a professora chefe do departamento. Era o primeiro mês de faculdade e me ligaram para voltar. Quando cheguei, estava acontecendo uma seleção de Iniciação Científica para um projeto dessa professora que, por algum motivo, tinha gostado de mim... Ela disse que estava me esperando e, antes de começar o processo seletivo, me perguntou se queria fazer Iniciação Científica...

Eu não tinha ideia do que era isso!!! Não tinha nem computador! Sem contar minha história anterior! Cheirava cocaína e fazia avião com a minha amiga de São José. Entrei na faculdade porque precisava fazer alguma coisa, mas estava muito distante desse mundo acadêmico! Apesar de sempre ter sido uma criança muito estudiosa e, mesmo em meio ao caos que foi essa fase da minha vida, nunca deixei de estudar! O Léo mesmo sempre se impressionava com o quanto eu gostava de estudar, mesmo depois de uma noite de cerveja e pó, eu estava ali com meu livro! Coisa que ele fala até hoje quando a gente se encontra. Mas minha vida tinha ido para outro caminho...

Essa professora me disse que eu ganharia a mesma coisa que uma secretária, mas teria que estudar. Não precisaria bater cartão, mas teria que participar das reuniões do grupo. Ela me apresentou o departamento inteiro e foi quando comecei com essa coisa da ciência, mas nada pragmática, obviamente!

Entre no grupo de estudos que estava, na época, fazendo o primeiro acordo com Harvard, para onde queriam que eu fosse, iam até me pagar curso de inglês, mas chutei tudo isso! No final foi muito bom!

Acabei indo para a Sociologia, onde também entrei num grupo de pesquisa. Sempre fui atrás daquilo que me move, embora ainda fosse muito pouco pragmática. Podia ter feito minha vida acadêmica inteira já naquele momento, mas não era o que realmente me movia...

Mas eu não quis, até por conta dos ideais políticos... Naquela época, o que estava me fascinando era a Escola de Frankfurt, o Walter Benjamin, aquela coisa da crítica da crítica crítica, dos intelectuais à beira do abismo, em que você fecha a porta e não tem mais nada depois... E eu achava tudo aquilo lindo!

Minha primeira pesquisa foi sobre a transformação do município em índice federativo. Foi muito bacana porque li todos os debates da Constituinte e descobri que, a descentralização é algo da esquerda, mas quem fez essa descentralização na Constituinte foram os movimentos de direita, um movimento municipalista, algo que descobri super retrógrado.

Fiz uma outra pesquisa sobre maio de 68, as cartas de Adorno e Marcuse porque achava que ali havia uma cisão na teoria crítica que queria entender e fiquei muito fascinada. Vivi essa coisa dos anarquistas na História, pixei na greve de 2002 “Sejamos realistas, pensamos o impossível!” Morei naquela greve com o pessoal nas barracas e foi algo que me marcou!

Depois, sempre tem essa coisa do professor, me apaixonei por um professor que apareceu no nosso grupo de pesquisa e trouxe o lado empírico da pesquisa. O empírico tem a ver comigo porque gosto muito de gente, sou muito comunicativa... Então tinha algo da teoria crítica da crítica crítica que me sufocava!

Fiz todos os cursos da Irene Cardoso e era pupila dela também, sempre tirava as melhores notas! E num desses cursos que era só sobre Walter Benjamin, desenvolvi pânico!

Nessa época, tive um namorado, que andava de chinelo e meia e tinha um cabelo enorme, falava baixo e eu achava aquilo tão lindo e fofo! Depois ele virou líder do

movimento estudantil e perdeu toda a graça... Na época, ele estava virando liderança, enquanto eu queria ficar estudando e lendo loucamente Walter Benjamin. Foi quando comecei a ficar em pânico! Acho que isso tem um pouco a ver com as coisas que a gente estuda...

Até aí nunca tinha sido uma questão ter filhos, ficar grávida, embora tivesse isso como ideal de infância. Achava que com 26 anos ficaria grávida, ou com 27 como minha mãe, mas não era nada que estivesse posto nesses dois namoros eu tive.

Desde o primeiro namorado, com 14 anos, minha mãe me dava pílula de manhã. Para ela era muito claro que essa era a última coisa que poderia fazer porque senão eu acabaria e não faria mais nada. Ela sempre foi muito objetiva nisso e, quando estava fora, todas as vezes que nos falávamos ela perguntava se eu tinha tomado a pílula. Minha mãe me influenciava muito e o faz até hoje, então sempre tive a consciência de que se desse brecha naquele momento, jamais faria uma universidade. Até porque todos os namorados que tinha tido eram uns fodidos! Era tudo meio atrapalhado, nada certo...

Era como fechar um horizonte de possibilidades que minha mãe achava que eu não deveria fechar e penso que ela estava certa! Sou muito realizada em tudo que faço, sou feliz com isso e seria ruim se não fosse assim. Esta é uma questão importante para mim e não pensava sobre o assunto...

Fiquei um tempão no amor platônico com o professor e cheguei a ficar com ele em algum momento, quando não éramos mais professor e aluna, mas vi que não tinha nada a ver! Mas foi ele quem trouxe a questão da pesquisa empírica novamente que tanto me fascinava! Acabei entrando no grupo da Vera Teles e veio aquela coisa do Foucault, que não é nada empírico, mas eles faziam etnografia, narrativas de vida na periferia e achava tudo isso muito legal!

Terminei a faculdade e fui trabalhar com outras coisas... Primeiro na SBPC, no projeto de memória porque tinha um amigo muito amado que o pai era presidente de lá e estava montando um pequeno núcleo ali. Nesse momento, estava estudando a história da universidade, história da ciência, e ele me chamou para entrar no núcleo, que foi o meu primeiro trabalho. Depois fui para o Ilanudi, que é aquele Instituto Latino-americano, e posso dizer que aprendi o empírico! Quando tive aquele amor platônico, mergulhei na SPSS e manjei do negócio, comandeí toda a pesquisa da greve, aplicamos um

questionário e eu que comande o banco e a aplicação porque era muito comunicativa, então acabei aprendendo todo o processo. Fui para o Ilanudi por causa disso, primeiro para trabalhar num banco de dados e depois me convidaram para coordenar uma pesquisa.

Prestei mestrado nessa época, mas não passei na USP... A Vera Teles era a presidente da banca e não passei na prova de inglês porque não traduzi as últimas linhas do texto, então não pude fazer a prova teórica. Quis ver minha nota pelo menos, mas a Vera foi super dura e disse que para fazer com ela teria que aprender francês. Mergulhei nos estudos, mas ela queria que eu ficasse mais um ano e passaria na próxima. Mas decidi prestar Unicamp e passei em segundo lugar! Mesmo assim tive que mudar o projeto porque ela disse que com aquele eu não iria! Mesmo que ela tivesse me ajudado, por favor, né!

Mesmo com todo o trabalho de mudar o projeto, foi ótimo! Imagina ter feito o trabalho com ela! Tinha dor de barriga cada vez que ela respondia um e-mail, além dela interferir o tempo todo no trabalho! Eu, moralmente correta, fiz outro projeto que me deu um puta trampo!

Tinha a ver com a migração boliviana, que foi uma das coisas que descobrimos no trabalho de campo na zona leste. Bolivianos que trabalhavam com coreanos e achava fascinante essa questão das misturas e das teorias da globalização. No final das contas, foi uma entrada para a teoria porque sempre tive essa coisa com os livros, gosto muito de ler! Não foi tanto pela questão da precarização, eu queria mesmo discutir a globalização por baixo, “la mundialización por les bas”, era isso que eu queria fazer! Esses bolivianos e coreanos vindo de lugares tão distantes e se encontrando no continente americano... Era isso que eu queria entender!

Havia coreanos que não só trabalhavam em oficinas de costura, mas eram donos de oficinas e do negócio, todo contratando outras pessoas e tudo mais! Nos anos 60 e 70, chegou uma leva de coreanos que foram responsáveis pela revitalização da indústria de confecção em Nova Iorque, Los Angeles, São Paulo. É um empresariado étnico que começa a contratar no Brasil e na Argentina bolivianos, e nos Estados Unidos, mexicanos.

Os primeiros estudos sobre empresariado étnico foi em torno dos coreanos e minha história foi para esse lado, que via os bolivianos como o fim do circuito da subcontratação. Minha hipótese é que, na verdade, eles estão dentro de uma economia étnica que tem tudo a ver com a reestruturação produtiva, mas de um jeito diferente. E fiquei nessas...

Não tive mais namorado e fiquei anos apaixonada pelo mesmo cara! Era uma menina muito gordinha e, por isso, tinha muito problema de auto-afirmação... Ainda fumava muita maconha, o que acho que piorava tudo! Fumar, para mim, se tornou algo muito ligado ao estudo. Não fumava porque queria ficar muito louca e sair por aí, mas para ficar estudando... O beck era meu grande companheiro e também uma forma de me isolar porque me sentia plenamente satisfeita. Éramos eu, o beck e meu trabalho! Com isso fui me isolando cada vez mais...

O fato de ser gordinha era também um lance de que o cara que eu gostava nunca gostava de mim e acabava virando meu amigo. Talvez por isso, minhas experiências amorosas, meus encontros, tenham sido sempre ruins... Quem eu gostava virava brother e eram meninos inteligentes, com quem tinha papos incríveis! Mas os meninos com quem eu ficava mesmo eram sempre coisas passageiras... Namorei um menino por quem fui muito apaixonada, que era artista plástico e super drogado!

Quando passei no mestrado, precisei escolher entre a bolsa e meu trabalho no Ilanudi. Já tinha terminado uma primeira etapa do trabalho lá e poderia continuar. Foi uma decisão muito difícil! Mas também queria fazer mestrado porque era uma outra possibilidade e optei por isso. Fiz o mestrado na Unicamp, mas continuava em São Paulo.

Acabei me apaixonando pelo menino que passou em primeiro lugar... Eu tinha passado em segundo... Ele era a coisa mais linda do mundo, fazia cinema e também virou meu grande amiguinho...

Fizemos várias coisas juntos, mas ele era apaixonado pelas meninas perfeitas, magras e eu, apesar de agora ser um pouco vaidosa, sempre fui largada, pouco preocupada com a imagem. Comprava livros, não roupas. Era até uma compulsão porque comprava muito mais livros do que poderia ler. Quando batia a tristeza, ia na livraria Belas Artes, que era pequenininha e achava muito legal, e acabava gastando meu dinheiro com livros, sem me importar com roupas...

Mas eu era muito interessante de conversa e outras coisas, então éramos muito amigos por causa disso. Apesar de tudo, era muito ruim porque nunca era algo que se realizava...

Tentamos a London School e passamos, as precisava de dinheiro para ir mesmo. Meu pai não quis me dar o dinheiro, então ele foi e eu fiquei.

Assim que terminei o mestrado, entrei no doutorado. Tive um problema no útero, um mioma, e tive que fazer uma cirurgia. O fim do mestrado foi muito duro, o que é algo muito importante para mim, e por isso quero muito fazer um livro, porque por mais que tivesse muitas ideias e muita empolgação, eu precisava assentar as coisas. E não tive esse tempo...

Não entrei bem no doutorado, era uma das últimas colocações, e quem quis me pegar foi a Rosana Byringer, também na Unicamp, com quem passei meses escrevendo um projeto e mandei para a Fapesp e acabei conseguindo. Fui para Campinas...

Antes disso, no dia daquele apagão, estava em casa e meu grande amigo, que me levou para a SBPC, era meu vizinho e tivemos uma história até... Eu, com minha paixão platônica, e ficávamos às vezes. Chegamos a morar juntos numa casa anarquista com outros dois meninos, que os pais dele pagavam o aluguel. Transformamos a sala em quarto de todo mundo e tinha também o quarto do amor e o do estudo para fazer uma coisa onde não havia espaço privado...

E mesmo tendo uma história com esse amigo, o que era algo muito importante para mim, ele começou a namorar uma menina virgem e não podia ter mais nenhuma história, senão ela não ficaria mais com ele...

Só que durante o tempo que ficaram juntos, essa menina começou a pirar, beber, cheirar e, nesse dia do apagão, ela queria sair para a balada e ele me chamou pedindo pelo amor de deus para eu ficar com eles em algum boteco para não precisarem sair na rua em pleno apagão!

Acabei indo e ficamos nesse boteco, onde apareceu meu vizinho Bruno, que era um menino muito criativo, frágil – como eu gosto, apesar de ver nisso alguma força – mas auto-destrutivo de um jeito muito louco! E com ele tive uma história que muito ruim porque eu queria acompanhá-lo! Sempre tive essa coisa da intensidade, agora menos,

mas ele ia beber e eu ia junto, sem limites! Sempre fui ótima companheira dos bêbados porque vou até o fim e não caio! Mas foi horrível porque não conseguia trabalhar direito, não dava!

Agora, depois de tudo isso, entendo que é uma sementeira! Todo dia ficar sete, oito horas trabalhando e ver os frutos! Começo quatro e meia da manhã, porque se não começo logo cedo, o mundo me atropela e não consigo fazer. Quando dá meio dia como alguma coisa e posso até continuar, mas acabei minhas horas de trabalho. Senão o negócio não anda, não consigo fazer nada decente! E é muito bom o resultado! É difícil ter concentração o tempo todo, principalmente porque esse trabalho, a escrita, é algo que exige muito! Vejo muita potencialidade em todo o trabalho que fiz até aqui, mas sinto que preciso levar ainda mais a sério!

Até porque com minhas histórias de amor, acabava dando uma “viajada” e voltava depois meio perdida... Foram dois meses nessa viagem infinita com esse menino, até que me mudei para Campinas.

Minha primeira viagem internacional foi para Córdoba, onde fiquei por dois meses. Depois fui fazer uma apresentação em Nanterre, na França. Esse também foi um momento muito louco! Eu precisava urgentemente aprender francês para fazer a apresentação e tinha uma escola de línguas de um marroquino, cara super legal, que me fez o curso por um preço muito bacana, porque eu não tinha muita grana. Uns dois meses antes da apresentação eu ia três, quatro vezes por semana, o que me ajudou muito! Mas na apresentação, senti...

Pouco antes disso, passei por um momento muito difícil, que foi a morte da minha avó materna... Foi quando a questão de fazer vida ficou muito candente em mim! Uma pessoa extremamente importante na minha vida porque ela era A pessoa que gostava muito de livros... Eu queria aprender a ler rápido e ela foi A pessoa que me ensinou! Meu avô, marido dela, me deu uma máquina Olivetti... Ainda não sabia direito as palavras, mas ficava ali mexendo na máquina como se fosse uma grande escritora! Acho que tudo isso tem a ver com ela...

Passávamos as tardes juntas e era muito louco porque andávamos pelo centro da cidade e tudo se transformava num conto de fadas! Ela era uma mulher muito à frente do seu tempo! A gente conversava sobre tanta coisa! Ela, que sempre morou em São Paulo,

nessa época estava meio à contragosto morando no interior com a minha mãe. Lia cada vez mais e o que ela mais gostava era quando eu chegava com um livro novo! Era perto do fim do ano e ela me pediu muito para ir vê-la. Eu ia, mas antes viajaria para a praia com uma amiga.

Uns dias antes, o Léo, aquele meu primeiro namorado, através de pessoas que eu nem imaginava que podíamos ter em comum, conseguiu meu endereço e apareceu na porta da minha casa falando que quase tinha morrido, precisava parar de beber e não sabia mais o que fazer... Queria me ver porque tinha medo de morrer! Disse que estava muito inseguro, não sabia se conseguiria parar e acabei passando o Natal com ele e desisti de ir para a praia com minha amiga... Mesmo depois de tanto tempo, ele ainda tinha toda uma culpa porque tinha me batido e eu também tinha sido sua primeira namorada de verdade... Bom, no final, ele não morreu, conseguiu parar de beber e, logo em seguida, fez um filho com outra mulher... Simples assim...

Mas acabou sendo bom porque depois do Natal fui ver minha avó e aqueles foram os últimos dias com ela... Sua morte é uma coisa que me marca profundamente!

Ela aprendeu a ler e amava tudo isso, mas queria ter ido mais à escola. No entanto, ela tinha dez irmãos e a mais velha, que não tinha frequentado a escola, brigou com o pai para não deixar minha avó ir também! Mesmo assim, ela tinha esse apreço pelo estudo e queria que eu fosse uma grande mulher, não uma dona de casa, mas uma estudiosa, coisas que ela projetava e acabou sendo o que me tornei de verdade! Ela era muito avançada e capaz de acompanhar esses amores comigo, até mais do que minha mãe. E embora não fosse esse o objetivo dela, no momento em que ela morre, eu começo a querer ter um filho. Começo a achar que estou muito sozinha...

Depois de sua morte, fui para Córdoba e para a França, entrei em contato com outro professor para preparar o terreno e ficar mais tempo. Essa viagem foi muito legal, mas muito solitária... Era a primeira vez que estava fora, me virando sozinha, me matava de estudar francês, dormia ouvindo a rádio France, ia para a aula, onde o pessoal foi super legal! Antes do dia da apresentação, fiz uma prévia para a escola inteira, então todos acabaram entrando nesse projeto comigo! Nesse sentido foi tudo muito legal! Por outro lado, tinha uma melancolia muito grande, uma solidão, uma tristeza imensa. E daí essa vontade de gerar vida, dar um sentido para a minha própria vida.

Algo muito diferente do que estou vivendo agora... Faço psicanálise e acho que agora consigo entender qual o sentido da minha vida e gostar disso. Mas passei muito tempo fazendo coisas para lá e para cá que, embora tivessem sentido, faziam com que eu perdesse o fio de mim mesma... Era aquela vida solitária, estava gordinha, sem muita expectativa com relação ao mundo e ao amor e a morte da minha avó que mexeu demais comigo!

Nessa história de estudar o tema da imigração, acabei indo mais fundo e fiquei com alguns imigrantes... Um deles era senegalês e vivia na moradia estudantil da Unicamp. Achava aquilo fascinante! O nome dele, os costumes, o jeito de ser... Sempre flertei com a Antropologia, queria ser antropóloga e cheguei a fazer um projeto no Doutorado para ciências sociais, mas não foi aprovado porque tratava de uma teoria dos anos 60 e o cara começou a perguntar sobre coisas contemporâneas, que eu não sabia, então acabei sendo aprovada na Sociologia. Mesmo assim, sempre tive um flerte com a Antropologia e esse “outro”, as coisas muito diferentes e misteriosas me atraem extremamente!

Esse senegalês era um cara enorme, muito negro, bem diferente dos negros brasileiros! Minha família tinha um certo preconceito e, se minha avó fosse viva, ia ter um surto de tristeza, nunca poderia ficar com ele...

Mas o cara era um malandro! Uma pessoa que precisava basicamente de um green card... Só que não fui capaz de perceber isso! Mesmo estudando tanto e pensando em tantas coisas, nunca achei que isso fosse acontecer comigo! Mas aconteceu... Fui incapaz de entender que, na verdade, ele não estava me amando loucamente e tínhamos encontrado o amor eterno. Ele queria me engravidar porque, tendo um filho brasileiro, poderia ter algo e ficar aqui. Esse era seu objetivo! Ele mentia para mim, ia para as baladas e ficava com outras meninas... O lugar era super pequeno e as pessoas viam. Até que um dia, minha amiga me levou para ver, quando já estava grávida dele!

Tenho até vergonha em dizer que engravidei porque quis... Vivi o primeiro mês da gravidez como se fosse ter esse filho, que para mim era um menino e já tinha nome... Mas aos poucos fui descobrindo tudo, as mentiras, que não se tratava de um grande amor, cheguei a ver ele ficando com outra menina. Enquanto eu passava mal, ele fazia festas na minha casa, porque nem onde morar ele tinha...

Antes de decidir fazer o aborto, tive uma conversa determinante com a menina que morava comigo, que era feminista.

Quando minha mãe soube da gravidez, teve um surto porque eu tinha acabado de chegar e precisava fazer o doutorado! Teria que parar tudo para ter o filho e sustentar também o pai, que não tinha trabalho... Na verdade, para piorar tudo, depois descobri que ele era traficante!

Acho que o que fiz foi algo terrível e me trouxe uma série de problemas psicológicos! Só agora estou começando a lidar melhor com isso, mas até então foi super traumático! Engravidei porque queria, dei até um nome, mas conforme fui descobrindo as coisas, ele se transformou num peso! No fundo, eu tinha alguma ideia do que acontecia, não sou tão idiota e ele não mentia tão bem assim...

A verdade é que criei essa história e embarquei nela. Só depois fui entender que era tudo uma grande mentira! Ele era um traficante que não queria trabalhar, não tinha casa e precisava de um visto para continuar no Brasil porque tinha tido problemas no Senegal. Conforme fui entendendo as coisas, o filho passou a ser um peso... Sentia que tinha produzido as coisas de um jeito, mas a história de verdade não era aquela.

Ainda assim, foi uma decisão muito difícil! Porque eu quis, então estava matando meu filho! Não estava por aí e, de repente, fiquei grávida. Não! Fiquei grávida porque quis, gerei uma vida e lhe dei um nome, mas depois tirei essa vida. Foi uma coisa muito terrível! Foi o momento em que parei e pensei na vida num sentido muito profundo. Muita coisa mudou na minha vida depois disso. A partir daí, comecei a ficar com medo de mim mesma, das minhas atitudes e onde meus instintos podiam me levar. Foi um momento confuso, de crise de identidade mesmo porque as coisas tinham acontecido assim por conta do que eu era, esse lado de me jogar nas coisas... Na Europa, por exemplo, conheci um nigeriano, ficamos trocando ideia e acabamos ficando juntos. Sempre fui muito aberta e me jogava muito em tudo. Foi aí que entendi que isso tem consequências na minha vida e na de outras pessoas... Foi algo muito louco! Daí em diante comecei a ter medo...

Minha mãe dizia:

- Ele vai te colocar outro filho logo mais porque você está super fragilizada nessa situação e vai estar presa a um cara que, na verdade, te enganou e vai continuar assim porque ele não tem nenhum meio de sustento, ou seja, ele vai precisar de você, que vai ser quem vai dar o visto para ele. Vai prender sua história para o resto da vida por causa de um engano, uma mentira e não vai terminar esse doutorado porque ele não vai deixar. Essa gravidez vai ser um inferno e coletiva, com todos os amigos dele presentes e você servindo. Depois disso acabou! Vai estar escolhendo essa vida!

De fato, bateu mais forte o desejo de não perder a vida que já tinha escolhido antes...

Mas só pude fazer isso porque minha mãe emprestou o dinheiro e fui a um lugar muito bom, uma clínica ótima e foi tudo muito tranquilo no final das contas. Fui com meu amigo e sai andando no mesmo dia. Mas imediatamente fiquei pensando: “Caralho, imagina se não tivesse essa condição! Teria que ter esse filho! Quantas mulheres não passam por isso que estou passando agora, mas não podem tirar, precisam ter, porque não têm alternativa. E às vezes é só um engano ou a camisinha estourou, aconteceu alguma coisa...” Meu caso foi muito mais grave na minha concepção. Muito peculiar porque acho que a maioria das mulheres que querem ter um filho, não tira depois...

Muita coisa mudou porque foi uma crise de identidade absoluta! A princípio disse para ele que tinha perdido, mas não sustentei isso por muito tempo, não achava certo... Ele era muçulmano e ficou com muito ódio! Queria me matar! Chegou a ameaçar me jogar da escada da moradia da Unicamp!

Mas as loucuras da minha vida não pararam aí... Na época, um amigo diplomata estava fazendo seu primeiro posto na Nicarágua! Não pensei duas vezes... Fui para lá! Fiquei três meses na casa do Carlito, um cara que eu era um pouco a fim, mas que também nunca quis nada comigo para variar... Foi ótimo porque ele morava numa casa bacana, tinha um motorista que me levava para o clube e lá eu ficava tomando sol, pensando na vida e nadando, coisa que adoro desde pequena. É o único esporte que eu consigo fazer e a coisa que mais gosto na vida! Foi algo surreal!

Aquele foi um momento de muita reflexão porque eu tinha literalmente entrado nessa pira do amor! Acreditava nesse amor! Depois percebi que, na verdade, não amava esse cara porque não tinha com ele uma relação de companheirismo... Ele fazia parte do meu cotidiano porque tinha ido morar na minha casa, mas não havia uma troca de verdade.

Ele dizia que me amava, mas eram só palavras... Que acreditei porque, no fundo, queria tanto amar que quando encontrei alguém que dizia que me amava, acreditei completamente!

Depois do aborto ainda fiquei um bom tempo pensando em tudo isso, até porque ele fez uma chantagem emocional comigo absurda! Eu ouvia aquilo e chorava desesperadamente! Os dias que passei em Campinas, ao mesmo tempo em que ele queria me matar, a gente conversava e ele com muita raiva, piorada pela religião dele, que dizia que essa era uma coisa que não se pode fazer, tirar uma criança! Ele falava que eu seria infeliz pelo resto da vida, que nunca mais teria filhos, seria uma solteirona e tinha feito uma coisa contra tudo, acabado com um grande amor... Essas coisas foram muito duras de se ouvir e ecoaram ainda por muito tempo!

Ano passado ele entrou em contato comigo pelo Facebook e acabamos nos encontrando numa ocasião em que fui fazer uma apresentação na Unicamp. Foi muito legal porque quando conversamos ele contou que conheceu outra mulher, ela engravidou e ele conseguiu o visto. Continua sem grana e sem casa, morando com a mãe dela, mas disse que vai casar um dia... Foi aí que caiu a ficha! Entendi que se não tivesse sido como foi, hoje eu é que estaria na casa da minha mãe, vivendo essa situação. Felizmente, passei por essa ileso!

Outra mudança importante teve a ver com esse medo... Comecei a ter vontade de levar mais a sério as coisas da vida, de me comprometer mais comigo mesma e tentar me encontrar. Mas foi uma fase de muita melancolia, um sentimento que está acabando só agora... Sempre tive e continuo tendo muitos amigos, mas essa foi uma batalha solitária. Cheguei a não acreditar mais no amor, pensava que não existia mais amor para mim, que esse era um assunto enterrado. Hoje penso diferente! Acredito que esse amor existe e vai aparecer em algum momento!

Agora estou gostando do meu cotidiano! Parei com a maconha e mesmo que tenha pequenas recaídas, tirei isso do meu cotidiano. Isso me tornou uma mulher mais bonita, consegui emagrecer e estou muito mais serena. Antes não conseguia emagrecer porque comia muito mais e, mesmo no trabalho, que tinha um lance legal com a maconha porque dava uma abertura, estou menos ansiosa. Tirar a maconha da minha história tem um significado importante porque foi como tirar uma muleta. Só parei quando soube

que estava grávida. Mesmo com o Mamadu, que era muçulmano, isso fazia parte. A única coisa que não aceitava era tirar o filho, mas o resto...

Essa foi uma grande mudança e me impressiona o quanto algo que você usa, que é exterior, pode te mudar tanto! A psicanálise é outro ponto que tem me ajudado muito, fui ficando mais independente. Apesar de tudo, de ter segurança para me jogar nas coisas, tinha um lado de insegurança que, de alguma maneira, ele conseguiu captar, assim como minhas culpas, e jogava muito com isso porque reconhecia meus pontos fracos. Por isso foi muito difícil! Agora começo a me sentir mais segura e entendo meu lugar no mundo.

Para meus pais, virar acadêmica sempre foi algo questionável porque não tinha um trabalho rápido e fixo. Por isso, paralelamente, fui tentando prestar outros concursos, o que de certa forma me desviou dos meus objetivos, mesmo que eu goste de estudar qualquer coisa... Estou começando a entender, nesse processo de autoconhecimento, que não é isso que eu quero e mesmo que não consiga realizar meu desejo e lá na frente olhe para trás e veja que não consegui ser o que gostaria, preciso ir a fundo nessa carreira que escolhi, já que estou no pós-doc. Esse pensamento me dá muito mais segurança do que sou e do que construí ao longo desse tempo todo.

A história com esse cara também tinha o lado de que ele não respeitava, nem valorizava minha trajetória, o que me colocava numa posição de desprezo em relação a mim mesma. Superar isso foi algo muito legal! Faço um trabalho do caralho, curto o que faço e quero que dê certo. Só que para isso tenho que trabalhar oito horas por dia e fazer esse negócio ficar bom de verdade! Ainda não está como quero, mas pode ficar. Tenho coisas a dizer e construí uma história!

A coisa do filho é algo que eu quero ter. Sou filha única e, como meus pais também são, sempre fui uma criança solitária, mas aprendi a ter o meu próprio mundo e a gostar dele. Adoro a solidão e vivo muito bem sozinha, mas não quero que seja sempre assim. Quero encontrar um amor, mas aquele de verdade, um cara legal, que tivesse a ver comigo, gostasse das coisas que eu gosto e ter uma história bacana. Hoje acredito que vai acabar rolando em algum momento. Tem que rolar!

Passei por tantas fases na minha vida... Tive momentos em que cheguei a me arrepender de ter feito o aborto. Mas, de fato, não me arrependo e sei que fiz a coisa mais certa que

poderia. Depois muitas coisas legais vieram... Fiz um trabalho de campo durante oito meses na Bolívia, algo impensável se estivesse grávida. No final o saldo foi positivo porque aquele não era o momento, nem o cara certo. Fico feliz de não ter dado continuidade a uma mentira...

Minha família é muito laica. Meu pai acha que quando a gente morre vai para debaixo da terra ser comido por bichinhos. Quando era mais nova, minha mãe teve problemas de convulsões, acho que até em função do trabalho extremamente burocrático que tinha na prefeitura. Ela tinha muitos desmaios e foi nessa época que ela foi para o candomblé. Ela me levava aos sábados e era tudo muito bonito! A gente ficava fazendo comida de santo, arrumando as coisas e era tudo branco, transmitia uma paz muito grande! A mãe de santo me abraçava e são momentos bonitos que trago na lembrança...

Naquele momento com o Mamadu, claro que tive medo! Ele conseguiu me colocar essa coisa de nunca mais poder ter filho, de ser punida por isso... Mas o medo do aborto era mais uma questão física, de passar por uma cirurgia e não algum temor religioso... A religião não era uma questão.

A loucura toda era o fato de ter tido vontade de ter um filho e depois ter tirado. Estava cometendo um crime, matando alguém que tinha desejado e feito existir. Isso era muito duro moral e eticamente. Isso era importante!

Acho que a mulher tem que se libertar dessas amarras. O lema “Meu corpo, minhas regras!” é bem claro nisso e sou bem dessa linha feminista. Queria ter sido mais feminista na minha história. É engraçado que quando tudo aconteceu, morava com uma mina do Pagu, que viu tudo isso de camarote! Nesse caso, não fui nada feminista, mas acho lindo o movimento!

Uma coisa engraçada foi quando me identifiquei de verdade com o feminismo... Estava no ônibus subindo a Rua Augusta e estava acontecendo uma manifestação onde as meninas falavam: “Sou mulher, maconheira e não sei mais o que...” Quase desci do ônibus e falei: “Gente, eu também sou!”. Parece bobo, mas existe uma série de exclusões pelas quais passamos. Eu mesma, uma menina que estudou tanto e passei por situações de violência! Já levei porrada de namorado, fui enganada por um cara, ou seja, a gente está muito sujeita a isso, independente de classe social ou qualquer outra coisa. Isso tem a ver com a nossa socialização, nosso papel... Há muitas formas de machismo e

essa que passei é uma delas. Muitos caras engravidam suas namoradas por outros motivos e exercem uma forma de controle sobre seus corpos querendo decidir o que a pessoa deve fazer. Mesmo que ele tenha participado do processo, tenha feito junto, é complicado porque acho que nosso corpo deve ser principalmente respeitado por nós mesmas.

Meu caso é diferente porque eu poderia não ter dado esse passo e nunca ter passado por isso. Não acho legal fazer um aborto porque é uma violência com você mesma. Mas cheguei nessa situação como muitas mulheres justamente por causa de todas essas formas de sujeição que nos colocamos nas relações com os homens. Na minha história isso é muito marcante porque sempre tive relações machistas e fui submissa aos homens. Provavelmente tem tudo a ver com a minha família e tantas outras coisas que foram determinantes para que eu chegasse justamente nesse homem. Minha história é igual a de muitas meninas que também foram submissas. E foi por um triz que não foi tudo diferente! Se não tivesse a oportunidade de fazer esse aborto, estaria vivendo outra vida. Não teria feito doutorado, estaria com essa criança na casa da minha mãe, onde esse cara, um traficante, apareceria de vez em quando e seria extremamente pesado!

Eu me identifico muito com as mulheres que passam por esse tipo de situação e sofrem violência que, na verdade, não são as acadêmicas. As mulheres que aparecem na televisão porque levaram porrada do marido são da periferia e me identifico com elas, temos algo em comum. A diferença é que tive dinheiro para fazer um aborto decente e não corri nenhum risco, o que nem sempre é a realidade das mulheres...

A situação muda completamente quando a gravidez rola em relações de amor e afeto. Nesses casos, acho que o homem tem direito de pelo menos ser ouvido. Se minha situação fosse essa, certamente teria o filho apesar de saber que tudo seria mais difícil. Se fosse uma coisa de amor e cumplicidade, encararia o que viesse pela frente. O cara até podia falar que não queria o filho e, nesse caso, poderíamos conversar e decidir juntos, afinal, fizemos tudo juntos.

Acho que minha história tem algo de extraordinário, mas menos do que poderia ter se eu não tivesse uma boa educação, estudado em bons colégios. Tive esses pulos, mas minha base era boa. Caso contrário, não ia conseguir e provavelmente estaria como minha amiga da adolescência, até hoje como caixa de supermercado. Minha família não

tinha tanta grana, mas meu pai tinha o suficiente para me proporcionar uma boa escola. Até os dez anos era a melhor aluna da classe e esse primeiro percurso foi decisivo para o desfecho. Por outro lado, estava escolhendo um caminho tão torto que tudo poderia mudar muito rapidamente e a história seria outra.

Acho que essa fase da infância foi muito importante e teve o ingrediente mágico que foi o contato e a relação com a minha avó. Todas aquelas tardes que passamos juntas ficaram na memória e fazem parte do que quero para mim, das coisas que dividimos juntas, como é o lance de escrever um livro, algo que está nos planos e, com certeza, vai ser uma realização de nós duas!

Fábia

A entrevista com Fábia fez parte do que poderia chamar de primeira rede da pesquisa. Rede esta iniciada com uma colega de trabalho que indicou um amigo que passara pela experiência do aborto com sua companheira. Este colaborador, por sua vez, mediu o

contato com Luara, também entrevistada durante a pesquisa. E foi Luara quem possibilitou o contato com Fábria.

Ambas trabalham juntas em um sindicato e as duas entrevistas aconteceram no seu local de trabalho. Isto é bastante significativo tanto pela questão do tempo, que se torna mais restrito, quanto pela evidência da aproximação com o universo da militância e da luta por direitos. Se bem que neste caso se referem aos direitos trabalhistas, trata-se de um grupo cuja percepção sobre direitos deve ser considerada no que diz respeito a suas experiências pessoais.

Nossa conversa durou pouco mais de uma hora e Fábria, bastante desenvolta na fala, contou sua história. A relação com sua mãe é importante para as reflexões que fez sobre sua trajetória, bem como a concepção sobre a maternidade. A experiência sobre o aborto se insere neste contexto de permanente questionamento sobre as responsabilidades sobre si e sobre os outros.

Foi uma entrevista de grande importância para a pesquisa, pois revela detalhes sobre a clandestinidade do aborto e os riscos a que se submetem inúmeras mulheres. Além disso, reforça a atenção que dedicamos ao aborto enquanto um fenômeno que não é exclusivo de um grupo de mulheres, atingindo as mais diversas classes sociais, etnias e graus de escolaridade.

Além disso, o contato com uma mulher convicta em suas decisões e pensamentos é sempre incremento para quem pretende falar sobre mulheres... A gratidão é sentimento que corresponde ao compartilhamento de experiências e ao respeito mútuo que garantiu a presença desta narrativa na pesquisa.

É importante deixar claro que não defendo o aborto! O melhor caminho é as pessoas tentarem se cuidar o suficiente para evitar chegar à opção do aborto.

Meu nome é Fábria, nasci no Rio de Janeiro e tenho 42 anos. Sou jornalista e me formei no Rio, numa faculdade particular. Comecei a estudar há relativamente pouco tempo e me formei há quatro anos, com 38 anos. Quando vim para São Paulo, estava muito

desgastada no meu trabalho e meu companheiro recebeu uma proposta para trabalhar aqui. Estávamos pensando em morar juntos na época e quando ele recebeu o convite, aceitei primeiro que ele! Ainda no Rio, fiz duas entrevistas de emprego num bate e volta de ônibus. Fazia a entrevista e voltava para casa. Na segunda fui contratada. Cheguei aqui num dia à meia-noite e no dia seguinte às nove horas da manhã comecei a trabalhar. Faz quatro anos que estou aqui!

Não posso dizer que gosto nem desgosto... Como vim num momento ruim lá, não cheguei com preconceito contra a cidade. Vim para aceitar o que a cidade tinha para me oferecer. É óbvio que a diferença cultural, apesar da proximidade, é muito grande, principalmente no que diz respeito ao calor humano. O pessoal de São Paulo é muito formal e senti um pouco porque estava numa cidade sem relações próximas, enquanto lá no meu cantinho sempre fui super paparicada pela família e pelos amigos... É diferente! Depois de quatro anos, esse foi o primeiro em que ganhei um bolo aqui no trabalho, o que é uma evolução com certeza! As coisas estão melhorando...

No Rio morava em Benfica, na zona norte e aqui moro no centro. Não posso negar que ganhei em qualidade de vida. No Rio, apesar de trabalhar relativamente perto, o trânsito era caótico! Chegava a gastar uma hora de deslocamento. E aqui gasto quinze minutos de caminhada...

Bem, para falar do início da minha história de vida, sou de uma origem bem humilde. Fui criada no Rio de Janeiro pela minha mãe, sem a presença de pai. Quando tinha uns 14 para 15 anos minha mãe conheceu um senhor que morou com ela durante alguns anos e desse relacionamento ela teve mais um filho. Mas na realidade nos somos três irmãos, de pais diferentes. Minha mãe sempre teve que trabalhar muito para poder cuidar dos filhos, então a minha relação com a maternidade sempre foi um pouco conflituosa por conta de ver o desgaste que minha mãe tinha que ter para cuidar dos filhos.

Minha mãe teve que ir para a rua trabalhar e quem cuidou da gente foi minha avó. Só que quando eu tinha 12 anos minha avó morreu, então eu que era a filha mais velha fiquei cuidando dos meus irmãos da forma que dava...

Meu padrasto era muito gente boa, tinha muito mais carinho por ele do que pelo meu próprio pai, porque meu pai não vejo desde que tinha 15 anos de idade! Meu padrasto também já morreu, mas a gente tinha uma relação muito positiva!

Desde sempre na minha vida, desde que me endento por gente, que comecei a entender de maternidade. Sempre dizia que não queria ter filho e trago isso até hoje. Não por uma imposição, porque eu adoro criança, me dou muito bem com as crianças, mas acho que é muita responsabilidade! Sempre pensei que não queria ter que me dar para ninguém tanto assim! Filho é algo que você vai ter que carregar para sempre e, quanto a mim, não estou disposta a esse tipo compromisso com ninguém.

Em alguns momentos fico me questionando se não seria um pouco de egoísmo... Mas é assim que sou. Não mudei nesse tempo todo. Quando via minhas amigas de infância preocupadas em ser mães, percebia que na minha cabeça aquilo não passava de jeito nenhum! Poderia vir a ser uma consequência da vida, poderia mudar de opinião a qualquer momento, inclusive hoje ainda penso que um dia posso acordar com o sentimento de maternidade fervilhando e dizendo que quero ser mãe, mas até agora não aconteceu...

Minha vida sexual também sempre esteve muito ligada a isso. Como eu tinha muito medo de ser mãe, via muita experiência de jovens que eram mães solteiras, que tinham suas primeiras relações e se deparavam com uma gravidez, percebia que não estava preparada para aquilo. Por isso, sempre me norteiei da seguinte forma: para ter minha primeira relação sexual, não posso mais ser dependente financeiramente da minha mãe, então precisaria estar trabalhando de carteira assinada, ter meu salário para poder bancar meus contraceptivos. Essa sempre foi a regra para mim e assim fui levando minha vida até que pude ter meu dinheiro para bancar meu anticoncepcional. Só então iniciei minha vida sexual mesmo.

Nessa época, tinha uns 19 anos. Eu achava muito engraçado porque todos os carinhos que eu namorava, os namoros eram ousados, a gente ia para motel e tudo! E eles sempre tinham paciência comigo... Sai com vários namorados, mas uma coisa era minha vida, sempre tive isso comigo de que não ia fazer nada para atender a necessidade de outra pessoa. Primeiro eu! Na hora que estiver preparada, vai acontecer!

É interessante que, mesmo com tudo isso, tive que pensar muito para lembrar como foi que engravidei... Na verdade, consegui apagar isso da minha cabeça. Não ficou como trauma ou peso algum... Acho que foi entre 26 e 27 anos. Eu tomava aquele anticoncepcional injetável. Um dia, não sei se estava desempregada na época e dependia do dinheiro do meu namorado... Sei que foi um dia de chuva muito forte! Estava na casa dele esperando, ele tinha ficado preso na casa dos filhos... Ele não chegou e passou do dia da injeção. Trinta dias depois eu estava grávida!

Quando descobri entrei num conflito imenso comigo mesma! “E agora? O que vou fazer da minha vida?” Não conseguia me imaginar mãe! Isso me fez bastante mal porque não queria ter passado por aquela situação... Ficava procurando dentro mim uma vontadesinha que fosse de levar aquela gravidez adiante, mas não encontrava e ficava mal... Era o único caminho que tinha, que minha consciência realmente aceitava. Se fosse para outro caminho seria uma coisa imposta pela sociedade.

Apesar de nunca ter sido religiosa, fui criada no catolicismo, então sou católica, mas não sou praticante. Mesmo assim, o peso da religião acaba vindo... Sempre ouvia minha mãe dizendo: “O que? Quando você ficar grávida, desde o momento que você ficar grávida, você se apaixona pela criança”... Meus deus, então eu sou uma mostra! Cadê esta paixão que não vem?

Aí fui procurar uma clínica, que não é nenhuma clínica... Na verdade, era um lugar que já tinha tido algumas umas batidas da polícia... Uma amiga tinha feito um aborto lá alguns anos atrás.

Sempre me informei sobre essas coisas, porque se precisasse eu sabia que iria recorrer ao aborto, mas de forma objetiva, procurando uma clínica para fazer a intervenção. Chás e mesmo o Citotec nunca foram coisas que passaram pela minha cabeça. Mas, quando descobri que estava grávida, compartilhei com a esposa de um primo e ela queria me levar num lugar para fazer o aborto. Mas, falou para antes tomar um chazinho... Não me lembro do que era, mas tomei o tal chá. Sei que depois que tomei comecei a vomitar sem parar! Me fez um mal terrível!

Engraçado que não tinha contado isso nem para minha melhor amiga. Só meu namorado sabia... Não sei por que contei para essa pessoa, de quem nem era tão íntima. Mas foi ela quem me levou num lugar onde seria o consultório médico que faria o aborto.

Quando chegamos, estava fechado. Acho que era porque estávamos em época de final de ano.

Morava ainda no Rio e lembro que foi justamente durante a festa de Natal que contei para minha melhor amiga. Ela falou: “Fá, sabia que estava acontecendo alguma coisa...” contei para ela o que tinha acontecido, chorei e disse que tinha tomado um chá. Ela me disse que chá não adiantava nada e, no final, foi ela quem me levou no mesmo lugar onde tinha feito um aborto tempos atrás.

Chegando lá, era uma casa rosa e estava totalmente fechada. Andamos pela rua e aquilo parecia mesmo uma cena de filme! Enquanto andávamos pela rua, passou alguém por nós e falou alguma coisa que não consegui compreender. Mas, minha amiga percebeu um cara falando alguma coisa. Paramos numa padaria e pedimos uma Coca-Cola. Ficamos olhando aquela casa toda fechada, quando alguém falou: “O endereço mudou”... Na verdade, tinha mudado de número e seguimos, então, para o número que o cara indicou. Era na mesma rua, mas tinha mudado para outra casa, que também estava quase toda fechada...

Quando finalmente encontrei o lugar, entrei... Tinha que fazer um exame e dizer de quantos meses estava a gestação. Eles, então, falam o preço. Se você fala a quantidade de meses errada nem sei em qual momento vão descobrir...

Por conta de uma batida policial, eles tinham mudado o processo. Primeiro você entrava neste lugar, que era um tipo de consultório, então eles te colocavam dentro de um táxi. Não podia ir acompanhada com quem estava junto até ali. Eu tinha ido com minha amiga e meu namorado, mas eles não podiam me acompanhar. No táxi, iam outras moças, exatamente quatro, que era para ocupar todas as vagas do carro. E seguiam para um lugar muito longe! A saída era no bairro de Bom Sucesso e ia para a Baixada Fluminense. Tenho certeza disso porque já tinha passado por aquele local. Só que na hora que estava no carro, ninguém sabia para onde estava indo. Os acompanhantes também não sabiam onde estavam te levando e não era possível sair dali.

Chegando lá, você entra em uma salinha, eles aplicam alguma coisa na sua veia e quando você acorda o negócio já aconteceu! Já estava sentada numa cadeira, não era nem ao menos uma cama! Era uma cadeira onde você retoma a consciência sem nem ao

menos saber o que foi feito. Aí você fica lá um tempinho para se recompor e chamam novamente o táxi para te levar embora...

As mesmas quatro pessoas... Mas, cada uma com um metabolismo e uma reação diferente! Algumas iam acordando mais grogues, outras menos... Lembro bem de uma menina que chorava tanto! Desesperadamente! Enquanto outra falava: “Não chora não... Isso não é nada... Já é a terceira vez que estou aqui...”. E eu falava: “Não chora não, mas não venha pra cá três vezes...” Era uma forma de amenizar aquilo tudo e ficávamos conversando. Uma com tanta naturalidade, aquilo era só mais um e, provavelmente, depois de algum tempo estaria ali de novo. Enquanto a outra se sentia muito mal por ter feito, mas já tinha acontecido...

Eu também me senti mal! Principalmente porque me senti irresponsável! Passar por aquilo não era uma coisa legal definitivamente! Continuava não querendo ter filhos, mas não me arrependia pelo que tinha feito. Certamente preferia não ter passado por aquilo e não acho normal ou corriqueiro. É algo que faz mal para você! Independente da vida que tem dentro de você, se já tem vida, se ainda não tem, mas faz mal para você! É algo muito arriscado que pode ter consequências, tem risco de morte...

Mas depois daquela conversa, a menina foi se tranquilizando. Éramos nós quatro naquele carro, mas e nos outros carros como estariam as meninas? Afinal, quando saímos, acho que foram uns três táxis... É um fluxo bem grande! E nesse tempo outros tantos deveriam estar saindo de lá...

Quando entramos novamente no carro, não podíamos dormir. O motorista ficava falando que não podia dormir porque se ele fosse parado como iria explicar as quatro meninas ali apagadas? Então tínhamos que ficar atentas.

Na volta, as pessoas que ficaram esperando também estavam numa angústia muito grande porque não sabiam onde fomos e tampouco se daria tudo certo... Por fim, receitaram um anti-inflamatório ou algo do tipo. Sei que tive que passar na farmácia, comprar uns remedinhos e, pronto, acabou! A relação deles com você acaba ali.

Isso deve ter acontecido em algum dia de semana, uma quarta ou quinta-feira. Só sei que no sábado terminei com o namorado. Sobre a decisão do aborto, da parte dele era indiferente. Se eu resolvesse ter o filho, ele apoiaria.

Fiquei muito mal com tudo isso... Ainda mais porque durante muito tempo, mais de dez anos, eu tive um tipo de paranoia de que todo mês eu achava que estava grávida! Quando via alguma grávida na rua, já pensava que eu também estava. A mesma coisa quando via alguma reportagem sobre gravidez. Chorava, chorava pensando: “Estou grávida! E agora, o que vai ser da minha vida?!” Para ter uma ideia, cheguei a fazer ultrassonografia menstruada! E olha que sempre tomei o anticoncepcional certinho! Essa minha amiga que me acompanhou falava: “Você precisa se tratar, porque isso não é normal! Você não pode ficar me enchendo todo mês com essa neurose!”.

Meu namorado da época, com quem fiquei por mais de um ano, imagine quantas vezes passou por essa situação! Todo mês eu chorava e ele me dizia: “Você não quer ir lá falar com a Roberta?”. Nem ele mesmo dava conta! Quando fizemos os exames e eu realmente estava grávida, ele achava que era só mais um exame que me levava para fazer e que, como sempre, não daria em nada... Quando veio o resultado positivo, ele falou que se eu quisesse ter, tudo bem, e não seria ele quem iria impor qualquer coisa.

Mas eu estava em um momento no meu trabalho em que pensava que uma gravidez só iria atrapalhar. Além disso, eu gostava dele, mas não passava disso... Não me via num relacionamento com ele para sempre. E criar um filho sozinha não era um plano. Eu via toda a dificuldade da minha mãe para cuidar de nós! Por isso não levanto bandeira de ser mãe solteira, acho muito difícil! E não via um futuro para ser compartilhado com ele. Então, seria muito difícil me convencer a ter um filho.

Por isso digo que a decisão foi minha. Não o consultei ou perguntei o que achava, decidi e pronto. Da parte dele também não devia estar muito interessado em ter filho porque não tentou me fazer mudar de ideia. Sem contar que ele já tinha um filho. Em momento algum tentou me forçar a fazer alguma coisa e quando falei de terminarmos, tanto ele quanto minha amiga acharam que era porque eu estava emocionalmente abalada. Para mim ficou claro que nossa relação era tão frágil que cheguei a fazer o aborto porque não via um futuro... E se não via futuro por que ficar perdendo meu tempo e o dele? Eles achavam que teria volta, mas assim ficou... Ainda somos amigos e nos vemos de vez em quando, mas só isso...

Não fiquei remoendo isso. Meus conflitos acabaram no momento em que fiz o procedimento, já que tinha deixado chegar naquele ponto... Não fiquei com trauma e

nunca tive problema para falar sobre isso. Algumas primas, com quem sou muito ligada, também souberam. Uma delas que é testemunha de Jeová estava estudando a bíblia... Ela me deu um panfletinho, mas eu já tinha feito o aborto. Ela insistiu e concordei em ler, mas deixei claro que isso não me faria mudar de ideia se tivesse lido antes.

Minha mãe não sabe – pelo menos até agora. Talvez fique sabendo qualquer dia desses... Ela andou me irritando e estou querendo falar umas coisas para ela. Talvez ela veja que não sabe tanto da minha vida assim como pensa...

Minha responsabilidade com meus irmãos nunca foi um peso para mim porque minha mãe sempre foi muito presente. Mas é verdade que ela sempre teve que trabalhar muito e ainda cuidar da gente. Ela trabalhava como empregada doméstica, depois como auxiliar de serviços gerais ou copeira em hospital. Todos trabalhos muito desgastantes! Quando chegava em casa, ela ainda tinha que fazer o trabalho de casa, deixar comida pronta para a gente e, para deixar tudo arrumadinho, ficava até altas horas! Aos poucos minha ficha foi caindo e percebi que podia contribuir um pouco mais com ela... Comecei cuidando um pouco da casa, ajeitando algumas coisas em relação aos meninos.

Sem contar que minha mãe ainda cuidou de três sobrinhos, mas quando minha avó ainda era viva e tinha com quem dividir a responsabilidade. Ela podia trabalhar porque minha avó estava ali tomando conta da gente. Depois que a avó faleceu, fomos morar sozinhos, mas ainda assim minha mãe continuou cuidando de um dos sobrinhos. Ela sempre se esforçou muito para dar uma boa educação para todos nós, pagava colégio para que não estudássemos em escola pública e isso significava ficar muitas horas fora de casa.

Como ela sempre trabalhou, nossa relação acabou sendo um pouco distante. Não posso dizer que somos próximas... Confesso que é até difícil dar um abraço na minha mãe... Sou carinhosa com todo mundo, abraço todo mundo, mas quando chega minha mãe e vou abraça-la, sinto que fico dura! Já com meus irmãos a relação foi melhor. Acho que no caso deles, por mais que ela tenha tido que trabalhar, os tempos eram outros... A diferença de idade entre mim e meus irmãos é considerável. Sou a mais velha e a diferença para meu irmão do meio é de seis anos. Quando estava com quase 15, nasceu o caçula. Isso significa momentos diferentes também na vida da minha mãe,

principalmente com relação ao meu irmão mais novo. Na época eu já trabalhava e tinha como ajudar em casa, então ela conseguia dar um pouco mais de atenção para ele.

Interessante que sempre me achei mais adulta que minha mãe... Quando ela engravidou do meu irmão menor, achei aquilo um absurdo! Como era possível engravidar numa situação dessas, sem ter condições? Eu me achava a dona da verdade! Ainda mais porque era adolescente, então já viu!

Um dia, conversando com uma senhora, ela me disse: “Quem é você para definir se sua mãe tem ou não idade para ter outro filho?”. Aí a ficha caiu...

Mas quando ela chegou da maternidade, eu nem olhava para eles... Se ela estava em um cômodo, eu ia para outro. Uma coisa bem chatinha mesmo! Lembro que ela veio com meu irmãozinho no colo e disse: “Oh, maninha, você não quer olhar para mim?”... Tudo bem vai... Dei uma olhadinha...

Para mim aquilo parecia uma passividade para enfrentar a vida, achando que tudo é coisa de deus. Talvez tivesse a ver com grau de educação, o que criava um certo distanciamento em relação a ela. Mas isso é algo muito meu, porque sinto que ela nem consegue perceber. Nossa relação não chega a ser fria, talvez seja da minha parte essa dificuldade, porque para ela é algo tranquilo.

Quando digo que ela está me irritando e que uma hora ela vai saber coisas que não imagina que eu fiz, como o aborto, é porque normalmente sou uma pessoa muito ponderada e dificilmente tomo iniciativas em momento de nervosismo. Se não fosse isso, alguns dias atrás, quando estava realmente irritada, teria falado coisas desnecessárias e até magoado ela.

Não que ache que esse assunto seja sem importância e quando tiver oportunidade vou falar. Na minha família, sou uma das que se sobressai da realidade daquele mundinho em que todo mundo convive. Para eles é como se eu fosse a certinha. Isso mostra que depende muito do que se entende por certinha... Continuo me vendo assim, mas talvez se algumas pessoas tiverem conhecimento dessa minha experiência, cairia um pouco essa ideia. Até porque eu divido muito pouco meus problemas pessoais com o pessoal da minha família. Na verdade, mais absorvo as situações e problemas dos outros do que o contrário. Além do que dificilmente a opinião deles vai mudar o que estou pensando e

só criaria situações de angústia, que os deixariam mal, criando verdadeiros conflitos entre nós por defender minhas posturas, o que eu penso sobre as coisas. Acho que não vale a pena levantar certas bandeiras que só levariam a brigas. Penso que as discussões devem ser feitas de forma positiva, não simplesmente para dizer o que eu faço ou penso.

Meus valores morais, por ser um pouco diferentes dos deles, faz com que se sintam à vontade para dividir muitas coisas comigo. Eles sabem que não terão somente alguém para criticá-los. E ainda que precise criticar e colocar pontos diferentes, sempre é de forma cordial, tentando entender o lado do outro. Acho que isso favorece que quando eles tenham algum problema, venham falar comigo para buscar uma palavra, algum apoio...

Uma das maneiras de quebrar o gelo entre a gente da parte da minha mãe foi dar meu irmão mais novo, o Caio, para batizar. Ele é meu afilhado e, de vez em quando, fica metendo os pés pelas mãos, fazendo um monte de besteiras por aí... Mas, então ele vem e fala que está precisando conversar... Puxo a orelha dele, mas não daquela forma como se ele só estivesse errado. Procuro conversar e entender que cada um tem seu momento e a hora da maturidade vai chegar para todos.

Apesar do aborto não ter sido um problema traumático, lidar com o corpo depois é estranho... Quando sai de lá e fui ao banheiro pela primeira vez, notei um monte de algodão ou algo do tipo e tive que tirar aquela coisa nojenta! Mas com relação aos medicamentos, algo para combater a febre caso tivesse – e acho que nem tive – não teve problema nenhum. Quando fui ao ginecologista, creio que antecipei minha consulta, mas não lembro muitos detalhes, contei o que tinha feito, ele fez os exames necessários e estava tudo bem! Nem lembro como foi a consulta e certamente não era um médico que me acompanhava, mas não percebi nenhuma atitude diferente, não que me chamasse a atenção...

Teve uma outra situação em que fiz o exame, porque minha paranoia continuava, e deu positivo!!! Na época, estava num relacionamento muito intenso, o cara me pediu em casamento e tudo! Ele era separado e, de repente, de um dia para o outro, voltou com a mulher dele... No meio disso tudo, fiz esse exame e ele me acompanhou na consulta médica. Levei o resultado positivo que acho que tinha feito em um laboratório qualquer, e o médico me olhou e disse que eu estava grávida! Quando ele viu minha reação,

perguntou se eu não queria ter e quando disse que não, ele disse para, então, eu tentar ver o que faria porque estava grávida... Só que não era um ginecologista. Tinha marcado no auto-atendimento. Não satisfeita, marquei a consulta com um ginecologista mesmo e quando me pediu os exames viu que não estava grávida coisa nenhuma! Era loucura da minha cabeça!

Isso foi bastante tempo depois do aborto, mas minha neura era tão grande, que conseguia alterar até o resultado do exame! Olha que maluquice! Deve ter algo a ver com meu emocional... Mas, dessa vez foi só um alarme falso... Tão falso quanto esse meu companheiro! Tanto que nem sei como foi de verdade a reação dele... Esse relacionamento não foi adiante porque felizmente a ficha caiu que era aquele tipo de pessoa que cria um personagem para te agradar... Talvez tenha sido um divisor de águas, mas tem umas coisas que eu prefiro deletar... O esquecimento também faz parte da memória... Talvez tenha sido providencial para sair dessa relação.

Depois de ter vivido essa experiência do aborto, o que me chama atenção é a forma como algumas pessoas tratam o assunto como se fosse uma banalidade! Não é legal e não é banalidade! O que me toca é como a coisa é explorada. Acho que isso tem que ser passado de que todas as mulheres têm que ter direito sobre o seu corpo. Isso significa definir pela maternidade ou interrompê-la. Isso é um direito nosso! Não deveria depender de ninguém! Por ter feito a opção de não ter filhos, sou muito criticada. As pessoas esperam que, por ser mulher, tenho que querer ter filhos e não conseguem compreender o contrário. Dizem que eu seria uma mãe maravilhosa porque me dou bem com crianças...

Meu marido tem três filhos de mães diferentes: uma menina de sete, um menino de onze e outro de treze. O mais velho vai para a minha casa passar as férias e isso só começou a acontecer por conta do meu relacionamento com o pai, que resistia muito. Nunca combinei isso com as mães, mas meu marido já colocou no cronograma dele. Sempre tive essa preocupação porque sei o quanto foi difícil para minha mãe cuidar de três filhos e nunca ter tempo para ela. Então penso que se 365 dias ficam com a mãe, qual o problema de ficar quinze dias com a gente? Mas não aceito só quinze dias, tem que ser trinta! Ele fala que a gente acaba não tirando férias, mas faço questão de lembrar que as mães ficam com as crianças o tempo todo! As pessoas fazem comparações e falam que

eu tenho muita dedicação e me doo de verdade. Mas, sempre lembro para as crianças mesmo que eles até podem me irritar, mas não vão me tirar do sério porque vai chegar o dia de devolvê-los para as mães, então não tem problema, podem fazer o que quiserem... Nessas horas, vou na folhinha, respiro e conto os dias, é até engraçado... Para mim não funciona... Pensar em ser responsável pelas criaturinhas a vida toda! Não só durante, 30, 60 dias... Ano que vem eles voltam e não vejo problema nenhum, mas eu devolvo...

Por isso, as pessoas precisam ter consciência do que é ser mãe, tanto para fazer um aborto quanto para manter uma gravidez. Você se torna responsável por uma vida e não só enquanto a criança está na sua barriga, nem tampouco enquanto é bebezinha. A responsabilidade com aquele ser é para a vida toda e isso tem que ser levado em consideração! A pessoa tem que ter educação, não basta conseguir trabalhar e alimentar seu filho de uma forma mais ou menos precária. É preciso pensar que tem que educar para este mundo que está aí! Por mais que você se doe, nem sempre é suficiente. Às vezes é preciso compreender a criança, assim como repreender o adulto que ela vai se tornar...

É importante deixar claro que não defendo o aborto! Porque engravidou, vai lá e tira. Acho que as pessoas têm que se cuidar para não precisar chegar a um aborto. É um processo muito invasivo para a mulher, tanto quanto ficar grávida e levar a gestação até o final. Traz consequências que vão além de ficar emocionalmente abalada, a mulher fica numa situação delicada... A hora do parto é um momento em que a mulher corre risco de morte e o aborto é um procedimento invasivo, agressivo. O melhor caminho é as pessoas tentarem se cuidar o suficiente para evitar chegar à opção do aborto.

Mas ter ou não um filho é um direito da mulher. Definir se vai ou não fazer um aborto é um direito da mulher que nem passa pela opinião do homem porque quem vai levar a gravidez ou não é a mulher. O companheiro pode ser consultado, mas a decisão final, quem tem o direito e deveria ser sempre a dona da situação é a mulher. Porque quando opta pela gravidez, quem vai gestar o filho por nove meses é ela.

Acho importante descriminalizar este processo porque, na prática, quem tem dinheiro e consegue fazer, esconde que faz... Pior ainda é que muitas vezes aponta o dedo para quem torna público que está fazendo. E isto mata! O aborto é criminalizado e isso mata muitas mulheres. Mudar este quadro é fundamental!

Valéria

Quando comecei esta pesquisa, ainda não tinha em mente acionar pessoas do meu convívio, algo que percebi extremamente importante e que me levou a conversar com algumas, o que não foi fácil.

Contudo, o entendimento do alcance coletivo do estudo, sensibilizou esta colaboradora que, mais que isso, é uma grande amiga!

Sua história, que pensei conhecer, era tão especial que a considero uma das mais significativas deste enredo de narrativas.

Evidentemente, o anonimato será levado a termo. O que fica é o compartilhamento que, entre nós, sempre esteve presente e espero que continue sendo motivo de respaldo afetivo e intelectual. Mais que isso, de confiança...

Para mim foi um momento de muito sofrimento! Apesar dessa dor, posso dizer que não me arrependi... Mas também não sei se quase não morri...

Nasci em Jundiaí, onde fui criada e moro até hoje. Na verdade, saí da cidade só o tempo em que fiz faculdade na USP, quando fui morar em São Paulo, um tempo de cinco ou seis anos. Voltei porque passei num concurso público.

Em Jundiaí sempre morei na mesma casa. Uma casa própria que fica num bairro bem legal, bem localizada. Minha casa era em frente a uma pracinha e minha infância é muito saudosista porque naquela época não tinha ainda certas preocupações com a violência urbana como agora. A gente brincava na rua sem problema nenhum, eu tinha muitos amigos e amigas...

Sou a caçula de três irmãs... Nossa diferença de idade é de dois anos para cada uma. Hoje tenho 32... Sempre moramos na mesma casa, mas agora somos só eu e minha mãe, porque minhas irmãs são casadas e moram com os maridos. Sou a única que não casei, ainda, mas tenho um namorado e pretendemos nos casar.

Meus pais se separaram quando eu tinha uns dez anos mais ou menos. Apesar de novinha, eu achei ótimo, pois como eles brigavam bastante, a separação foi algo bom. O casamento já estava péssimo, então lembro que não senti nenhuma tristeza, pelo contrário. Acho que foi bom para eles e para nós, que sofriamos com as brigas deles! Logo depois meu pai se casou novamente e agora tenho um irmão de 19 anos por parte de pai.

Minha relação com meu pai sempre foi muito próxima mesmo depois da separação! Ele pegava a gente aos finais de semana e, inclusive, nos demos muito bem com sua esposa e a família dela. Íamos sempre à casa da sogra dele almoçar de domingo! Agora estamos mais distantes, mas por conta do tempo mesmo, pois a vida é uma correria! De qualquer forma, continuo vendo sempre que posso meu pai, meu irmão, temos uma relação bem legal! Minha mãe não se casou novamente, ela teve vários namorados e agora está com alguém há uns cinco anos, mas não concretizou casamento, só namoros mesmo...

Sempre estudei em escola pública, mas mudei de escola quando fui para o Ensino Médio. As duas escolas eram próximas de casa, então sempre fui e voltei a pé, o que era bacana, porque ia com os colegas... Nunca fui muito estudiosa e era até um pouco “bagunceirinha”... O que é uma contradição engraçada, já que hoje sou muito estudiosa.

No terceiro ano do Ensino Médio “tomei juízo do nada”! Quando vi que queria fazer uma universidade e que teria que ser pública, porque não tinha dinheiro para pagar uma particular, que era muito cara - além de que não existiam programas governamentais como agora - comecei a fazer cursinho pré-vestibular ao terminar o Ensino Médio... Na época não era tão caro como agora e ainda consegui uma bolsa de desconto na mensalidade, que já ajudava bastante! Meu pai e minha mãe dividiam o valor da mensalidade e eu fazia o cursinho à tarde, mas acordava às sete da manhã para ficar estudando para o vestibular e de noite lia os livros de literatura que iam cair nas provas... Fui muito responsável, pois hoje vemos jovens que estão no ensino médio e que não têm essa preocupação de estudo, se não existir um incentivo familiar. Lembro que na época fui eu que organizei tudo: procurei o cursinho, fiz a prova de bolsa, pedi a ajuda financeira aos meus pais, depois fui atrás de isenção nas provas dos vestibulares, e me dediquei muito aos estudos para passar nas provas.

Inicialmente, prestei Geologia... Em 2001 passei na UNESP de Rio Claro. Quando fui fazer a matrícula, lembro que meu pai me levou no primeiro dia e já fui procurar uma república para morar. Lá o aluguel era barato e o custo de vida da cidade era muito baixo, o que foi excelente! Morei com três garotas numa casa simples, sem luxo, mas lembro que era realmente muito barato! A faculdade lá era muito bacana e linda! A cidade pequena, com muitos estudantes e tinha festas de quinta-feira, o que era muito legal! Comecei a participar das festas e foi a primeira vez que bebi bebida alcoólica, como cerveja e drinks. Chamo a atenção para esse fato, porque hoje também vemos a juventude começar a beber muito antes...

Tudo estava bem, mas não gostei muito do curso... As disciplinas não eram “a minha cara”. Foi quando uma amiga comentou que estava aberto o processo de transferência para Geografia na USP e como tinha comentado que não estava gostando do curso e curti Geografia, fiz a inscrição nesse processo. Lembro que tinha duas fases: a primeira era pela Fuvest e a outra tinha que fazer uma prova dissertativa. Foi aí que li autores da Geografia pela primeira vez.

Dei uma lida e deu certo! Meu pai que me trouxe dessa vez também, para fazer a prova e para fazer a matrícula. Lembro que tinha que encaixar três disciplinas que tinha feito em Geologia com as da Geografia para poder fazer a transferência. Na época a diretora

do departamento olhou meu currículo e, sem muita burocracia, selecionou algumas! Estava dentro! Então, em 2002, vim para a USP!

Minha primeira experiência sexual foi com 16 anos... Hoje, penso que era muito nova, uma criança ainda! Mas, era um pouco conservadora. Quando ficava com os meninos, não deixava ninguém “passar a mão em mim”. Só podia beijinhos! Um dia fui para uma chácara com uma amiga muito querida da escola e teve um churrasco... Lá conheci um mocinho que devia ter uns 20 anos e era muito lindooo! Foi chocante! Fiquei a primeira vez com esse carinho e aconteceu tudo! Antes não deixava acontecer nada com nenhum dos outros meninos... Com ele foi a minha primeira vez... Sem romantismo nenhum! Mas, não me arrependi...

Lembro que ele usou preservativo. Mas eu era muito consciente sobre gravidez, DST, essas coisas... Minha consciência vinha das revistas que a gente lia na época, *Capricho*, *Atrevida*, pro público adolescente, que não sei se eram semanais ou mensais, mas comprava todas! E o que eu sabia vinha daí, davam informações bem bacanas.

Depois tive um namorado que fiquei por cinco anos e ele era mais velho... Eu tinha 16 e ele uns 22 anos. Começamos a ter relações, claro, e sempre tive esse cuidado de usar camisinha... Lembro que depois da minha primeira relação fui ao ginecologista... Muito por causa das orientações dessas revistas, porque minha mãe e mesmo minhas irmãs, que eram mais velhas, não conversavam esses assuntos comigo... As revistas falavam que depois da primeira relação precisava fazer exame Papanicolau e marquei sozinha minha primeira consulta... Comecei a tomar pílula, mas como esquecia, passei para a injeção... Depois de um tempo voltei para a pílula...

Em São Paulo, já sabia que o aluguel era mais caro que em Rio Claro, então minha alternativa era o CRUSP, que é a moradia oferecida pela universidade aos alunos de baixa renda. Foi então que uma amiga, que conheci no primeiro dia de aula da Geografia e que hoje é muito querida, me levou para conhecer o apartamento de uma amiga dela que morava no CRUSP. Eu não sabia como era e achei o máximo porque muitas pessoas falavam mal do lugar, que era sujo, perigoso, essas coisas. Mas eram quartos individuais, com cama, armário, escrivaninha e tudo de graça pela universidade! Já quis uma vaga e realmente precisava!

Aqui inicialmente fiquei em alojamento do CRUSP, porque existe todo um processo com assistente social para conseguir a vaga, que deve demorar alguns meses. Na primeira semana de aula eu vinha de ônibus fretado de Jundiáí e depois fiquei no alojamento, que era um quarto coletivo, com umas dez pessoas, homens e mulheres, todos estudantes esperando sair o resultado da moradia. Quando saiu o resultado, consegui! Fui morar com um dos colegas de alojamento, que também conseguiu a vaga, e mais uma moça, fiquei ali durante cinco anos. Todos os moradores eram muito responsáveis, estudiosos, organizados, respeitosos, mas, no final eu já não aguentava mais! É um espaço pequeno, você pode ter uma geladeira, um micro-ondas, mas não tem muito conforto ou mesmo estrutura de estar perto de uma padaria, de uma farmácia, de um ponto de ônibus aos finais de semana...

Sempre voltava para a minha cidade de sexta-feira, às vezes até quinta-feira, quando conseguia concentrar as disciplinas, raramente ficava em São Paulo aos finais de semana. Não compensava ficar aqui porque gastava muito com a comida, saía mais caro que as passagens! Durante a semana, tinha uma bolsa alimentação, ou seja, podia comer sem pagar no restaurante universitário, o popular “bandejão”, mas também não queria “bandejar” no almoço e na janta, pois se tornava enjoativo, então acabava tendo gastos com a comida, mais os gastos das passagens de ônibus para ir e vir de Jundiáí, os gastos com xerox das leituras da disciplina, tudo era dividido entre meu pai e minha mãe, mas eu vivia mesmo bem apertada aqui. Além disso, não queria ficar pedindo muito dinheiro para eles todo mês, porque eles não tinham uma renda alta, então evitava os gastos tanto quanto podia...

Mas a mudança de curso foi tudo de bom! Adorei fazer Geografia. Senti um choque porque em Rio Claro era bem diferente! As pessoas aqui eram muito apressadas, então não tive um círculo de amigos como lá... Aqui, acabava a aula e todo mundo saía correndo! Eu fazia umas disciplinas de tarde e outras à noite... Apesar do choque, adorei o curso em si! E a cidade, eu também gostei muito, principalmente a parte cultural de museus, exposições. Na verdade, quase não saía da universidade, algumas vezes que saía era para esses passeios.

Quando vim pra São Paulo, tinha meu namorado de Jundiáí, então só nos víamos de fim de semana. Depois, acabei conhecendo um rapaz aqui muito legal que também morava

no CRUSP e como meu namoro lá já não estava “dando muito certo”, terminei o namoro... O rapaz daqui era muito bacana, mas depois de um tempo a gente brigava bastante por causa de ciúmes, mais da parte dele, e acabou não dando certo também...

Desde que entrei na faculdade, sempre procurei trabalhos. Já havia tentado “bolsas trabalho” oferecidas pela universidade desde o primeiro ano do curso, mas nunca consegui. Estágios, quase não tinham... Surgiu um projeto em Jundiáí, do Governo Estadual para trabalhar em um supletivo de final de semana, e comecei a trabalhar lá de sábado e domingo o dia todo, o que não ganhava muito, mas já ajudava no meu orçamento... Depois, aqui em São Paulo também trabalhei alguns meses em um bar famoso de rock, pegando os nomes das pessoas na entrada, que foi uma colega do CRUSP que me indicou. Foram os únicos trabalhos que tive durante a faculdade, mas sempre bicos... Eu precisava muito trabalhar!

Depois de brigas com meu namorado da época, acabamos terminando. Em uma festa acabei ficando com o meu atual namorado, que até então já era meu amigo... Foi com ele que tive a experiência do aborto... Nunca tinha pensado na gente como casal... Ele morava como hóspede no meu apartamento do CRUSP e acabou ficando por lá... Todo mundo sempre o adorou. Ele é uma pessoa muito legal, muito engraçado! A gente acabou ficando, mas bem depois dele já ser morador... E começamos a namorar.

Não sei quanto tempo depois de namoro, a gente já não estava tomando muitos cuidados com relação à gravidez... Como nas minhas relações anteriores, sempre esquecia de tomar o remédio, passava meses sem tomar e depois começava de novo, e com ele foi a mesma coisa, chegou um momento que parei de vez... Achava que não ia engravidar... Olha que idiota! De onde tirei essa ideia?!

Ficávamos naquele método do coito interrompido, até que um dia acabou acontecendo... Desconfiei porque a menstruação atrasou... A gente usava esse método e sempre passava... Bem irresponsável mesmo! Não cheguei a tomar nem a pílula do dia seguinte, porque estava naquelas de que não ia acontecer nada, totalmente despreocupada... Totalmente irresponsável! Diferente de quando eu tinha 16 anos!

Estava com 24 anos e quando desconfiamos lembro que nem quis fazer o teste de farmácia que, na época, falavam que era duvidoso. Fui direto ao hospital universitário e o resultado do exame de sangue foi positivo! O resultado saía no mesmo dia. Quando a

médica viu minha cara de decepção, até tentou dar uma força, dizendo que eu estava numa idade bacana e que poderia ser bom...

Meu namorado tinha ido comigo fazer o exame, mas ficou esperando lá fora... Quando saí e ele viu minha cara de decepção, fomos para longe das pessoas e eu chorei... Chorei, porque não queria ter um filho naquele momento. Já tinha até falado para ele que eu queria “tirar”, se fosse positivo o resultado...

Naquele mesmo momento falei isso novamente e ele não se contrapôs. Ele apoiou, porque também não queria... Não tínhamos condições financeiras! Os dois eram estudantes universitário, vivendo da renda dos pais... A gente já tinha ouvido falar daquele remédio Citotec e a questão era como arrumá-lo! Ele conversou com uns amigos da faculdade e um deles falou que conseguiria, porque trabalhava em hospital...

A gente pagou a quantia que ele pediu e pegamos o remédio... Fui tomar ele no CRUSP, porque não queria que ninguém da minha família soubesse! Lembro que ainda tomei um chá, feito por uma amiga, que me fez passar muito mal! Vomitei muito! Era um chá abortivo que, teoricamente, ajudaria, mas passei mal e vomitei muito! O remédio não fez nenhum efeito! Não sei se fiz errado, se o remédio era falso ou se deu errado porque vomitei, mas, enfim, não fez efeito... Não lembro nem se o remédio vinha em uma caixinha... Era tanta ansiedade! Não parecia algo falsificado quando compramos. Achei muito estranho não fazer nenhum efeito, nenhuma cólica, nada... Só fiquei vomitando, por causa do chá...

Então decidi que deveria contar para minha mãe... Teria que contar porque não queria mesmo ter um filho... E foi muito difícil arrumar esse dinheiro porque era caro e a gente vivia “muito duro”! Nessa época não estava mais nem com aqueles bicos, tinham acabado e era meu último ano de faculdade... Estava fazendo só a Licenciatura, sem emprego nenhum. O mesmo acontecia com meu namorado, que estava fazendo a faculdade aqui e a mãe dele que ajudava, mas sem conseguir estágios, nada.

A situação era realmente muito apertada financeiramente e decidimos que não era o momento. Contei para a minha mãe e disse que não queria ter um filho, essas coisas... Ela apoiou que eu abortasse, aliás, foi uma conhecida dela que arrumou outro remédio... Era o mesmo Citotec, mas dessa vez eu teria que tomar um via oral e o outro deveria inserir na vagina, coisa que não fiz da primeira vez...

Tivemos que pedir dinheiro emprestado, pois nem pra isso tínhamos dinheiro, imagine para ter um filho! Meu namorado pediu para o irmão dele, porque a gente não tinha, e eu falei para a minha mãe. Então, foram duas pessoas da família que ficaram sabendo, mas que não se opuseram. Pelo contrário! O irmão do meu namorado foi correndo no banco tirar o dinheiro e minha mãe ficou desesperada, dizendo que eu tinha que fazer isso mesmo... Dessa vez, acabei fazendo tudo em casa...

Foi uma experiência horrível! De muita dor! Imagino que seja como a dor do parto, não sei! A contração era tão forte que nem consigo explicar! Uma dor muito grande! E ainda solta o intestino, então ficava no banheiro o tempo todo com aquela dor, aquelas contrações, suando muito e saía sangue... Achei que fosse morrer! Foi tão, tão ruim que não gosto nem de lembrar!!!

O pior de tudo é que não acabou aí... Senti que não tinha acontecido completamente... Voltei para São Paulo e fui ao hospital universitário... Não tinha convênio médico e pensei que se fosse a algum hospital público na minha cidade, não seria bem atendida. No HU, por ser aluna, seria melhor atendida... Falei que estava grávida e tinha tido um sangramento durante a noite, aí me levaram para um ultrassom.

Fui atendida por duas médicas super legais, que falaram que eu não poderia mais usar calça jeans, me deram conselhos como se eu fosse ser mãe... Fiquei me sentindo mal, porque já sabia... Fizeram o ultrassom e viram o feto, ou embrião, tinha um mês, não sei como se fala... Enfim, viram que não tinha mais vida. Elas desconfiaram nessa hora que eu tinha provocado alguma coisa, até porque devem acontecer vários casos...

Mandaram-me para uma médica diferente, para fazer outro procedimento com outro aparelho, para ter certeza. Essa médica nem olhou na minha cara, eles ficam muito bravos com isso! Ela nem olhou para mim e falou: “Já tá morto mesmo”, e assinou um papel... Pensei até que teria que fazer um teatrinho, fingindo que não sabia, mas ninguém me perguntou nada... Tiraram suas próprias conclusões e estavam certos...

Como não saiu, teria que fazer aquela curetagem, então fui internada no mesmo dia para terminar o aborto. O procedimento era o mesmo que eu havia feito: tomar o Citotec e inserir na vagina, para ver se saía sozinho... Fiquei lá durante a noite, tinha muito sangramento e chorava muito! As pessoas mais legais eram as auxiliares de enfermagem, que me ajudavam a tomar banho e davam um apoio moral...

De repente veio um médico... O mais escroto dos médicos! Acho que é aquele que vai vendo todos os pacientes... Ele foi colocar o dedo na minha vagina, achei que ia fazer o exame de toque ou coisa assim... Mas estava tão dilatado que ele colocou a mão inteira! Tirou o feto, ou o embrião, e nesse momento eu fechei meus olhos... E ele queria porque queria me mostrar... Ele falava: “Olha aqui seu filho! Olha aqui!”. Eu não abri os olhos, não olhei... Mas ele queria me mostrar! Me senti violentada, apesar de ter cometido uma violência... Um lugar onde deveria ter gente preparada, Mas eles abominam quem faz isso...

Para mim foi um momento de muito sofrimento! Apesar dessa dor, posso dizer que não me arrependi... Mas também não sei se quase não morri...

Depois desse procedimento, só então fui fazer a tal curetagem, que é uma limpeza no útero. Tomei uma anestesia geral e apaguei. Não vi mais nada... Quando acordei, estava no quarto. Fiquei num quarto só para mim, porque era aluna da USP. Lá esperei durante um dia até me darem alta. Meu namorado foi me visitar...

Quando decidi fazer o aborto, achei que seria muito fácil! Que eu tomaria o remédio e sairia como uma menstruação. Não pensei que primeiramente não ia dar certo, que depois teria que tentar novamente e que fosse acontecer tudo isso! Pensei que ia sentir muita dor e ter que me internar no hospital, passar por esses olhares médicos, esses julgamentos, esse risco de vida... Foi uma experiência traumática!

É algo que não fico lembrando mais... Não me causou um trauma assim de ficar sonhando ou pensando nisso. Pelo contrário! Simplesmente apaguei um pouco da minha memória. Tanto que antes da entrevista eu nem lembrava exatamente quantos anos eu tinha... Procurei os papéis do hospital, que estavam guardados, para ter certeza. Tinha 24 anos e o período entre o exame de sangue e a curetagem deu exatamente um mês de gravidez...

Apesar de tudo, não me arrependi! O principal fator para fazer o aborto foi a questão financeira mesmo. Não era tão nova, mas ainda era sustentada pelos meus pais. Nenhum dos dois ganhava muito bem, que pudessem me ajudar realmente. Sei que um filho gera muito custo... Meu namorado também não trabalhava, era estudante universitário como eu... E também ninguém me incentivou, ninguém com quem conversei falou: “Não faz!”... Desde meu namorado, as poucas amigas com quem falei na época, minha mãe

minhas irmãs... Talvez se alguém tivesse falado alguma coisa, para eu não fazer, talvez fosse diferente...

Esse é um assunto que eu não falo com mais ninguém! Sempre tive o apoio do meu namorado, que falava: “A gente chama ele de novo depois, quando a gente puder...”. Com a minha família é um assunto que nunca mais toquei... Até hoje não contei para o meu pai...

Não verdade é um assunto que quando você não é engajada é diferente... Sei que tem mulheres que fizeram e são engajadas, estão na luta. Eu, pelo contrário, me calo. Mesmo no Facebook, a gente vê o pessoal compartilhando coisas pela descriminalização do aborto e eu sei a importância de tudo isso! Mas é um assunto que me calo, não me posiciono, exatamente porque fiz e sei que tem pessoas que condenam, me sinto julgada...

No meu caso tem pessoas que ficaram sabendo, mas que eu não queria que ficassem sabendo... Por exemplo, quando meu namorado teve que contar para o irmão dele, minha sogra ficou sabendo e contou para a cunhada. Minha irmã contou para o marido, que contou para outras pessoas... Sei que vários sabem e não concordaram, por isso, não me manifesto sobre o assunto...

Quando era criança, frequentava uma igreja presbiteriana, tipo protestante. Eu ia com meu pai... Não fui batizada quando nasci como se faz na igreja católica. Minha família não era católica. Hoje, não acredito em deus e não frequento nenhuma igreja. Mas deve fazer uns cinco anos que não acredito em deus... Não sei dizer exatamente onde foi o corte... Fico pensando... Existem tantas religiões, por que a cristã é a certa? Fico vendo absurdos que acontecem no mundo, o sofrimento das pessoas... Houve um corte que não sei dizer quando, mas não tenho essa crença. Quando tudo aconteceu acho que ainda tinha alguma crença, mas não muita a ponto de pedir ajuda a deus! É complicado...

Agora estou com 32 anos. Recentemente, de uns dois anos para cá, tenho sentido uma vontade, mas pequena, a ponto de ainda não saber ao certo, se quero ser mãe... Pode ser que eu seja mãe, mas não sei... Às vezes a gente vê uns bebês fofos e dá vontade, mas penso que é muito difícil ser mãe... Ainda não é um sonho... Quem sabe daqui uns anos, com tudo bem planejado...

Hoje em dia tomo anticoncepcional certinho. Depois do que aconteceu, fui a uma ginecologista até para saber se não tinha alguma complicação. Não contei que fiz o aborto, mas fiz o Papanicolau e deu normal... Desde aquela época não me descuido mais.

Minha vida sexual voltou ao normal... Mas, logo depois, ainda lembrava do assunto e chorava... De qualquer forma, posso dizer que consegui retomar tranquilamente minha vida. Inclusive, melhorei financeiramente, agora tenho um emprego estável... Não me arrependo do aborto, mas se tivesse acontecido em outro momento, não teria feito... Se eu ficasse grávida hoje, eu teria o filho, com certeza...

É importante dizer que o que falei foi em respeito ao que vejo de importante na pesquisa e ao fato de falar para alguém que me conhece. Se fosse diferente, não seria uma colaboradora. Afinal, falamos para quem nos ouve. E quando esta pessoa é de nossa convivência e respeito mútuo, é diferente.

Glória

Esta entrevista foi como um presente! Estava em momento de finalização do processo de registro dos relatos quando conheci *Glória* que, por questões éticas e pessoais, não

será identificada.

Conheci seu trabalho como profissional da saúde na área da Obstetrícia, campo de atuação e reflexão ainda em consolidação no Brasil, e me encantei com o universo da experiência do parto pelo viés da humanização.

Sabia, contudo, que este universo também envolve a experiência do aborto e foi durante conversas informais que lhe pedi que me concedesse uma entrevista. Seria de grande importância para o trabalho contar com o ponto de vista de um profissional da área da saúde.

A entrevista aconteceu na sala do Núcleo de Estudos em História Oral da USP no dia 21 de julho de 2016. Confesso que superou minhas expectativas e, além da doçura desta pessoa como ser humano, pude aprender inúmeras coisas acerca do trabalho de uma parteira, mas também sobre como funciona o corpo feminino e o quanto ainda estamos distantes de uma prática médica pautada pelo cuidado com o outro.

Só depois fui percebendo o quanto minha história se intercala com tudo isso! Na época não pensava que seria importante porque não queria que outras mulheres passassem pelo que passei... Hoje vejo que esse é um dos grandes motivos para continuar! Hoje essa profissão é muito minha vida... É o que me dá vida!

Nasci no interior de São Paulo onde vivi boa parte da minha vida, até entrar no curso de Obstetrícia na Universidade de São Paulo. Sou a caçula de três filhos dos meus pais e tenho um irmão por parte de pai, que nasceu antes dele casar com a minha mãe. Minha família é bastante tradicional e ligada à Igreja Católica, o que para mim nunca foi um problema. Sempre fui muito certinha, de seguir as regras. Achava que o mundo dava as condições e o que deveria fazer de bom em retribuição era seguir esse caminho.

Tive uma educação católica muito forte, com Catequese, Primeira Comunhão, Crisma... Minha mãe era religiosa, ministrava Eucaristia, fazia parte mesmo do movimento da igreja. Quando comecei a namorar, me deparei com situações inesperadas... Tinha

como concepção casar virgem - algo que me foi passado por essa educação -, mas isso foi mudando com o tempo.

Minha primeira experiência sexual foi com meu primeiro namorado, com quem estou até hoje... Quando comecei a ter relações tinha uns 16 anos, a gente usava camisinha, mas depois fomos relaxando... Foi tudo muito bacana porque foi no momento que eu quis. Já vínhamos num processo e foi algo gradual e natural. Meu namorado também era novo e tinha tido poucas experiências, então a gente foi se descobrindo junto, o que foi muito bacana!

Apesar disso, me sentia muito culpada até pela minha história com a religião. Ia à igreja e chorava, chorava! Apesar disso, nunca pensei na religião como uma coisa de controle... Na época já tinha rompido com algumas ideias como a confissão. Pensava: “Vou falar um monte de coisas e esse homem vai ficar sabendo da minha vida!” Então, era aquela coisa bem de criança que inventa pecado para não parecer que não está contando nada. E, claro, essas coisas sobre minha intimidade nunca fizeram parte disso. Quando fiz a Crisma, já namorava, mas não lembro se tinha tido relação sexual. A forma que arrumei para lidar com esses conflitos foi me afastando da igreja. Isso me ampliou a visão de mundo, o que tem um lado ruim porque me afasta da minha espiritualidade, mas me fez ter certa resistência sobre regras impostas e receitas prontas para a vida... Hoje sei que não quero isso para mim...

Comecei a trabalhar muito cedo! Com 12 anos cuidava de criança, depois fiz um curso técnico em informática. Procurava guardar dinheiro e meu sonho era comprar um carro e fazer faculdade! Sempre tive isso em mente! Mas os planos mudaram quando fiquei grávida ainda na adolescência, com 17 anos. É engraçado que naquela época me achava tão adulta e sábia sobre as coisas do mundo! Mas fazendo uma reflexão, vejo que não era bem assim...

Quando engravidei, a gente namorava há um ano e pouco. Eu tinha 17 e ele acabado de fazer 18 anos (mas com uma cabeça de dez)... Não sei se os homens amadurecem mais tarde ou se é a educação machista que está por trás disso, mas tanto ele quanto eu éramos bem “crianças”! Lembro que tinha marcado uma consulta com o ginecologista para começar a tomar pílula, mas minha menstruação atrasou e desconfiei... Na verdade, já estava grávida...

Fazia mais de um ano que trabalhava numa empresa e meu namorado, na época, estava desempregado. A parte mais difícil foi contar para as pessoas! Sempre gostei de acordar tarde, mas quando soube que estava grávida, mesmo sem ter feito exame, só por causa do atraso da menstruação e os sintomas, acordava cedo e, durante uns 20 dias, ia toda manhã para o quarto da minha mãe, pensando: “Hoje eu vou contar!”, mas não conseguia! Eu e meu namorado ficamos totalmente perdidos!

Mesmo assim, ele acabou contando para a mãe dele e foi todo um processo... Até que um dia ele me falou:

- O que você acha de fazer um aborto?

Respondi imediatamente:

- Se é assim pode ir embora! Eu me viro, me resolvo, não preciso de você! Não vou fazer isso!

Isso era algo muito claro para mim! Jamais faria um aborto! Tempos depois ele me contou que a mãe dele tinha feito essa proposta... No final, ele me pediu desculpas e a coisa caminhou... Isso não falo para ninguém, mas na época foi muito difícil! Viviam num mundo muito fechado e envolto pela religião... Esse foi meu primeiro contato pessoal com a questão do aborto. Um contato de resistência, mas não pelo lado bom e sim de repulsão, de quebra de confiança! Lógico que ouvia falar e sabia do que se tratava, mas era algo tão distante da minha vida que não fazia parte nem dos meus pensamentos. Mas naquele momento se tornou uma questão de decisão e escolha sobre o que fazer e o que bancar, seja qual fosse a decisão!

Depois que ele contou para a mãe, no primeiro final de semana que fui para a casa dela foi tudo tão ruim que nem tenho muito claro na memória! Sei que saímos de lá e fomos para a minha casa com a minha sogra junto, decididos a contar para a minha mãe. Acho que, no fundo, não daria conta de contar sozinha... Contamos... Foi um choque muito grande para todos!

Quando meu pai chegou, fizemos o mesmo e ele, muito conservador, vomitou a noite inteira, passou mal, foi parar no hospital! Um drama mexicano completo! Minha sogra teve uma fala que até hoje minha mãe carrega com ressentimento: “A gente encaixa essa criança em algum lugar.” Não conseguia nem olhar para a minha mãe... Mas sua reação

foi melhor do que pensei. Ela é uma pessoa muito boa de coração e, por mais que tenha ficado chocada, disse que a gente veria o que fosse melhor e talvez nem fosse o caso ficarmos juntos. Ainda fiquei um mês em casa e, nesse tempo, meu pai nem olhava na minha cara!

Tinha ainda o agravante de morar numa cidade relativamente pequena, onde todo mundo se conhece: “O que as pessoas vão pensar?” Mas foi assim que aconteceu. Confesso que o mais difícil nem foi aguentar meu pai bravo, mas saber que decepcionei minha mãe, que achava que eu casaria virgem, aquela história toda... Hoje parece meio bobo, mas é verdade!

No começo, meu namorado ficou na casa dos meus pais enquanto tentava arrumar um emprego. Nós dois tínhamos uma formação em técnico de informática e ele saía todo dia de manhã com o currículo, mas não encontrava nada! Até que um dia ele estava mexendo no computador, jogando alguma coisa, e meu irmão começou a brigar feio com ele! Acho que já tinha raiva pelo acontecido e foi a gota d’água para vermos que precisávamos arrumar nossa casa! Ele acabou arrumando um emprego e foi minha irmã quem teve que fazer o contrato do aluguel porque éramos muito novos! Meu namorado tinha 18 anos, mas não tinha renda. Finalmente, fomos para nossa casa. E aí a história começou de verdade!

Continuamos juntos e tivemos o filho... Casamos... Foi muito de repente que me vi grávida, casada e tendo que cuidar de uma casa, fazer comida, cuidar da roupa, tudo! Tive que usar meu dinheiro para outros planos... Foi muita coisa em pouco tempo! E todo mundo naquela educação machista de que a mulher tem que fazer tudo... Mas nunca foi assim comigo porque minha mãe, por mais que concordasse de alguma forma me superprotegia, então casei sem saber fazer nada desse trabalho doméstico! Isso também foi um processo de aprendizado!

Tive algumas brigas com meu marido porque ele chegou com a expectativa do que era ideal na cabeça dele de que tinha que ter almoço e janta com arroz, feijão, carne e legumes e ele reclamava porque eu só dormia. Poxa, estava grávida e estudando no último ano do técnico, com um monte de coisa acontecendo!

Um dia, quando estávamos com uns dois meses de casados, dei uma de “Amélia” e limpei a casa, fiz a janta e tudo mais... E foi ótimo! Ele chegou e logo depois veio um

amigo o chamando para ir ao cinema. Eu ia para a escola à noite e falei que ele não iria sair, afinal tinha feito a janta e tudo mais! Pois ele falou que ia chutar o pau da barraca e iria sim! Fiquei lá chorando de raiva e pensando que meu casamento não duraria dois meses! Fiquei com tanta, mas tanta raiva que nunca mais fiz isso de novo! E por isso mesmo foi ótimo! Tinha só 17 anos, era muito nova e havia cobrança de todos os lados! Fiquei uma semana sem olhar na cara dele, mas depois conversamos e as coisas foram se acertando. Mas dar uma de “Amélia”, nunca mais!

Minha gestação foi praticamente toda tranquila. Só no começo tive pressão alta, mas depois se normalizou. Queria muito parto normal e lembro que fui quatro vezes para o hospital com alarme falso, sem saber se era ou não trabalho de parto. Ia e voltava para casa! Não sabia de nada, não tinha informação nenhuma sobre o que aconteceria comigo e com meu corpo! Essa situação me ajudou hoje a ver a importância que isso tem para as mulheres...

Um dia, ficamos jogando até duas horas da manhã e comecei a sentir algumas dores, mas não falei nada porque já tinha ido tantas vezes ao hospital e não era nada, que preferi tomar um banho e deitar. Quando amanheceu chamei todo mundo porque era a hora!

Meu parto foi horrível! Exatamente por conta de não saber o que iria se passar... Isso vale para todas as situações, seja um processo de parto ou aborto, não saber o que vai acontecer com seu corpo, quais os sinais, o que está acontecendo, é ruim! Você não sabe o que esperar, até onde aquilo vai chegar... Fica totalmente perdida, vulnerável e com o emocional super abalado!

Quando cheguei ao hospital, estava com três centímetros de dilatação e fui para o pré-parto, onde começou aquele monte de intervenção! O pacote completo! O que chamamos de medicalização do parto, que envolve lavagem intestinal, tricotomia, que é cortar os pelos, tudo que se pode imaginar! Lembro que minha mãe me orientou a não contrariar os médicos para não ser maltratada... Pediu que ficasse tranquila e obedecesse! Isso ficou na minha cabeça e não falava absolutamente nada!

Fiquei sozinha porque no ano 2000, quando meu filho nasceu, ainda não existia a lei do acompanhante, que só veio em 2005. Só poderia ficar com a minha mãe se tivesse

menos de 18 anos, que tinha completado há um mês. E o que é um mês? Esses limites também não fazem sentido...

Fiquei umas quatro horas em trabalho de parto, o que pode parecer pouco, mas eles tacaram Oxitocina e um monte de coisas! Fui para a sala de parto e foi com direito a tudo: epísio, oxitocina a milhão, fórceps e com o médico falando: “Ano que vem você está aqui de novo!” Durante a gestação não quis saber o sexo do bebê, mas achava que era menino e queria muito que fosse, tanto que comprei tudo pensando nisso. Quando começou a nascer, o médico falou: “Acho que você errou! Acho que é uma menina!”. Para que fazer isso? Hoje penso que é algo simples, mas naquele momento não foi!

Fiquei a noite do trabalho de parto inteira sem dormir! Depois do parto, que foi extremamente cansativo, tive mais uma noite em claro porque meu bebê chorava sem parar! Estava muito frio e fiquei em alojamento conjunto com mais mulheres numa cama que era ao lado da janela. Colocava-o pertinho do meu corpo e ele ficava bem, mas morria de medo de dormir e rolar por cima dele! Ele chorou tanto que de manhã o rostinho estava até queimado de tanto frio! Quando fui trocar a primeira fralda foi um desastre! Coloquei do lado contrário porque não tinha ideia de como fazer! Estava esgotada e, como ele chorava muito o deixava no peito, pensando que era fome. Até que um médico passou por nós e, bem nesse momento, o bebê vomitou um pouco do leite. O médico olhou para mim e disse: “Mãe, tem que colocar o bebê para arrotar!”. Nossa, naquela hora comecei a chorar e só parei no fim da tarde! Levaram meu filho para fazer lavagem gástrica e eu simplesmente não conseguia parar de chorar!

Tive alta e mesmo em casa continuava chorando... Até que uma tia do meu marido fez um chá, umas rezas e melhorei... Aquilo foi muito ruim porque ficava desesperada pensando que não sabia cuidar do meu filho. O que faria com aquela criança do meu lado? A amamentação também foi bastante dolorida, mas o momento era todo complicado, tinha epísio infeccionando, nossa, várias coisas! Minha sogra também ficava com um monte de exigências, dizendo que a criança tinha que ganhar peso, essas coisas que sempre fazem parte... A experiência da maternidade foi muito difícil porque eu era muito criança!

Depois que passou a turbulência, as coisas mudaram. A infância com meu filho foi bem bacana, de muita descoberta, mas também de muita cobrança! Cobrança minha comigo

mesma, além a de outras pessoas e lugares. Como tinha ainda aquela ideia de que o mundo dava as regras e eu seguia, foi um período bem intenso! Mas no final o saldo foi bom! A infância dele foi bem tranquila e, mesmo em épocas em que trabalhei bastante, deu para curtir muito! Pelo menos até os seis anos, quando mudamos para São Paulo e as coisas mudaram um pouco com essa rotina maluca! Ele é muito carinhoso e dá atenção aos avós. Minha mãe cuidou dele um tempo para eu poder trabalhar, então eles tiveram uma relação muito forte! No final, sempre dá tudo certo e se aprendem coisas importantes numa situação como esta!

Tenho uma relação muito forte com a minha mãe e me identifico demais com ela! Ela tem muitas qualidades que gostaria de ter e admiro. É uma pessoa boa, que não consegue fazer mal a ninguém e isso independente de religião.

Hoje minha sogra é super apegada com meu filho e nos damos muito bem! Mas na época foi tenso! Entendo a posição dela porque, afinal, tinha um filho de 18 anos que teria uma criança, algo que ela não queria...

Foram muitas descobertas! Hoje meu filho tem 16 anos e está fora do país! Estou carente de filho nesse momento, mas não posso dizer que sofro com a preocupação... É saudade mesmo! Ele é muito parte de nossas vidas e nossa interação é muito gostosa e só agrega!

Na minha história, a questão do aborto bateu e voltou. Quando meu namorado falou, eu já tinha a resposta e estava preparada para bancar a decisão. Antes de tudo isso, pensava em ter filhos, mas não queria necessariamente ter um marido. Queria mesmo era morar sozinha num apartamento com meu filho e ter um namorado que fosse lá de vez em quando. Coisas de adolescente... Mas nunca tive a maternidade como um grande sonho. Mesmo assim, o aborto para mim era algo muito errado, uma coisa que não se faz e tinha isso para a vida!

Quando chegou o momento da faculdade, lembro que fiquei com o manual da Fuvest vendo o que queria fazer e minha dúvida era entre Psicologia e Obstetrícia. Minha mãe queria muito que eu fizesse Psicologia e acho que foi bem na época que percebi que precisava separar um pouco as coisas, colocar um limite entre o que era a vida dela e onde começava a minha. Talvez tenha escolhido Obstetrícia por conta disso...

Antes de começar esse curso, tinha outros planos... Na verdade queria Física Médica, que hoje vejo como uma completa loucura porque sou totalmente de Humanas e essa área é totalmente medicalizada e exata! Na ocasião, prestei quatro vestibulares: Medicina, que imaginava que não passaria; Ciência da Computação, que é outra coisa bem maluca; Física Médica, na Unicamp; e Obstetrícia na USP. Mas o que queria mesmo era Física Médica!

Meu marido, a época, estava trabalhando em São Paulo e fazia quatro meses que ele passava a semana inteira fora e só voltava de final de semana. Isso para mim estava horrível porque ele parecia mais uma visita, o que deixava nossa relação estranha. Não dava! Marido é para outras coisas! Por isso, combinamos que eu prestaria um curso em São Paulo e, caso não fosse chamada na Unicamp, mudaríamos para cá. Realmente não chamaram, nos mudamos e vim fazer Obstetrícia!

Já no primeiro dia de aula, um vídeo de parto natural! Saí de lá desesperada enquanto todo mundo falava que aquilo era lindo! Achava uma loucura! Com o tempo, fui vendo várias coisas e desconstruindo tantas outras, percebendo a complexidade de tudo isso... Mas até o segundo ano ainda pensava em desistir, acho que porque sentia muita falta da minha mãe... Acabei ficando e é engraçado olhar minha própria história e perceber como tudo foi se encaixando! Só depois fui percebendo o quanto minha história se intercala com tudo isso! Na época não pensava que seria importante porque não queria que outras mulheres passassem pelo que passei... Hoje vejo que esse é um dos grandes motivos para continuar! Hoje essa profissão é muito minha vida... É o que me dá vida!

Durante o curso aparecem muitas discussões sobre o direito de escolha da mulher, os direitos reprodutivos, inclusive a questão do aborto e como as mulheres morrem por conta disso. Também como nós precisamos conseguir atuar sem fazer julgamentos de valor entre o que é seu e o que é do outro. Por mais que não seja algo diário, é um tema que sempre volta à tona.

Nos estágios me deparei com a questão do aborto de forma muito forte. Era bem difícil porque as mulheres chegavam ao hospital em processo de abortamento, seja induzido ou não, e eram bem maltratadas pela equipe. Tenho claramente na memória um hospital em que chegamos para o estágio e havia uma mulher no canto chorando baixinho, sem incomodar ninguém, mas sem cessar aquele choro sofrido.

O pior é que ela estava, como todas as mulheres que chegam nesta situação, no “pré-parto”, onde outras mulheres estavam em trabalho de parto esperando os filhos nascerem. Não sei se aquela mulher passava por um aborto induzido, mas ela estava sendo tratada como se fosse. Não sei dizer se era também uma dificuldade das pessoas lidarem com aquela dor dela... Afinal, quando uma equipe se aproxima de uma pessoa acaba compartilhando sentimentos... O que sei é que ver aquela mulher deitada sozinha, chorando, em processo de abortamento, foi muito forte para mim!

Nesse hospital, as mulheres que passavam por curetagem e iam para a recuperação anestésica ficavam juntas das que acabaram de ter bebê. Esta questão do local parece ser mesmo uma punição! E até mesmo as mulheres que estão com a gestação mais avançada e acabam tendo óbito fetal ficam no mesmo espaço... Parece que o serviço é organizado segundo o procedimento e não de acordo com a necessidade das pessoas. Fala-se que a curetagem é feita na sala de cesariana e coisas do tipo, mas é essa que deveria ser a lógica do serviço?

Fora que as mulheres ficam muitas vezes esperando por horas o processo natural e mesmo entendendo que isso é o melhor para o corpo delas, são horas vendo outras mulheres entrando em trabalho de parto e saindo com os bebês. Fico imaginando como deve ser para elas! Fora os maus tratos!

Quando se chega num hospital com sangramento em decorrência de um aborto, a primeira coisa que pensam é que foi induzido e seguem com um tratamento que mais parece falta de trato. A negligência é algo que ficou muito marcada para mim ao ver aquela mulher sozinha, chorando, sem poder ter voz, apenas aceitando o processo, enquanto os profissionais ficavam distantes. É algo muito forte de se ver! E geralmente são as mulheres mais pobres que passam por isso, o que é outra questão... Nesse processo de estágio, foram muitos momentos de contraste entre a realidade e o mundo que eu queria.

Uma situação bem complicada para mim foi a de uma mulher que havia expelido o feto já em processo avançado de formação. Fiquei muito impressionada com as alunas querendo ver! Não! Para tudo! Para mim aquilo não cabia definitivamente! Não sei exatamente qual o procedimento, mas é algo como até quinhentos gramas o feto é

descartado como lixo hospitalar e acima disso é considerado um bebê, o que faria entrar em processo de enterro, com todas as medidas burocráticas.

Os maus tratos acontecem em outros níveis também... Pessoas falando de forma ríspida e até mesmo casos de médicos e enfermeiras que chamam a polícia! É realmente muito complicado chegar ao hospital em abortamento com resquício de medicação ou coisas que indiquem a indução do aborto. Existe uma moralidade ali, que é como se eles quisessem salvar a vida do filho enquanto a mulher quer o oposto... E tem a questão da hemorragia, o tempo que demoram para dar a assistência que deveriam...

Há um julgamento por trás de tudo isso que independe da certeza de que foi um aborto induzido. Se é uma adolescente negra, é como se estivesse implícito. Enquanto se é uma mulher de classe média ou alta, com algum grau de formação, o tratamento é outro. O que vale é a impressão que se tem da situação. Em qualquer consulta, é feita a anamnese em que se pergunta o antecedente obstétrico da mulher, se tem filhos, quantos, se já teve algum aborto e isso contribui para este tipo de julgamento.

Outra coisa interessante é a questão do acompanhante, um direito da mulher no pré-parto, durante o parto e no pós-parto. No entanto, esse direito não é concedido para abortamento, óbito fetal ou situações do gênero! Profissionais com uma cabeça mais aberta conseguem deixar o acompanhante, mas os mais conservadores falam que não, que o acompanhante é unicamente para pré-parto, parto e pós-parto e não abortamento. Não sei dizer como essas mulheres chegam ao hospital, mas posso garantir que no centro obstétrico elas ficam sozinhas enquanto as outras estão lá com seus acompanhantes.

Com minha formação como parteira comecei a ver muitas coisas e a refletir sobre a necessidade de mudá-las, tanto a partir do que vivi quanto o que as novas evidências mostram de como pode ser diferente para a mulher! É possível ter uma boa experiência de parto e isso, para mim, é algo que está claro! Muitas vezes as mulheres escolhem a cesárea por medo do parto, mas pode ser bacana, desde que ela esteja acolhida, bem acompanhada e com uma boa assistência de pessoas em quem confia. Acompanhei alguns partos domiciliares e já ouvi muitas coisas como: “Queria ter outro parto. Não sei se queria outro filho, mas sinto saudades do parto!” Lógico que é um processo que pode envolver muita dor e nem todas falam isso, mas cada mulher é única e esse é o

grande lance! Cada mulher tem que ter o direito de escolher aquilo que faz sentido para ela.

Acompanhei o parto domiciliar de uma moça que foi super bacana! Ela teve o bebê na piscina de casa, com tudo preparado cuidadosamente com carinho, deu tudo certo e ela ficou bem feliz! Depois que o bebê nasceu, como é comum, continuamos acompanhando e alertamos sobre o uso do contraceptivo. Ela disse que já sabia qual método utilizaria, mas percebemos que estava tudo muito “relax”... Ela acabou engravidando novamente, muito pouco tempo depois, e decidiu pelo aborto... Quando aconteceu, ela ligou chorando e contou que estava grávida de novo, mas não podia e não queria ter outro filho naquele momento! Conversamos muito, deixei-a falar bastante! O marido estava junto e perguntei o que ele achava porque penso que teria que bancar essa decisão também. Ambos concordavam e respeitei a escolha deles, tanto que tentei ajudar, ainda no começo do processo, com medidas naturais que estavam dando certo.

Essa forma natural parte da ideia de que algumas pessoas acreditam que se der uma alta dose de vitamina C para a mulher por dias seguidos, ocorre um descolamento e um tipo de “aborto natural”. Tentamos isso por sete dias e houve um descolamento, mas depois quando ela fez o ultrassom havia voltado. Hoje não sei se indicaria esse tipo de procedimento porque há vários fatores, como a demora, que tornam mais doloroso o processo todo... Mas naquele momento, era o que tínhamos. Como não rolou e ela acabou procurando uma clínica...

Essa é uma questão importante também porque ela, de classe média, decidiu que não queria e não podia ter o filho, mas pode resolver, tinha suporte, alguém junto, uma rede de apoio e podia pagar uma clínica. E mesmo assim é um processo dolorido! A escolha não é fácil! Até nesse processo mais natural, ela achou que estivesse fazendo-a passar mal, mas que eram os sintomas da gravidez, não foi algo fácil até resolver o que fazer. No final, ela acabou ficando super bem com a decisão, já tinha outros filhos e não queria mesmo ter mais um...

No caso dessa pessoa, era o que podíamos fazer para ajudar, mas depois ela precisou acionar outra rede, ir a uma clínica e, mesmo assim, continuamos conversando. Sempre que ela precisava, ligava, estávamos disponíveis e perguntávamos se ela estava bem, se precisava de alguma coisa, mantivemos esse suporte.

De fato, eu mesma não conheço muitos métodos abortivos além dos que todo mundo sabe. Tem a AMIU (aspiração manual intrauterina), que é algo muito simples e muitos dizem que independente de ser um aborto induzido, este seria um procedimento para anteceder à curetagem, por ser menos invasivo e menos agressivo.

A curetagem é uma espécie de limpeza que utiliza um instrumento, a cureta, que é como uma colher furada no meio, onde tem uma lâmina que vai raspando. Não é algo que precise fazer em todos os casos e acho até que fazem sem muita necessidade. É um esvaziamento uterino que acontece em casos de aborto incompleto, quando fica algum material que pode infeccionar e que o corpo não expeliu naturalmente. Muitas vezes, num aborto espontâneo, quando o bebê para de desenvolver ou não desenvolve o coração, é possível esperar o corpo expelir naturalmente. Mas fazer a curetagem resolve mais rápido, então acho que tem muito a ver com esse aspecto da medicalização.

Hoje em dia, o medicamento mais usado pelas mulheres para abortar é o Misoprostol e, mesmo neste caso, a mulher só precisa procurar atendimento se tiver um sangramento muito aumentado ou um processo mais complicado. Em geral, a mulher não sabe o processo pelo qual o corpo vai passar, usa o medicamento via intravaginal e chega ao hospital com resquícios do medicamento. Nesse caso, é praticamente certeza que ela vai sofrer violência, porque é como uma prova de que foi um aborto induzido. Algumas pessoas usam esse procedimento associado a outro medicamento via oral para não ter essa prova...

Comecei a ver como tudo isso faz parte da nossa vida mais do que pensamos... Muitas mulheres passam por isso! Depois desse acontecimento, outra pessoa me ligou falando de alguém que precisava dessa ajuda e, quanto a mim, sempre fico perto e longe ao mesmo tempo... Penso no quanto as mulheres precisam desse suporte, que não é só a assistência física, mas ter alguém por perto para poder falar sem restrição “Não quero esse bebê!”. Por outro lado, tenho muitos receios...

Engraçado como a história das parteiras sempre esteve ligada ao aborto... Tem um livro “Bruxas, parteiras e enfermeiras” que fala bastante disso, dos grupos que tinham até força politicamente falando e que conseguiam resistir a muitas coisas. É uma obra que traz a questão das práticas de aborto, que eram muitas vezes motivo de perseguições. Então é algo que está junto, o que acho fantástico! É muito legal porque é estar pela

mulher mesmo, pela escolha do outro! Estou prestando cuidado independente da sua escolha. A escolha é sua e o cuidado é que estarei junto com você!

Para mim, o aborto tinha que ser legalizado, embora não seja algo que faria para mim. Acho muito complicada essa situação de umas pessoas terem acesso e outras não. A mortalidade materna no Brasil está muito relacionada ao aborto. Esses dias uma moça do Uruguai trouxe vários dados desde que o aborto foi legalizado, mostrando que diminuiu a procura, o que pode ser positivo. Mas mesmo num serviço legal, existem coisas como um tipo de aconselhamento, de questionar se é isso mesmo que a mulher quer, o que para mim já é uma violência! Existe uma moralidade por trás disso tudo. E se diminuiu não necessariamente significa que as mulheres não estão querendo abortar, talvez não busquem esse serviço legalizado onde precisam reafirmar o tempo todo que esta é a escolha delas. Para mim é uma questão de escolha, afinal ninguém sabe da vida do outro! É muita hipocrisia tomar decisões ou assumir posicionamentos com base na sua vida. A vida do outro é dele e suas escolhas têm seus motivos e razões!

Enquanto profissional da saúde, penso que nenhum outro profissional ou o Estado poderia influenciar nessa escolha, nesse direito ao corpo. Teria sim que oferecer um serviço de acolhimento! Simplesmente para que as pessoas não morram por isso, para que não sejam presas... Há histórias de mulheres que são presas, mas têm outros filhos em casa e daí, surgem diversas outras questões! Para mim, mesmo com resquícios da minha formação católica, acho que a mulher precisa ter o direito da escolha sem pressões. Até porque os homens... Bem, os homens somem, não assumem o filho e continuam suas vidas... Já pensei em trabalhar com isso, porque sei o quanto precisam de pessoas mais sensíveis nesses casos. Mas tenho muitas dúvidas! Não sei se a religião pesa... Na verdade, me sinto sempre em construção, então para mim as coisas estão em aberto...

Diego

Ouvir sua história foi uma grande surpresa! Inicialmente pela maneira como nos

conhecemos e, em seguida, por ter sido ele quem me procurou para falar do assunto.

Dividíamos espaço na apresentação de nossos trabalhos durante evento acadêmico e, ainda durante a discussão, sua demonstração de interesse sobre o tema e mesmo sugestões que poderiam ajudar em meu trabalho foram acompanhadas, ao final, por sua simpática manifestação em querer falar sobre o assunto.

Na ocasião não conseguimos conversar mais detidamente, mas trocamos nossos contatos e, através de e-mails, dividimos algumas reflexões. Ele me enviou uma belíssima história mítica de um povo indígena sobre o aborto.

Fiquei surpresa quando em novo evento, desta vez em minha cidade, nos reencontramos. Não podia perder a oportunidade de registrar sua experiência e assim fizemos. Em função do tempo escasso, a entrevista não pode se estender e contou ainda com diversas interrupções. Nada disso impediu que compartilhássemos um momento extremamente emotivo!

Ele, com a clareza espontânea da fala e da exposição de argumentos concatenados explicados por sua formação tão próxima à minha, entendia os entraves da situação. Eu, por meu turno, tentava estabelecer uma atmosfera propícia para falar de tema sempre tão espinhoso.

Acredito que sua disposição em me ajudar ultrapassou, para ambos, o que sua história traz de importante para pensar o tema do aborto. Como homem, contou seu ponto de vista de companheiro e coadjuvante de suas experiências de aborto. Mas foi nesta *entrevista* que pudemos acionar seu papel de protagonista da história.

Com emoção se reconheceu como alguém que também vivenciou situações de aborto e mostrou um pouco a subjetividade masculina possível de entrever nesta experiência tão múltipla e profunda para todos os envolvidos e para a sociedade de modo geral.

Retomamos o contato após um primeiro tratamento do texto que, dada a rapidez de nossa entrevista e as condições quase adversas, apresentaria possivelmente muitas imprecisões. Justamente pensando na ideia de colaboração e produção partilhada de conhecimentos, nossa troca passou pela leitura e observações de meu interlocutor. Procurei oferecer liberdade irrestrita para que o texto final tivesse o que realmente lhe

importa em sua narrativa.

Minha leitura após as inserções de detalhes e arranjos feitos por ele mostraram com intensa clareza a importância e necessidade desta troca. Afinal, falamos de uma experiência que aciona aspectos coletivos, porém parte de um universo íntimo e que precisa ser preservado de acordo com os pressupostos de cada sujeito.

O sentimento de gratidão define esta etapa do trabalho!

Acho que sempre pensei em primeiro lugar nas minhas companheiras por razões óbvias, afinal era no corpo delas que as coisas estavam acontecendo. Mas, me ver como alguém que também fez parte da situação e passou por tantos questionamentos e sentimentos é um exercício que vem aos poucos e é importante para pensar e refletir sobre a minha própria vida...

Tenho 32 anos ou 33... Acho que 32... A percepção do tempo, para mim, não é algo muito convencional...

Vivi experiências com aborto há pouco tempo em minha vida.

Na primeira experiência, me encontrava numa relação com alguém, uma companheira... Uma mulher com diferença de uns dez anos de idade, diferença geracional pequena, mas isso pouco importa... Começamos a namorar e ficamos juntos por três anos. Ela tinha dois filhos...

Em certo momento, no meio do terceiro ano de relação, ela engravidou, ou melhor, nós engravidamos. No começo, as alterações em nós foram muito claras, ansiedade, nervosismo... Desde o primeiro momento, ela realmente colocava as coisas com muita clareza e lucidez sobre o que faria... “Não posso mais ficar 20 anos dedicando minha vida a outro ser. Ainda tenho dois para terminar de me dedicar...” E ela estava certa, afinal com 20 anos de idade ninguém é autônomo na sociedade em que vivemos. Sem titubear, sem romantismo, claro que concordei!

Pouco importa aqui qualquer diferença posicional minha em concordar ou não... Já romantizei a ideia de ser pai, ou fui assim ensinado por uma educação protestante. E não é algo que abandonei (a possibilidade de ter um filho). É possível ainda que eu tenha relações mais próximas e comprometidas com crianças, sem ter sido o progenitor. Não é algo que eu evite e afirme que não vou ser pai. Não! Mas naquele momento, a gente decidiu junto, e mesmo se não fosse assim, a apoiaria irrestritamente.

Começamos a pesquisar na internet, a ler muito! Como ela era uma mulher muito atenta às mudanças e alterações no próprio corpo, percebeu a mudança muito rapidamente, ou seja, relativamente tínhamos algum tempo para tentativas. Talvez por viver constantemente preocupada com a possibilidade de engravidar, ela estivesse mais atenta a si. A reação de sua família com a chegada dos dois meninos já lhe havia traumatizado demais. E se ela tinha essa preocupação, eu também aderi.

Nosso método contraceptivo mostrou-se ineficaz, aquele que é um método, mas não é ao mesmo tempo... Lembro-me de em vários momentos na relação tentar usar camisinha, mas ela não conseguia transar porque, definitivamente, não gostava... Não era confortável, machucava-a e uma série de outras dificuldades.

Quando engravidamos, tentamos tomar alguns chás na tentativa de abortar e ela passou muito mal. Ainda teve a preocupação da intoxicação induzida, a gente ainda viveu isso! Para fazer companhia a ela também tomei algumas das receitas, as que mais faziam mal ou que eram mais insuportáveis pelo estômago. De alguma maneira isso simetrizava a nossa relação com a submissão dela aos chás. Obviamente não me agrediram como a ela. Os dias estavam passando... Estávamos mais preocupados e nervosos. Os meninos - adolescentes de 12 e 17 anos - acabaram sabendo por causa da forma como nos desesperamos.

Isso tornou tudo mais sensível e delicado especialmente para ela, afinal estamos falando dos filhos dela. Por mais que eu tivesse proximidade com os meninos não era a mesma coisa. E aí tem toda uma moral que está meio penetrada na nossa forma de ver as coisas, que os meninos também sentiam. De variadas e combinadas formas, valores de família, da escola (católica), dos ciclos de amizade (classe média), traduziam para eles o que vivíamos como uma espécie de ato criminoso, reprovável e, em certa medida, legitimador de confrontos diretos por parte do filho mais velho.

Lembro de pelo menos uma vez o filho mais velho, de 15 anos na época, em alguma briga particular - ele em seus conflitos existenciais - usar isso contra ela: “Ah, não pedi pra nascer... Por que não me abortou também?” Foi muito difícil lidar com tudo isso porque eu era afastado por certos dispositivos de uma relação mais próxima deles. Não era fácil falar qualquer coisa sobre o tema.

A gravidez era um fato e a decisão estava tomada. A dúvida era “como fazer?”. Conseguimos, pela internet, o contato de uma clínica em São Paulo. Na época tínhamos a possibilidade de pagar e o, mais importante, o número de semanas passadas ainda comportava, com relativa segurança (precisávamos acreditar nisso), o procedimento oferecido. Mais uma vez entra a questão do acesso a recursos, ao dinheiro, a desigualdade social que faz toda a diferença.

É curioso pensar em mais um mito que sustentamos no Brasil, - assim como o de que acabamos com a escravidão - o mito de que o aborto não existe. Não vemos, não ouvimos ninguém falar sobre, quando na verdade existe um enorme comércio dividido em segmentos de poucos consumidores ricos nos centros urbanos, ou que podem mobilizar tais recursos em tempo hábil, e em segmentos de pessoas nas periferias de tais centros que, quando tem acesso, costuma ser caro e não ter metade da estrutura médica, levando milhares de mulheres à morte. Há ainda o fato de que milhares de pessoas em todas as regiões do Brasil manipulam diversas técnicas abortivas e a medicina ocidental está longe de ser a única, tampouco a melhor opção.

Vimos para São Paulo e aqui ficamos na casa de um irmão dela. Estive ao lado dela o tempo todo! Sentia que em muitos momentos ela não me queria por perto. Tentava dar-lhe espaço sem me afastar o suficiente para gerar insegurança. Essas medidas são difíceis e assumidamente imprecisas. Quando o momento do procedimento chegava e certa insegurança aumentou, ela aceitou-me no lugar de alguém que estava ao seu lado. Não dependia somente de eu estar, mas também dela aceitar que eu ocupasse tal lugar.

Porque é muito fácil para um homem viver certo distanciamento e ter facilitada a forma de viver essa experiência. Não está na nossa barriga. E também somos moldados, fabricados enquanto pessoa masculina, com certos valores, o que contribui para um vínculo outro, nesse tipo de relação.

Na viagem de carro, vim dirigindo... Hospedamo-nos no caminho e até chegar à clínica foi muita tensão, ansiedade e preocupação! E eu, mesmo como um “outro” que, supostamente, não recebe essa preocupação, no sentido de não estar diretamente em mim (muitas pessoas encaram o homem como um ser não-afetado, ou pior, não-afetável, nessas situações por não ter um feto na barriga). Mas tinha um corpo que não somente respondia a essa preocupação, como era atingido pelo vivido. O tempo todo precisava respirar fundo para não explodir nalguma situação de extremo desespero para ela.

Esse quadro desesperante foi sendo modificado à medida que nos aproximávamos da solução. Senti uma mudança considerável na maneira dela experimentar a situação conforme o tempo foi passando. Conseguíamos nos apoiar.

Na clínica, a recepção foi muito violenta! O médico tinha certos procedimentos com as pessoas, seus clientes – supostamente justificada pela ilegalidade do procedimento – uma forma de agir muito agressiva, com o intuito de provocar a desistência da pessoa ou testá-la. Essa foi uma das grandes violências dessa experiência! A forma como o médico a violentou verbalmente, sendo duro e pesado na entrevista antes do procedimento. O tempo inteiro com ameaças: “Olha, eu não vou fazer se ficar assim, não pode duvidar...” E a gente ficava o tempo inteiro como reféns de uma suposta autoridade. Era como uma seção de tortura psicológica mesmo!

As perguntas eram sobre nossa vida pessoal, há quanto tempo estávamos juntos, enfim, coisas que o garantissem que realmente éramos um casal querendo fazer um aborto e não uma emboscada do governo.

Era um ambiente médico, de clínica privada e muito chique. Formal, meio hospitalar disfarçado de escritório agradável ou coisa do tipo. Além disso, eles têm o mecanismo de apagar os dados, provavelmente para se precaverem no que diz respeito à legalidade e o Estado.

Após o primeiro momento de fala pesada e agressiva, convencido de que não acabaríamos com suas orgulhosas idas e vindas aos Estados Unidos para trazer medicações e equipamentos, o doutor *quase-morte* tentou ser simpático. Mas era tarde demais, já havíamos entendido a subalternização de nosso lugar ali.

Passado esse primeiro momento, ela subiu. O processo foi rápido, demorou uns 20 minutos... E o que ele escolheu, junto com ela, foi usar uma máquina que suga... Eles fizeram o procedimento e quando ela desceu, ainda muito fragilizada, fomos para casa. Procuramos tomar todos os cuidados necessários com a alimentação e o que mais fosse preciso.

De várias formas, tanto eu quanto ela, diante da contingência das coisas como aconteceram, não tivemos muito tempo... Nós dois sentimos a necessidade de certo luto e pesar... Não que seja uma necessidade universal, as pessoas não necessariamente precisam disso... Mas com a gente foi assim. Em algum momento da relação isso emergiu como algo não articulado verbalmente. Quando ela falou sobre tudo isso, posteriormente, posso dizer que revivi cada momento daquela experiência.

Presenciei outras situações de aborto em condições diferentes. Desta vez, estando próximo de pessoas que estavam vivendo situações em que escolheram, optaram pelo aborto.

Mesmo continuando a relação, eu morava noutra casa. Uma casa onde um grupo de pessoas se mobilizava e acolhia algumas amigas que estavam em situação semelhante. Em uma dessas situações uma amiga muito próxima precisou viver isso e a gente viveu junto, cuidou dela... Aquela correria para conseguir o Citotec, que não deu certo, enfim, muita angústia vivida por um grupo de pessoas, estudando, pensando um bocado de coisas sobre o que vivíamos.

Quase um ano depois, no meio dessa experiência com outras pessoas, uma amiga deste mesmo círculo engravidou de mim... Engravidamos... Meu relacionamento anterior ainda existia, e eu ficar com outra pessoa definitivamente não era permitido pelo combinado. De toda forma, aconteceu.

Tem coisas que a gente imagina hoje que não vai fazer e amanhã as coisas mudam... E aconteceu novamente! Só que agora numa situação em que o cotidiano me aproximava demais da minha companheira, que vivemos o primeiro aborto! A solicitação constante por conta do trabalho e tantas outras coisas juntos. O dia-a-dia nos ocupava cada vez mais e de alguma forma ela parecia entender que ocupar-nos com trabalhos juntos era uma forma de estarmos mais próximos. Ela não suportava que eu me afastasse para

minha casa por muito tempo. Eu morava com estudantes, pessoas mais novas, o que era vivido como uma constante ameaça.

Na casa fomos acompanhando, tentando com ervas... O grupo todo que estava na mesma casa dava apoio constante. Mesmo assim, não deram certo as alternativas que tentamos.

Nessa segunda experiência, nem eu nem a menina que engravidou tínhamos condições de simplesmente ir para São Paulo e pagar pelo “serviço”. Além de não podermos pagar, não tínhamos tempo hábil para tentar os procedimentos menos caros pois já se haviam passado muitas semanas. Isso virou uma mobilização enorme! Chegou um ponto em que o limite de tempo que as clínicas aceitam para fazer o procedimento começava a se esgotar, então iniciamos uma campanha para mobilizar dinheiro. Neste momento, conhecíamos uma clínica, diferente da primeira experiência, onde os médicos pareciam conversar um pouco mais com as pacientes sobre opções de procedimentos e com alguma margem de escolha.

No meio desse período de aproximadamente 15 dias, quando estávamos finalizando a arrecadação de dinheiro para poder fazer o aborto em algum lugar pago, escolhi manter uma viagem já planejada. Era um trabalho de campo com um pescador que eu tinha conhecido. Naquele momento, criou-se um impasse: Viajar ou não?

Todas as pessoas da casa me inquiriram sobre a viagem. Fui sincero com cada uma e disse que gostaria de ir, seria apenas uma semana e ainda voltaria a tempo de concluir o procedimento. Talvez aqui importe esclarecer que havia uma tensão constante entre mim e as pessoas com quem morava. Eu estava vivendo tudo aquilo com elas, e falo dos outros abortos que acompanhamos e cuidamos, mas divergíamos muito a cada decisão. Há pouco tempo eu havia estudado macrobiótica e havia me curado de uma pneumonia. No mesmo passo estávamos cuidando de mulheres tentando abortar sem se matar, ou seja, nos preocupávamos com alimentação, em cozinhar comida saudável, fazer exercícios juntos, enfim, cultivando hábitos que nos ajudassem a viver tudo aquilo fisiológica e emocionalmente da melhor maneira possível. Como éramos muito diferentes, obviamente as avaliações sobre muitos detalhes eram assimétricas. Algumas vezes, contrariando restrições alimentares, abortivos que haviam custado cerca de 500 reais eram simplesmente vomitados.

Dadas as circunstâncias de mobilização e sabendo que pessoas já tinham se comprometido em dar algum dinheiro, acabei optando por viajar, acreditando que ficaria tudo bem. Mas isso acabou se mostrando depois como uma opção extremamente conflituosa para minha relação com ela e, obviamente, com todo o grupo, que leu isso como abandono, uma opção equivocada. Não quero qualificar o que eles sentiram como algo menor, indevido ou mesmo errado, mas as coisas aconteceram assim...

Quando voltei de viagem, tinham conseguido arrecadar uma parte que faltava do dinheiro durante uma festa, que era um hábito que tínhamos para dar conta das contas da casa. Cheguei de viagem acidentado, passando muito mal, com uma ferida no pé completamente infeccionada, cujas marcas trago até hoje. Saí de lá com febre por conta da infecção e cheguei em casa completamente debilitado, meu pé inchado, ficando roxo! E tudo bem no meio dessa mobilização de ir para São Paulo...

Mais um momento decisivo! Era algo não só para se resolver, mas para se viver, estar junto! E eu não pude por conta da infecção. Não tinha como ir junto! O prazo estava ali, não tinha como adiar. Sabia que alguém a acompanharia e ao mesmo tempo não me sentia mais ouvido. Claramente todos me encaravam como um desertor.

Uma amiga nossa foi com a menina grávida e, paralelamente, eu continuava com a minha companheira anterior. Em seguida fui levado para a casa de minha família e ela veio, o que foi ainda mais complicado, porque a situação já estava bastante avançada! Elas sentaram para conversar...

O pessoal conseguiu custear a viagem e negociar o preço, que teve até uma redução. O procedimento que elas, junto com o médico, acabaram decidindo foi a opção que ele colocou: induzir o aborto sem expelir o feto, ou seja, matar o feto ainda na barriga com alguma substância, algo por si só bem agressivo! Ela voltaria para casa sendo assistida (por telefone), e retornando de São Paulo o corpo iria perceber que não havia mais algo a se alimentar e expeliria. Assim ela deveria procurar um hospital e receber o tratamento como aborto espontâneo.

Isso foi outra angústia incrível! Mais um momento de conflito... A chegada delas provocou um consenso no grupo, que era formado por mulheres e homens, de que a gente precisava conversar. No entanto, não posso dizer que era um momento tranquilo para se ter uma conversa desse tipo, sem que pesassem todas as coisas envolvidas. Quer

dizer, ela ainda estava com o feto na barriga. Acredito que seu corpo ainda entendia dessa forma no que diz respeito ao que ela sentia, às emoções, alterações hormonais e todo um conjunto de coisas que não se desligam da noite para o dia. Esse desabafo, essa reunião que, em vários momentos parecia um tribunal, foi mais uma experiência que a gente viveu.

Pensando dessa forma, eu estaria no banco dos réus e não houve direito à defesa. Não houve porque não entendi que estava ali para disputar a versão de nada, nem a imagem que eles pudessem ter de mim ou dos meus atos. O tempo passou e cada uma dessas pessoas lidou de uma forma com a situação. Minha relação com cada um se transformou completamente! Com algumas se estreitou e com outras, definitivamente, se rompeu. Mas, com respeito, é claro! Sem ofensas públicas ou investidas no sentido de me agredir e nem o contrário de minha parte. Não foi uma briga, um confronto, mas uma grande decepção.

Esse grupo continuou por algum tempo a se mobilizar e acolher pessoas. Isso começou a circular e outras mulheres, meninas novas que engravidavam, começaram a recorrer ao grupo. Só que foi muito desgastante para algumas dessas pessoas. Uma, inclusive, que estudaria em seu curso experiências com aborto, se saturou tanto emocionalmente que deixou de lado o projeto e não conseguiu mais lidar, nem tampouco acolher quem chegava procurando ajuda. É uma situação muito difícil, exaustiva. Não podíamos contar com nossas famílias que, seguramente, lidariam com a situação de forma catastrófica.

Além disso, o aborto também tem relação direta com a questão de coisas legais ou ilegais, ou seja, se falamos da legalização de algo, estamos falando de lei e de instituições que controlam, regulam e se interessam muito por temas relacionados à morte ou ao controle das pessoas sobre a morte. Então, estamos falando das relações das pessoas com o Estado mais diretamente. E o Estado se interessa muito pela morte, o que é curioso!

Não só a morte do aborto, mas as discussões sobre eutanásia, o suicídio, que é um crime contra o Estado. Acredito que várias discussões sobre a ilegalidade ou legalidade do aborto dizem respeito a isso. As formas como as sociedades ocidentais controlam o corpo, principalmente da mulher. Séculos de caça às bruxas nos colocam os alicerces da

colonização não somente sobre outros povos, mas sobre a reprodução. O Estado é quem detém o legítimo direito sobre a vida e a morte! Inclusive você não pode se matar, pois é um crime. Você não pode nem escolher se matar de fome, mas o Estado, ele sim pode te matar de fome. Você não pode escolher ou optar pela morte.

Se pensarmos em rompimentos filosóficos, no sentido da relação com a morte, por exemplo, em muitos mundos tradicionais, inclusive dentro do Ocidental, existe uma relação com a morte que passa por outros canais e caminhos. Há grupos que se relacionam de forma diferente com a morte. Sejam os mais velhos se aproximando e, se pensarmos em mundos antigos, clássicos, em que a morte era sinônimo de prestígio, se aproximar da velhice era algo valorizado.

Hoje em dia vivemos numa cultura onde quem não é jovem já morreu. Há um culto absoluto da juventude como o único estado possível. Claro que existem discussões, particularmente com relação às mulheres, à fabricação do corpo feminino, ao seu funcionamento, de como deve ser essa construção do feminino e da mulher - que deveria ter direito a escolher o aborto -, mas que toca a questão da morte, afinal é um controle de morte. Ali se está escolhendo se aquele ser deve seguir ou não. Isso atinge os índios e qualquer sociedade ou grupo em relação a esse controle estatal que lida com o aborto, o suicídio, o canibalismo que, não é nem a morte, mas um dispositivo de lidar com ela... São muitas reflexões e links que podem ser feitos!

Hoje estou ressignificando tudo isso... De alguma forma os recursos conceituais, ou palavras que ajudam a nomear tal experiência, que tinha naqueles momentos para lidar com as situações geralmente passavam por discussões de gênero. Quer dizer, éramos um grupo de estudantes com vinte e poucos anos que estavam vivendo a descoberta da luta de classes, das desigualdades de gênero, de uma série de formas de relação que simplesmente vivemos, não temos muita escolha... Esses valores permearam muito a forma como todos lidamos com isso.

Na época, eu realmente não tinha muitos recursos. Por exemplo, não tinha lido o trabalho com os Mundurucu, então certas noções de feminino e masculino ainda me estavam muito estampadas em qualquer possibilidade de sentir, pensar e viver tudo isso. Hoje é diferente! Notavelmente diferente!

O que eu senti de verdade, talvez não tenha tido tempo de prestar atenção dada a demanda e mesmo a quantidade de pessoas envolvidas nessas experiências... Eu precisava ter atenção, tranquilidade, calma e reflexão com as outras pessoas, coisas que quando se está vivendo a situação é bastante difícil! Eu era partícipe, diretamente implicado naquilo e tinha um papel a exercer que me distanciava do que vivia ou sentia intimamente... Era necessário esse distanciamento para conseguir viver isso com o “outro”, que na verdade eram outros e outras, algo muito complexo!

Tal anestesiamento pode sim ser encarado como uma inabilidade de nossa sociedade, ou a ausência de um lugar para o homem que não seja o de culpado e potencial fugitivo. Não quero negar as milhares de experiências onde, justamente por não ser em seu próprio corpo, mas no da mulher, homens abandonem as mulheres nessas situações. Realmente não somos preparados pelas premissas culturais para tal situação e tratar desse tema como uma competência individual pode ser um grande equívoco, pois nitidamente é um problema social.

Acho que sempre pensei em primeiro lugar nas minhas companheiras por razões nada óbvias, sim era no corpo delas que as coisas estavam acontecendo. Mas, me ver como alguém que também fez parte da situação e passou por tantos questionamentos e sentimentos é um exercício lento e é importante para pensar e refletir sobre a minha própria vida, em relação com os códigos sociais... Fico emocionado em me ver a partir desta perspectiva em que também tive questões íntimas e subjetivas que marcaram minha trajetória e como vejo tudo o que passou.

Com a socialização das lutas pelo grupo que as viveu veio uma polarização extrema entre mulheres e uma lista negra de machistas que deveriam sofrer algum dano público. Tais questionamentos “empoderaram” certo número de meninas, estudantes universitárias, de um sentimento de vingança real ou proteção. Mas com o passar do tempo tal posição mostrou não ser unanimidade nem mesmo entre o grupo principal. As categorias de gênero feminino e masculino sucumbiram em tais debates à chegada de mulheres negras, trans, lésbicas. Houve rompimentos entre o próprio grupo por conta de relacionamentos de parceiros e parceiras com outras pessoas.

De muitas formas, a culpabilização foi mobilizada por pessoas no trato direto comigo. Amizades muito próximas, em resposta à pressão exercida pelo grupo, deixaram de falar

comigo. Enfim, a segregação exercida por muitas pessoas também se voltou para algumas delas no primeiro deslize de conduta.

Foi realmente difícil não me sentir mais culpado. Renovei meu ciclo de amizades e a vida seguiu...

Fernando

Desta feita um encontro com alguém há muito conhecido e uma experiência que

envolve dúvidas, dilemas e reflexões. Fizemos a entrevista informalmente e o resultado de duas gravações, finalizadas em 16 de março de 2014, remete a sentimentos que normalmente não são creditados aos homens.

Este foi um dos casos em que o colaborador não reconhecia a importância de sua história. Acredito e espero que fique claro neste estudo a grandeza de sua trajetória para refletir sobre a perspectiva masculina do aborto e da contemporaneidade.

Por razões de anonimato, detalhes foram suprimidos. O que fica é a gratidão e o reconhecimento de quem ele é e como sua experiência é importante para a História, esperando que este seja um estudo que ofereça espaço também para sensibilidades e indagações masculinas...

Sou totalmente contra o aborto e acho que a mulher que corre disso também não teria direito de ter vindo à vida nesse plano. É muito fácil decidir depois que você já é mais velho, porque quando criança não tem a opção de escolher nada... Nós não tivemos a escolha, nossos pais decidiram e tiveram a escolha correta...

Nasci em 1977, na zona norte de São Paulo, assim como meu irmão mais velho, onde moramos até quando tinha quatro, cinco anos. Quando nos mudamos para cá, nasceram minha irmã e meu irmão caçula. A menina é a única irmã por parte de pai e mãe, mas do lado paterno tem outros irmãos, o que é uma história muito maluca, que tem muita coisa por trás!

Posso dizer que minhas primeiras lembranças são da época que comecei a estudar, depois dos seis anos. Passamos por muitas dificuldades e não sei se era por isso que meus pais não se davam... Na época que comecei a estudar lembro que nossa família passou por muitas necessidades! A princípio, meu pai estava desempregado e talvez esse tenha sido o motivo. Acho que depois ele tomou vergonha, viu que tinha dois meninos para alimentar e, com 36 anos, foi quando começou a enxergar a vida e

perceber que tinha que batalhar. Ele tomou ciência que tinha filhos e uma mulher super bonita e precisava tomar uma atitude.

Meu pai nunca foi presente. Sempre gostei de jogar bola, mas ele nunca presenciou as coisas que gostava de fazer. Intimamente não tinha tanta importância, mas chegou uma época que sentia falta. Já minha mãe me deixava aos cuidados da minha avó, que era quem eu chamava de mãe. Tenho um laço com minha avó que poucos conhecem... Foi ela quem cuidou de mim, na verdade. Acho que esse carinho que eu, de repente, não tenho de ficar demonstrando para minha mãe tem a ver com isso. Criança tem esse lado aguçado de perceber quem está ali disposto a cuidar, chamar atenção, brincar, dar um suporte...

Quando era criança era um menino bom, inocente, aliás, há trinta e tantos anos éramos todos bobinhos perto das crianças de hoje, que são super inteiradas, não só pela tecnologia, mas são bem mais espertas! Sempre tive como brinquedo uma bola... Vendo hoje, acho que essa distância toda do meu pai pudesse ser frustração porque soube por outras pessoas que ele era um cara que jogava futebol... É algo bastante íntimo e essa coisa de que ele “representava”, era muito bom mesmo, mas não conseguiu sucesso, talvez tenha sido o motivo de não acompanhar nosso desenvolvimento, meu e do meu irmão mais velho, que tínhamos estrutura para vencer na vida por esse lado. Não para ficar milionário, como acontece hoje, mas para seguir como uma profissão...

A fase da escola foi uma maravilha! É um universo extremamente importante na vida de todo cidadão, mesmo para aqueles que não dão continuidade, deixam a escola para escanteio e acabam até entrando para a vida do crime... É da escola que se pode tirar muitas coisas para somar na vida de qualquer pessoa! E eu adorava ir para a escola!

Acordava e me arrumava sozinho porque nunca tive respaldo dos meus pais de arrumar as coisas, a roupa, nada disso, era super independente! Mas eles cobravam muito essa coisa da escola, principalmente meu pai. Talvez porque não teve isso do pai dele e é preciso enxergar esse ponto que foi bem positivo! Mas a gente precisava ir alimentado para a escola e, por conta da situação financeira de casa, eu acabava tomando café na casa dos meus amigos, principalmente! Ia na casa dos caras mesmo! Lembro com detalhes dessa época e, por isso, não tem como discutir que a memória é uma coisa magnífica no ser humano, algo do “cara lá de cima” mesmo! Sempre comia uns

pãezinhos de mel de uns quatro centímetros, que eram uma delícia! Em casa a gente não tinha esse leite... Mas as mães desses amigos eram muito bacanas e era na casa delas que eu comia antes de ir para a escola.

Adorava ir para a escola de verdade! Sempre tive facilidade em Matemática e, no segundo ano, ajudava a professora até a corrigir provas! Essa coisa me encantava porque eu tinha um diferencial! E tenho até hoje a mesma facilidade! Poderia ter investido nisso, mas...

Quando criança eu era tão tímido que soube pela minha mãe que ela achava até que eu era “biba”... Era tão tímido que não tinha a postura dos moleques de chegar logo de cara. Mas lembro do primeiro beijo que dei, que foi embaixo da escada com uma menina que morava no prédio. Depois a gente nunca mais ficou... Tinha doze anos e ela uns dez, mas era encorpada para a idade. A gente era criança mesmo, sem maldade nenhuma. Acho que beijamos, mas talvez nem tenha sido aquele beijo mesmo!

Na fase da adolescência as coisas mudaram um pouco. Descobri a relação com as mulheres... Comecei super “leigo”, mas a malícia da vida me fez uma pessoa desonesta, infelizmente. Queria abraçar tudo ao mesmo tempo, mais até do que podia suportar. Acabei descobrindo essa deficiência em mim que carreguei por um bom tempo! Não conseguia ser sincero e ter uma pessoa só... Sempre tinha uma terceira e acabei pisando muito na bola com pessoas que gostava. Hoje vejo que me ajudou a entender como funciona um relacionamento de verdade. Mas na adolescência era diferente e não posso negar que as meninas facilitavam um pouco as coisas. Não era como hoje, que as meninas são mais atiradas, mas...

Depois que começou essa experiência de contato com mulheres, percebi que era algo muito bom, mas que não soube controlar... Admiro os caras que tem uma parceira e são centrados e fiéis. Quando tem algo que não está certo, vão lá e resolvem, coisa que não tive. Fiz muitas coisas que se pudesse voltar atrás ficaria com a minha primeira namorada mesmo! Essa foi a minha descoberta das mulheres... Ia para a escola, mas acabava fraquejando de querer ficar olhando as meninas. Fazia minha parte, mas já tinha alguma intenção maliciosa...

Apesar de não ter uma crença formada, penso que o “inimigo” sabia qual era meu ponto fraco. Acredito que o “homem lá encima” nos dá tudo para fazermos o melhor. Mas

quando se pensa em maldade e se alimenta essa ideia, acaba realmente acontecendo. Não tem para onde correr! E essa era a minha fraqueza: as mulheres. Por isso, pisei muito na bola, tenho inúmeras histórias de traição, que também foram baseadas em coisas que eu pensava que estavam acontecendo referentes às minhas parceiras, então alimentava essas ideias e fazia tudo sem nenhum pudor.

Além disso, eu era um rapaz vaidoso e era comum me falarem que as meninas me cobiçavam, o que claro me agradava! Até porque inicialmente as meninas viam esse lado da aparência e acabavam cedendo a isso. Só depois percebiam que não tinha nada a ver... Mas essa foi uma facilidade para “aprontar” e, para mim, foi unir a fome com a vontade de comer. Sinceramente não tinha esse discernimento na época, mas com vinte e poucos anos percebi que isso tinha um peso e as mulheres valorizavam os caras considerados mais “bonitos”. E isso é horrível! Tanto que quando vemos um relacionamento legal, dá para perceber que não é essa a questão, mas algo de coração mesmo!

Mas querendo ou não, isso me favorecia. Não tinha essa dimensão e nunca fiz questão de pegar mulher de ninguém, embora isso possa ter acontecido em algum momento até por conta dessa coisa da beleza. E também porque é difícil ter controle quando a outra pessoa cede à situação. As coisas foram mudando com a idade, embora tenha muito cara novo que dá uma lição de vida nos mais velhos, porque esta não é uma questão de idade.

Um momento marcante na minha vida foi quando conheci o reggae, que para alguns pode ser só um tipo de música, mas para mim foi um momento de descobrir o próximo, de tentar errar menos, apesar de saber que ainda cometi muitos erros... Esse foi um momento que me transformou bastante, em que tive conhecimento sobre drogas que me fizeram pensar de uma forma diferente e melhor, inclusive, embora isso seja contrário ao que todo mundo diz. Passei a ter mais respeito pelas pessoas e a pensar antes de fazer as coisas. Todos abordam a droga como algo que te leva a fazer as coisas de forma impensada, mas comigo foi o contrário, tive uma puta lição! Estou me referindo à maconha... Usar a “marola” me deu muito conhecimento e estrutura. Mas tive outras fraquezas... E, além disso, continuar a cometer erros tem a ver com o quanto é extremamente difícil mudar hábitos aos quais você está vinculado.

Mas até os 18 anos era careta de tudo! Que saudades dessa época! Não que hoje eu fosse um mestre ou doutor, mas acho que parei um pouco no tempo. Observei tantas coisas importantes, mas não fiz uso delas para que tivesse uma vida bacana, minha família, minha mulher, essas coisas...

Quanto à maconha, nunca me prejudicou ou me fez um cara ignorante. Fraquejei mesmo na carne, infelizmente. Hoje, com a minha idade, se pudesse voltar atrás, faria vários consertos. Lógico que poderia cometer outros erros, mas fumar um baseado sempre me ajudou. Seria até bom fumar um agora para revelar coisas que estão bem guardadas... É uma coisa que mexe muito com meu íntimo, trabalha uma parte muito particular da vida mesmo... O pessoal fala mal dos “maconheiros”, mas tem cara que não usa nada e “causa”. Não é porque o cara fuma um baseado que é doidão e faz presepadas... Já o álcool, como nosso digníssimo Bob Marley, que nunca vai morrer – porque tudo que é bom prevalece – falou que o álcool é a destruição.

A companheira com quem vivenciei a história de aborto é alguém que conheci através do pessoal do meu prédio, que já vinha aqui há muito tempo, mas por quem nunca tinha tido nenhuma atração. Apesar de nos conhecermos, esse contato de nos permitirmos uma oportunidade aconteceu um dia em que eu tinha tomado umas, não muitas... Ela estava com a minha mãe e falou meio brincando que iria me beijar... A gente sabe que no fundo da brincadeira sempre tem uma pontinha de verdade... Eu falei: “Opa!”, mas acabou que naquele momento não aconteceu... Só que a gente acabou se falando um pouco mais e um dia acabamos ficando juntos. Foi muito louco e até engraçado! Era um tempo de frio, não lembro se em 2008 ou 2009, mas fomos nos apegando e a coisa foi ficando mais intensa, que é o normal de uma relação...

Acho que ela curtiu o início, mas ela era muito livre, queria viver a liberdade, mas também ter alguém que lhe desse atenção e carinho, sentisse que tinha alguém com quem poderia contar. Mas sem deixar de fazer as coisas que são uma noite só e já era...

Sobre prevenção, a gente nunca se preocupou. Apesar disso, ela sempre comentou que se acontecesse uma gravidez, ela não teria. Mas nunca usamos camisinha. Ela podia tomar alguma providência posteriormente ou mesmo tomava anticoncepcional, mas eu não sabia. Acho que quando entramos de cabeça em uma situação, imaginamos que a

outra pessoa também está... Mas nunca houve essa coisa de prevenção, então estávamos abertos a acontecer isso... E foi rolando...

Nunca me preocupei em saber se ela tomava alguma coisa, afinal de contas ela é mulher e, como não queria engravidar, tinha que se precaver. Mas acho que a intensidade das situações fez com que a gente não se questionasse muito ou premeditasse que pudesse não acontecer. Sabemos que isso é um erro, porque se não usamos camisinha nem nada é algo que pode acontecer... Sempre existe um risco, mesmo tomando anticoncepcional, pílula do dia seguinte ou aquela mensal que é uma injeção... Não sei muito sobre isso, afinal quem toma são vocês mulheres. Para os homens não sei se tem, mas acho que naquela época não tinha. O fato é que nunca houve questionamento sobre essa preocupação de chegar ao ponto que acabou chegando...

Tivemos altos e baixos... Chegamos a discutir, brigar, mas o bagulho é tão louco que em todo relacionamento tem isso... Uma hora briga, depois se ama e vai assim até a hora que cansa... Mas na nossa relação tinha muita coisa que fugia... Não que eu ache que tudo que um faz o outro tem que saber, mas acho bacana isso, valoriza e faz com que a relação seja mais clara e dê mais frutos bons. Mas ela sumia às vezes, tinha os amigos dela ou coisas que fazia e não dividia comigo. Eu sempre estava aqui e ela vinha até minha casa, mas nunca me convidou para ir até a casa dela...

E o lance aconteceu... Um dia ela me ligou de um orelhão e percebi que tinha algo errado porque sou muito atento aos detalhes... Ela podia me ligar de casa ou do celular, mas ligou de um orelhão chorando e dizendo que precisava me contar uma coisa. Saquei na hora que poderia ser que ela tinha engravidado, mas não questionei nada na hora e disse com naturalidade que a gente podia conversar, mas já achei muito bacana, lógico!

Quando ela me contou sobre a gravidez, foi uma loucura porque ela veio até mim chorando, esperneando como uma criança e dizendo que não queria de jeito nenhum! Como ela já tinha falado que se acontecesse ela não queria, me baseio nisso para a minha visão do que aconteceu... Falei que não tinha necessidade de ficar daquele jeito porque eu estava muito feliz e minha mãe também ficaria. Talvez isso a tenha convencido de deixar a coisa rolar por algum tempo, mas pouco... Perguntei se a mãe dela sabia e ela disse que sim, mas nunca houve nenhum comentário a mais sobre isso...

Quando ela me contou que estava grávida, fiquei muito feliz! Se pudesse gravar um áudio ou vídeo naquele momento, estaria sorrindo e gargalhando de tanta felicidade! Fiquei muito feliz e não pensei em ninguém além de mim e dela! Minha mãe tinha voltado de viagem e lembro que falei: “Mãe, ela tem uma coisa para te falar!”. Ela não queria contar para minha mãe... Estava desesperada, com o rosto vermelho de tanto chorar! Mas sabia que eu apoiaria totalmente! Acho que isso a deixou ainda mais cismada... Não sei por que ela falou... Poderia não ter feito nada disso, eu não ficaria sabendo de nada, o que seria até melhor, e hoje não estaria dando esta entrevista...

Quando ela falou: “Estou grávida!”, não falou em tom de alegria, como eu recebi a notícia... Essa é a diferença! Sou naturalmente uma pessoa que fico procurando coisas e tentando perceber o que as pessoas querem dizer... Diante do que ela disse, acabei pensando “abobrinha”... Fiquei muito feliz e a confortei, lhe dei um abraço e falei que daria tudo certo. Acho que fiz minha parte...

Ela não queria que contasse para minha mãe, mas disse que independente dela levar adiante ou não, minha mãe ficaria sabendo porque era justo, pelo menos eu achava que era! Quando minha mãe chegou, ela contou chorando e rindo ao mesmo tempo... Já misturou os sentimentos... Acho que meu sentimento a envolveu também e ela sabia que eu poderia arrumar inúmeras desculpas para não querer, mas estava ali... Nessa mistura de sentimentos, comemoramos! Fomos para o bar contando que eu ia ser pai! Olha que bicho besta!

Até que um dia ela sumiu! Estava trabalhando e ela me ligou dizendo que não estava se sentindo bem e iria ao médico. Foi aí que aconteceu o pior! Acredito que ela abortou e até hoje penso que foi isso mesmo que aconteceu!

Depois a mãe dela falou comigo dizendo que ela foi ao médico e teve problemas, mas em momento algum mencionou a gravidez... E tem mais uma coisa... Cheguei a ver um ultrassom, mas diante da frieza dela, achei que era uma brincadeira... E também ficou aquela coisa da negação por parte dela... Cheguei a pensar que ela podia ter tirado por ter cometido algum erro... Sinceramente acho que ela tirou não só porque tinha falado que faria isso, mas porque tinha dúvidas sobre quem poderia ser o pai e como ela conhecia meu gênio nada fácil, não queria deixar isso para discutir lá na frente...

Ela sumia, tinha os passeios com amigos e sempre fiquei com o pé atrás. Como nunca fui “flor que se cheire” e sabia que ela também não era, afinal a gente tinha uma ideia bem aberta, apesar de não falarmos em traição, esse sempre foi um risco... Acho que o aborto pode estar inserido nisso... Ela viu a felicidade que ficamos aqui e, de repente, não ser meu filho podia ser uma coisa ruim...

Antes da gravidez, numa das vezes que ela tinha sumido, nunca tinha ido na casa dela e quis fazer uma surpresa... Comuniquei que faria uma surpresa, mas acho que ela não entendeu, fez pouco caso... Já fiz muitas loucuras onde moro, mas onde ela morava não! Andei a cidade inteira! Para mim era questão de honra chegar no endereço dela! Pulei o portão, mas era de uma casa errada... Até que apareceu uma pessoa e disse que a rua era grande e tinha três números iguais ao que estava procurando... Fiz uma loucura! Poderia hoje nem estar aqui porque invadi um domicílio!

Fiquei muito puto porque ela já tinha me falado outras coisas que não correspondiam, como o lugar onde falou que estudava... Fui até a faculdade onde ela falava que estudava. Como tinha mais de uma, fui em todas procurando minha digníssima... Isso foi me deixando cada vez mais puto! Porque a gente já tinha um envolvimento, tanto que a gravidez não foi da noite para o dia... Acho que ficamos um ano e pouco juntos...

Foi quando me deparei com uma pessoa que desconhecia! Que criticava tantas coisas, mas fazia o mesmo! A gente fumava um baseado juntos, mas isso nem considero como droga... Quando encontrei com ela não sei o que ela tinha usado, se era pó ou pedra, porque existe uma aproximação que só quem já usou sabe. Não sei o que ela fez, mas ela me seduziu, como as mulheres fazem, tentou contornar... Na casa dela, a mãe dela me viu discutindo com ela. Expliquei tudo, mas...

Isso tudo me deixou muito chateado não só pelo fato de tirar a criança, mas por não ter me dado a oportunidade de ser pai. Ter tirado a criança foi o maior pecado que ela fez, mas não me deixar ser pai, isso posso superar... Posso ser pai novamente, mas a criança não vem de novo, entendeu? Isso me deixou muito chateado, me magoou, mas também não ter me deixado presenciar a situação em que ela ficou mal... Poderia ter pedido meu auxílio para acompanhá-la ao médico e faria isso na mesma hora! Afinal de contas, faltou no trampo para tomar uma gelada, então poderia faltar para ficar ao lado dela... Acredito que ela fez tudo por baixo dos panos, entendeu? Deve ter tramado isso tudo porque

cometeu algum erro também. Não era somente o fato de não querer ter, mas acho que satisfazer o desejo de ser mãe ou mesmo o meu desejo de ser pai poderia gerar um problema futuro, quando perceberia que o filho não era meu e essa história toda viria à tona. Com certeza iria escrachar e esculachar porque ela teria me feito de palhaço por um bom tempo! Seria como me fazer curtir o início da coisa e depois me falar que o filho não era meu. Ela estava com a faca e o queijo na mão para fazer o que achava melhor e foi isso...

Não sabia o que tinha acontecido, não pude acompanhar nada... Não presenciei, nem fiz parte do lado ruim da situação... Gostaria de ter acompanhado e falado com o médico para saber o que aconteceu, mas não vi nada! Por isso deixei bem claro que ela sabia o que tinha feito, mas eu não...

Nem por isso deixei de ficar com ela, até porque isso não seria legal... Lembro dela chegando do médico com cara de sonsa, e tivemos o maior cuidado porque ela tinha feito uma raspagem e tudo mais para não deixar resíduos e tínhamos que ficar um tempo de quarentena... Demos muita risada disso e fomos levando... Ainda ficamos um bom tempo junto e foi muito bacana! Todas as vezes que fiquei com ela foram muito boas. Éramos loucos e nos completávamos como qualquer casal que está feliz! O único detalhe foi a gravidez inesperada, que acabou não vingando, não sei se por vontade de Deus, por ela ter negado, ou pela vontade dela, de ter tomado atitude e depois segurar a bronca...

Fomos viajar e foi tudo bem até que teve um estopim no casamento de um amigo... De lá para cá não tivemos mais contato... Tentei falar com ela, mas ela não me atendeu... Independente de tudo que aconteceu, que foi muito grave, foi muito bom! Quero que ela seja feliz e hoje deve ter alguém, afinal se não deu certo comigo, com alguém vai dar...

Hoje falo com tranquilidade e frieza, mas na ocasião que me contou, fiquei muito chateado! Chegamos a dar um nome para a criança! Seria Maria Fernanda! Ela tinha escolhido... Lembro de uma coisa disse que vai ficar para o resto da vida: “Você sabe o que aconteceu! Você e Deus! Eu não sei...”

Falar desse assunto é falar o que eu penso sobre ele. Posso estar enganado e o outro lado poderia ter a chance de dar sua posição, embora acredite que não queira... Seria

importante, mas também não sei se é o caso opinar sobre quem está falando a realidade ou não...

Sobre ser pai... Não é fácil dizer como seria porque isso se constrói no dia a dia... Você pode pensar que seria o melhor pai do mundo e ter atitudes “anti-pai”... Acho que seria tanto doce quando radical! Poderia ser ríspido também para proteger, em todos os sentidos, como todos os pais, mas poderia forçar a barra, o que não me isentaria de ser pai! Afinal tem várias formas de ser pai...

Meu pai não foi um bom pai, mas foi pai, entendeu? Foram quatro filhos da minha mãe e cinco da outra mulher dele. Sendo bom ou não, ele foi pai... Fomos todos criados e, embora cada um tenha tomado seu rumo, não foi por conta dele que fomos melhores ou piores... Acho que ele fez seu papel. Nos deu alimentação e a ideia de que tínhamos que trabalhar e estudar. Ponto final! Não nos deu luxúria, mas o que a gente precisava. Acho que faria isso numa boa... Não adianta prever que vai ser o melhor pai do mundo porque você pode não ser! Pode até mostrar uma coisa em casa e ser outra coisa fora...

Nunca pensei em ser um pai como o meu... De jeito nenhum! Ele acordava a gente puxando a porta sanfonada ou batendo forte na porta de madeira! Não é assim que se acorda um filho e não acordaria meu filho assim... Faria da forma que acho correta... Levantar e acordar a criança ou o adolescente sem assustar! Porque senão já se criam maus fluídos... Meu pai era muito sério! Não permitia muitas coisas que eu permitiria, como ter amigos em casa ou mesmo namoradas... Acho que ele foi muito ríspido com a gente... Tem coisas que precisam de limite, mas hoje vejo pais tanto senhores mais velhos quando jovens que são muito bacanas!

Meu pai está muito mal de saúde... Pensando nisso, estava resgatando a memória do que ele representou para mim... Ele era um verdadeiro general! Chegava em casa e não falava com ninguém, só dava ordens que a gente tinha que acatar porque ele era “o cara”! Não sei como ele foi criado, a gente não sabe a história dele... Mas era extremamente rígido e queria que a gente estivesse disposto e preparado para o que ele precisasse. Nunca foi um cara participativo, nem fez questão de agradar a gente. Carrego muito disso, a secura dele e com a minha mãe também, por ter me deixado muito na mão da minha avó. Por isso nunca fui muito de ficar abraçando, beijando, essas coisas...

Estava pensando nisso depois que recebi uma ligação da mulher atual dele dizendo o que estava acontecendo. Fiquei recordando e pensando na frieza que tenho em compreender tudo isso sem dor, mesmo se ele for dessa para uma melhor, fico de boa... Falei com a esposa dele com naturalidade...

Hoje sou uma pessoa super sensata e não me abalo com essas questões de saúde porque sei que a vida é assim, ela traz, depois leva, uma coisa que acontece naturalmente. Acho que a história da minha família tem algo de muito diferente, como se estivesse tudo entrelaçado. Para se ter uma ideia, até hoje nenhum de nós se casou de verdade... Em termos religiosos, penso que é como um karma, algo que a gente carrega até a hora que alguém quebra...

Sempre gostei muito de crianças! Acho que é algo muito importante na relação da família, na construção de um laço que vincula o pai e a mãe a ponto de relevar os defeitos um do outro. Para mim, a criança tem o poder de fazer as pessoas verem os defeitos do outro e respeitar as diferenças, afinal a gente nunca sabe realmente com quem começa um relacionamento, que só com o tempo vem à tona.

Hoje estou com 36 anos, bem consciente do que fazer para progredir na vida. Depois de cometer diversos erros, fui aprendendo e hoje sei que tenho várias coisas que preciso corrigir. Cresci no meio de muita gente e conheço pessoas que me respeitam, outras não tanto quanto já respeitaram, talvez por coisas que fiz ou faço, posso ter perdido a credibilidade perante algumas pessoas. Respeito isso porque acho que a gente colhe o que a gente planta e se alguém deixa de confiar é porque de alguma maneira deixamos a desejar. Estou trabalhando, mas não sou uma pessoa muito ligada ao trabalho, tenho dificuldade em me adaptar por causa da forma como vejo o mundo, de ter me tornado meio anti-sistema...

Minha opinião sobre o aborto é igual a da grande maioria das pessoas, eu acredito... Se é uma situação de estupro, acho que deveria ser permitido. Já no caso de uma relação aberta, sou totalmente contra! Independente de ter condições financeiras ou não, sou totalmente contra! Onde come um, comem dois ou três. Não é por isso que se tem o direito de tirar uma vida! Não apoio, a não ser nesses casos extremos, de força maior! Para mim não é válido uma pessoa encher a cara e ir para a cama com alguém de confiança e ter essa luz de engravidar e depois simplesmente decidir tirar... Essa coisa

de “a gente não quer porque queremos viver sem filhos” e mesmo assim transam abertamente. Nesse caso tem um vínculo afetivo e para mim aí não existe esse direito!

Sou totalmente contra o aborto e acho que a mulher que corre disso também não teria direito de ter vindo à vida nesse plano. É muito fácil decidir depois que você já é mais velho, porque quando criança não tem a opção de escolher nada... Nós não tivemos a escolha, nossos pais decidiram e tiveram a escolha correta... Se meus pais fizeram isso ou quaisquer pais e mães que conheço e fizeram isso, por mais que eu goste, espero nem saber, porque comigo perdem muitos pontos! Mais que uma questão moral, é uma questão religiosa porque é uma vida! Não critico nenhuma religião, mas me aproximo do espiritismo porque acho que as coisas estão todas ligadas... Não acompanho especificamente Kardec porque acho que a crença é algo que vai se moldando e a pessoa começa a enxergar além e então permite ver a vida nesse sentido espírita...

Mas mesmo antes desse entendimento, até porque quando moleque não acreditava em deus, não permitiria algo do tipo. Mesmo em trabalhos de escola lembro que minha cabeça já era voltada para não aceitar o aborto, afinal é uma vida que está sendo tirada e não tem escolha...

Bruno

A entrevista com este colaborador fez parte de uma rede que se iniciou com uma amiga muito querida que, embora nunca tenha vivenciado um aborto, me ajudou a encontrar pessoas que tinham passado por esta experiência. O contato com este colaborador se deu pelo Facebook, quando pude explicar sobre a pesquisa e a importância de ouvir o ponto de vista masculino sobre a questão do aborto.

Felizmente, ele concordou em me receber em sua casa, onde nos encontramos no dia 20 de janeiro de 2014. A conversa foi longa e pude conhecer a trajetória de alguém que teve uma vida muito difícil na infância e na adolescência.

Sua relação com a mãe é marcante e a experiência do aborto da companheira foi pautada pela concordância de ambos e uma reflexão ancorada em posturas militantes. Apesar disso, a subjetividade de seu relato permite compreender que processos como este não podem ser observados unicamente pelo viés objetivo e prático.

Certamente é contribuição inestimável para este estudo, ampliando a discussão sobre gênero e as masculinidades. Além disso, foi ele quem deu continuidade a uma das redes de colaboradores, fornecendo o contato de uma amiga, com quem pude conversar posteriormente.

Sobre a questão do aborto, sinceramente acho que se minha mãe tivesse feito, a vida dela teria sido bem melhor... Eu não existiria, mas por tudo que passei também não sei se compensaria existir. Aliás, não tenho nenhum problema com a morte e, inclusive, sou a favor da eutanásia. Mas quando vejo uma criança, fico pensando se meu filho tivesse essa idade...

Tenho 27 anos e sou filho de mãe solteira, o primogênito de três. Minha mãe engravidou de um cara do interior de Alagoas quando tinha 21 anos. Meu pai, na época, propôs a ela fazer um aborto. Ela negou e resolveu encarar a barra, o que não foi nada fácil! Ela me teve sozinha, o que fez com que perdessem o contato por um bom tempo!

Acho que voltaram a se ver só depois que nasci. Mas o fato é que minha mãe ainda arrastou um caso com ele quase até meus cinco anos de idade! Ele era casado e tinha muitas amantes! Era um cara do interior com o pai rico, dono de fazendas, postos de gasolina, concessionárias, poderia mesmo ser considerado um “agroboy”! Essa situação durou até o dia que minha mãe não quis mais e foi buscar a própria vida...

A situação no interior de Alagoas é muito complicada! Primeiramente pelo conservadorismo da sociedade. Minha mãe conta um relato que envolve até uma figura que ganhou status nacional, uma deputada federal chamada Ceci Cunha, que foi a médica responsável pelo meu parto... Minha mãe conta que estava na cama e já tinha passado o tempo do parto... Estava começando a ficar roxa e a médica chegou até ela, a chamou de vaca e disse que estava de saída, mas que tivesse o bebê até ela voltar. Caso contrário, rasgaria minha mãe todinha com as próprias unhas!

Esta mulher nunca sofreu um processo de fato, mas são vários os casos em que esqueceu gases e instrumentos cirúrgicos dentro das pacientes! Lembro que quando ela faleceu, teve toda aquela comoção, com pessoas comentando “coitadinha” porque tinha sido assassinada, e minha mãe falou: “Coitadinha nada! Aquela é uma filha da puta!” por causa de tudo que tinha passado...

Quando acabou o relacionamento com meu pai, minha mãe arrumou outro companheiro e, depois de dois meses, engravidou. O cara não tinha emprego e ela não tinha dinheiro para comprar anticoncepcional, além disso, não era muito comum a distribuição de preservativos na rede pública no início dos anos 1990. Na época, ela trabalhava numa indústria de tabaco e foi uma situação muito complicada porque me criava basicamente sozinha, sem nenhum apoio da família. Tinha sido expulsa de casa aos 17 anos, depois do falecimento do meu avô, por uma questão extremamente machista.

Meu avô teve duas famílias e ao total foram 33 gestações somando a primeira e a segunda mulher. Com a primeira foram 14 e com a segunda 19! Embora nem todos tenham se criado, era uma família gigantesca! Da primeira família, tinha filhos casados, mas na segunda misturava gente casada com mais nova, sendo a filha menor de cinco ou sete anos. Quando meu avô morreu, minha avó tomou a herança de todo mundo e expulsou os filhos de casa! Eles que se virassem! Minha mãe ainda teve que ouvir: “já

deu o rabo, foi pra rua, virou puta!”... Depois de cinco anos ela engravidou de mim quando tinha um caso com meu pai.

Quando ficou grávida novamente, ela conta que chegou a pensar no aborto. A tentativa não foi o Citotec, mas aquelas velhas receitas, tipo a cabacinha, que é um chá conhecido como abortivo. Quando meu irmão nasceu, teve problemas sérios de saúde na infância. Não sei bem o que foi, mas conversando com minha mãe depois percebi que ela se culpava por ter tentado o aborto, achando que poderia ser essa a causa dos problemas...

Um ano e pouco depois, minha mãe engravidou novamente de minha irmã. Meu padrasto era alcoólatra e desempregado, então de repente minha mãe se viu com três filhos e nenhum apoio ou estrutura, o que foi muito complicado!

Quando faltava uma semana para completar seis anos, minha irmã nasceu e o Valdir, meu padrasto, que tinha família em Maceió foi embora com ela. Minha mãe ficou comigo e com meu irmão e me vi, com seis anos, tendo que cuidar do meu irmão pequeno para minha mãe poder trabalhar... Passamos pelas piores situações! Moramos em cortiços onde dividíamos um quartinho e o banheiro era coletivo! Uma situação de penúria muito grande, que se falar hoje, as pessoas acham que estou mentindo!

Depois de um tempo o Valdir voltou e minha mãe engravidou novamente. Acho que ela teve outra tentativa de aborto, mas não sei detalhes... O que lembro é uma mistura do que tenho na memória e o que conversei com ela depois... Sei que com oito anos cuidava dos meus dois irmãos em situação de pobreza extrema. Para ter ideia, para mim e meu irmão a alimentação era batata doce com caldo de feijão. Minha irmã nasceu desnutrida e minha mãe não tinha leite para dar, então entrou num programa da Pastoral da Criança, depois em outro programa do governo que oferecia uns pacotes de leite em pó, que minha mãe pegava para complementar nossa alimentação. Durante um tempo minha irmã se alimentava de bolacha de maisena e água, porque era o que tinha. Vivemos nessa situação, presos em casa para minha mãe conseguir trabalhar fora.

A situação melhorou um pouco quando tinha uns nove anos e fomos morar em Maceió. Dos nove aos 15 anos fui vendedor ambulante... Vendia frutas, verduras, cocadas e circulava por toda a vizinhança, mas sempre, o tempo todo, estava estudando! Morava num bairro de periferia, perto de uma avenida com muitas oficinas mecânicas e ferros velhos e dava para fazer um trajeto razoavelmente grande. Estudava de manhã e

trabalhava à tarde, mas com 13 anos, quando começou a adolescência, comecei a querer algum dinheiro. Foi quando surgiram problemas com a minha mãe...

Comecei a estudar à noite na sétima série e vendia lanches – de manhã para mim e de tarde para minha mãe – para conseguir meu dinheiro. Nesses seis anos que trabalhei na rua, passei por situações muito complicadas porque é um espaço onde estamos expostos a todo tipo de violência, especialmente psicológica, embora a física não esteja descartada, ainda mais sendo adolescente, como tentativas de assédio de várias fontes... Foi uma fase bem complicada e até traumática!

Até os 15 anos minha perspectiva era ter um emprego em que pudesse ter uma casa, uma esposa, filhos e, no máximo, um carro, esse era o paraíso ideal! Nessa época, estava na oitava série e fui trabalhar numa oficina mecânica, o que foi bom porque comecei a aprender um ofício e, principalmente, me tirou da rua e da vida de vendedor ambulante.

Por influência do meu professor de Português, que falou de uma escola federal que teria prova e seria legal o pessoal fazer, eu e um amigo tentamos. Fizemos a prova e, da escola toda, só nós dois passamos! Foi muito legal porque foi o primeiro momento em que percebi que começava a controlar meu destino...

Para me matricular foi um problema porque minha mãe não queria deixar! Como a gente morava na periferia e a escola era no centro da cidade, dava quase uma hora de ônibus e ela se preocupava porque iria estudar à noite! Fiz um escarcéu em casa, mas fui estudar na federal! Considero esse um marco tangencial na minha vida porque a partir dali consegui ampliar meus horizontes! Fiz meu primeiro currículo e consegui um trabalho com carteira assinada aos 16 anos como auxiliar de mecânico numa oficina. No começo era perto de casa, mas depois fui mudado para outra unidade, perto da orla. Passava o dia todo fora, o que me proporcionou sair um pouco do meu bairro, que era extremamente violento!

Maceió até 2012 era a capital mais violenta do país, com 100 homicídios para cada 100 mil habitantes. Isso tem a ver com o nível de pobreza, não tem emprego e a miserabilidade é muito grande! Consegui sair da imersão do bairro onde vivia porque praticamente só voltava no final de semana. Além de conseguir emprego, tive também meu primeiro namoro... Foi nesse momento que peguei mesmo gosto por estudar!

Com essa namorada tive minha primeira experiência sexual e foi muito bacana porque foi a primeira vez minha e dela. Ela era um ano mais velha, mas sempre fui mais maduro do que minha idade aparentava. Lembro que ela tinha problema de anemia e sua menstruação sempre atrasava, então era um pânico cada vez que isso acontecia! Tínhamos 17 anos e namoramos três, mas só transamos uma vez sem camisinha. Mesmo assim, existe risco... Conversamos sobre ela tomar anticoncepcional e fomos juntos à ginecologista. Chegamos ao consenso de tomar a injeção mensal. Era legal porque ela era bolsista e eu trabalhava, e um de nós pagava pela injeção... Mas a mãe dela acabou descobrindo e, no Nordeste, isso dá muito *bafafá*, tem até que casar! Ainda bem que meu sogro era muito bacana e lembrou que já tínhamos 18 anos... É até engraçado! Ele disse que a gente se virava porque éramos adultos e minha sogra não faria nada... Ela virou a cara um pouco, mas passou... No final, essa história foi uma experiência muito bacana!

Quando estava com 18 anos surgiu outro problema... Meu padrasto sempre foi muito violento, de quebrar as coisas em casa e tudo mais! Era na época em que quase não aparecia em casa porque estudava e trabalhava. No sábado, saía do trabalho ao meio dia e ia para a praia tomar cerveja com a galera do trabalho, que era muito mais legal, e só chegava de noite em casa. Ele implicava comigo porque era o único que não era seu filho, então tudo que acontecia em casa era minha culpa...

Na frente da minha casa tinha uma *vendinha*. Certa feita, cheguei e só tinha a vizinha tomando conta da merceariazinha, o que achei estranho... Fui para o quarto e escutei meu padrasto xingando minha mãe... Ele partiu pra cima dela, que saiu correndo para a rua... Ele correu atrás dela e fui atrás dele! Quando o alcancei, ele estava encima da minha mãe! Não pensei duas vezes! Dei uma surra nele no meio da rua! Os vizinhos vieram separar e foi muito ruim!

Essa não era a primeira vez... Dois anos antes ele tinha chegado de madrugada com um amigo, bêbados, esmurrando a porta. Quando minha mãe abriu a porta, ele veio pra cima dela com uma machadinha! Isso, no mínimo, é tentativa de homicídio! Dessa vez o segurei e chamei a polícia, mas como ele tinha um cunhado PM, acabou não dando em nada... Sem contar que já tinha sofrido ameaça de morte da parte dele! Coisas bem pesadas!

Depois disso, falei para minha mãe que não dava mais: “Se a senhora quer continuar aqui, tudo bem, mas eu não durmo mais uma noite nessa casa!”. Saí e ela foi comigo! Até aquele momento minha relação com minha mãe era muito complicada... Tive uma infância muito curta, vivi um tempo com a minha tia, e quando fui morar com eles, na primeira semana já brigamos! E eu tinha apenas cinco anos! Mas essa história se perpetuou por 13 anos da minha vida! Foi um momento extremamente conturbado! Nunca sofri abuso sexual e ele nunca me bateu diretamente, mas criava um clima em casa onde minha mãe era submissa e era tão pesado que ela descontava em mim! Apanhei muito, muito mesmo!

Depois desse momento, eu e minha mãe estabelecemos um vínculo muito legal! Nesse período de dois anos que tivemos contato fora daquele ambiente opressivo, quando já era adulto, me sustentava e tinha minha própria casa na periferia, criamos uma relação de amizade, onde tentava ajudá-la sem pensar nessa condição hierárquica.

Foi aí que começamos a conversar e entendi um pouco sua história... Ela me contou tudo que aconteceu! No período em que minha irmã não tinha o que comer, ela chegou a se prostituir para conseguir comida para nós... Chegou a pensar em roubar uma lata de leite no supermercado porque estávamos passando fome, mas tinha medo de ser presa e a gente acabar no Juizado...

Ela nunca teve apoio de ninguém! Quando nasci, minha avó falava: “Joga esse cachorro no lixo!” Então ela teve que se virar sozinha para sustentar nós três. A situação em que se encontrava tinha a ver com tudo isso porque já tinha a experiência de me ter enquanto mãe solteira... Aliás, foi então que passei a entender o porquê todo mundo me batia e me xingava de filho da puta... E também o que a levava a viver com meu padrasto e se submeter a ele. Embora sempre tenha trabalhado, fizesse suas coisas e fosse independente financeiramente, vivemos numa sociedade machista, então era necessário ter um macho que a protegesse. Tendo um macho ninguém mexeria com ela... Não adianta ser autônoma financeiramente, tem que ter alguém que te proteja, somente assim se tem respeito perante a sociedade, principalmente quando se tem filhos... Foi legal entender um pouco de sua história porque acabamos estabelecendo um vínculo que acredito perdure até hoje.

O que veio abalar um pouco a situação foi nossa mudança para outro bairro, ainda mais violento! Meu primo foi assassinado nesse lugar e, enquanto morei lá, vi todo tipo de assassinato... O mais bizarro aconteceu nos fundos da minha casa. A mãe havia denunciado o filho por tráfico de drogas e o cara foi preso. Quando saiu, voltou e matou a mãe e o pai, e deixou o irmão ferido. Ele subiu o muro da minha casa para invadir a casa da mãe dele... Ou seja, era um ambiente extremamente violento mesmo!

Minha mãe ficava muito preocupada por causa dessa violência. Da minha geração, éramos uns 250 jovens no bairro e acho que vivos, hoje, só tem uns cinco, contando comigo! Aconteciam chacinas de 12 pessoas, então era uma preocupação constante! Minha mãe percebeu que tínhamos que sair dali. Ela vendeu a casa dela e eu a minha e compramos outra onde ela mora hoje. O problema foi que a casa ficava na mesma rua onde meu padrasto vivia. A desculpa era que ela precisava estar perto do meu irmão para que ele não se perdesse. Foi justamente essa volta que abalou um pouco nosso vínculo. Querendo ou não, por mais que não vivêssemos na mesma casa e não sentisse mais a opressão porque já tinha enfrentado a autoridade dele, ficou um clima muito desgostoso...

Na época, tinha terminado o Ensino Médio em Maceió e estava fazendo curso técnico. Queria prestar Engenharia Química e passei, mas no segundo ano desisti e fiz Química. Comecei a fazer um ano de Licenciatura na universidade e foi muito legal porque foi quase um desabafo! Minha mãe sempre me controlou e quando entrei na UFAL foi bacana porque fui da primeira geração da família que cursou a universidade! Minha mãe e todos os irmãos são analfabetos, então foi um momento legal, mas também de balanço...

No primeiro ano do curso técnico, comecei a me envolver com o movimento estudantil. No Ensino Médio acompanhava de longe, mas depois parei de trabalhar na oficina porque seria impossível trabalhar como mecânico e participar de algum espaço político. Estudava de manhã e consegui uma bolsa para trabalhar como monitor no laboratório de Química. Então passava o dia todo na escola e tinha as tardes livres, que eram os momentos em que me envolvia com essas coisas. Junto com uns colegas, organizamos uma chapa para disputar a eleição do grêmio e ganhamos de maneira histórica! Foi um processo muito legal, um ano intenso em que aconteceram muitas coisas... Foi logo após

o Mensalão, então lideramos a greve na escola, ocupamos a Câmara dos Vereadores, a Secretaria de Finanças do município, derrubamos decreto do prefeito...

Foi um processo riquíssimo politicamente, mas no final da minha gestão no grêmio percebi que tinha me envolvido muito, mas minha militância era independente e, por isso mesmo, limitada perto de outros militantes de correntes, partidos, que tinham uma capacidade de leitura da realidade, de se expressar muito mais ampla. Vi que tinha que me organizar politicamente e foi então que procurei um partido, do qual faço parte, e comecei a desenvolver essa militância.

Em 2007 houve outro processo muito intenso, em que a gente apanhou da polícia e da guarda universitária! Nesse momento, sai do curso de Química e fui para o de História. Já tinha me desinteressado pelo curso de Química, que era muito conservador e, por causa do meu posicionamento político, rolava um rechaço por parte da turma. No curso de História me envolvi ainda mais com esse processo...

Em março de 2008 conheci minha ex companheira. Ela era do Direito e começamos a nos relacionar. No começo daquele ano tinha recebido uma proposta para sair de Alagoas, mas ainda não estava nos meus planos. Só que a situação em Maceió não estava das melhores, não tinha oportunidade de emprego e ainda havia as limitações políticas. Em julho decidi vir morar em São Paulo. Estávamos juntos há pouco tempo e acabou rolando uma crise na nossa relação porque não a incluí nesses planos, afinal estávamos juntos há muito pouco tempo e aquelas eram decisões para minha vida toda!

Vim para São Paulo e acabamos terminando o relacionamento, mas falamos dela vir me visitar. No ano seguinte, entramos em contato e ela veio para cá. Foi quando propus que viesse morar comigo. Lá ela tinha uma vida razoavelmente confortável, morava com a mãe num apartamento na beira da praia, tinha carro, e aqui não teria nada disso. Cheguei a falar que em Maceió nossa relação não seria possível porque havia uma pressão de classe muito grande! Não que ela fosse rica, mas tinha outra perspectiva, uma condição de classe média. Enquanto eu morava num bairro onde as pessoas morriam o tempo todo, passava um esgoto na minha porta e quando chovia tinha que acordar de madrugada e subir na cama para não me molhar!

O fato é que ela também militava no partido e resolveu vir morar comigo. Nesse processo, tivemos uma conversa muito aberta em que me contou que quando nos

separamos ela voltou a se relacionar com um ex namorado. Fizemos aquele descarrego de emoções, coisa que fazemos até hoje na nossa relação de amizade, de falar como estamos e o que fizemos no tempo que não nos vimos. O que me contou foi que teve uma relação com o ex muito complicada. Antes de ficar comigo, eles tinham namorado uns quatro anos, entre idas e vindas. Ele era mais rico que ela e a família incentivava o relacionamento dizendo que ele era o homem ideal porque era mais velho, tinha um puta carro, ia buscá-la na balada e essa era a perspectiva da família. O que ela me passava era que não gostava muito dele, mas em momento de carência afetiva, voltava a ficar com ele. Nesse período que ficamos separados, eles reataram e ela engravidou, mas não contou nada porque não queria ter um filho dele. Teve apoio de uma tia e um amigo nosso indicou onde comprar o Citotec. Ela contou que foi na farmácia e o farmacêutico se fez de desentendido, como se não soubesse de nada. Quando estava indo embora ele foi até o estacionamento e explicou como funcionava e quanto custava. Ela comprou, foi para casa, tinha que tomar e introduzir o remédio e, como estava com um mês de gravidez, sangrou um pouco e saiu como se fosse uma *macinha*, basicamente isso...

Fiquei meio assim porque, por mais que estivesse numa organização política que defendesse a legalização do aborto e o direito de decidir da mulher, por uma questão pessoal tinha minhas questões. Estava vivo porque minha mãe tinha decidido não me abortar... Mas era uma questão minha, não a condenei, só que isso não era tão claro para mim...

Continuamos a relação, comecei a trabalhar e fomos morar juntos em Osasco. Era um quartinho na verdade e a primeira vez que minha mãe veio me visitar rolou um estranhamento porque não tinha muito tempo que havia saído de Maceió e ela ainda tinha esperança que eu voltasse... Foi uma questão bem difícil, que tive que administrar. Depois mudamos para uma casa maior e pensamos no projeto de comprar um apartamento, o que fizemos logo depois.

Moramos três anos juntos e passamos por várias crises. Primeiro porque estava envolvido com um projeto político, trabalhava em fábrica, e ela desde que chegou foi trabalhar num sindicato, que era uma coisa um pouco mais tranquila. Toda nossa

relação foi muito pautada pela militância, éramos amantes e camaradas, e isso era complicado porque as coisas se misturam muito!

Entre idas e vindas, vivemos bem durante um ano, depois começamos a ter algumas crises. Ela tinha varizes, então não podia tomar anticoncepcional. Usávamos camisinha regularmente, mas uma vez ou outra deixávamos passar, então ela tomava pílula do dia seguinte. Mas, conforme se usa, vai perdendo o efeito... Acabou acontecendo dela engravidar...

Foi um grande dilema, um dos momentos mais complicados de nossa relação! Ela encarava a gravidez como uma coisa meio alienígena, um ser se criando dentro dela e que parecia um *alien*! Ela nunca quis ser mãe e não tinha aquele instinto materno socialmente construído... Quanto a mim, estava num momento diferente porque tinha desenganado de estudar, largado a faculdade e estava só trabalhando. Tinha casado, comprado apartamento, estava entre um emprego e outro porque, a não ser que você seja concursado, não tem um emprego regular...

Quando tudo aconteceu e começamos a desconfiar da gravidez, acabávamos de voltar uma viagem, que tinha dado fôlego novo para a relação. Ela fez o teste de farmácia, depois o exame de sangue e comprovou a gravidez. Lembro que estávamos no ônibus voltando para casa e começamos a discutir se teríamos ou não o filho. Essa foi a pauta. Falei que tínhamos que pensar nos pontos positivos e negativos da situação e daí poderíamos pensar em como tratar a questão. Falamos dos problemas, inclusive financeiros, a mudança das nossas vidas, que ficariam totalmente direcionadas para isso...

Estava retomando os estudos e pensei que com um filho teria que largar tudo e me dedicar totalmente ao trabalho e à criança. Sempre tive noção de que não ficaríamos juntos para sempre, não tinha essa ilusão e havia a questão concreta de que ela não tinha interesse em ter um filho. Pode até ser que depois mudasse de ideia... Mas eu também ia querer ficar com a criança, o que seria mais um elemento de disputa numa futura separação...

De qualquer forma, o que pesou mais foi o elemento objetivo, então foi uma coisa complicada, que envolveu sentimentos não muito claros, difíceis de expressar... Decidimos que, como estava de um mês, esperaríamos até três meses, que seria o tempo

para cada um ver o que pensava e voltaríamos a conversar. Nesse tempo fui refletindo, ponderando também à luz no meu posicionamento político. Até porque a questão religiosa não pesava, pois desde que comecei a militar com 18 anos me tornei ateu.

Antes fazia parte de um tipo de militância da igreja Católica, a Renovação Carismática, que hoje considero o setor mais reacionário da igreja. Essa renovação parte dos dogmas e faz uma crítica à igreja no sentido de que o tradicionalismo acabou afrouxando e permitindo muita coisa que era preciso combater. Além disso, tinha o avanço dos evangélicos, então era preciso criar uma nova roupagem atualizada da igreja. Daí vieram figuras como o padre Marcelo Rossi, aquela ideia do show, do espetáculo, mas imbuído de uma doutrina conservadora muito forte. Na adolescência, minha sexualidade foi muito pautada por essas ideias de que se masturbar era pecado e coisas do tipo, que criavam um peso gigantesco! Depois fui desenvolvendo toda uma crítica a partir das minhas leituras, estudos e reflexões. Ninguém me converteu ao ateísmo, foi uma escolha individual. Como já tinha rompido com a igreja, a questão religiosa no caso do aborto não era um problema.

Refleti muito sobre a condição da relação e a minha, individualmente, o que mudaria. Por mais que seja lindo, bacana, eu gostaria de acompanhar todo o processo da gravidez... Se o casal está bem, é muito bacana, mas não era bem isso que acontecia com a gente... Pensei em tudo que queria fazer ainda, estava com horizontes mais amplos, tinha voltado a estudar, queria viajar, morar fora, então não cheguei a impor nenhuma situação.

Teria que ver o que ela gostaria de fazer... E ela quis tirar. Acho que fui meio frouxo naquele momento... Mesmo com mais dúvidas que certezas, se ela quisesse eu toparia. No fim decidimos tirar e precisávamos ver como fazê-lo. Pesquisamos todas as formas e a primeira que pensamos foi a que ela já tinha feito, que era tomar o Citotec. A gente sabia que não ia tentar nada alternativo como chá de cabacinha! Citotec era uma coisa possível e começamos a pesquisar, mas foi muito difícil, porque ninguém sabia como encontrar.

Procurei na internet, cheguei a pegar alguns contatos, mandar e-mails, mas não obtive êxito. Até esse momento, só a gente sabia, não tínhamos aberto para ninguém. Mas essas coisas têm um tempo, não dá para esperar, então começamos a procurar ajuda com

as pessoas que conhecíamos. Como não somos de São Paulo, nossos vínculos de amizade eram pessoas ligadas ao partido, onde existia uma discussão e, conseqüentemente, uma rede de apoio para esse tipo de situação por parte do movimento organizado de mulheres, que conheciam médicos que atendiam esses casos.

Pegamos o contato e ligamos, mas ainda tinha o problema financeiro. Sorte que sempre fui econômico, então tinha uma poupança, que não era muito, mas ajudava. O médico só atendia por indicação e a consulta custava 300 reais na época. Marcamos e foi um processo muito interessante! Quando chegamos, o médico, um senhor de 60 anos nos atendeu e foi a primeira vez que estive diante de uma consulta médica de fato! Ele perguntou quem nós éramos, o que tinha acontecido, se éramos casados, a nossa idade... Explicamos toda a situação, falamos sobre todo o processo, que éramos casados, mas não tínhamos filhos... Ele perguntou se tínhamos certeza e ficamos mais de uma hora conversando! Foi muito bacana! Ele disse que se realmente tínhamos decidido não tinha problema e explicou todo o procedimento. Fez um ultrassom e disse que estava tudo tranquilo, desenvolvendo bem e que daria para fazer. Em outra data, que marcaríamos, ela tomaria uma anestesia, dormiria, ele faria o procedimento – por sucção - e cerca de duas horas depois ela sairia sem nenhum ferimento. Só precisaria tomar comprimidos anti-inflamatórios que ele receitaria e, depois da primeira menstruação, teria que voltar para uma nova consulta. O negócio complicou quando falamos de valores! Com a consulta, ficaria quatro mil reais em dinheiro! Não é qualquer um que tem essa quantia guardada! Felizmente a gente tinha e fizemos, mesmo acabando com nossas finanças...

No dia marcado fui com ela, foi feito todo o processo e quando saímos fomos ao Mc Donalds. Compramos o remédio e deu tudo certo! Nossa sorte foi que eu tinha dinheiro guardado porque a maioria das pessoas não podem bancar um procedimento desse, que sempre tem um dano psicológico, mas quando se tem grana, o físico é muito pequeno... Tanto que é um ambiente controlado que permite que você se levante dali e pouco depois vá a um shopping comer um lanche.

Fizemos um balanço e vimos que foi tudo muito acertado, mesmo antes de terminar, porque seria uma carga muito grande para uma relação já fragilizada. Inclusive o dia do nosso término foi muito tranquilo. Vimos que não rolava mais e foi tudo beleza! Só depois de um ano que tínhamos terminado complicou um pouco por conta da pendência

do apartamento. Quando envolve dinheiro as coisas são sempre mais difíceis... Mas acabamos resolvendo, abri mão da minha parte porque não queria mais esquentar a cabeça com isso...

Não me arrependo da decisão do aborto e repensei inclusive na possibilidade de ter filhos. Não quero agora, prefiro deixar para meus 35 anos, quando terminar meu doutorado! Não ter o filho naquele momento me permitiu fazer algumas coisas e mudar totalmente meu horizonte de vida...

Esse período todo foi complicado, mas muito mais no âmbito do impacto disso na minha vida do que no âmbito moral. Acho que tem que ser uma opção, as pessoas têm que ter o direito de se planejar, de saber quando quer ter filhos. Não defendo como método contraceptivo, na verdade acho que precisa ter uma política de métodos contraceptivos e, em último caso, se a mulher não tiver condição nenhuma de ter e não quiser, que tenha a última opção de praticar um aborto. Tem que ser legalizado e precisa existir uma rede de saúde pública que atenda essas mulheres.

Lembro-me do caso de um colega cuja companheira teve um aborto espontâneo. Ela estava dando aula quando começou a sangrar e foi levada para o Pronto Socorro já com essa desconfiança. Chegando lá, ela foi muito mal atendida! Na verdade, não foi sequer atendida! Ficou largada na fila de espera, sangrando com hemorragia e ninguém atendia porque achavam que ela tinha provocado e, se tentou o aborto, deve morrer! Esse colega fez o maior escarcéu, chamou a imprensa até que conseguiram um atendimento adequado. Conversando sobre isso, ele contou o quanto essa experiência foi traumática para a companheira...

No bairro onde morava, tinha várias meninas que tinham fama de sair com todo mundo, engravidar e diziam que faziam aborto uma vez por mês. E quantas não acabaram com a própria vida porque não tinham essa opção!

Hoje tenho mais clareza dessa situação. Estou namorando e conversamos tranquilamente sobre o assunto. Prefiro que a gente não engravide porque é caro e oneroso, mas se ocorrer sou a favor de fazer o aborto e ela também. Não moramos juntos e não estamos dispostos a ter filho agora.

Minha prioridade ao vir para São Paulo era me envolver em trabalho fabril, por conta da minha formação técnica. Quando cheguei, fui morar na zona sul e consegui trabalho numa metalúrgica em Osasco. Depois trabalhei em Alphaville, que foi quando a Marcia veio morar comigo, e estava ganhando um pouco mais. Continuei em Barueri em outra fábrica, até que fui trabalhar numa farmacêutica em Jandira. Nessa época, veio forte a perspectiva de voltar a estudar e comecei a fazer cursinho. No final de 2010 decidi parar porque era muito difícil trabalhar dez horas por dia e prestar vestibular. Fiz a prova e em 2011 entrei na USP. Hoje estou no quarto ano da faculdade de História. É a terceira faculdade que começo e essa vou terminar!

Em 2011 rolou toda a história do aborto e, em 2012, a gente se separou às vésperas do meu aniversário e do dela... Catei minha malinha e vim morar nesse quarto... Estava desempregado na época e comecei a estagiar na Pinacoteca, onde fiquei por um tempo, que foi muito legal para mudar um pouco esse meu lado “obreirista”. Pude discutir um pouco mais essa perspectiva intelectual. Sempre gostei disso e desde que comecei a militar e me envolver mais politicamente tive interesse pela história das correntes, algo que sempre me empolgou muito, tanto que me dediquei a estudar e conheço muito a história do trotskismo mundial!

A Pinacoteca me propiciou a abertura para a questão das artes. Sempre me achei muito bruto para o lado artístico, até pela minha formação, e foi bacana porque aprendi muitas coisas... Queria ter ficado até o final, mas fui chamado no concurso dos Correios. Um mês depois, o Metrô me chamou... Além de pagar mais, era um trampo menos chato, então estou há um ano e pouco trabalhando no metrô. Neste período, fui eleito para a Cipa da linha dois – verde. Na última eleição do sindicato, estava na chapa vencedora e estou na direção do sindicato dos metroviários também. Esta é basicamente minha atividade política. Acabei me afastando do partido por conta dessa perspectiva de querer me envolver mais academicamente.

Estou com a iniciação científica e pegando calorosamente os textos para desenvolver o projeto com meu orientador. Minha ideia é depois começar a estudar para a prova do mestrado de História Social na USP. Vou começar a estudar francês e pretendo me sufocar um pouco menos.

Voltei a fazer concurso para sair do Metrô porque, sendo sincero, o que me humanizei, o metrô desfez... É um trabalho de muita pressão, no sentido de que você lida com todo tipo de mazela da sociedade. Minha função é trabalhar na catraca. Tenho um bilhete de serviço para as pessoas que não tem como pagar, idosos e tal, e tenho que liberar a passagem. Por isso, convivo com muita gente e vivemos sob pressão o tempo todo! Esses dias um colega foi agredido por doze ambulantes na estação da Luz. O trabalho é extenuante e entendo a dificuldade social, mas humanamente o indivíduo meio que se distancia da classe e, às vezes, é muito filho da puta! E existe uma coisa de empoderamento porque sou o moço que libera ou não e isso me desgasta muito! Tenho uma inflamação no braço esquerdo por conta do trabalho e é algo muito aborrecedor. Por isso, estou ansioso em me formar. Não que ache que dar aula será a solução de todos os meus problemas, mas quero trabalhar com algo que goste de fazer e que seja menos alienante. Acordo cinco horas da manhã para trabalhar porque preciso pagar minhas contas.

Hoje não tenho pretensão em dar aulas. Quero primeiro fazer o mestrado porque meu objetivo é dar aula em universidade ou em escolas técnicas como a que estudei e com a qual tenho uma relação de carinho... Para mim, na condição que vivia, foi uma oportunidade muito importante, um lugar onde tive contato com pessoas de classes sociais diferentes. Era uma escola policlassista porque entram os que passam na prova e tinha alguns pobres, entre eles, eu. Lá tive contato com professores mestres e doutores e se não fosse por isso não teria condições de competir para entrar numa universidade pública.

Senti um baque quando tentei entrar na USP e isso tem um peso. Talvez para um cara de classe média que estuda num puta colégio seja tranquilo dizer que é grande bosta entrar na USP, mas para mim não! Ralei pra cassete! Gastei dinheiro pra caramba! Por isso, tenho essa simpatia pela escola que fiz e que me propiciou essa passagem de consciência, onde me envolvi politicamente e intelectualmente...

Foi onde li meu primeiro livro: “O Poderoso Chefão”. Li 600 páginas alucinadamente em três dias! Depois gostei muito de uma autora novelesca, a Adelaide Carraro... Ela tem algo interessante que é viver as coisas para poder contar. No livro “O Castrado”, ela conta a história de um cara que foi para o Rio de Janeiro tentar ser ator, mas acabou

virando garoto de programa. O final é meio trágico porque ele se envolve com um médico que tenta castrá-lo! Um clima bem pesado e denso!

Sobre a questão do aborto, sinceramente acho que se minha mãe tivesse feito, a vida dela teria sido bem melhor... Eu não existiria, mas por tudo que passei também não sei se compensaria existir. Aliás, não tenho nenhum problema com a morte e, inclusive, sou a favor da eutanásia. Mas quando vejo uma criança, fico pensando se meu filho tivesse essa idade...

Acho que minha relação com minha mãe me ensinou muitas coisas que fui percebendo com o tempo. Ela me agredia... Mas a gente sofria uma opressão conjunta e ela não sabia que estava me agredindo... Ela era submissa e quem tinha de submisso era eu, então reproduzia aquela cadeia de sentimentos...

Na adolescência, conversava com meus poucos amigos sobre essas coisas de mulheres e namoros e a gente discutia muito essa questão sexual do homem que só quer gozar e a mulher que se dane! Que não podia ser assim, tinha que ter uma relação e ver se a mulher gozou também... Por mais simples que pareça, foram vários momentos de construção de uma ideia. Dizem que não existe homem não machista e não discordo totalmente, mas acho que tem uns que buscam combater esses desvios e tendo a me enquadrar nesse perfil.

No Nordeste, as mulheres são muito oprimidas, a ponto de uma menina que está beijando ou foi vista com alguém já é considerada puta! Hoje bem menos, mas na minha adolescência era muito marcante! No meu bairro tinha uma geração de órfãos porque os pais morriam e as meninas ficavam sozinhas com os filhos. Quando cheguei lá, tinha uma vizinha nossa de 29 anos que era avó! O cara que a engravidou tinha sido assassinado e o que engravidou a filha dela também! É uma geração muito complexa e acho que o que penso também tem a ver com isso.

Meu pai é falecido. Até meus cinco anos, tivemos um pouco de contato, mas depois disso, dos cinco aos 13 anos, acho que nos vimos, no máximo, cinco vezes... Meu pai não me registrou. Apesar de publicamente nunca ter negado, ele também nunca assumiu, nem me deu um centavo. A única coisa divertida era que, como ele era rico, quando nos encontrávamos ele me levava para passear. A última vez que me lembro, fui atrás dele, que estava cheio de cachaça, e disse para eu voltar para a casa da minha tia

que ele iria até lá. Depois chegou de moto e passou a noite lá. No dia seguinte voltou com uma Ranger e uma lancha acoplada dizendo que iríamos passear! Ele me levou para a lagoa e ficamos o dia todo andando de lancha... Voltei para casa e tudo continuou a mesma merda! A última cena que lembro dele foi que chegou para mim e disse: “Olha, você é homem e pode ser tudo! Ladrão, bandido, o que quiser! Só não seja viado senão te mato!” Foi a única palavra de “carinho” e afeto que escutei...

Tempos depois, soube que ele tinha falecido fazia uns dois anos... Foi tenso porque fui à casa de uma das minhas tias - nunca ninguém me conheceu - e perguntei por ele... Foi quando disseram que ele tinha falecido... Voltei para casa e contei para minha mãe que coletou as informações sobre o que aconteceu... Na época, eu trabalhava na mecânica, e descobri que meu irmão mais velho, filho da esposa dele, tinha falecido num acidente de moto depois de entrar debaixo de uma carreta. Depois disso, meu pai ficou meio pancada e, seis meses depois, faleceu de moto também num cruzamento...

Nunca tive um sentimento muito claro por ele, inclusive sua imagem às vezes me foge porque ele nunca foi presente. Tinha um elemento do divertido porque eram situações esporádicas da minha vida que eu nunca tinha. Mas no geral nunca tive um sentimento de apreciação... Minha mãe sim... Ela diz que, apesar de tudo, a única coisa que ele fez de errado foi não ter me assumido porque, no mais, ele era muito carinhoso e foi o homem da vida dela! Falo regularmente com ela e, mesmo não morando mais com meu padrasto, vive lado a lado, o que é meio complicado. Quando a gente conversa, ela me fala que precisa arrumar um “dono”... E eu digo: “Mãe, que dono! Você talvez precise de um companheiro! Quem tem dono é cachorro!”.

Uma coisa muito interessante da minha mãe foi que ela sempre me criou de uma forma muito autônoma. Desde pequeno tinha que fazer minhas coisas, arrumar meu quarto, lavar minha roupa, fazer minha comida, sempre ajudei muito em casa... Então, quando fui morar sozinho não tive problema! Muitos homens saem de casa e buscam uma mulher para ocupar o lugar da mãe, da empregada: “Além de passar, lavar, ainda vou ter sexo!” Penso totalmente diferente! Quando me relaciono estou em busca do companheirismo, dividir a vida mesmo... Tanto que em casa, com a minha namorada, na maioria das vezes, quem faz a comida sou eu. Gosto de cozinhar e não vejo isso como um problema!

Sou registrado só pela minha mãe. Nunca sofri com isso, mas era um dos sonhos da minha mãe que meu pai me registrasse. Ele sempre vinha com milhões de desculpas, até porque tinha a questão da herança... Meu pai, sinceramente, era um filho da puta! Ele tinha a esposa e quatro ou cinco filhos desse casamento, mas tinha aproximadamente uns dez outros porque pegava as meninas novinhas nas cidades do interior, as engravidava e deixava lá... Ele sempre fugiu muito, mas para mim nunca foi um problema, exceto vez ou outra em que a gente é obrigado a preencher uma ficha e dizem que esqueci algum dado... No nome do pai está N/C (Não Consta). Mas em geral não me trouxe grandes problemas, talvez porque seja meio desencanado com isso também...

Sempre tive a certeza de querer ser pai, o que mudou foi o prazo... Mesmo na ocasião do aborto, sempre estive propício a algum evento do tipo “Acontece, fudeu! Vamos ter!” Hoje em dia estou mais tranquilo. Quero ser pai, mas quero acompanhar o processo e acho que deve ser uma coisa muito legal! Estar com a pessoa que você gosta, com quem vai ter um filho e ver o desenvolvimento de tudo, a barriga crescendo, é algo que me atrai muito! Uma vez vi uma menina grávida muito parecida com a minha primeira namorada e tinha uma barriga linda! Fiquei em êxtase!

Acho que a paternidade tem um elemento de responsabilidade, de criar outro ser, porque querendo ou não, a gente passa um pouco da gente no outro. Estamos formando uma criança! Minha mãe me criou e, por mais que não siga o que ela quis, tem muito dela em mim! Eu me reapropriei disso! Tenho uma visão sobre as relações de que tudo tem início, meio e fim. Brinco que, se continuar assim, aos 60 anos terei casado quatro vezes... Penso que quando tiver um filho, vou educar, mas quando chegar uma certa idade, a gente vai se separar... Mesmo assim, vou continuar tendo um filho, entendeu?

Se eu e a Marcia tivéssemos a criança, provavelmente hoje haveria um litígio pesado! Talvez ela não quisesse ficar com a criança, mas a mãe dela querer, então o negócio ia ser feio! Na minha perspectiva, se um dia tiver uma criança, vou querer ficar com ela... Em termos de criação, mesmo que não ache que um pai vai ser um psicopata de querer que o filho passe pelas mesmas dificuldades que ele passou, acho que o outro extremo, de pensar que o filho vai ter tudo que não tive, não é legal e só vai criar uma criança mimada e não um ser preparado para enfrentar o mundo.

Creio que terei uma condição melhor que a que tive para dar ao meu filho, ele não terá que ralar tanto, mas vai ter que se virar! Não terá tudo de “mão beijada”... Se quiser alguma coisa, vai ter que fazer por onde, seguir os caminhos para conseguir e que estarei disposto a ensinar sempre! Pretendo ter um relacionamento bacana com meu filho para poder ensinar e aprender muita coisa também! Afinal, querendo ou não, a gente vai ficando velho e se desconecta um pouco do mundo... Um filho talvez ajude a reconectar, mas claro que depende da relação que você estabelece com a criança, o adolescente...

A questão social também bate à porta, inclusive, minha relação afundou por conta disso... Existe um elemento de paixão, mas é como um impulso que quando acalma tem as coisas objetivas. Minha companheira queria um nível de vida que, mesmo mais estruturado, não tenho. Ela queria sair sempre, curtir, comprar as coisas e continuo sendo um cara econômico, mesmo ganhando um pouco melhor, não gasto tanto quanto ela gastava. Ela não conseguia ter uma poupança e, naquela ocasião, se dependesse dela, não teríamos como fazer. A gente discutia muito porque ela queria o prazer imediato, fazer tudo agora! E eu dizia que o prazer é instantâneo e a felicidade é uma coisa duradoura... O prazer é algo legal, mas não vai me levar a canto nenhum... Por isso, sempre busco me distanciar para entender os processos e até faço muita autoanálise, o que me ajudou a resolver vários problemas na minha vida...

Sempre fui reservado, mas não significa que não aproveite ou não curta a vida... Minha origem tem muito a ver com isso... Por exemplo, com 13 anos minha mãe abriu minha primeira poupança e falou para juntar dinheiro caso acontecesse alguma merda, teria como me virar! Aprendi com minha mãe a ser econômico, mesmo que extrapole vez ou outra...

Nunca contei para minha mãe sobre o aborto... Pensei em algum momento sobre isso, mas não sei... Ela tem uma perspectiva e, querendo ou não, deseja ter um neto... Falo para ela esperar dos meus irmãos... Não que ache que ela seja contra, mas não queria envolvê-la na situação... Mesmo conversando sobre minhas relações, sempre falei: “Estou desabafando com a senhora, mas não quero que se meta!” Minha mãe sempre respeitou esse espaço, mas essa questão que é um pouco mais complexa. Querendo ou não, a consciência é sempre contraditória e complexa... Mesmo as pessoas fazendo a

mesma coisa, elas condenam... Não sei até que ponto minha mãe condenaria, mas acabei ficando com receio de contar...

A discussão sobre o feminismo é sempre muito complexa, mesmo no âmbito da esquerda... Essa pauta das mulheres tem que ter um cuidado muito grande para não cair no sexismo, que não leva a nada, pelo contrário, faz perder aliados... Por isso, penso que o corte central é de classe. Por exemplo, uma menina pobre que vive sob pressão familiar, constrói relações com os parceiros e acaba engravidando sem apoio nenhum para fazer o procedimento do aborto. Além de não ter acesso a métodos anticoncepcionais, pode pegar uma agulha de crochê e se furar para abortar... Quando chegar num posto de saúde, vai ser atendida e condenada à morte na prática...

Mesmo que seja importante ver como mulheres e homens entendem esse processo, acredito que a questão de classe seja mais forte porque os enfrentamentos são distintos, as crises são diferentes! Enquanto uma aborta e vai ao shopping comprar um sapato novo e sai feliz, a outra vai ter problemas para a vida tanto de saúde, caso sobreviva, e se for descoberta, como as meninas que conheci na adolescência no meu bairro, ficam difamadas como aborteiras... Isso é um ponto que não pode ser deixado de lado!

PARTE III

ANÁLISE

Lugar e lugares do mundo da (pro)criação

Diante de inúmeras possibilidades de análise oferecidas pelo conjunto de documentos elaborados, optamos por estabelecer os seguintes pontos:

- A centralidade das discussões sobre gênero que abre espaço para refletir sobre ativismos e a importância do feminismo neste âmbito, envolvendo também aspectos mais recentes relativos às masculinidades.
- Há alguns temas que perpassam todas as narrativas em alguma medida e, neste sentido, merecem especial destaque: a questão da saúde, do direito e da religião.
- A natureza dos discursos tendo em vista o lugar de onde são elaborados – tipos de narrativas.
- A possibilidade de olhares alternativos sobre a experiência do aborto – desvitimização.

A análise tem o objetivo de acenar para a multiplicidade de áreas que se debruçam sobre o tema do aborto, mostrando a necessidade e o compromisso de estabelecer um diálogo interdisciplinar, valorizando as iniciativas que seguem paralelas aos estudos históricos e que contribuem para nosso trabalho.

FEMINISMOS, GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES

Neste capítulo, pretendemos realizar a análise das fontes coletadas a partir das questões de gênero, centrais para o desenvolvimento do estudo como um todo. Neste sentido, nossa abordagem transpassa o feminismo enquanto espaço privilegiado para o surgimento de tal categoria e para seu desenvolvimento ao longo das últimas décadas. No que se refere à ampliação do debate, acrescentamos a emergência dos estudos interseccionais, cuja atenção se volta para os marcadores sociais da diferença e as maneiras como se entrelaçam nas vidas e demandas dos sujeitos na contemporaneidade.

Desta forma, abordaremos aspectos relacionados à geração, classe social e raça como recortes significativos para compreender a experiência do aborto. Além disso,

acionaremos a discussão sobre masculinidades de modo a contemplar as experiências masculinas registradas em nosso *corpus* documental.

FEMINISMOS

Sobre o início do feminismo enquanto movimento organizado, apesar da inegável relevância da década de 1960, é possível acionar outros contextos, dos quais ressaltamos as investidas de Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft no século XVIII. Motivadas pelas transformações resultantes da Revolução Francesa e a conquista de direitos por parcelas mais abrangentes da população, buscaram inserir as mulheres como cidadãs e, portanto, também sujeitos de direitos. Ainda que suas iniciativas não tenham sido exitosas, seus escritos e ações deixaram rastros.

No século XIX, o destaque ficou por conta das sufragistas que, em diferentes países, se mobilizaram em defesa do direito do voto feminino. Ainda que haja críticas aos limites das propostas destas, que poderiam ser consideradas as “primeiras feministas” é necessário considerar o momento de sua atuação e as possibilidades que então estavam disponíveis.

O século XX, especialmente a partir da segunda metade, é reconhecido como o *locus* de intensificação do movimento, tendo a publicação de “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir, em 1949, como marco para o que seria uma segunda onda feminista. É importante ainda ressaltar este contexto como prenhe de grande mobilização social de diversos setores, também identificados como minorias, na luta por direitos, como é o caso do movimento negro, além dos processos de descolonização dos países africanos e asiáticos. Esta efervescência alargava seus tentáculos e possibilitava o surgimento de ambiente propício para debates e manifestações públicas em que se misturavam as demandas. Falamos, portanto, de uma perspectiva de ação contra as opressões dos mais variados tipos.

Muitos dos envolvidos nestas mobilizações apresentavam em comum uma formação acadêmica particularmente relacionada às Ciências Humanas. Neste sentido, paralelamente às práticas políticas adotadas por segmentos “minoritários” e simpatizantes de tais causas, foram sendo elaboradas reflexões teóricas acerca das problemáticas enfrentadas objetivamente. As universidades foram espaços privilegiados para a produção de saberes concernente a temas antes relegados ao esquecimento e,

mesmo diante de dificuldades e resistências, os movimentos sociais galgaram importantes conquistas em meio acadêmico.

GÊNERO

A temática de gênero atualmente é categoria amplamente utilizada por pesquisadores de diferentes disciplinas. Nesta pesquisa sua centralidade é inquestionável. Inicialmente a categoria gênero tinha como principal característica a observância de questões que diziam respeito às mulheres, o que de alguma forma buscava contemplar lacunas históricas e ampliar o escopo de estudos para além das conhecidas naturalizações dos papéis sociais desempenhados por mulheres e homens.

Como aponta Adriana Piscitelli, passou-se “a considerar que a categoria “gênero” apresenta um forte potencial “desnaturalizador” quando pensada de maneira que dilua as identidades globais e se inter-relacione, contextualmente, com outros sistemas de identificação e hierarquias”.

Diante de necessidades epistemológicas, “novos conceitos e categorias tiveram de ser introduzidos a partir das perguntas levantadas pelo feminismo e dos deslocamentos teóricos e práticos provocados” (RAGO, 1998). Desta forma, a categoria do gênero apresentou êxito por responder a tais impasses teóricos.

No campo da História sua introdução estimulou diálogo interessante entre adeptos da História Social e da História Cultural. O debate estabelecido entre Joan Scott e Louise Tilly reproduz em linhas gerais os dilemas entre as duas possibilidades de abordagem². Consideramos ambas as posições fundamentais e acreditamos na possibilidade de relacioná-las valorizando o que cada uma traz de contribuição para os estudos de gênero. A necessidade de considerar elementos como classe social, raça e geração, por exemplo, é algo caro aos dois segmentos, como acena Scott:

Além disso, esta nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas atuais e o futuro (utópico), pois ela sugere que o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção

² A História Social, afeita à produção de reflexões descritivas sobre a História das Mulheres; e a História Cultural, preocupada com a produção de aparatos teóricos para o desenvolvimento das análises realizadas.

com uma visão de igualdade política e social que inclui não somente o sexo, mas também a classe e a raça. (SCOTT, 1990, p.19)

Além da produção de conhecimentos no âmbito acadêmico, as discussões sobre gênero não podem ser desvinculadas do ativismo político, em que os movimentos organizados, notavelmente os feministas não apenas se apoiam para fomentar suas ações como estimulam ainda mais o debate teórico. Podemos dizer que se trata de uma via de mão dupla, onde teoria e prática se cruzam e impulsionam mutuamente.

O termo gênero faz parte de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para insistir sobre a inadequação das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre as mulheres e os homens. (SCOTT, 1990, p.13)

Provavelmente dos mais significativos debates sobre gênero na atualidade está a teoria elaborada por Judith Butler. Autora que desperta amor e ódio entre diferentes segmentos do feminismo, é responsável por trazer à tona novas perguntas acerca não somente da condição feminina, mas da superação das desigualdades entre os gêneros. Segundo Butler, “A regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica” (BUTLER, 2016, p. 47). Seria, portanto, necessário suprimir não apenas os binarismos, mas lançar luz à ampla variedade de posicionamentos, comportamentos e identidades de gênero para se alcançar a igualdade almejada pelos sujeitos. Desta maneira, postula:

É tempo de empreender uma crítica radical, que busque libertar a teoria feminista da necessidade de construir uma base única e permanente, invariavelmente contestada pelas posições de identidade ou anti-identidade que o feminismo invariavelmente exclui. Será que as práticas excludentes que baseiam a teoria feminista numa noção de “mulheres” como sujeito solapam, paradoxalmente, os objetivos feministas de ampliar suas reivindicações de “representação”? (BUTLER, 2016, p.24)

INTERSECCIONALIDADES

Um dos mais relevantes aspectos que envolvem as pesquisas sobre gênero na atualidade se voltam para as interseccionalidades, as quais contemplam elementos como classe social, etnia, geração, além da própria questão de gênero. Neste sentido, não basta abordar um assunto que diz respeito às mulheres, mesmo considerando sua pluralidade, sem levar em conta tais marcadores sociais da diferença.

Os avanços das discussões sobre gênero passaram a contemplar problemas sem os quais não é possível compreender as relações sociais em sua complexidade. Para além do elemento central que polariza homens e mulheres, ficou cada vez mais evidente a necessidade de considerar elementos estruturais das relações humanas, especialmente as perspectivas de classe e raça. Mas não somente... A sexualidade, em seus variados desdobramentos em diferentes orientações e comportamentos sexuais, assim como as diferenças geracionais, são pontos que merecem destaque neste universo reflexivo.

Desta forma, apesar de elementos comuns, as experiências vivenciadas por mulheres de diferentes classes sociais teriam resultados profundamente díspares em função desta condição em particular. O mesmo sendo percebido diante das diferenças raciais. Mais do que se debruçar sobre o aspecto de classe, raça ou gênero, tal campo tem como finalidade relacioná-los em pares ou conjuntos maiores, tendo em vista uma compreensão mais abrangente da realidade das mulheres e das relações que estabelecem socialmente.

A questão é importante, se se pretende evitar que a história das mulheres não reproduza, pela infelicidade, algumas das simplificações da antiga história social, que remetia todas as clivagens e todos os contrastes a um princípio único de diferenciação: a oposição dos grupos ou das classes na escala de condições e de riqueza.
(CHARTIER, 1995, p. 39)

Como exemplo de investidas que colocam em prática a árdua tarefa de complexificar as relações sociais para além da clivagem econômica temos o trabalho de Kimberlé Crenshaw, responsável pelo desenvolvimento teórico do conceito de intersecção das desigualdades de raça e gênero, abordando “diferenças dentro da diferença” (CRENSHAW, 2012, p. 9). Assim, as interseccionalidades trariam à tona a

invisibilidade de grupos sobre os quais convergem diferentes elementos da diferença que geram desigualdades. Para a autora “A interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos.” (CRENSHAW, 2012, p. 10).

As problematizações teóricas sobre gênero não cessaram e discussões descoloniais têm ganhado espaço, como postula María Lugones:

O que proponho ao trabalhar rumo a um feminismo descolonial é, como pessoas que resistem à colonialidade do gênero na diferença colonial, aprendemos umas sobre as outras sem necessariamente termos acesso privilegiado aos mundos de sentidos dos quais surge a resistência à colonialidade. Ou seja, a tarefa da feminista descolonial inicia-se com ela vendo a diferença colonial e enfaticamente resistindo ao seu próprio hábito epistemológico de apaga-lo. (LUGONES, 2014, p. 948)

Tal tarefa de resistência envolveria ainda a necessidade de rever conceitos e categorias emanadas do “mundo ocidental”, buscando uma tradução afinada com as realidades locais e promovendo um debate crítico entre os vários espaços de experiência e produção de conhecimentos, o que configuraria a necessária mediação.

O trabalho de mediação se faz necessário para que a tradução desses textos, provenientes de outras latitudes no Norte possam dialogar com textos e práticas locais, assim contestando as formas pelas quais o Sul é consumido e conformado pelo Norte – integrando a crítica em diálogos não apenas Norte-Norte, mas também Sul-Sul. (COSTA, 2014, p. 932)

Para os autores desta vertente do feminismo, além do debate interseccional se faz necessário construir novos paradigmas para a reflexão teórica sobre o gênero, o que envolveria engajamento e disposição “em diálogos e negociações produtivas através de múltiplas fronteiras geopolíticas e teóricas” (ALVAREZ, 2009, p. 748).

Neste âmbito plural e “translocal”, falamos desde o Sul e, portanto, contamos com um histórico atravessado pelo colonialismo e seus dilemas, o que nos impele a refletir sobre tais considerações, também propostas por Raewyn Connell:

As análises de gênero feitas no Sul Global colocam, assim, a questão da diversidade e a multiplicidade das formas do gênero não na esfera individual (o sentido usual da interseccionalidade), mas na esfera da ordem de gênero e das dinâmicas das relações de gênero na sociedade como um todo. (CONNELL, 2016, p. 35)

Consideramos esta discussão fundamental para refletir sobre o tema de nosso estudo, uma vez que ao centralizar a experiência feminina e as relações estabelecidas entre mulheres e homens, assim como entre diferentes mulheres e diferentes homens, os estudos de gênero e os feminismos perpassam a questão do aborto. Em alguns casos diretamente, abordando-o como foco da questão. Mas mesmo quando o assunto é outro, podemos entrever aspectos que tangenciam o tema, pois a experiência da maternidade é eixo em muitos debates e estudos deste campo.

A ligação entre gênero, feminismo e estudos interseccionais é indiscutível e cada vez mais tem estimulado reflexões em diferentes disciplinas e abordagens temáticas. Nosso estudo sobre aborto é perpassado por essa base teórica na medida em que este é assunto frequente tanto nas reflexões quanto nas ações que se voltam para a condição das mulheres na contemporaneidade. No caso das ações, os protestos e manifestações públicas, assim como as realizadas na web, têm o aborto como parte indissociável de sua agenda política.

Desde a elaboração do projeto inicial tínhamos o objetivo de registrar as experiências de pessoas que se manifestam publicamente sobre o aborto – seja de forma contrária ou favorável a sua descriminalização – e, neste sentido, buscamos o contato com militantes de grupos organizados. Imaginávamos que o discurso feminista fosse central neste recorte e, assim, nos deparamos com as narrativas de duas mulheres, feministas e militantes de movimentos sociais que, a despeito de suas particularidades, convergem na finalidade de lutar pelos direitos das mulheres e outras “minorias”.

Amelinha Teles, cuja história de vida é conhecida em função de sua longa jornada pela luta contra o regime militar e, após o fim da ditadura, pelas demandas das famílias de desaparecidos políticos, em que a sua própria é exemplo de destaque. Neste estudo, contudo, sua experiência é focalizada por outro universo militante: o feminismo. Ela

mesma se define como feminista desde muito cedo e sua dedicação em prol dos direitos das mulheres reúne episódios que marcaram a história do país. Um dos mais significativos é sua participação na Constituinte de 1988, quando proferiu um discurso a favor do aborto³.

O que não consta dos autos, entretanto, emerge de sua memória ao nos relatar, durante a entrevista, esta passagem de sua trajetória. Amelinha conta sobre a solidão daquele momento e o apoio fundamental que teve das companheiras ao sair da tribuna com fortes dores de cabeça, algo não registrado oficialmente, mas que ficou na lembrança de uma mulher que ali estava representando tantas outras.

Seu ativismo feminista, no entanto, remonta principalmente à década de 1970, quando houve a chamada segunda onda feminista brasileira (SARTI, 2004; PEDRO, 2006). Assim como em outros países, a segunda onda amplia as reivindicações feministas para o âmbito privado, envolvendo questões como a violência doméstica e a sexualidade. O momento histórico pelo qual passava o Brasil naqueles idos, no entanto, conferiu ao feminismo brasileiro especificidades que de alguma forma freavam os avanços nas discussões sobre sexo e temas polêmicos como o aborto.

O aborto, a sexualidade, o planejamento familiar e outras questões permaneceram no âmbito das discussões privadas, feitas em pequenos “grupos de reflexão”, sem ressonância pública. (SARTI, 2004, p. 39)

O momento em que os feminismos aqui afloraram coincidiu com a repressão ditatorial e a suspensão de direitos de cidadania envolvendo especialmente militantes de movimentos sociais. Diante de tal realidade, é importante enfatizar rupturas internas aos grupos que por valorizarem em primeiro lugar as questões de classe, minimizavam as demandas relacionadas às mulheres.

A acusação de que o feminismo seria ‘divisionista’ estava presente no discurso de largos setores da esquerda. E as feministas tiveram que reagir frequentemente a esse ponto de vista. Predominava entre

³ A íntegra do discurso proferido por Amelinha Teles está disponível na edição atualizada do livro de sua autoria “Breve História do Feminismo no Brasil e outros ensaios”, publicado em 2017.

partidos de esquerda a tradicional visão de que todos os esforços deveriam ser canalizados para a revolução socialista e que ‘a questão feminina’ resolver-se-ia num contexto pós-revolucionário. (ABREU, 2013, p. 565)

O período foi marcado, apesar disso, pela efervescência do debate em torno do feminismo por mulheres brasileiras, inclusive, fora do Brasil, já que muitas militantes haviam se exilado em outros países. A publicação de periódicos colaborou com uma visão mais abrangente da situação, como é o caso de *Nosotras*, boletim que “tematizou questões como identidade, patriarcado, classe, dentre outras” (ABREU, 2013, p. 554) publicado na França entre janeiro de 1974 e meados de 1976 pelo Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris.

Também no Brasil, mulheres militantes estiveram à frente de publicações voltadas para o público feminino, como é o caso dos periódicos *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres*. Amelinha Teles esteve diretamente envolvida neste processo, o qual está registrado no livro “Da Guerrilha à Imprensa Feminista”.

Os primeiros jornais nacionais dirigidos a mulheres e feitos por mulheres, no período de 1975 a 1980, são o *Brasil Mulher* e o *Nós Mulheres*, ambos feministas, com sede em São Paulo. Defenderam ideias e princípios relacionados ao contexto político do movimento nacional feminista pós-luta armada, quando a oposição buscava novos espaços de atuação. Ambos estavam comprometidos com uma nova linguagem e com a difusão de reivindicações e propostas vinculadas diretamente às condições das mulheres e às novas formas de fazer política. (TELES & LEITE, 2013, p. 59)

Dentre as várias temáticas tratadas pelos jornais, o aborto possui espaço até então desconhecido.

Os jornais abordaram, como apresentado, a sexualidade e a violência doméstica. Pode-se concluir diante do exposto que, mesmo de forma tímida ou cuidadosa, ao se abordar a violência sexual doméstica, a contracepção, o aborto e o prazer, as feministas dos coletivos dos dois jornais, nesse momento histórico, abriram espaço para que se tornasse

público o mais privado dos temas no debate político e público da época. (TELES & LEITE, 2013, p. 239)

A despeito dos esforços dos periódicos e grupos de mulheres, a questão do aborto esteve marcada por inquestionáveis dificuldades em ser amplamente discutida, o que explica a manutenção de seu estatuto de crime no país, assim como as tentativas de retrocessos observadas frequentemente. E mesmo entre as feministas, o receio de trazer à tona este assunto representa uma demanda ainda maior, como Amelinha revela em sua reflexão sobre o feminismo no Brasil.

Ainda no âmbito da militância, temos a história de Yury, integrante do grupo Católicas pelo Direito de Decidir, cuja narrativa transita pelo universo latino-americano, uma vez que antes de chegar ao Brasil, já atuava na Colômbia em grupos vinculados às comunidades eclesiais de base amparadas pela Teologia da Libertação.

É no Brasil, contudo, que se depara com o feminismo, mais especificamente com a Teologia Feminista. A experiência pessoal de enfrentamento à predominância masculina no seio da igreja católica se expressa em sua insistência pelo estudo teológico aprofundado como mulher e leiga.

Antes mesmo de ingressar no CDD, Yury entra em contato com teólogas feministas que são o ponto de partida para sua militância pelos direitos das mulheres. Ivone Gebara, considerada grande inspiração como teórica, é mencionada por Yury ao delinear sua formação no âmbito da Teologia Feminista, movimento ao qual se integra e identifica.

Nesta jornada militante, o aborto surge como tópico permanente, cuja necessidade de discussão é reforçada na fala de Yury e nas ações desempenhadas pelo grupo CDD como um todo.

Apesar do vínculo religioso presente tanto no nome do grupo do qual faz parte quanto no universo teórico, o feminismo surge como base para uma agenda política que compartilha demandas sociais com outros grupos. A singularidade da narrativa de Yury nos mostra os vários tentáculos que partem do feminismo como corpo central e abrange contextos e grupos dos mais variados em busca de uma sociedade mais justa, onde as mulheres possam ter direito ao próprio corpo e à autonomia.

Mas a conexão entre as histórias de Amelinha e Yury não está somente na identidade feminista e na militância. Suas narrativas, que foram construídas a partir de entrevistas de história de vida, fala muito sobre suas vidas, mas as extrapolam. Suas palavras caminham em busca de uma voz coletiva, mesmo quando contam episódios íntimos,

seus sonhos, anseios e receios. É a voz militante que faz eco quando se dispõem a falar, ainda que partam de si mesmas. O discurso produzido por essas mulheres converge na medida em que suas vidas não se dissociam de sua luta, uma luta por todas as mulheres.

GERAÇÃO

Um dos pontos indicados em nossa abordagem diz respeito ao alcance da experiência do aborto, que atinge mulheres de diferentes classes sociais, raças, credos, grau de escolaridade e idades. O aspecto geracional merece destaque e em nossa pesquisa pode ser observado de maneira plural, como procuraremos apresentar.

Estudos que se debruçaram sobre o tema atentam para cenários diferentes em tempos e espaços, onde as mulheres se viram diante da necessidade de realizar interrupções voluntárias da gravidez. É possível observar diferenças em termos de métodos, assim como de interpretação sobre a circunstância de acordo com o capital social e cultural de cada grupo ou pessoa (MOTTA, 2015).

Em pesquisa recente sobre o aborto se afirma que “uma em cada cinco mulheres brasileiras já fez um aborto até os 40 anos” (DINIZ, MEDEIROS, MADEIRO, 2016). Fica evidenciada, desta forma, a relevância do elemento geracional para organizar as informações sobre o tema.

Primeiramente, leva-se em consideração o período de fertilidade das mulheres que, embora não termine aos 40 anos apresenta declínio expressivo e, portanto, justifica um recorte etário marcado por esta idade. No entanto, os recursos médicos e tratamentos disponibilizados atualmente tem modificado sensivelmente esta realidade, sendo que muitas mulheres optam por vivenciar a maternidade após completarem 35 anos, o que pode demandar a adoção de tratamentos que aumentam as chances de mais de uma gestação simultaneamente.

Outros tipos de transformações, notavelmente em espaços urbanizados, têm possibilitado a mulheres “independentes” o estabelecimento de relacionamentos casuais e a postergação do casamento. Tais circunstâncias podem desencadear gestações não planejadas e, em alguns casos, a necessidade de interromper a gravidez por meio do aborto.

Há ainda realidade vivenciada por muitas mulheres casadas, com filhos, de não mais se sentirem motivadas pela experiência da maternidade e, neste sentido, buscarem alternativas para interromper a gestação. Isto sem contar casos de relacionamentos abusivos em que as mulheres veem a chegada de mais um filho como o aprofundamento do sofrimento vivido.

Embora estas situações hipotéticas sirvam de exemplo para refletir sobre questões geracionais, especialmente para mulheres na casa dos 40 anos, são experiências que podem acontecer em qualquer faixa etária ou espaço geográfico, seja como regra ou exceção. Para nosso estudo, iluminam uma questão que muitas vezes é ignorada, já que as estatísticas reforçam a ideia de que as mulheres que abortam são jovens, principalmente as mais carentes materialmente e as negras. Isto, pois, não se quer crer que mulheres casadas, com filhos sejam capazes de recorrer a um aborto.

Outra maneira de abordar a questão geracional consiste em identificar em que momento foi realizado o aborto (tanto momento da vida – idade da mulher – quanto momento histórico). Esta é informação preciosa principalmente para reconhecer mudanças relativas aos métodos utilizados, assim como nos discursos compartilhados socialmente.

No que diz respeito ao momento da vida em que abortaram, é possível verificar alguma similaridade etária, na faixa entre os 20 e os 30 anos de idade. Em relação às motivações e condições em que realizaram o procedimento, contudo, há variações consideráveis.

Três colaboradoras fazem parte de uma geração que remonta à década de 50. Suas trajetórias, apesar das diferenças, as posicionam em relação a um contexto diferenciado em relação aos direitos das mulheres e, consequentemente, ao aborto. Amelinha, Yury e Giana apresentam peças que montam um cenário da sociedade brasileira e latino-americana entre as décadas de 1960 e 1970 especialmente. *Samantha*, ao contar sobre a experiência de *Dulcineia*, insere mais elementos a esta geração de mulheres que transita em espaços de militância e outros muito distantes desta realidade.

Os demais colaboradores fazem parte da geração que nasceu entre o final da década de 1970 e início dos anos 80. Suas experiências sexuais e de aborto ocorrem em momento diferenciado no que diz respeito aos direitos e ao acesso tanto a métodos contraceptivos quanto aos métodos abortivos. A interpretação que fazem acerca da própria vivência permite entrever permanências e rupturas.

Para *Giana*, cuja juventude remonta às décadas de 60 e 70, a dificuldade em falar do assunto sexualidade em casa aliada à ausência de informações sobre métodos contraceptivos, resultou em duas gestações não planejadas. Seu caso ainda é marcado pela experiência da migração do meio rural para a cidade de São Paulo, algo significativo em sua narrativa como um todo, mas que podemos considerar como representativo de um grupo muito mais amplo de mulheres. A maternidade vivenciada com muitas dificuldades e sem apoio familiar não é algo que se quer repetir. Quando em novo relacionamento, abusivo por sinal, nova gravidez é constatada, a colaboradora recorre a um aborto induzido. O método utilizado nem ela mesma tem total conhecimento. Sabe apenas que pagou por uma injeção, aplicada em total sigilo, e sofreu o aborto sem nenhuma noção do que estava ocorrendo em seu corpo. Ao ser atendida por médico posteriormente, soube que correria risco de perder a vida caso não fosse socorrida naquele momento.

O caso de Amelinha é significativo e contraditório, pois vivendo como clandestina durante o regime militar e sofrendo toda a pressão social de ser militante política num período de extrema violência, se viu diante de uma gravidez. Com dois filhos e toda a adversidade da clandestinidade, sem dúvida alguma recorreu a um aborto. No entanto, teve todo o respaldo e cuidado no atendimento, feito por um companheiro médico. Sua narrativa se destaca das demais por seu teor militante e sua formação como feminista desde muito jovem, de modo que o aborto é por ela visto como um direito fundamental a ser conquistado pelas mulheres.

Embora não tenhamos acesso à narrativa de *Dulcineia*, o relato de sua filha biológica, nossa colaboradora, é de extrema relevância. Na mesma época em que *Giana* e Amelinha realizam abortos, *Dulcineia* teria tentado fazer o mesmo. A gravidez que não pretendia levar adiante tinha duas opções de solução. Embora a escolha tenha sido pela doação da criança, no momento em que se encontra com a filha depois de 30 anos, uma das primeiras coisas que revela é a tentativa que fizera de abortar, chegando a ir a uma clínica com o pai da criança. Tentativa frustrada que, para *Samantha*, pode ter sido motivada por medo pela própria vida ou por considerar o aborto algo errado. Seja como for, é importante reconhecer neste caso um dilema moral, o qual muitas vezes aparece em discursos do cotidiano. Quantas vezes não ouvimos de quem supostamente é contra o aborto, que é melhor dar a criança para a adoção? Não pretendemos aqui aprofundar a

discussão e não tivemos acesso à versão de *Dulcineia*, mas o olhar de *Samantha* reflete tanto sua própria concepção sobre o assunto quanto aquilo que interpretou em seu contato com a mãe biológica.

Os demais entrevistados tiveram suas experiências de aborto após a década de 1980, momento crucial no que diz respeito ao debate feminista e sobre o aborto, sem contar a possibilidade de acessar meios mais seguros para interromper a gestação, especialmente o medicamento Misoprostol, popularmente conhecido como Citotec. Duas de nossas colaboradoras tiveram experiências muito distintas com o mesmo medicamento. Enquanto *Valéria* passou por momentos de muita dor, insegurança e violência, *Daniela* vivenciou um abortamento sem maiores problemas físicos.

O receio de realizar um procedimento solitário e mesmo de recorrer às pressas a serviços de saúde caso houvesse complicações fez com que a maior parte de nossos colaboradores recorresse a clínicas, cuja segurança no procedimento era visível pelas locações de alto padrão e, evidentemente, pelo preço a ser pago. Nesse sentido, a questão financeira foi decisiva e aponta para a centralidade da questão de classe nessa discussão. Exemplo contrário nos foi narrado por Fábiana, cuja clínica onde buscou atendimento apresentava o oposto das características mencionadas. Mesmo mediante o pagamento, o tipo de serviço prestado em nada se assemelhava ao padrão encontrado por *Laila*, *Janaína*, *Paloma*, *Alícia* e Bruno.

É possível reconhecer nesta apreciação das narrativas sob o viés geracional que, para nossos colaboradores, a experiência do aborto se deu durante a juventude, o que pode sugerir que esta fase da vida é momento crucial em que se vislumbram possibilidades de futuro que seriam comprometidas com a maternidade/paternidade. Demonstrem, nesse sentido, preocupação e responsabilidade diante dos cuidados que precisariam ser dedicados a um filho não planejado, contrariamente à ideia de que o aborto configura falta de responsabilidade. O mesmo pode ser inferido para os casos em que as dificuldades financeiras e psicológicas prejudicariam os cuidados dispensados a uma criança.

Por fim, a abordagem de geração oferece informações acerca dos métodos utilizados em diferentes momentos históricos, evidenciando pela vivência das novas gerações o acesso a recursos mais variados e, em alguns casos, menos perigosos, embora a ilegalidade

ainda imprima inegáveis riscos às mulheres que recorrem à interrupção voluntária da gravidez.

CLASSE SOCIAL

Aspecto que frequentemente envolve as discussões sobre o aborto é a questão de classe social. Afinal, os números são taxativos quando expõem as mulheres em condições mais vulneráveis como sendo as mais pobres e jovens, especialmente as mulheres negras.

A condição de subalternidade das mulheres é tema de interesse de diversas áreas do conhecimento e tem sido abordado sob perspectivas também variadas. A principal provavelmente seja em relação aos homens, o que evoca a problemática de gênero. Outros aspectos reforçam tal estigma, como os marcadores sociais da diferença de raça e classe social.

No que tange ao último ponto, é inegável a influência dos estudos marxistas, dada a centralidade da luta de classes em seu escopo. Inicialmente, a condição de inferioridade e submissão das mulheres estaria relacionada aos mecanismos da sociedade capitalista e, mais que isso, às raízes que conduzem à observação do surgimento da propriedade privada e da família monogâmica.

O primeiro antagonismo de classes que apareceu na História coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. (ENGELS, 1984, p 70, 71)

A consolidação do capitalismo e da nítida divisão classista, por sua vez, retiraria da mulher a possibilidade de obter autonomia, uma vez que é direcionada à procriação/reprodução em detrimento da execução de um trabalho produtivo.

Quando os meios de produção passarem a ser de propriedade comum, a família individual deixará de ser a unidade econômica da sociedade. A economia doméstica converter-se-á em indústria social. O trato e a educação das crianças tornar-se-ão assunto público; a sociedade cuidará, com o mesmo empenho, de todos os filhos, sejam legítimos ou naturais. (ENGELS, 1984, p. 82, 83)

Neste sentido, a linha condutora para a transformação dependeria da mudança do sistema opressor capitalista, ou seja, a conquista de uma sociedade sem classes, socialista por assim dizer. Tanto que os postulados que visavam à construção desta sociedade se referem à igualdade entre homens e mulheres na medida em que ambos estariam aptos para participar do processo produtivo. (ENGELS, 1984, p. 80, 81)

O advento de uma sociedade socialista, marcado pela revolução de 1917 na Rússia, aparentou inicialmente a solução para muitos destes problemas. Mas não demoraria que diferenças entre os gêneros se fizessem sentir, evidentemente pelas mulheres. De acordo com Juliet Mitchell, é necessário considerar a “diferenciação da condição da mulher”, a qual teria como base produção, reprodução, sexo e socialização das crianças como estruturas-chave (MITCHELL, 2006, p. 208, 209).

Neste sentido, para além de uma igualdade jurídica entre mulheres e homens, seria fundamental a observância das especificidades da condição feminina, em que pesa de maneira indiscutível a experiência da maternidade, a qual mesmo com o advento dos métodos contraceptivos, manteve atribuições e encargos que atingem de maneira desigual os gêneros, especialmente no que diz respeito à socialização das crianças.

Na medida em que a família tornou-se menor, cada criança adquiriu maior importância; o ato atual de reprodução ocupa cada vez menos tempo e o processo de socialização e nutrição aumenta ponderavelmente em significação. [...] A responsabilidade última deles está com a mãe. Assim, o papel “maternal” da mãe recuou, enquanto seu papel socializante aumentou. (MITCHELL, 2006, p.220)

A crítica elaborada busca enfrentar as lacunas das propostas marxistas no que diz respeito à colocação das questões femininas como secundárias diante da necessidade mais emergencial da luta de classes, algo que seria sentido objetivamente no interior dos movimentos sociais. Zuleika Alambert, militante feminista e marxista, em sua obra “Feminismo: o ponto de vista marxista” oferece uma síntese dos principais pensadores desta corrente no que se refere à questão das mulheres, dentre os quais destacamos Alexandra Kollontai. Ao citar o que diz Kollontai acerca da mentalidade machista mesmo entre os revolucionários, temos:

Mudem-se as estruturas, substituam-se as velhas relações de produção por formas novas que desobstruam o caminho para o avanço das forças produtivas, substitua-se a sociedade burguesa pela socialista e encontraremos unidos para isso todos os revolucionários. Mas, no momento em que se trata de romper com a velha mentalidade patriarcal pela qual a mulher é um simples brinquedo de homem, então todos os revolucionários se unem em defesa dos mais terríveis preconceitos, dos mais arcaicos costumes, das mais caducas tradições, como qualquer burguês reacionário. (KOLLONTAI Apud ALAMBERT, 1986, p.69, 70)

Este posicionamento de muitos militantes frente às questões femininas seria ainda observado ao longo de décadas, gerando rupturas no âmbito dos movimentos sociais, o que direcionou muitas mulheres militantes para o feminismo. Apesar disso, outras tantas mantiveram a convicção de que seria possível conciliar a luta de classes e a libertação da mulher. (ALAMBERT, 1986, p, 119)

A despeito da relevância do marxismo para discussões e ações no âmbito da luta de classes e, em alguma medida, na luta por direitos iguais para homens e mulheres, seus esforços não alcançaram o êxito almejado no que tange à situação das mulheres.

Se o embate entre a luta de classes e o feminismo mantém suas contradições, a questão de classe permanece ponto fundamental nas discussões feministas e que se referem às condições das mulheres na atualidade. Parte disso tem a ver com a ampliação do escopo dos estudos de gênero que, depois de uma primeira etapa dedicada à observância do que une todas as mulheres, notou a necessidade de valorizar sua pluralidade.

No debate sobre o aborto, a constatação de que mulheres dos grupos populares são mais afetadas pela clandestinidade, uma vez que não podem pagar por serviços de qualidade, ainda que ilegais, tem reflexo em discursos que buscam minimizar os danos, sobretudo de saúde, para este contingente.

Nosso estudo não buscou explorar tal questão como norteadora, de modo que os colaboradores foram acionados menos por seu perfil socioeconômico do que pela experiência vivida, assim como pela possibilidade e vontade de contar sua história. Ao organizar o perfil dos entrevistados nos deparamos com um universo que foge

sensivelmente do apresentado pelas estatísticas, as quais se baseiam normalmente em dados do SUS. Tais informações, como se sabe, não contemplam número expressivo de mulheres que não acionam serviços de saúde públicos. Como lidar com um corpus documental que não reforça os conhecimentos estabelecidos sobre o tema é nosso desafio.

De nossos 16 colaboradores 14 possuem ensino superior. Embora este dado não necessariamente reflita a classe social à qual pertencem ou de sua origem, é significativo no que se refere ao acesso tanto a informações sobre métodos contraceptivos quanto aos meios menos inseguros para realizar um aborto. Neste ponto, destacamos não somente o fator monetário, mas a proximidade de redes de apoio que favorecem o esclarecimento e a viabilização de contatos e suporte posterior.

As colaboradoras *Paloma*, *Laila*, *Janaína* e *Alícia* representam este perfil e seus relatos demonstram a importância das redes de apoio que, muitas vezes, se constroem nos ambientes universitários, onde coletivos feministas prestam ajuda fornecendo informações e esclarecendo dúvidas. Suas experiências de aborto não resultaram em sequelas físicas e a descrição dos procedimentos aos quais foram submetidas reforça o peso das condições financeiras para que este aspecto não apresente maiores problemas.

O fato de não terem sofrido fisicamente não significa, contudo, que passar por um aborto tenha sido fácil. As dificuldades em fazer esta escolha, sabendo dos riscos e culpas e, principalmente, como lidar com o futuro foram sentidas e narradas por essas mulheres.

Paloma deixa claro em seu relato que o menor dos problemas foi o procedimento médico, uma vez que a violência que sofreu do próprio companheiro é, sem dúvida, o que ficou marcado. Não deixa de declarar sua “sorte” perante mulheres que não têm condições de realizar um aborto seguro e, muitas vezes, diante de um relacionamento abusivo como o seu, são obrigadas a ter um filho não desejado naquelas circunstâncias.

A experiência de *Laila*, embora não seja pautada por uma relação violenta, traz à tona a solidão da decisão e, conseqüentemente, das sensações futuras o que, segundo ela mesma, não é algo fácil para nenhuma mulher. Situação similar é exposta por *Janaína* que demonstra tranquilidade em relação ao aborto enquanto processo medicalizado, tanto que por segurança, recorreu ao mesmo médico mais de uma vez. O dilema, em seu

caso, tem a ver com a necessidade de tomar a decisão sem uma posição mais efetiva do companheiro, o que denota a responsabilização da vida reprodutiva voltada para a mulher. Tanto *Laila* quanto *Janaína* lembram a importância da descriminalização do aborto e de sua situação privilegiada porque puderam pagar, enquanto mulheres que não têm as mesmas condições morrem em função da clandestinidade.

A história contada por *Alícia* difere em muitos aspectos das demais pelo fato de ter inicialmente desejado a gravidez. Sua maior dor não tem a ver com o procedimento do aborto, mas o que a levou a tal situação, que assume como uma postura de submissão nos relacionamentos que teve em sua trajetória. Lidar com um dilema moral e ético é seu maior desafio, o que aponta para a necessidade de se pensar a experiência do aborto para além da interrupção da gestação, como se os problemas acabassem ali. As questões psicológicas podem interferir profundamente na maneira como as mulheres que abortam seguem a vida, demonstrando uma demanda que não somente não é contemplada, como muitas vezes nem ao menos é citada, já que a questão “de classe” intensifica a prioridade de medidas emergenciais no atendimento de saúde.

Não é, portanto, a suposta facilidade de pertencer a uma classe social que garante menores problemas ou traumas para a mulher que recorre ao aborto. Nos exemplos expostos, fica evidente que as decisões careceram de certezas absolutas, além da relevância da participação do companheiro.

Parte das mulheres que recorrem ao aborto no Brasil tem acesso a clínicas privadas, e não costumam ter problemas com a qualidade técnica ou humana do atendimento, o que não significa que a decisão pelo aborto terá sido fácil; apenas aponta que sua vida estará menos ameaçada, e, consequentemente, a sua saúde mental também. (VILLELA, MENICUCCI, SILVA, 2008, p. 56)

Sobre a saúde mental das mulheres, é relevante considerar as consequências que podem ser danosas para além dos problemas objetivamente pautados pelo estado físico.

O abortamento induzido é uma situação complexa, tanto quanto é complexa a gravidez inesperada, sendo um evento que não está restrito à pobreza ou à dificuldade de acesso a serviços de saúde ou contracepção. (VILLELA, MENICUCCI, SILVA, 2008, p. 61).

A subjetividade de cada narrativa imprime significados ímpares para cada caso e os transforma em exemplos que podem favorecer a identificação de inúmeras mulheres não contempladas pelas estatísticas incertas sobre o aborto. Estes casos possivelmente não foram quantificados e quantos seguiram o mesmo destino?

Neste sentido, acreditamos contribuir com um passo importante na medida em que reservamos espaço para dilemas sobre o aborto que problematizam a questão de classe social para além do que imediatamente o tema sugere. A ilegalidade intensifica esta lacuna e condiciona à invisibilidade um universo complexo de experiências cuja atenção pode iluminar não apenas demandas esquecidas, mas elementos sugestivos para políticas públicas mais amplas (EVANGELISTA, 2017).

Neste sentido, gostaríamos de problematizar o que os dados não revelam. Há um contingente expressivo de mulheres e homens que vivenciam os dilemas do aborto sem que isto represente riscos extremos para sua saúde, o que não significa que não sejam submetidos a condições de intensa reflexão, envolvendo dúvidas, arrependimentos, traumas ou mesmo uma avaliação sobre sua condição em comparação com outras pessoas. Mesmo nos casos em que não há arrependimento, fica nítida a dificuldade na tomada de decisão, bem como as consequências psicológicas e subjetivas que atravessam suas interpretações sobre a própria história de vida. Assim como o entendimento do aborto enquanto um problema de alcance social.

Dentre nossos colaboradores, a maioria se enquadra no que supostamente seria a classe média, já que obtiveram acesso a meios seguros de realizar o aborto. Teoricamente suas experiências não apenas não fazem parte das estatísticas, como são consideradas menos relevantes, já que as estatísticas comprovam que estas pessoas não fazem parte do grupo mais vulnerável.

O que os relatos mostraram é que estas pessoas têm conhecimento desta discrepância social e assumem lugar de “menos importantes”. No entanto, se solidarizam com as mulheres das classes populares e reforçam a necessidade de uma discussão mais esclarecida sobre o aborto. Sem que saibam, reproduzem o estereótipo de que quem mais precisa de políticas públicas são tais mulheres, minimizando seu próprio sofrimento e demonstrando sororidade. Sem que percebam reforçam estigmas que recaem sobre as consideradas mais vulneráveis...

Exemplos do quanto podemos confundir classe e vulnerabilidade são os relatos de *Luara* e *Paloma*, que esboçam outro tipo de violência. A violência de gênero que atinge inúmeras mulheres, independente se sua classe social. *Luara* é exemplo nítido do quanto é possível ser vítima mesmo no seio familiar e de um relacionamento que tudo indicava ser o melhor possível. Ainda que o aborto não seja consumado em sua história, fica claro o que o impedimento, a criminalização e as desigualdades de gênero podem resvalar no futuro individual de uma mulher.

No caso de *Paloma*, a violência física é mostra do quanto a questão de classe não é definidora, de modo que vislumbramos um casal “modelo”, cheio de expectativas e com amplo acesso a informação, onde a mulher se vê cerceada e violentada em suas decisões e atitudes.

Acreditamos que a ênfase às diferenças de classe social em que se baseiam alguns argumentos sobre a descriminalização do aborto, a despeito de sua importância imediata na proposição de políticas públicas emergenciais, pode revelar um aspecto contraditório e mesmo negativo no seio desta luta por direitos.

Primeiramente porque ao salientar as categorias de classe, raça e geração atribuímos uma condição de vítima às pessoas que recorrem ao aborto e apresentam tais características, ao mesmo tempo em que desqualificamos as experiências de pessoas e grupos que não se enquadram nestas condições. Os efeitos de marcar o aborto por este viés podem representar justamente para o grupo “vitimizado” uma necessidade de tutela que o distancia do poder de decisão e agenciamento sobre a própria vida e as próprias escolhas.

É como se mulheres pobres, negras e jovens precisassem do acesso ao aborto seguro exclusivamente por sua condição social e, neste sentido, não fosse legítima a escolha de ter mais filhos mesmo sem as condições materiais consideradas por terceiros como ideais. Além disso, alimenta argumentos que incitam sua irresponsabilidade e mesmo a prática do aborto como método contraceptivo. Por fim, a forma mais nefasta de explorar tal perspectiva remonta a discursos que defendem a necessidade do aborto pelo ponto de vista eugênico, ou seja, creditam à ilegalidade do aborto o grande número de jovens infratores que, caso o aborto fosse legalizado, não existiriam e, portanto, não causariam diversos problemas sociais.

RAÇA

Falar sobre aborto a partir de uma perspectiva racial implica dedicação especial, algo que não foi possível realizar neste estudo. A relevância do tema, contudo, nos impele a fazer uma breve menção a partir dos instrumentos de que ora dispomos.

Para tanto é necessário recuperar um debate que envolve o movimento feminista e o movimento negro, algo que ganhou proporção, sobretudo, nos Estados Unidos na década de 1960. Havia, naquele momento, discordâncias que levavam as feministas a questionarem a relativa adesão das mulheres negras na luta pela legalização do aborto. Angela Davis esclarece a questão ao afirmar:

Elas eram a favor do *direito ao aborto*, o que não significava que fossem defensoras do aborto. Quando números tão grandes de mulheres negras e latinas recorrem a abortos, as histórias que relatam não são tanto sobre o desejo de ficar livres da gravidez, mas sobre as condições sociais miseráveis que as levam a desistir de trazer novas vidas ao mundo. (DAVIS, 2016 p. 207)

O problema não era a legalização em si, mas seus elementos propulsores, que não contemplavam a realidade das mulheres negras, marcadas pela experiência histórica da escravidão e da segregação racial.

Enquanto as mulheres de minorias étnicas são constantemente encorajadas a se tornarem inférteis, as mulheres brancas que gozam de condições econômicas prósperas são incentivadas, pelas mesmas forças, a se reproduzir. (DAVIS, 2016, p. 223)

Temos nítido realce para aspectos eugênicos que reforçam a necessidade de controlar a natalidade de grupos específicos, de modo que as mulheres negras nos Estados Unidos não se esquivaram em se posicionar criticamente.

No caso da América Latina, a situação muda de enfoque uma vez que nestas paragens o racismo apresenta características peculiares, como aponta Lélia Gonzales:

O racismo latinoamericano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados

no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma mais eficaz: a ideologia do branqueamento. (GONZALES, 1988, p. 73)

No Brasil, o mito da igualdade racial é obstáculo para inúmeras discussões, de modo que perguntamos: Até que ponto uma mulher se sente negra ou se pauta nesta identidade para viver o cotidiano? O orgulho da negritude pode ser considerado um produto dos tempos recentes?

Quando falamos sobre aborto é comum que a questão de raça apareça como marcador social da diferença que envolve vulnerabilidades. Mas até que ponto uma mulher que vivenciou a experiência do aborto induzido se ampara nesta condição para interpretar sua vivência? E o que isto revela?

Em nosso estudo, entrevistamos duas mulheres negras. Yury, embora não tenha vivenciado situação de aborto, dedica sua vida à luta pelos direitos das mulheres. Como militante da Teologia Feminista, em sua entrevista demonstra sua identificação com a negritude, porém não se coloca como ativista de um feminismo negro.

Fábia, nossa segunda colaboradora negra, ao contar sua experiência de aborto não faz qualquer referência à questão racial. Podemos interpretar esta lacuna a partir de nossa abordagem, que não apontou recortes sobre este tema para a pesquisa, nem tampouco lançou mão de estímulos para que o assunto fosse desenvolvido durante a entrevista. Mesmo assim, diante de momento de valorização de identidades, não mencionar tal aspecto indica que existem identidades compartilhadas que extrapolam a questão racial quando se trata do aborto.

Com isso não queremos minimizar a relevância da luta que parte da identidade negra ou racial, mas identificar o quanto esta ainda tem expressivos obstáculos, os quais precisam ser ampliados e questionados. O mais importante, contudo, para nossa análise é a sugestão de que a experiência do aborto em sua subjetividade não reforça necessariamente este aspecto enquanto elemento complicador. Pode ser que signifique que há mais identificação pelo que o aborto traz de pessoal e íntimo do que outros traços identitários que podem ser reforçados em outros contextos, mas neste caso se dilui, abrindo espaço para uma espécie de democratização às avessas que une as mulheres pelo dilema de interromper uma gravidez não planejada ou desejada.

A questão racial tem ganhado evidência e alavancado atitudes de empoderamento que imprimem novas cores à vida social brasileira cotidiana. No entanto, muito há para se percorrer. A negritude ainda não é parâmetro para muitos posicionamentos mesmo entre negros. Mulheres negras continuam sendo marcadas como vítimas, mas nem sempre se postulam desta forma. Daí a importância de ouvi-las e conhecer sua interpretação sobre a própria experiência.

MASCULINIDADES

Os estudos sobre as masculinidades fazem parte de um campo de investigação recente e em construção, que vem ganhando solidez nas últimas décadas. Na medida em que o movimento feminista e a onda de mudanças de paradigmas tomou espaço nas ciências humanas, a tendência inicial de privilegiar temas e fontes voltadas para o estudo das mulheres foi se esgarçando e mostrando suas lacunas e insuficiências. Paulatinamente novos personagens adentraram o cenário, primeiro como coadjuvantes destas situações, mas sempre alcançando mais espaços que denotam a necessidade de compreensão das realidades sociais.

Embora não seja nosso objeto de atenção, as variações de sexualidades e identidades de gênero, que incorporam a homossexualidade, a transexualidade e demais variantes possíveis representam lugar de destaque nas investigações atuais. Neste momento, contudo, pretendemos iluminar “outro” personagem desta história. Personagem esta que, por sua persistência, parece ser o mesmo desde sempre. Falamos sobre “o homem”! Assim como questionamos a essencialização do sujeito feminino, os estudos sobre as masculinidades atentam para o mesmo em relação aos homens, no plural por sinal!

Na verdade, o duplo paradigma que, por um lado, define a superioridade masculina em relação às mulheres, e, por outro, rege o que deve ser a sexualidade masculina resulta na produção de uma norma política andro-heterocentrada e homófoba que nos diz o que deve ser o homem *de verdade*, o homem normal. (WELZER-LANG, 2004, p. 121)

Muitos estudos acerca das mulheres ou que se amparam em preceitos feministas, mesmo sem esta intenção inicial, contribuem para a construção de uma figura masculina

tão naturalizada quanto a que nos movimenta a questionar os condicionantes sociais que elaboram um modelo de mulher idealizado.

Neste ponto, as proposições que se erigem sobre as masculinidades nos auxiliam a refletir sobre as dificuldades em tratar o tema somente a partir dos estudos feministas e sobre mulheres, de modo a incluir os homens observados em sua pluralidade. Além disso, aponta a necessidade de fazê-lo no intuito de não incorrer no mesmo naturalismo que criticamos quando falamos sobre as mulheres.

E qual seria a contribuição deste campo de saber para nosso estudo em particular?

Parece simples afirmar que a necessidade de uma história das mulheres advém de um monopólio masculino sobre a produção de registros na maior parte do percurso histórico. Tal constatação realça iniciativas no sentido de corrigir tal univocidade, alimentando pesquisas e atitudes que possam garantir novos espaços para as mulheres e para os trabalhos que pretendem romper os silêncios observados. Em muitos casos, se elaboram de maneira a contrapor de forma simplista mulheres e homens, tratando os segundos como algozes em quaisquer situações em que se relacionam com as mulheres. Mais que isso, como um modelo bem acabado de personagem que sempre carrega os dispositivos que corroboram a dominação e a repressão sobre as mulheres.

A problemática das relações sociais entre os sexos reifica e (re)naturaliza o gênero criando dois grupos distintos, percebidos como socialmente homogêneos e antagônicos (ou complementares, o que vem a dar no mesmo). O estudo concreto dos homens e do masculino mostra que os homens estão longe de ser um grupo ou uma classe homogênea, e que o que faz deles um grupo social, uma classe (os privilégios atribuídos aos homens, a aspiração de se igualar aos homens, tidos como superiores, as representações e práticas comuns...), não é suficiente para dar conta das relações entre eles. (WELZER-LANG, 2004, p. 117)

Enquanto buscamos mostrar que não há uma Mulher ideal e essencializada, nos esquecemos de que o mesmo vale para o homem... O Homem é colocado como o adversário que precisa ser questionado e de fato há a urgência em manifestar as desigualdades que se operam entre mulheres e homens. Mas será que existe “O

Homem”? Será que todo homem é idêntico e carrega consigo os pressupostos que precisam ser enfrentados?

Os estudos sobre as masculinidades iluminam e desenlaçam os nós que abrem espaço para novas questões, preocupadas com a pluralidade do ser homem. Para além da diversidade garantida por diferenças contextuais, tais estudos se voltam para os elementos que unem tais seres em uma categoria e ao mesmo tempo questiona o que os diferencia em suas singularidades.

Afinal, ser homem na Idade Média certamente não é o mesmo que ser homem na atualidade. Ser um homem da classe trabalhadora é evidentemente diverso de ser um homem que atinge o status de empresário de uma multinacional. E se podemos identificar elementos comuns entre uns e outros, por que não podemos nos debruçar sobre o que os diferencia?

Por mais que seja um homem, um dominante, cada homem é por sua vez submetido às hierarquias masculinas. Todos os homens não têm o mesmo poder ou os mesmos privilégios. Alguns, que qualifico de grandes-homens, têm privilégios que se exercem em detrimento das mulheres (como todos os homens) mas também em detrimento dos homens. (WELZER-LANG, 2004, p. 123)

É importante ressaltar que acionar tais estudos e concepções não tem a intenção de desqualificar o grande arsenal teórico construído com esforço extremo por pesquisadoras e pesquisadores feministas ou não, que buscam ampliar as investigações sobre a história das mulheres e as relações de gênero. Acreditamos, ao contrário, que com isso aprofundamos nossas indagações e problematizamos de forma mais completa as fontes de pesquisa.

A partir de entrevistas realizadas com três homens, buscaremos iniciar esta discussão que, esperamos, possa ter lastro e contribuir para o entendimento do aborto enquanto assunto social, político e subjetivo, de mulheres, mas também de homens.

No que diz respeito à participação masculina em experiências de aborto, observamos um grande rol de possibilidades de abordagem. O companheiro da mulher que opta pelo aborto ou que tem neste uma imposição, seja de familiares homens ou profissionais de

saúde. Embora as relações de poder inferidas nesta perspectiva sejam fundamentais, temos em vista considerar olhares masculinos não convencionais sobre esta experiência, de maneira que intentamos desconstruir alguns paradigmas que unilateralizam seu papel como exclusivamente de algoz ou descomprometido com a paternidade.

As narrativas aqui explanadas fazem parte de redes distintas de entrevistados, não configurando uma continuidade. A primeira história apresentada é resultante de um contato inesperado; a segunda parte de um contato pessoal; e a terceira evoca uma das redes tradicionalmente organizadas, que partiu de uma indicação.

Apesar disso e das diferenças inerentes a cada uma das experiências relatadas, há algo em comum: o desejo da paternidade. Algo quase inusitado, já que normalmente se identifica somente na mulher a condição inata da maternidade, do amor dedicado à prole e seus cuidados. Apesar de ser praticamente superado por pesquisas que se debruçam sobre a experiência das mulheres diante da maternidade, é concepção afinada ao senso comum, assim como o é a ideia de que os homens não possuem tal desejo incorporado a sua natureza masculina.

Aqui estamos para problematizar a experiência masculina sobre o aborto. Nosso interesse pelo tema das masculinidades surgiu durante diálogos com o orientador desta pesquisa que, sempre atento aos impulsos iniciais e militantes da autora do trabalho, com paciência e perspicácia sugeriu a relevância de se pensar a experiência dos homens em situações de aborto induzido. Tema sempre contundente e polêmico, o aborto visto pelo ângulo masculino permitiria ampliar o escopo da reflexão e da análise. Além disso, seria provável alvo de questionamentos, já que tratamos de assunto que implica em questões candentes no que tange à vida das mulheres e aos debates sobre direitos e sexualidade.

O desafio foi aceito e as tentativas de entrevistar homens mostraram obstáculos que podem ser interpretados à luz do entendimento que se tem de que este é um assunto “de mulher”. Ponto que nos toca diretamente, em meio à gama de temas e abordagens disponíveis, diz respeito ao papel social do homem enquanto pai. Nossa preocupação nas leituras realizadas foi justamente entrever de que maneira esta particularidade da experiência masculina foi tratada por diferentes autores.

Curiosamente e diferente do que observamos acerca da maternidade, a experiência da paternidade não é central nos estudos que se voltam para as masculinidades. Embora apareça frequentemente como inerente à história e vivência dos homens em diferentes contextos, não é preponderante a ponto de se tornar central em grande parte dos estudos.

É possível que o aparente pouco interesse sobre o tema se dê em função da empolgação em poder falar sobre assuntos que nunca foram assimilados à experiência masculina, tendo nesta tendência espaço favorável para explorar universos desconhecidos ou pouco representados. A paternidade, ainda assim, resvala em diversos trabalhos, indicando sua permanência e necessidade de investigação apurada.

Podemos inferir, ainda, que tal constatação acompanha a historicidade da paternidade durante séculos desvinculada da experiência afetiva entre pais e filhos. A função de provedor se mostra como modelo que ultrapassa temporalidades, assim como a obrigação de agir como regulador e responsável pela aplicação de punições.

O pai foi, durante séculos, um mecanismo fundamental de estruturação de famílias, principalmente de seu poder. Ele era um eficiente mecanismo da articulação da família com o Estado e a Igreja. Ele representava uma genealogia, um nome e o sangue, e, em muitos casos, a influência política de famílias, reunidas em torno de um patriarca mais forte ainda. E, mesmo nas famílias pequenas ou reduzidas, ele era a voz do comando. (PRIORE; AMANTINO, p. 158, 159)

As transformações sociais que envolvem todos os seres, sejam homens ou mulheres ou as diferentes identidades de gênero, propiciam a verificação da paternidade em transformação constante. No século XIX, chama atenção o posicionamento de D. Pedro I verificado em “Suas cartas repletas de carinho e preocupação com os filhos que deixou no Brasil, ao abdicar do trono e partir para Portugal, em abril de 1831, revelam mudanças e novas relações entre pais e filhos.” (PRIORE; AMANTINO, p. 153).

Este é momento marcado por transformações significativas na concepção de paternidade e nas relações estabelecidas entre pais e filhos.

Se durante o Antigo Regime eram comuns os pais que tratavam seus rebentos com brutalidade e ignorância, essa era a época dos laços

afetivos e cuidados com os filhos. A paternidade deixava de ser pautada exclusivamente pelo sangue, pela linhagem, para consolidar-se como resultado de um desejo, de uma vontade. O homem deixava de ser simplesmente um genitor, para responsabilizar-se pelo amor à criança e o bem da família. (PRIORE; AMANTINO, p. 174)

São inúmeros os indícios das mudanças que perpassaram tal vivência para que chegássemos à realidade atual que, justamente por ser plural, apresenta situações que remontam a um modelo de pai semelhante àquele somente visto como provedor e agente de punição, assim como comportamentos totalmente reconstruídos. Basta atentar para a publicidade voltada para os pais e mães de recém-nascidos. Algo impensável alguns anos atrás, o pai trocando a fralda de um bebê, ou mesmo o fazendo dormir, surgem em propagandas que refletem tais transformações. Casos de guarda de filhos após a separação dos cônjuges, que durante muito tempo inequivocamente se voltava para as mães, são reconfiguradas e requeridas em instâncias diversas, tanto de mães que exigem maior participação dos pais, quanto de pais que o fazem para manterem não apenas o direito de compartilhar os cuidados da prole, mas de assumir toda a sua responsabilidade.

Hoje, os pais não ocupam – ou não desejam ocupar – um papel de puro autoritarismo. Gritos e ordens não funcionam mais como reguladores do equilíbrio familiar. Apenas denunciam um indivíduo violento, contra o qual existem sanções. O papel do pai, ao contrário, é tornar possível o encaminhamento da criança, desde sua realidade biológica de pequeno ser vivo, até a maturidade e sua integração social. De preferência com responsabilidade e afeto. Mesmo sua função econômica se reduziu, graças ao trabalho feminino e ao salário da mãe. (PRIORE; AMANTINO, p. 182)

No esteio destas mudanças, é que nos colocamos como impelidos a compreender a experiência dos homens sobre o aborto. Seria um assunto exclusivamente de mulheres? O que pensam e sentem os homens sobre esta experiência?

Acionar a experiência masculina sobre o aborto é desafio que certamente não desenvolveremos completamente. No entanto, diante das circunstâncias esboçadas, nos sentimos convocados a minimamente discutir o que tais narrativas sugerem para

discussões futuras. Dentre os elementos possíveis para a análise, evocamos a ideia de paternidade que pode ser percebida em cada uma das três narrativas.

Diego é enfático em seu apoio à decisão das companheiras que optaram pelo aborto, no entanto ao deslocar a atenção para sua própria relação com a paternidade admite já ter romantizado a ideia de ser pai, o que para ele pode ser fruto de um ensinamento protestante. Ainda assim, afirma não ser algo que tenha abandonado completamente, inclusive por entender que a vivência da paternidade está mais ligada à proximidade e ao comprometimento com o cuidado de crianças do que simplesmente ser o progenitor. Além disso, não é algo que evite ou afirme negativamente, mas tão somente precisa acontecer no momento certo para ambos os envolvidos.

As palavras do colaborador desconstróem certa ideia predominante da exigência do homem em relação ao aspecto biológico, algo que é amplamente veiculado em novelas, filmes e mesmo programas de televisão que conferem espaço para testes de paternidade. Como se o importante fosse unicamente ser o progenitor e não os laços afetivos estabelecidos com os filhos.

No caso de *Fernando* este aspecto se mostra relevante e, mesmo sem ter certeza de que a companheira induziu um aborto, demonstra decepção não somente pelo aborto em si, mas por lhe ter sido negada a oportunidade de ser pai. Ao considerar o aborto um pecado, entende como superável a negação da paternidade, algo que pode voltar a acontecer. Não aceita, contudo, o fato de não ter presenciado a situação, o que lhe sugeriu a possibilidade de ter sido enganado.

Outra situação é narrada por Bruno, que também apoiou totalmente a decisão da companheira. No entanto, afirma a certeza de querer ser pai e, mesmo na ocasião do aborto, apesar das dificuldades de não ter sido uma gravidez planejada, estava disposto a encarar a situação. Para ele, é importante acompanhar todo o processo, inclusive a gravidez, ver a barriga crescendo e saber que ali está um filho com uma pessoa que se gosta. A paternidade, para ele, não pode ser desvinculada da responsabilidade de criar outro ser, para quem se passa um pouco de si mesmo através dos cuidados e da educação, mesmo que no futuro a separação seja certa, já que os filhos crescem. O que importa é que se continua a ter um filho.

Temos uma pequena, mas significativa mostra de que a experiência do aborto não é sem importância para todos os homens. Ao contrário, apesar das diferentes maneiras de interpretar o aborto – como direito ou pecado – o desejo de participar do processo, assim como a identificação da paternidade como momento especial da própria vida desconstrói a visão muitas vezes disseminada de que os homens não se importam com suas companheiras no momento de uma gestação não planejada e no cotidiano de cuidados com os filhos. Tal constatação somente se verifica se nos propomos a ouvir seus pontos de vista, o que a história oral comprometida com a valorização de diferentes versões de uma mesma realidade torna possível.

RACIONALIZANDO A EXPERIÊNCIA

Uma das primeiras constatações quando iniciamos a pesquisa foi a de que o campo de produção histórico não apresenta número expressivo de trabalhos que abordam exclusivamente o tema do aborto. Neste sentido, torna-se indispensável o diálogo com a produção acerca do tema em campos diversos do saber, dentre os quais destacamos: Saúde, Direito e Religião. Embora cada área guarde características específicas no tratamento do assunto, o que nos importa é menos a afinidade de métodos e teorias do que os resultados alcançados e as reflexões desenvolvidas.

SAÚDE

A Saúde é uma das áreas mais presentes quando se trata do aborto, englobando campos diversos como a Medicina, a Enfermagem e a Saúde Pública. Nosso interesse sobre esta perspectiva surgiu desde o início da pesquisa, tendo em vista a frequência com que o aborto é tratado como “problema de saúde pública”. Embora nem sempre a utilização desta expressão se refira imediatamente a estudos específicos da área em questão, chama atenção sua apropriação inclusive por segmentos visivelmente distantes dos saberes médicos oficiais.

Como um jargão afeito ao senso comum, sugere a preocupação de pessoas de diferentes origens sociais e profissionais com a temática e, eventualmente, se mostra justificativa para fomentar a defesa pela descriminalização desta prática, sendo perceptível tanto em meios de comunicação quanto em conversas informais.

Isto, contudo, não se dá por mero acaso, já que está relacionado a evidências comprovadas estatisticamente do expressivo número de abortos induzidos no Brasil e sua conexão com os índices de mortalidade materna.

O espectro da Saúde vai além e incorpora reflexões que abrangem questões como a saúde mental das mulheres que recorrem ao aborto, levando em consideração danos causados menos por consequências objetivas e físicas do que por efeitos que refletem o contexto sociocultural em que vivem.

Considerando-se o real conflito que a mulher enfrenta ao decidir realizar um aborto, em especial em países como o Brasil, em que essa prática é ilegal e deve ser realizada de forma clandestina, é natural cogitar que a realização de um aborto não é sem danos para as mulheres. Entretanto, cabe refletir se esse conflito, e a dor que ele pode produzir, é algo patológico ou decorrente da prática em si, e se está relacionado ao contexto sócio-moral de condenação ao aborto. (VILLELA, MENICUCCI, SILVA, 2008, p. 51)

Dentre nossas colaboradoras, *Janaína*, cuja experiência perpassa três situações de aborto, deixa clara a importância de considerar o aspecto psicológico da vivência de mulheres que abortaram. Embora suas escolhas tenham sido pautadas por reflexão e acesso a meios materiais que não a expuseram a riscos expressivos de saúde, sua análise sobre a questão de maneira mais abrangente revela preocupação que nem sempre é cogitada pelas políticas públicas e remete a aspectos psicológicos desta vivência.

De modo complementar, temos trabalhos que se ocupam da realidade dos profissionais de saúde, elemento determinante para a reflexão sobre políticas públicas de atendimento (MATOS, 2010). Ponto que oferece diferenças significativas no trato com pacientes e reflete concepções arraigadas socialmente que acabam por definir condutas profissionais, as quais nem sempre acordam com a ética postulada pelas regras estabelecidas.

Ou seja, valores pessoais, baseados em estereótipos de gênero que consideram as mulheres como reprodutoras, permeiam a prática profissional também no atendimento do aborto inseguro. Sentimentos de culpa e de pecado são inculcados nas mulheres, atualizando, sob

forma de discursos psicologizantes, noções religiosas de culpa, pecado, martírio e expiação. (VILLELA & BARBOSA, 2011, p. 92)

Todas as histórias de vida coletadas apresentem situações ligadas à saúde. Uma das mais significativas é a de *Valéria*, que ao buscar socorro diante de um aborto não consumado completamente, se viu diante de uma relação de poder que distancia médico e paciente.

Embora sua história se passe em pleno século XXI são perceptíveis os resquícios de um pensamento presente desde o período colonial quando, a despeito da falta de conhecimentos científicos acerca do corpo feminino e do que nele se passa durante a gestação, o discurso médico desempenhava seu controle e apontava para a submissão das mulheres aos olhares de uma sociedade que punia menos o aborto do que as relações extra-conjugais contrárias aos propósitos da empresa colonial, a qual vislumbrava a formação de um contingente populacional disponível para o trabalho e para a salvação das almas após a Reforma Protestante.

A narrativa de *Glória* ganha contornos que nos conduzem a um conhecimento mais profundo sobre os mecanismos adotados no sistema de saúde vigente. Sua escolha profissional como obstetriz, denominação formal para as antes conhecidas como parteiras, tem como função fazer dar à luz mulheres que se tornam mães. Tarefa envolta por inúmeras satisfações, mas também dilemas e ideais!

Temos de um lado, a descrição de um atendimento de saúde diante de um aborto induzido. De outro, a visão de profissional sobre a recorrência de atitudes voltadas para o mesmo atendimento. Chama atenção a condição de submissão das mulheres que recorrem a tal atendimento, presente nas duas narrativas. Segundo *Glória*, o tratamento dispensado às mulheres que chegam aos hospitais em decorrência de um aborto remete imediatamente ao julgamento dos profissionais, cuja atuação ao mesmo tempo em que marca a distância entre corpo médico e corpo “doente” se aproxima de uma “falta de trato”, especialmente quando a paciente apresenta características que marcam sua vulnerabilidade. Ou seja, mulheres pobres, jovens e negras são pré-julgadas antes mesmo de terem feita sua anamnese como indutoras do abortamento, o que reflete no atendimento marcado por negligência e falta de cuidado.

...as transformações orientadas pela ideia de Cuidado não poderão se concretizar como tecnologias ampliadas se mudanças estruturais não garantirem as reclamadas condições de intersetorialidade ou interdisciplinaridade. A própria interação proposta entre diferentes normatividades terá condições mais limitadas de se realizar se não forem trazidos à cena horizontes necessariamente coletivos ou sociais em sua concepção e expressão, como aqueles configurados nos campos dos direitos, da cultura, da política etc. (AYRES, 2004, p.27)

A preocupação expressa por Ayres, relacionando intersetorialidade e interdisciplinaridade nem sempre é observada na prática. Na relação entre médicos e pacientes há um elemento de poder que não pode ser ignorado. Para além do saber que envolve o tratamento dos pacientes, existe toda uma roupagem de ideologias e moralismos que determina a ideia de cuidado ou sua ausência. A busca por socorro pode envolver desde a saída de problemas até o encontro com dilemas impensados...

A história de *Valéria* é reveladora neste sentido, pois ainda que não se enquadre imediatamente no perfil de vulnerabilidade, - a não ser pelo fato de ser uma mulher jovem -, foi vítima de violência médica a partir do momento em que se constatou a indução do aborto. Enquanto não era de conhecimento das enfermeiras, foi tratada com atenção e cuidado, situação que mudou gradativamente até culminar com a visita de um médico que violou seu corpo e sua dignidade ao retirar do seu útero os retos fetais e praticamente obrigá-la a olhar para “o seu filho”. Este caso se passou em um hospital público universitário, onde supostamente se acredita estão sendo formados futuros profissionais. O que esperar deste futuro?

Nem sempre, no entanto, a situação é de violência, como atesta a experiência de *Giana*. Mesmo ocorrido na década de 1970, o atendimento emergencial frente ao abortamento incompleto não foi narrado como memória traumática. Há, entretanto, que considerar os enlaces da memória que, no relato, falou sobre momento em que a colaboradora esteve entre a vida e a morte, de modo que o socorro prestado é lembrado como a possibilidade de não morrer. Ainda assim, o atendimento é interrompido quando os cuidados emergenciais são prestados, reforçando a ideia de ausência de tratamento prolongado ou tendo em vista desdobramentos psicológicos.

Situação “convencional” também foi mencionada por *Daniela* que, por segurança, se consultou com um médico após utilizar o Citotec. Em sua narrativa não há qualquer indicação de maus tratos ou negligência, importando ressaltar que, neste caso, o atendimento se deu de forma conveniada e não no sistema público, o que pode indicar alguma ressalva que merece atenção.

A “participação” médica nos casos de aborto não se restringe aos ambientes de saúde pública. Ao contrário, o universo da clandestinidade ainda a ser desvendado, pode ser ao menos parcialmente vislumbrado através de nossas entrevistas em suas múltiplas faces. A narrativa de *Fábia* transita pelo aspecto mais obscuro e “conhecido”, em que não há respeito pela individualidade das mulheres que buscam o atendimento. Da mesma forma, não há acesso aos métodos utilizados, nem tampouco a possibilidade de acompanhamento por familiares ou amigos, que ficam à espera do que não se tem conhecimento. O compartilhamento de espaços e o diálogo entre mulheres desconhecidas revelam, ainda, a pluralidade de situações que se cruzam no trajeto que conduz à clínica. Entre choro, reflexão e ausência de culpa, mulheres com histórias diferentes se aproximam pela necessidade de interromper uma gestação não planejada. O silêncio e falta de informação sobre os procedimentos adotados remetem imediatamente à situação de risco à qual se expõem estas mulheres.

No caso relatado por *Diego*, a despeito da presença do acompanhante, fica evidenciada a relação de poder estabelecida entre médico e paciente mesmo que as circunstâncias não apontem imediatamente para uma situação de risco.

Os atendimentos clandestinos, porém, podem apresentar características exponencialmente distintas. Bruno apresenta em sua história uma situação que remete contraditoriamente à ideia de cuidado, uma vez que a visita que antecedeu o procedimento de interrupção da gestação de sua companheira foi visto como marcado por atenção e esclarecimento, evidentemente que mediante pagamento.

Algo que se assemelha no que diz respeito ao ambiente de atendimento, marcado pelo conforto e por protocolos de recepção de alto nível, deixa clara a ideia amplamente compartilhada de que as mulheres que possuem condições financeiras acessam serviços de qualidade e, conseqüentemente, não se expõem a riscos graves e iminentes. Isto pode ser percebido nas narrativas de *Laila*, *Paloma*, *Janaína* e *Alícia*.

É interessante notar que em suas narrativas o que menos se mostra importante é o procedimento médico, denotando que, quando o atendimento é adequado, não deixa traumas evidentes. Neste sentido, nas histórias dessas mulheres os dilemas relacionados ao aborto estão muito mais ligados ao antes – decidir fazer ou não, conquistar apoio de parceiros e familiares, ter acesso a informações sobre clínicas e conseguir dinheiro suficiente para pagar o serviço – e o depois – o sentimento de culpa ou o medo de sequelas físicas, além da possibilidade de ser mãe posteriormente. Sobre este último aspecto vale ressaltar a necessidade de desmistificar a ideia de que a mulher que aborta não deseja a maternidade, ficando claro que o aborto é recurso dispensado em momentos peculiares de suas vidas. No caso das quatro colaboradoras, uma já era mãe quando da realização do aborto e duas se tornaram mães posteriormente, no momento em que desejavam e se sentiam preparadas para vivenciar a maternidade.

Algo que une as experiências elencadas, indicado pelas narrativas é, além da inexistência da oferta de suporte psicológico, sua indiscutível necessidade. Seja falando por si, seja refletindo sobre a situação de mulheres que não têm o mesmo acesso a informações que tiveram, as mulheres e homens com quem conversamos deixam clara sua preocupação com os desdobramentos íntimos e subjetivos da experiência do aborto, algo ainda não contemplado pelas políticas públicas voltadas para esta realidade.

DIREITO

Democracia, criminalização, clandestinidade

Mesmo tratado marcadamente como problema de saúde pública, o aborto no Brasil é oficialmente um crime referenciado nas leis que normatizam as relações sociais. Isto torna ainda mais complexo o cenário das trajetórias das pessoas que necessitam interromper uma gestação não planejada.

A abordagem que se debruça sobre o tema do aborto pelo viés do direito encontra nuances que se ramificam em diversos âmbitos. Nenhum deles, contudo, oferece respostas definitivas, nem tampouco impedem a manutenção da realização de abortos clandestinos. Ao mesmo tempo em que as leis e disputas políticas atravessam a formação de opiniões e reforçam estigmas, seus resultados não contemplam a demanda

existente, contribuindo para um alargamento da distância entre os discursos oficiais e a vida dos sujeitos. Assim, políticas públicas que definem e avaliam os comportamentos são muitas vezes ineficientes ou mesmo aplicadas de forma equivocada, sem atingir os objetivos para os quais foram formuladas.

Por ocasião da análise das fontes, optamos por uma abordagem que problematiza a ideia de direitos vinculada ao estatuto de crime relativo ao aborto, conferindo maior complexidade ao paradoxo entre democracia e clandestinidade (do aborto) vivenciado na contemporaneidade, sendo a chave para compreender situação que atinge milhares de mulheres.

O direito ao aborto é discussão que remonta especialmente aos movimentos feministas do século XX. Mesmo com apelos insistentes, não foi sem luta que se reverteu em conquista em países como Uruguai (2011) e Portugal (2007), tão distantes geograficamente quanto se aproximam em relação às demandas das mulheres. As noções jurídicas, contudo, permanecem oferecendo obstáculos e promovendo discussões afloradas. O debate é internacional, como deixam claras as disposições de órgãos destinados a determinações de âmbito mundial.

Resultados relevantes puderam ser observados em conferências internacionais e regionais realizadas a partir da segunda metade do século XX, que discutiram pela primeira vez questões relativas ao universo de demandas das mulheres. As principais resoluções estão registradas em tratados e convenções, muitos dos quais o Brasil é signatário.

- 1966 – *Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos* (p. 67)
- 1966 – *Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais* (p. 69)
- 1968 – *Conferência de Direitos Humanos de Teerã* (p. 69/70)
- 1979 – *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher* (p.70)
- 1993 – *Declaração e Programa de Ação de Viena – Conferência Mundial de Direitos Humanos* (p. 73)
- 1994 – *Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher – Convenção de Belém do Pará*. (p. 74)
- 1994 – *Plano de Ação da Conferência Mundial de População e Desenvolvimento, Cairo* (p. 75)
- 1995 – *IV Conferência Mundial da Mulher, Beijing, China*

(EMMERICK, 2008)

Elemento interessante no que tange ao aspecto legal do aborto é a real aplicação da lei. Ainda que falemos de um crime, são irrisórios em termos quantitativos os casos que atingem nível processual e ainda menos numerosos os que chegam a julgamento e condenação. Os que tiveram tal desfecho são marcas menos afeitas à aplicação da lei do que mostras de concepções morais sobre o assunto. Diante da amplitude da situação, tais casos que fogem à regra, ressaltam seu caráter simbólico e nos auxiliam na apreensão de características que marcam e estigmatizam pessoas e comportamentos.

Nesta seara, para além do debate sobre a lei e sua aplicação emerge a questão do direito em suas múltiplas faces. Duas são as mais evidentes e exibem disputas políticas e morais presentes em nossa sociedade: a primeira é formada por segmentos que defendem a descriminalização do aborto, também identificadas como pró-escolha e representadas principalmente pelos movimentos feministas; a segunda, em oposição, se ampara na noção de vida que entende o nascituro como sujeito de direitos, sendo denominado pró-vida e representado principalmente por setores ligados às religiões cristãs, tanto a católica quanto as protestantes ou evangélicas.

Quando se fala em “defesa da vida”, pensa-se na oposição ao direito das mulheres de recorrerem a um aborto quando julgarem necessário. Assim, a proposição de respeito pela vida humana aparece como um princípio moral defendido pelos grupos chamados anti-aborto, ou pró-vida. Já as discussões propostas por quem assume a defesa da necessidade de se ter acesso legal e seguro à interrupção de um processo gestacional constroem-se com base na ideia de “direitos” de afirmação de liberdade e de realização de cidadania. E estão dissociadas, no imaginário social, da ideia de respeito pela vida humana. (NUNES, 2006, p.30 e 31)

As discussões que emergem desta dicotomia alimentam intensas disputas, mas também fomentam a produção de discursos de ambos os lados. No que diz respeito aos grupos que defendem a escolha das mulheres, avanços significativos refletem a identificação dos direitos das mulheres enquanto direitos humanos, ou seja, fundamentais para a

garantia de sua cidadania. Este aspecto envolve a reflexão sobre as condições reais das mulheres e, portanto, a violência à qual estão submetidas em função das desigualdades de gênero.

A luta por direitos protagonizada principalmente pelo ativismo de feministas surge em nossa pesquisa por meio do relato de Amelinha Teles, cuja militância e produção intelectual permitem complementar o que nos contou durante sua entrevista. Momento crucial neste processo diz respeito ao discurso proferido durante a Constituinte, também apresentado na reedição do livro “Breve História do Feminismo”.

Fica clara, para além de sua liderança na luta por transformações que dizem respeito ao aborto, a mentalidade da maioria dos envolvidos que, de alguma forma, reflete uma visão da sociedade sobre o tema extremamente conservadora, o que tem contribuído para a manutenção da situação e mesmo retrocessos neste âmbito.

Amelinha ainda protagoniza uma experiência pessoal de aborto que, apesar de ter acontecido enquanto era clandestina durante o regime militar, teve todos os cuidados necessários, já que o procedimento fora realizado por um companheiro médico, indicando uma vez mais os paradoxos entre democracia e clandestinidade, pois como ela mesma pontua, hoje as mulheres vivem a democracia, mas continuam sofrendo com abortos clandestinos.

Sua constatação nos remete à entrevista realizada com Fábiana, que também precisou realizar um procedimento de interrupção voluntária da gravidez. Os tempos eram outros, mas a clandestinidade permanecia, ainda que em outras roupagens.

A descrição minuciosa da colaboradora é significativa por iluminar um processo marcado pelos riscos aos quais estão submetidas mulheres que fazem tal opção. Não têm qualquer instrução sobre o que vai acontecer com seus corpos e suas vidas. Aliás, não são raros os casos em que o desfecho é ainda mais complexo. Mortes de mulheres que buscaram clínicas de aborto clandestinas esporadicamente ganham espaço na mídia.

Quando falamos de vivermos atualmente num Estado Democrático de Direito, onde a clandestinidade característica do período ditatorial não mais existe, precisamos lembrar que para algumas pessoas ela continua viva, a despeito das vidas que por sua causa se perdem.

Para além das narrativas que apontam incisivamente para o espectro da clandestinidade, as noções de direito são multifacetadas e fazem parte em alguma medida de todos os relatos.

Para *Laila*, a luta por direitos vai além da questão do aborto e remete aos direitos civis de forma ampla, incluindo homossexuais, negros e outras minorias que viveriam contexto de dominação por estarem na periferia do sistema, onde são vítimas de diversas formas de controle. Em se tratando do aborto, a colaboradora ainda ressalta a importância do direito de escolha ser unicamente da mulher, uma vez que o corpo é dela, que é a única responsável e responsabilizada por sua fertilidade, minimizando o papel dos homens neste processo.

A necessidade de ser considerado um direito é ressaltada por *Janaína* que traz à tona o papel do Estado no que diz respeito à oferta de orientação, assim como de condições de saúde, as quais devem contemplar aspectos psicológicos.

O direito à escolha pela interrupção voluntária da gravidez, contudo, não implica a interpretação do aborto como algo “bacana”. Para *Fábia*, chama atenção a forma banalizada como o assunto é tratado. O que importa é, de fato, o direito ao corpo por parte das mulheres, que devem poder decidir pela maternidade ou sua interrupção sem depender de ninguém. Ao sofrer críticas por não querer ter filhos é lembrada constantemente que seria uma mãe maravilhosa.

Algo tão enraizado em nossa sociedade surge em sua narrativa como lembrança do que é dito pelos outros. As mulheres são reconhecidas – mesmo que assim não se sintam – como feitas para a maternidade e a escolha contrária remete à negação da natureza, uma espécie de desperdício e desprezo pelo que seria adequado. Mas, adequado para quem?

Alícia que desejou a maternidade e escolheu até um nome para o filho que viria entende o aborto como uma violência contra o próprio corpo, algo que não é desejado por ninguém, mas que se faz necessário em inúmeros casos, como o seu. Sua história é marcada por muitos momentos de sujeição nas relações com os homens com quem conviveu e o aborto foi a saída para romper com um relacionamento abusivo que a faria sofrer ainda mais. Neste sentido, há a necessidade de garantia de sobrevivência para as mulheres que abortam e o direito a este procedimento é o caminho para minimizar os danos.

O aspecto financeiro perpassa o universo simbólico do direito, uma vez que as mulheres que possuem condições materiais têm acesso a procedimentos seguros. Paloma se sente sortuda por ter tido esta oportunidade e não se arrepende, embora se mostre incomodada por saber que nem todas as mulheres têm o mesmo “direito”.

Luara vai além e defende a ideia de que não basta descriminalizar o aborto, é preciso legalizá-lo totalmente para que toda mulher tenha o direito de escolher se vai ter ou não o filho. Em seu caso, foi impedida de realizar o aborto sob ameaças do companheiro e algumas pessoas da família que lhe denunciariam. Este seria um contexto em que cabe pensar a descriminalização, pois foi baseado na imposição de uma decisão cuja discordância poderia resultar na prisão da mulher. Este seria um passo importante, mas *Luara* acredita que o debate sobre a legalização oferece maiores condições para que a mulher decida o que fazer. E isto não significa ignorar dilemas morais, uma vez que ela mesma afirma a consciência de que ao realizar um aborto, está se tirando uma vida. O peso a ser carregado pode ser um trauma que acompanhe a mulher por toda sua trajetória, mas nada pode tirar da mulher o direito de decidir sobre seu futuro. Em sua história, o amor pelo filho abrandava as dificuldades, mas ao cria-lo sozinha afirma: “É uma vida pela outra, na verdade...”

As narrativas masculinas também revelam a necessidade de refletir sobre o direito ao aborto, muitas vezes confundido erroneamente como um método contraceptivo. Para Bruno, o direito começa com a possibilidade de o casal planejar e decidir quando ter filhos e, nos casos onde não há opção, o aborto deve ser legalizado para que exista uma rede de saúde pública que atenda essas mulheres. *Diego* vai além e evoca a ideia de fabricação do corpo feminino e o controle sobre seu funcionamento, de modo que à mulher caberia o direito a escolher pelo aborto. Além disso, traz à discussão o poder do Estado sobre a vida e a morte, ao mesmo tempo em que não oferece condições de vida dignas para inúmeras pessoas e grupos sociais com traços culturais diferenciados, como é o caso dos povos indígenas.

Diferente da posição de Bruno e *Diego*, *Fernando* aciona uma visão que limita o direito das pessoas diante de algo considerado por ele como divino. A recusa à maternidade é compreendida como pecado e passível de castigo futuro, já que interrompe o ciclo programado no plano espiritual.

A religiosidade marca os limites do direito de escolha para *Fernando*, enquanto é universo de questionamento para Yury, para quem os direitos sexuais estão no campo da autonomia e da liberdade para o livre exercício da sexualidade. A colaboradora ainda nos lembra do respaldo legal oferecido por instrumentos e organizações internacionais, assim como governos nacionais para garantir o direito de exercer livremente a sexualidade de maneira segura, amparada em princípios e direitos.

No âmbito da prática profissional, *Glória* ressalta a ideia de que nenhum profissional da saúde ou o Estado poderia influenciar na escolha pelo aborto, visto por ela como um direito ao corpo. O que é necessário e deveria ser um direito é a oferta de um serviço de acolhimento que evite a morte e a prisão de mulheres que optam pela interrupção de uma gestação não planejada. Em situações de mulheres presas, por exemplo, a colaboradora reflete sobre os outros filhos que podem estar em casa, inclusive porque os homens, para ela, geralmente não assumem os filhos e diante de situações adversas continuam suas vidas.

Para a maior parte dos colaboradores, o aborto deve ser um direito assegurado, independente de crenças e ativismos. Mesmo considerando particularidades da experiência individual e de relativismos acerca da legalização ou descriminalização, fica evidente que os danos sofridos pela criminalização do aborto e sua consequente clandestinidade ferem de forma mais nefasta os direitos humanos e de cidadania das mulheres.

Há, contudo, entre os colaboradores opiniões divergentes que merecem atenção e respeito. Em geral, a negativa frente ao direito ao aborto envolve sentimentos e percepções ligadas à religiosidade e serão abordadas oportunamente.

De qualquer forma, chama atenção os elementos relacionados à culpa e à punição que não aparecem como sanções legais, mas ancoradas a pressupostos de ordem divina e sobrenatural, como mencionado nos relatos de *Giana* e *Fernando*.

RELIGIÃO

A religião é elemento que influencia indiscutivelmente comportamentos e atitudes. No caso brasileiro, fortemente marcado pelo Cristianismo, especialmente pela Igreja

Católica, as ideias de pecado e culpa perpassam as experiências de aborto. Mais recentemente, transformações neste âmbito e o reconhecimento de outras matrizes religiosas tornam o aborto um tema que pode ser interpretado de múltiplas maneiras.

No caso específico do aborto, impor a uma mulher, mesmo católica, ou fiel de qualquer outro credo religioso, uma norma que restringe sua liberdade é impedi-la de exercer direitos de cidadania. É desrespeitar sua capacidade moral de julgamento e decisão. É negar-lhe sua humanidade. Quando o feminismo propõe pensar a função reprodutiva em sua totalidade, aí incluídas a concepção, a anticoncepção e o aborto como objetos de direitos – direitos de cidadania e direitos humanos – reconhece as mulheres como cidadãs e agentes morais capazes de tais decisões. (NUNES, 2006, p. 37 e 38)

Um dos pontos da discussão atual tem como mote o valor da vida e em que medida o aborto fere as prerrogativas das crenças religiosas acerca do início da vida humana. Para além dos elementos oficiais elaborados pelas diferentes religiosidades, cabe identificar e interpretar o que esta vivência imprime nas trajetórias individuais, dada sua simbologia e subjetividade.

A religião transpassa a história do aborto em diferentes momentos. Inicialmente fornece os postulados de conduta, especialmente com o advento e fortalecimento do Cristianismo. É necessário considerar, entretanto, as prerrogativas de outros credos menos predominantes na sociedade brasileira. E mesmo a pluralidade inerente aos diferentes desígnios religiosos em cada um dos segmentos.

Importa atestar nossos limites no tratamento de tema demasiado denso, de modo que buscaremos tão somente pincelar alguns elementos que nos parecem indispensáveis para a presente pesquisa.

Algo digno de nota é lembrado por Geertz, ao realizar uma análise abrangente em nível mundial do fenômeno religioso. Para tanto, parte de Wiiliam James, segundo o qual a experiência religiosa estaria intrinsecamente vinculada ao plano subjetivo, sendo um “beliscão individual do destino”. Em suas observações, contudo, ainda que valorize tal concepção, a problematiza tendo em vista as transformações históricas pelas quais passamos no último século.

A “experiência”, atirada porta afora como um “estado de fé” radicalmente subjetivo e individualizado, volta pela janela, como sensibilidade comunitária de um ator social que se afirma em termos religiosos. (GEERTZ, 2001, p. 159)

Segundo o autor, a questão religiosa está vivamente ancorada a questões políticas e disputas pelo poder. A diversidade religiosa, desta maneira, seria não apenas o reflexo de decisões individuais e espirituais, mas conformaria, em nossos dias, cenários em que os debates ocorrem no espaço público.

Hoje em dia, a “luta religiosa” refere-se quase sempre a ocorrências bastante externas, a processos ao ar livre que acontecem em praça pública – choques em velas, audiências em tribunais superiores. [...] Políticas de imigração, problemas das minorias, currículos escolares, observância do sabá, xales para cobrir a cabeça e debates sobre o aborto. (GEERTZ, 2001, p. 151)

Desta maneira, é inegável a centralidade das questões religiosas nas vidas das pessoas, tanto no que se refere ao seu aspecto íntimo quanto às relações estabelecidas em níveis mais amplos, influenciando comportamentos e as noções relativas às identidades. A pluralidade religiosa, portanto, não pode ser ignorada.

O movimento das identidades religiosas em direção ao centro da vida social, política e até econômica talvez esteja disseminado e crescendo, tanto em escala quanto em importância. Mas não é um fenômeno unitário, a ser uniformemente descrito. Existem tantas variedades de “experiência religiosa”, ou, se quisermos, expressões da experiência religiosa, quantas sempre existiram. (GEERTZ, 2001, p. 164)

Em nosso trabalho de pesquisa é mister reconhecer a questão religiosa a partir de sua diversidade, especialmente a que verificamos no contexto brasileiro, onde atualmente é possível observar transformações significativas. De país com fortes raízes católicas no que diz respeito à oficialidade da empresa colonial que se estendeu pelo menos até fins do século XIX, acompanhamos um cenário de mobilidade, vislumbrado através de conversões, especialmente às religiões pentecostais. Há mesmo análises que postulam um movimento de *descatolização*, tendo como contraponto o de *pentecostalização*. (RODEHN, p. 178). “O quadro geral marca, no plano das instituições e atividades, um

pluralismo inédito no campo religioso e, no plano dos adeptos, uma mobilidade e um trânsito também jamais notado.” (ROHDEN, 2005, p. 179)

Desta forma, apesar da inegável importância pública da religião em questões relativas às disputas pelo poder em âmbito internacional e nacional, a experiência religiosa guarda elementos caros às subjetividades, uma vez que movimenta escolhas individuais no que tange à permanência em uma dada religião, assim como a transições e conversões para outras com as quais se identificam as pessoas e que partem de suas realidades, sejam elas objetivas ou imateriais.

Por mais escorregadio que possa parecer esse campo, precisamos nos obrigar a tentar compreender o sentido das especificidades associadas a distintas formas de se relacionar com a religião (com a experiência da religião na vida do sujeito mais do que com as doutrinas oficiais)... (ROHDEN, 2005 p. 181)

A experiência individual religiosa, portanto, está relacionada a necessidades e aspirações às quais estão envolvidas as pessoas em seu cotidiano. Daí a possibilidade de compreender os trânsitos religiosos e as nuances que se elaboram nos discursos sobre esta experiência. A pluralidade religiosa observada no Brasil contemporâneo apresenta ainda elementos que se cruzam com aspectos como classe social e gênero.

Juntamente com a umbanda e as religiões afro espíritas em geral, o pentecostalismo se caracteriza por sua capacidade de atrair os que vivenciam crises e problemas ou enfrentam uma situação cotidiana de opressão, entre esses estão os mais pobres, os negros, os mais velhos, os enfermos, os desempregados e as mulheres. (MARIZ & MACHADO, 1994, p. 141)

Interessa-nos especialmente nesta passagem das autoras o destaque conferido às mulheres como segmento que vivencia problemas específicos que podem ser minimizados em função da experiência religiosa. O recorte de gênero presente em diversos trabalhos que lidam com as clivagens de religião, gênero e geração são fontes imprescindíveis para o aprofundamento do tema. Este não será, contudo, nosso enfoque, de maneira que nos limitamos a acenar para sua importância e, na análise dos documentos, acionar o que é pertinente à temática do aborto e suas consequências.

Religião e ética pessoal

Dentre nossas entrevistas, a que está mais diretamente vinculada ao tema Religião é a de Yury. Integrante do grupo *Católicas pelo Direito de Decidir*, embora jamais tenha realizado um aborto, é porta-voz de um discurso que valoriza o agenciamento dos sujeitos sobre suas vidas. O aborto, neste sentido, é visto como atitude tomada em função de condições particulares que merecem o devido respeito. Além de ser parte de um grupo que traz em seu nome o peso da religião, sua trajetória remonta à década de 1970, quando se envolve com a Teologia da Libertação na Colômbia. Seu interesse pela mudança social é o condutor para avançar nos estudos religiosos como leiga, o que revelaria importantes contradições. Não se inibiu diante das resistências e deu continuidade à reflexão teológica no Brasil, onde se viu diante de teólogas feministas. Este foi um divisor de águas em sua trajetória e a conduziu ao grupo CDD. Sua luta é constante pelos direitos das mulheres, em que o aborto figura de maneira indiscutível.

A Teologia Feminista, fundamental na narrativa de Yuri, traz à tona perspectivas que unem a experiência de uma leiga que se dedica ao estudo da religião e, mais que isso, complexifica a experiência religiosa para além de igrejas e credos. Sabendo da preponderância das matrizes cristãs no Brasil, suas proposições merecem destaque.

Temos, assim, questionamento que emana do interior de um movimento pautado pela religiosidade. Mas uma religiosidade ativa e criativa, que ressignifica pressupostos e sugere transformações, algo presente desde a formação ligada à Teologia da Libertação.

Posteriormente, em contato com teólogas feministas, se lembra de Ivone Gebara, sua maior referência, que traz uma reflexão sobre a Cristologia em que questiona quem seria Jesus Cristo para as mulheres, desconstruindo categorias que aparentemente não podem ser questionadas a partir do exercício teológico como mulher.

A experiência religiosa, íntima e criadora reconstrói imagens e pressupostos. Mais que isso, reverbera em ações práticas e políticas que, no caso de nossa colaboradora, tem como destino a atuação no CDD, onde vem desenvolvendo intensamente trabalhos de valorização da autonomia feminina e lutando pelos direitos sexuais e reprodutivos.

No caso de *Alícia*, a religiosidade passa quase despercebida. A não ser por sutis experiências no candomblé, onde esteve com sua mãe, não segue nenhuma religião.

Apesar disso, sua narrativa revela importantes apontamentos acerca da vida humana e o respeito pelas decisões das mulheres quando diante de uma gravidez que, mesmo inicialmente desejada, pode se transformar diante das conjunturas.

O que une estas duas colaboradoras é a ética que envolve a experiência, que pode estar perto ou distante da religião, mas aciona questões em muitos casos similares. O apreço pela vida humana e como lidamos com dilemas em que podemos nos posicionar e decidir colaborou para refletir sobre a presença da religião, mas também da ética sobre a vida quando o tema central é o aborto.

A narrativa de *Alícia*, embora não tenha o compromisso com ideais religiosos, parte de pressupostos de respeito aos direitos e à ética que pode ser comparada à fé que Yury evoca. No seu caso, o aborto foi motor para reflexões intensas, pois seu dilema moral e ético resvalava na ideia de que cometera um crime ao matar alguém que tinha desejado e feito existir.

Ao falarmos de moral aqui nos distanciamos daquela afeita às prerrogativas tradicionais. O impulso é dado no sentido de ressignificar este conceito a partir das vivências pessoais que, por sua vez, são moldadas pelo contexto vivido e os aprendizados, mas sempre filtradas pelo crivo que dimensiona a subjetividade individual.

Mesmo que não seja algo central na maior parte das narrativas coletadas, a religiosidade emerge como elemento que pode colaborar na interpretação das experiências compartilhadas.

Para *Laila*, por exemplo, que inicialmente não aponta a religião como foco em suas decisões, revela a importância de sua formação kardecista no entendimento de sua experiência com relação ao aborto. O desejo que deus a entenda e permita que ela tenha filhos em outro momento demonstra que na intimidade realizar um aborto não é decisão simples e envolve sentimentos e ressentimentos individuais.

Daniela também apresenta alguma proximidade com esta doutrina e, a despeito da assertividade diante da decisão e necessidade de interromper a gravidez, demonstra receio pelo futuro em relação a punições e culpas que poderia sentir se tiver outra gravidez, inclusive em relação à maneira como receberia a criança.

Ainda no universo do espiritismo kardecista, *Fernando* apresenta reflexão sobre ser e estar no mundo como parte de uma engrenagem divina. O aborto, neste caso, seria o rompimento de um ciclo, o que desencadearia sanções para as mulheres que fazem esta escolha. É interessante notar que, apesar da firmeza de suas colocações, há indícios de alguma flexibilidade para os casos de estupro, denotando o valor dispensado para as relações estabelecidas entre homens e mulheres, uma vez que para ele o aborto não se justificaria diante da existência de um relacionamento estável.

Nestes três casos, nenhum dos colaboradores expressou uma prática religiosa de quem frequenta centros espíritas, mas há elementos da doutrina kardecista em suas falas, o que indica não apenas a popularidade deste credo em nossa sociedade mas, sobretudo, a possibilidade de vivenciar a espiritualidade de maneira íntima, sem intervenção de ministros, pastores, padres ou pais de santo. A despeito da autonomia verificada, não há isenção moral e ética que, pautada nos pressupostos espíritas, valoriza a reencarnação e traz à tona a ideia de “castigo” em outras vidas.

Em casos onde há a definição por um credo específico, como na história de *Giana*, que se declara católica, mas não praticante, podemos notar o peso da religião. O fato de não ir à missa com frequência não impede que tenha uma concepção bastante radical em relação ao aborto. Para ela não há dúvidas! É um pecado, um crime e deve ser punido. Sua situação é vista por ela mesma como uma necessidade indiscutível, mas o arrependimento existe. Além disso, em sua reflexão reconhece os momentos de adversidade por que passou como a punição pelo aborto que fez anos atrás.

E mesmo diante do ateísmo afirmado por outros colaboradores, o elemento de culpa não está descartado, apresentando elementos éticos acerca do poder sobre ser e vir a ser, como é o caso de *Alícia* e mesmo de *Janaína* e *Paloma*. Além disso, este receio se faz presente com a incerteza em relação a poder ter filhos novamente e os medos relacionados ao próprio corpo.

Neste sentido, o elemento religioso aparece nas mais variadas possibilidades quando se trata do aborto, independentemente da existência de uma relação de proximidade com a prática cotidiana de igrejas e templos. Ainda assim, em muitos casos há a reprodução de discursos proferidos oficialmente pelas religiões, mesmo que contradiga as atitudes tomadas, como é o caso de mulheres que abortam, mas consideram o aborto um pecado

e são contra sua descriminalização. Em contrapartida, muitas situações que partem de um suposto ateísmo ou autonomia frente os parâmetros religiosos oficiais, trazem em seu bojo sinais da influência de formações religiosas de diferentes credos, os quais geralmente criticam ou mesmo condenam o aborto. As certezas demonstradas na escolha pela interrupção da gestação, assim como a defesa pela descriminalização e legalização do aborto não descartam os dilemas vivenciados subjetivamente, o que remete à vivência de uma espiritualidade que ao mesmo tempo é individual, mas encontra ecos de uma memória ou concepção coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

PROTAGONISMO E (DES)VITIMIZAÇÃO

Partimos da questão de que apesar de tantas restrições e riscos, as mulheres seguem abortando. Neste sentido, propomos uma reflexão que problematize tais experiências à luz da autonomia que a prática do aborto revela. Com isso, não pretendemos minimizar os impactos pessoais e coletivos nem os dilemas que envolvem tal situação, mas reconhecer que, nas brechas e margens, as mulheres continuam com algum poder de decisão. Esta “autonomia”, que pode ser expressa de maneiras muito diferentes, não se restringe aos marcadores sociais de classe, raça, geração.

A apreciação das narrativas coletadas mostrou que, apesar da relevância dos aspectos interseccionais, os quais não podem ser ignorados, existe uma convergência que aproxima os protagonistas das histórias a partir da experiência do aborto. Menos pela objetividade relativa aos procedimentos utilizados para a interrupção da gestação do que pela reflexão/decisão que acompanha o processo de escolha.

De acordo com o *corpus* documental apresentado, podemos anunciar algumas constatações:

- Das 16 entrevistas realizadas, 13 foram feitas com mulheres e três com homens, o que indica a maior dificuldade de encontrar colaboradores homens dispostos a falar sobre o assunto, uma vez que geralmente este é um tema entendido como exclusivo das mulheres. (O que acreditamos ter relativizado neste trabalho).

- Com relação à faixa etária, exceto três colaboradoras que têm mais de 50 anos, os demais se encontram na faixa entre 25 e 45 anos.
- A questão relativa à “classe social” foi abordada nesta explanação a partir da categoria de “escolaridade”. Neste sentido, pensamos que tal informação pode ser interessante na medida em que representa maior acesso a informações relativas aos métodos contraceptivos e aos procedimentos de aborto seguro, apesar de clandestinos. Importa ressaltar que o nível de escolaridade não revela as origens sociais dos protagonistas que, em suas histórias de vida, apresentadas na íntegra, apontam para experiências diversas com relação ao pertencimento às classes sociais.
- Por meio dos relatos é possível verificar a reflexão que os colaboradores fazem acerca do tema do aborto. Isto independentemente de terem vivenciado tal experiência, como é o caso daqueles e daquelas que não tiveram em suas trajetórias tal situação, mas se expressam sobre o assunto.

Um dos pontos que podem levantar questionamentos diz respeito à concepção anteriormente tratada na tese de ser o aborto uma questão que remete às clivagens de classe social. Embora reconheçamos o que os dados informam, de que as maiores “vítimas” da criminalização do aborto são as mulheres das classes populares, com destaque para as mais jovens e as negras, procuramos problematizar o que os dados não revelam.

Tendo a maior parte de nossos colaboradores cursado a universidade, pode haver uma aparente valorização da experiência de um grupo que destoa daquele indicado em grande parte das pesquisas como o mais vulnerável em relação à ilegalidade do aborto. Gostaríamos de aprofundar um pouco mais este aspecto para desconstruir alguns pressupostos que consideramos significativos para a compreensão do aborto enquanto um fenômeno social contemporâneo.

A partir de nosso estudo acreditamos que, mesmo com relativa representatividade em nosso *corpus* documental, o conjunto das narrativas aponta para a necessidade de pensar a experiência do aborto para todas e todos aqueles que vivenciam a experiência. Além disso, mesmo que o grande contingente de mulheres que recorrem ao procedimento de interrupção voluntária da gravidez seja formado por aquelas pertencentes às classes populares, a manutenção desta prática apesar dos impedimentos legais e normativos,

sugere que continuam tomando decisões sobre a própria vida e a vida daqueles que são ou seriam de sua responsabilidade.

O fato de muitas destas personagens silenciarem ou aparentemente aceitarem a condição de “vítima” pode, ainda, sugerir uma forma de subverter as relações de poder às quais estão submetidas.

Desta forma, reconhecer os mecanismos, os limites e, sobretudo os usos do consentimento é uma boa estratégia para corrigir o privilégio amplamente concedido pela história das mulheres às “vítimas ou rebeldes”, “ativas ou atrizes do seu destino”, em detrimento “das mulheres passivas”, vistas muito facilmente como consentidoras de suas situações, embora justamente a questão do consentimento seja o ponto central no funcionamento de um sistema de poder, seja ele social e/ou sexual. (CHARTIER, 1995 p. 42)

Este elemento reflexivo contraria a ideia de que as mulheres não têm capacidade de tomar decisões, “imaginário” que de alguma maneira permeia a criminalização e inúmeras discussões sobre a possibilidade de tornar o aborto um procedimento legalizado. Ao criminalizar esta prática se expõem as mulheres as estigmatizando, mesmo que os procedimentos judiciais quase nunca sejam levados a cabo. Fica evidente o caráter moral da ilegalidade, cuja efetividade somente eleva os números da clandestinidade e dos prejuízos que acarreta. Por outro lado, a luta pela descriminalização, a depender dos argumentos que lhe dão base, fomenta a ideia de que as mulheres não possuem discernimento suficiente para decidir sobre sua própria vida. Neste caso nos referimos, sobretudo, às medidas que reforçam tal circunstância quando direcionada às mulheres das classes populares.

Recuperamos a reflexão da colaboradora *Luara* que faz questão de diferenciar descriminalização e legalização. Mais que proteger as mulheres de uma prisão desencadeada pelo “crime” cometido se coloca a relevância de viabilizar a legalização, que conferiria liberdade de escolha às mulheres. Este seria elemento de valorização da autonomia feminina, cujo encaminhamento favoreceria gradativamente a desestigmatização daquelas que optam pela interrupção da gravidez.

Diante das histórias de nossas colaboradoras o aborto se mostra uma necessidade. Contrariando o que o termo imediatamente sugere, não falamos essencialmente de questões materiais. Mesmo nos casos em que este é fator preponderante, como no relato de *Giana* e, em menor medida, no de *Valéria*, a decisão pelo aborto está envolta por questões que envolvem a responsabilidade sobre a própria vida e a vida que estaria sob seus cuidados. Para *Giana* foi importante ponderar as consequências de um fruto do relacionamento abusivo que vivia, sem contar a própria experiência de maternidade em condições adversas. *Valéria*, por sua vez, ilumina com seu relato a falta de informação sobre o medicamento mais utilizado para a interrupção da gravidez e a suposta simplicidade do procedimento que, no seu caso, se mostrou profundamente nocivo física e psicologicamente.

A vivência de relacionamentos mais ou menos casuais, como aparece nas histórias de *Laila*, *Janaína* e *Daniela*, é elemento que interfere na decisão sobre o aborto. Menos que indicar uma relação de dependência em relação aos companheiros, o que suas narrativas sugerem remete a uma avaliação cuidadosa sobre a maternidade “solitária”. Fica clara a importância que conferem à participação do homem no processo de definição sobre o futuro de um filho que seria de ambos e, conseqüentemente, demandaria atitudes e responsabilidades das partes envolvidas. Diante da ausência de apoio dos companheiros, suas decisões se amparam na percepção do que almejam para o futuro. Mesmo que desejem a maternidade, esta é vislumbrada em um momento considerado ideal.

Este sentimento de que existe um “momento certo” para vivenciar a maternidade é enfático na experiência de *Luara*, cujo impedimento de realizar o aborto pautado na ameaça de que lhe denunciariam, resultou na chegada do filho que, embora desejado, não o era naquele momento. As mudanças em sua vida foram radicais e, apesar da dedicação ao filho e dos momentos felizes que fazem parte desta vivência, a colaboradora evoca extrema lucidez ao analisar a própria história de “mãe solitária”, ressaltando a importância de se conferir à mulher o poder de decidir sobre seu corpo e sua vida.

Mas nem mesmo o desejo de ter um filho é suficiente diante de necessidades afetivas maiores, como mostra *Alícia* em sua sensível narrativa. A decepção no relacionamento

foi profunda em tal intensidade que a necessidade do aborto prevaleceu, ainda que precisasse superar posteriormente dilemas morais e éticos consigo mesma.

E o que dizer quando não há o desejo pela maternidade? A história de Fábiana é esclarecedora e mostra que, mesmo com o máximo de cuidados, é possível se deparar com uma gravidez não planejada. Em sua trajetória não havia espaço para dúvidas, uma vez que até aquele momento ser mãe não estava nos planos, o que não significa que não houvesse sentimento materno em relação a crianças que não eram suas.

A necessidade do aborto aparece ainda em outros formatos, como nos relatos militantes de Amelinha e Yury. Suas narrativas, menos intimistas, ainda que revelem aspectos particulares de suas experiências, acionam questões mais amplas que refletem sua dedicação a uma causa coletiva.

Neste ponto, perguntamos: como definir o que é necessidade para cada sujeito?

No caso do aborto, seu impedimento ou o entendimento de sua necessidade ultrapassa o que cada pessoa pensa, sente, avalia sobre o próprio destino. O Estado surge como detentor dos mecanismos que condenam ou absolvem os indivíduos, demonstrando seu poder de controle sobre corpos e vidas. Segmentos da sociedade se organizam em grupos contrários e favoráveis ao aborto sem ao menos se preocupar com o que se passa na trajetória das pessoas.

Enquanto isso, números exorbitantes continuam expressando que nenhum desses obstáculos é capaz de impedir que as mulheres recorram ao aborto, independente de classe social, raça, geração, religião. Daí podermos constatar que ao falar de aborto falamos de uma necessidade, necessidade esta que somente cada pessoa é capaz de explicar.

Na análise feita por Michelle Perrot (2011), ao desvendar o universo dos quartos femininos, a autora expõe suas inúmeras possibilidades utilitárias, sobretudo, condicionadas pela classe social, ocupações de trabalho e as relações que as mulheres estabelecem com os homens. Mas há aspectos em comum nestes quartos. Particularmente a simbologia do isolamento, separação que pode travestir-se de solidão e tristeza ou de liberdade e autonomia, ainda que espacialmente limitada.

Se pensarmos no corpo da mulher enquanto metáfora de uma casa, composta por compartimentos que acomodam diferentes funções e significados, ao que corresponderia o quarto? Tendo em vista o mote de nosso estudo, sugerimos o “aparelho reprodutor” como o quarto do corpo da mulher. É este, portanto, espaço que não pode ser ignorado em sua relevância social. Assim como o quarto garante a moral das mulheres e sua separação do mundo masculino e público, o útero guarda as especificidades do corpo feminino e, em tantos casos, dá suporte a teorias que naturalizam seu papel como genuinamente voltado para a reprodução e a maternidade.

Numa primeira perspectiva, temos uma simbologia de clausura, restrição e repressões que confinam a mulher a um espaço físico e simbólico que a condicionam ao papel social de mulher-mãe. Mas é neste mesmo quarto-claustro onde se encontram refúgio e fissuras que permitem o fluxo de luz e ar que revestem este ambiente de possibilidades que subvertem sua funcionalidade inicial. Nestes espaços, as mulheres agenciam seus pensamentos e têm ideias, sonhos, projetos. Ali leem e escrevem, povoando com outros personagens o recinto da restrição dos contatos.

No corpo-casa, o quarto fechado do útero se abre para o mundo através do sexo, “órgão” que legitima o contato para fazer a manutenção da espécie. Mecanicamente se conforma com o destino materno-marital que aceita com razões bem específicas esta “abertura”. Se limitarmos nossa imaginação, contudo, não acompanhamos as fantasias, os prazeres, os pudores, as sensações que fazem parte do universo feminino. E mesmo com avanços científicos e relativa liberdade em falar sobre o assunto, o corpo feminino continua povoado por segredos e mistérios, os quais provavelmente pertencem exclusivamente às mulheres. Não por acaso por muito tempo a gravidez e o parto foram “assunto de mulher”. O parto sendo o momento mais perigoso de sua vida, dada a grande quantidade de mortes durante ou após o evento.

O sexo e o prazer, para mulheres e homens, no entanto, não está inexoravelmente ligado à procriação, nem tampouco ao ato sexual. Este é, contudo, indiscutível fonte de prazeres. Muitas vezes espacialmente localizados neste “quarto” do corpo feminino que surge, então, como zona de autonomia e liberdade, em que mesmo as mais rígidas convenções sociais são incapazes de penetrar completamente. E é justamente neste

“quarto” do corpo que as mulheres exercem o poder sobre seus destinos, mesmo com toda a restrição que vem dos outros “cômodos” do próprio corpo ou externamente a ele.

Às escondidas, muitas vezes, ou deixando alguns poucos de extrema confiança entrar, as mulheres buscam o controle sobre seu corpo, particularmente no que se refere à reprodução. É a mulher quem busca os métodos contraceptivos – contrariando claramente os desígnios da natureza ou de um deus que as direcionam ao sonho da maternidade – e é a mulher que busca “resolver” o problema de uma gestação não planejada ou desejada.

O aborto representa, nesta perspectiva, simbolicamente a dualidade do quarto feminino enquanto cerceamento e liberdade. Desta forma, reflete o aprisionamento da naturalização da maternidade, condição que configura um papel social e historicamente construído. Mas o aborto é também a projeção da autonomia da mulher sobre seu corpo e seu destino. É a decisão sobre o futuro, o seu e de alguém que provavelmente seria responsabilidade sua.

Em que pesem inúmeras circunstâncias em que o aborto pode acontecer, falamos do que representa enquanto ação refletida e ponderada, permeada por questionamentos e responsabilizações. Em suma, de exercício da liberdade sobre o futuro. Não podemos, portanto, considerar estas mulheres somente vítimas de um sistema injusto, machista e patriarcal. Aqui falamos das brechas, das possibilidades de burlar a regra imposta. E assim o aborto é como um grito de liberdade! Que pode, sim, ser acompanhado de dor, angústia, arrependimento... Mas empodera ao longo do tempo os corpos que, como quartos, se abrem sorrateiramente e sutilmente para o mundo além muros, além úteros...

Finalizando...

Concluir uma tese não é tarefa das mais fáceis. Remete a uma imersão grandiosa no tema escolhido, o que envolve inúmeras leituras, participação em disciplinas, eventos acadêmicos, sem contar o trabalho de campo que, neste caso, é fundamental.

No que se refere especialmente ao trabalho de história oral sobre o aborto convergem dois elementos que o complexifica e impulsiona: o trato com pessoas e, ao mesmo tempo, com um tema polêmico e contundente. Neste sentido, grande parte do fôlego foi

direcionado para o registro e preparação das narrativas, processo longo e que exige cuidados especiais.

O processo de análise documental e organização da apresentação do conteúdo, por sua vez, representou dilemas relativos, sobretudo, à melhor forma de captar a essência das histórias de vida e traçar sua consonância com os diversos temas que perpassam a experiência do aborto.

As escolhas que fizemos, sabemos, poderiam ter inúmeras outras possibilidades e certamente poderiam ser ainda mais aprofundadas. Arriscamos mesmo a dizer que cada narrativa daria para construir uma tese.

Chegamos ao final desta trilha com muita satisfação, apesar das questões que ficaram inconclusas em função das limitações temporais. Consideramos que tais lacunas, menos que comprometer o trabalho, lançam luz para novas análises e projetos de pesquisa, nossos e de outros pesquisadores. Afinal, entendemos que o grande mérito do trabalho é a composição de fontes que iluminam o tema a partir da subjetividade que o envolve, aspecto que nos é caro e cuja abordagem não é comumente realizada. Esperamos que os resultados apresentados sejam relevantes para a intensificação de um debate público e responsável sobre o aborto na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maira. Nosotras: feminismo latino-americano em Paris. **Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 21, maio-agosto 2013. (p. 553-572).

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo – O ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.

ALVARES, Sonia E. **Construindo uma política feminista translocal da tradução**. In: Estudos Feministas. Florianópolis: setembro-dezembro, 2009.

AREND, Silvia Maria Fávero. ASSIS, Gláucia de Oliveira. MOTTA, Flávia de Mattos (Orgs). **Aborto e contracepção**. Histórias que ninguém conta. Florianópolis: Insular, 2012.

ARILHA, Margareth Martha. **Direitos reprodutivos em cenários globalizados: identificando e ultrapassando encruzilhadas**. In: JURKEWICZ, Regina Soares (Org). Quem controla as mulheres? Direitos Reprodutivos e Fundamentalismos religiosos na América Latina. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2011.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, vol.13, n.3, São Paulo, 2004.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elizabeth. **O conflito**. A mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

CAVALCANTE, Alcilene. XAVIER, Dulce. (Orgs). **Em defesa da vida: aborto e direitos humanos**. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2006.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu** (4) p – 37-47, Campinas, 1995.

COSTA, Claudia de Lima. **Feminismos descoloniais para além do humano**. In: Estudos Feministas. Florianópolis: setembro-dezembro, 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EMMERICK, Rulian. **Aborto. (Des)criminalização, Direitos Humanos, Democracia**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984 (9ª edição).

FALLACI, Oriana. **Carta a um menino que nunca nasceu**. São Paulo: Unilivros, 1975.

FARIA, Nalu. **Entre a autonomia e a criminalização: a realidade do aborto no Brasil**. In: VENTURI, Gustavo. GODINHO, Tatau (Orgs). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Editora Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013.

GALEOTTI, Giulia. **História do Ab(orto)**. Coimbra: Edições 70, 2007.

GEERTZ, Clifford. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, 22(3) p. 935-951, Florianópolis, set-dez, 2014.

MAIA, Mônica Bara. **Direito de decidir: múltiplos olhares sobre o aborto**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

MATOS, Maurílio Castro de. **A criminalização do aborto em questão**. São Paulo: Almedina, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2010, p. 15

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia Prático de História Oral**. 2011

MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia (Orgs). **Aborto e democracia**. São Paulo: Alameda, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **20 Anos de pesquisa sobre aborto no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

MITCHELL, Juliet. Mulheres: a revolução mais longa. **Revista de Gênero**. Niterói, v.6, n.2 – v.7, n.1, p. 203-232, 1-2 sem, 2006.

MOTTA, Flávia de Mattos. **Sonoro silêncio**: história e etnografia do aborto. Ponta Grossa: Todapalavra, 2015.

PEDRO, Joana Maria. **Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26. N. 52, 2006.

PEDRO, Joana Maria. PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. **História dos quartos**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PIMENTEL, Figueiredo. **O aborto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

PRADO, Danda. **O que é aborto**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PRIORE, Mary Del. AMANTINNO, Marcia. **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

PRIORE, Mary Del (Org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SARTI, Cinthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória.** In: Estudos Feministas. Florianópolis, maio-agosto, 2004.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, Joana. GROSSI, Miriam (Orgs). **Masculino, Feminino, Plural.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

ROCHA, Maria Isabel Baltar da. NETO, Jorge Andalaft. **A questão do aborto: Aspectos clínicos, legislativos e políticos.** In: BERQUÓ, Elza. Sexo & Vida: Panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

ROHDEN, Fabíola. **A arte de enganar a natureza:** contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

ROHDEN, Fabíola. Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares. **Sexualidade, família e ethos religioso.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

SCHPUN, Mônica Raisal (Org). **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

TÁPIA, Marcelo. NÓBREGA, Thelma Médici (Orgs). **Haroldo de Campos – Transcrição.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

TELES, Amelinha. LEITE, Rosalina Santos Cruz. Da guerrilha à imprensa feminista. 2013

TILLY, Louise. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu.** 1994.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2007.

VENTURI, Gustavo. GODINHO, Tatau (Orgs). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública.** São Paulo: Editora Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013.

VILLELA, Wilza Vieira. BARBOSA, Regina Maria. **Aborto, saúde e cidadania.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WELZER-LANG, Daniel. **Os homens e o masculino numa perspectiva das relações sociais de sexo.** In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org). Masculinidades. São Paulo: Boitempo, 2004.

WILLIAMS, Sarah. **O desafio de uma escolha.** Uma história real e emocionante. Rio de Janeiro: Habacuc, 2007.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher.** São Paulo: Boitempo, 2016.